TRÁNSITO AL MARGEN DEL LAGO

cuaderno de viaje

JEHASÁ YPÁ REMBE'Y RUPI

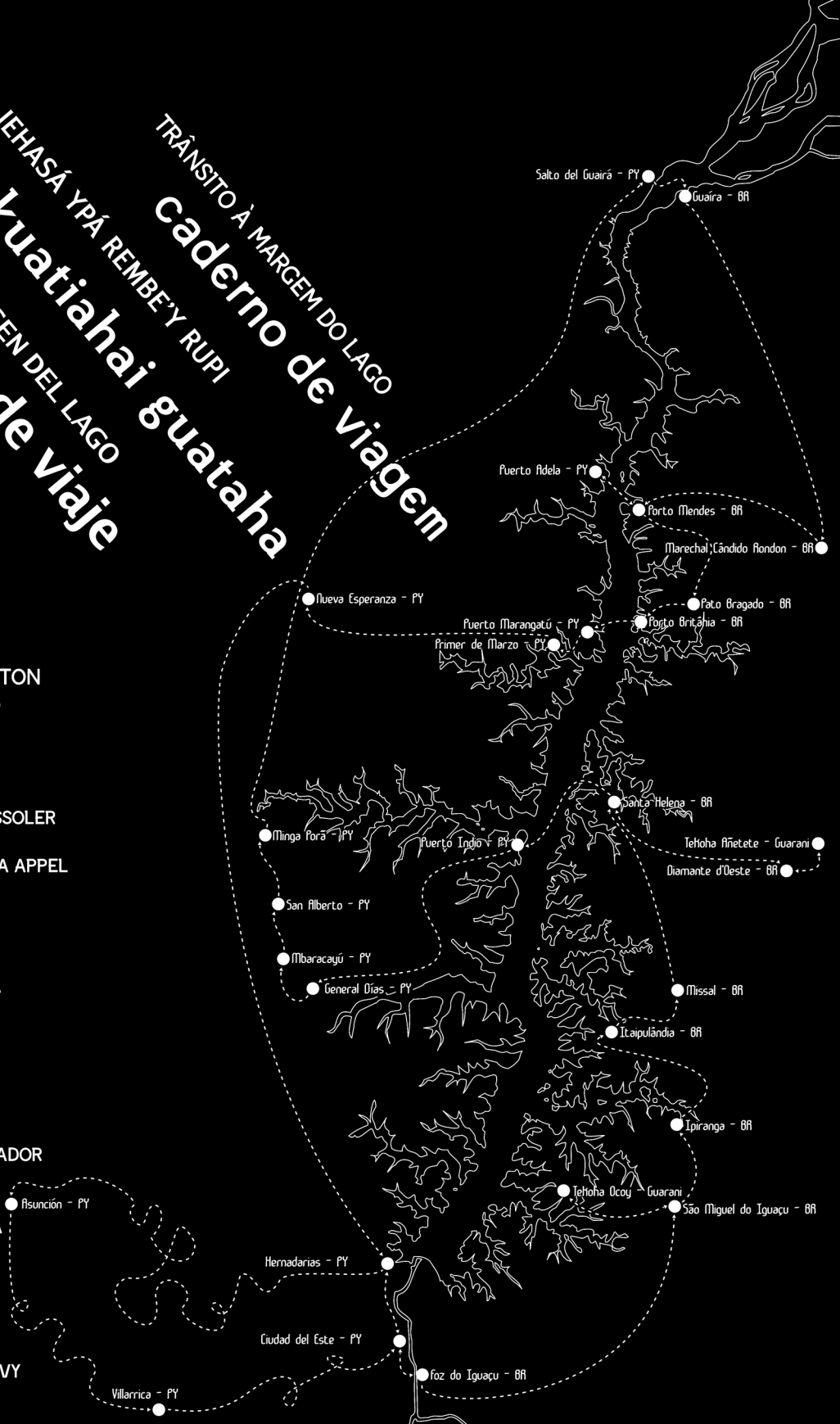
kuatiahai guataha

TRÂNSITO À MARGEM DO LAGO

caderno de viagem

CLAUDIA WASHINGTON
LÚCIO DE ARAÚJO

LAURO SPANIOL
ELISA RODRIGUES DASSOLER
FELIPE PRANDO
JANICE MARTINS SITYA APPEL
ANA HELENA POLAK
PEETSSA
MAURO SOUZA
GLERM SOARES
FRANCISCO AMARILLA
AGUIRRAS
MOACIR FERREIRA
DIDONET THOMAZ
HÉLIO LEITES
SARA BLANCO
GOTO
COLETIVO BAOBÁ VOADOR
AMANCIO CHAMORRO
GUSTAVO BIANCHET
MARIA ROSA MIRANDA
PEDRO AGUILLERA
ELIGIO ORTÍZ
FLAVIA VIVACQUA
JOSÉ LUIZ KINCELER
GUILLERMO SEQUERA
JULINHO NHEMBOATEVY



Claudia Washington
Lúcio de Araújo

Lago Artificial de Itaipu

Criado com o represamento do Rio Paraná em 1982, com as águas se espalhando por terras brasileiras e paraguaias. É um lago bastante ramificado, sua extensão vai de Foz do Iguaçu até Guaíra, com comprimento de aproximadamente 170 km e uma superfície total de 1350 km^2, sendo 780 km^2 do lado brasileiro e 570 km^2 do lado paraguaio.

TRÂNSITO À MARGEM DO LAGO
caderno de viagem

JEHASÁ YPÁ REMBE'Y RUPI
kuatiahai guataha

TRÁNSITO AL MARGEN DEL LAGO
cuaderno de viaje

1.ª edição

Realização: *Claudia Washington e Lúcio de Araújo*

Projeto gráfico e desenvolvimento de website: *Claudia Washington e Lúcio de Araújo*

Tradução e revisão em guarani: *Elígio Miranda Ortiz*

Tradução e revisão em espanhol: *Maria Rosa da Silva Miranda*

Revisão em português: *Sabrina Lopes e Maikon Kempinski*

Os conteúdos e opiniões manifestadas pelos autores em cada texto são de inteira responsibilidade dos mesmos.

Toda produção gráfica, audiovisual e web de Trânsito à Margem do Lago foi realizada com softwares livres.

Página 102: Desenho de Sara Blanco.

Página 122: "Em guarani, língua e alma são sinônimos / Quando um povo perde sua língua, perde sua alma"

Páginas 163-170: Montagem a partir de representações gráficas de Wylky Doharâta, xamã da etnia Chamacoco.

Washington, Claudia.
Trânsito à margem do lago : caderno de viagem = Jehasá ypá rembe'y rupi : kuatia guataha = Tránsito al margen del lago : cuaderno de viaje / Claudia Washington, Lúcio de Araújo. - Curitiba, PR : Edição do autor, 2010.
176 p. : il. ; 17 x 23 cm.

Texto também em espanhol e guarani

1. Arte – Brasil – Aspectos sociais. 2. Arte – Paraguai – Aspectos sociais.
I. Título.

CDD (22ª ed.)
700

Dados internacionais de catalogação na publicação
Bibliotecária responsável:
Mara Rejane Vicente Teixeira

ÍNDICE

Caderno de Viagem 8–10
Kuatiahai Guataha
Cuaderno de Viaje
Claudia Washington e Lúcio de Araújo

Carroça 11
Lauro Spaniol

Trânsito à Margem do Lago 12–15
Jehasá Ypá Rembe'y Rupi
Tránsito al Margen del Lago
Claudia Washington e Lúcio de Araújo

Barranca do Rio Paraná 16
Lauro Spaniol

Mercadoria Marca Água, e quem paga? 17–20
Mavapiko opaga ypore mba'erepy
Mercadería Marca Agua, ¿y quién paga?
Elisa Rodrigues Dassoler

Homem Cordial 21–23
Felipe Prando

Permacultura e espaços bioconstruídos como forma e possibilidade estética em propostas coletivas em arte para moradia e obtenção de energia 24–31
Permacultura ha pa'û maba'e porâ teko ikatúva jejapo tekove oñondive jaguereko hâgua mbarete tekohape
Permacultura y espacios bioconstruidos como forma y posibilidad estética en propuestas colectivas en arte para la vivienda y aquisición de energía
Janice Martins Sitya Appel *Ilustração: Ana Helena Polak*

Energia Alternativa "Limpadora" - gerador P2RCA 32–41
"Potîha" Mbojopyru Mbarete - Me'ê P2RCA
Energía Alternativa "Limpiadora" - generador P2RCA
Peetssa e Mauro Souza *Introdução: Lúcio de Araújo*

Cartografia avá-guarani 42
Aldeia Tekoha Ocoy

Border 43–44
Glerm Soares

A fronteira por um conhecedor - extratos da fala de Francisco Amarilla 45–52
Peteî oikuaa porâva teta rembe'y - mombe'upyre Francisco Amarilla
La frontera por un conocedor - extraído del relato de Francisco Amarilla
Lúcio de Araújo e Claudia Washington

O Choro das Cataratas 53
Aguirras

Cidade de Lego 54–56
Tavá Lego
Ciudad de Lego
Moacir Ferreira

A pantalha: noir do tempo 57–58
Jepejuha: noir aja
La pantalla: noir del tiempo
Didonet Thomaz

Diário de Viagem 59–116
Pe Kuatia Guataha
Diario de Viaje
Claudia Washington e Lúcio de Araújo

Ópera-sonho sem terra 117–118
Opera-kera yvy ýre
Opera-sueño sin tierra
Hélio Leites

Encontro com Anunciación 119
Jotopa Anunciación ndive
Encuentro con Anunciación
Claudia Washington e Lúcio de Araújo

Yvy ra`anga ñembojoguapyre 2003 ha 2006 pe ojeikuaa hâgua mba`éichapa 120–123
ojeipuru ñande jarekova yvy ari
La publicación del territorio comprado entre los años 2003 y el 2006
A publicação do território comprado entre os anos de 2003 e 2006
Sara Blanco

GuaraNi*ke* 124–125
Goto

O Futuro das Sementes 126–137
Ta'ýi Kuera Jehurâ
El Futuro de las Semillas
Coletivo Baobá Voador - Tati Wells e Ruiter Rodrigues

Hacia una cultura de concienciación ambiental 138–141
Peteî jeikua'aykavo jepuru porâve hâgua ñande rekoha
Para uma cultura de consientização ambiental
Amancio Chamorro

Mapa travessia Santa Helena/Puerto Indio 142
Gustavo Bianchet

Belo Monte vem aí? 143–147
Belo Monte ndapepe ou?
¿Belo Monte viene ahí?
Maria Rosa Miranda

Mapa de Puerto Indio 148
Pedro Aguillera

Titilante Corazón de América del Sur 149–153
Py'a otytýiva América del Surpe
Cintilante Coração da América do Sul
Eligio Ortíz

Amanty Kira e suas margens 154–155
Amanty Kira ha hembe'y
Amanty Kira y sus márgenes
Flavia Vivacqua

A horta vertical como uma plataforma de saberes compartilhados 156–162
Pe ka'avo ñemopu'â jaipuru kuaapy pyendarâ
La huerta vertical como una plataforma de saberes compartidos
José Luiz Kinceler

Extratos da fala de Guillermo Sequera 163–173
Ñemohû' ã pe ñemongueta Guillermo Sequera ndi
Claudia Washington e Lúcio de Araújo

Retrato 174
Aldeia Tekoha Añetete
Julinho Nhemboatevy

Caderno de Viagem

A presente publicação foi realizada de maneira colaborativa. Seu processo de elaboração deu-se em três etapas: a primeira partiu do convite a pessoas que, por seus fazeres e modos de estar, dialogam com questões sobre as quais o projeto Trânsito à Margem do Lago se debruça; a segunda etapa ocorreu ao longo da deriva realizada durante os 30 dias do mês de janeiro de 2010, assumindo um caráter mais processual (ao passo dos encontros e acontecimentos, novos conteúdos eram agregados ao Caderno – fotocopiado e distribuído durante o percurso, esse material foi um importante objeto para novas relações); a terceira etapa aconteceu após o retorno a Curitiba, também agregou contribuições de colaboradores e somou parte da documentação gerada durante a deriva.

Com este Caderno, nosso desejo é ampliar o território de convívio entre as línguas por meio da afirmação de uma cultura mestiça desde a origem, já que a edição contempla os idiomas português, espanhol e guarani. Sabemos que, apesar da proximidade geográfica, persiste algo como um abismo comunicacional entre essas distintas matrizes culturais, estigmatizadas pelas instâncias de poder e pelo controle social ao longo dos séculos.

Outras vontades: coletivizar pensamentos sobre o lugar e seu cotidiano e estabelecer organicamente um campo comunicativo entre as pessoas ao redor do lago e pessoas de outros lugares por onde o Caderno vier a circular.

Caderno de Viagem é parte do projeto Trânsito à Margem do Lago, selecionado no Edital Interações Estéticas – Residências Artísticas em Pontos de Cultura 2009. Edital fruto da parceria entre a Fundação Nacional de Artes (FUNARTE) e a Secretaria de Cidadania Cultural/MinC.

São 800 exemplares a serem distribuídos gratuitamente. Seu conteúdo também está publicado no site http://www.margemdolago.transitos.org/

Todo material produzido neste projeto está disponibilizado sob licença Creative Commons - Atribuição-Uso Não-Comercial-Compartilhamento pela mesma Licença 2.5 Brasil - http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/2.5/br/

Kuatiahai Guataha

Ko'âva kuatia ñohêmbyre jejapo kuri ñepytyvô rupive. Mengue katupe jejapo, mbohapy árape: peteîha, oñepyrû ñehenói maymávape, hembiapo potî ha heko katu rupi, ñemonguetarâ pe Jeguata Yrembeyre ojaposéva; mokoîha, osê pe tembiapoeta rire jejapovaekue mbohapypa ára pe jasyteî 2010 pe, jepytaso mbareteve umi (jotopa ha oikovaekue, oiko ramovaekue oñemoapesâ avei pe tembiapope – oha'angahasa ha oñemosarambi pe tapere uvo, ha'evo tembipuru omyatyva mombe'upyrâ); pe mbohapyha, oiko Curitibape jevyrire, avei ombojoaju ambue tembiapo ojapovaekue tapicha ha ombotuicha pe kuatia ha'i jejapova pe guataha rupive.

Ko kuatiahai rupi, hi'âite oreve añembotuichave ñande jeiko ojoapytépe pe ñe'êrupive jaikuaaka pe ñande reko jehe'a ñepyrumby guive, upevare ko ha'ipyre oguereko umi ñe'ê portugués, español ha guaraní. Jaikua ñaime ha aguî ojohegui, katu oî peteî apañuâî ñomongueta hâgua ko'â teko jehe'a rupi, ohechaukava chake chembareteveko ha ojesarekova opaite mba'e oikova ko arapype.

Ambue jejaposéva: ñemuapesâ, umi temiandú jeiko harupiguava, ko'e ko'ere ohasáva umi tapicha pe yremby'yre oikova ikatu âgua oñemongueta ambue tapichandive ha pe kuatia ha'i oguatata hárupi.

Kuatiahai guataha ha'e pe tembiapo aporâ Jehasa Yrembeyre, jeiporavôpyre pe Edital Interacciones Estéticas – Residencias Artísticas en Puntos de Cultura 2009.

Edital ningo ha'e ñepytyvô Fundación Nacional de Artes (FUNARTE) ha pe Secretaria de Ciudadanía Cultural/MinC.

Oî 800 tembiapopyre ñemosarambitava reiete. Aveí oñemomarandúta pe site http://www.margemdolago.transitos.org/

Entero tembiapo japopyre ko tembiapo aporâ oîta Creative Commons – Atibución – Uso No-Comercial-Compartido por la misma licencia 2.5 Brasil po guype. http://creativecommons.org/licenses/by-nc-as/2.5/br/

Cuaderno de Viaje

La presente publicación fue realizada de manera colaborativa. Su proceso de elaboración se dio en tres etapas: la primera, partió de la invitación a personas que, por sus quehaceres y modos de vida, dialogan con cuestionamientos sobre las cuales el proyecto Tránsito al Margen del Lago se propone; la segunda etapa, ocurrió a lo largo del resultado realizado durante los treinta días del mes de enero de 2010, asumiendo un carácter más procesual (al paso de los encuentros y acontecimientos, nuevos contenidos eran agregados al cuaderno – fotocopiado y distribuido durante el trayecto, ese material fue un importante objeto para nuevas relaciones); la tercera etapa sucedió después del retorno a Curitiba, también agregó contribuciones de algunos colaboradores y sumó parte de la documentación generada durante el recorrido.

Con este cuaderno, nuestro deseo es ampliar el territorio de convivencia entre las lenguas por medio de la afirmación de una cultura mestiza desde el origen, ya que la edición contempla los idiomas portugués, español y guaraní.

Sabemos que, a pesar de la proximidad geográfica, persiste algo como un abismo comunicacional entre esas distintas matices culturales, estigmatizadas por las instancias de poder y por el control social a lo largo de los siglos.

Otros deseos: colectivizar, los pensamientos sobre el lugar, su cotidiano y establecer orgánicamente un campo comunicativo entre las personas alrededor del lago, y de las personas de otros lugares por donde el cuaderno va a circular.

Cuaderno de viajes es parte del proyecto Tránsito al Margen del Lago, seleccionado en el Edital Interacciones Estéticas – Residencias Artísticas en Puntos de Cultura 2009. Edital fruto de la cooperación entre la Fundación Nacional de Artes (FUNARTE) y la Secretaria de Ciudadanía Cultural/MinC.

Son 800 ejemplares a ser distribuidos gratuitamente. Su contenido también está publicado en el site http://www.margemdolago.transitos.org/

Todo material producido en este proyecto está disponible bajo licencia Creative Commons – Atribución – Uso No-Comercial-Compartido por la misma licencia 2.5 Brasil – http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/2.5/br/



Foto: Carroça, 1978, Lauro Spaniol, Porto Mendes, Brasil.

TRÂNSITO À MARGEM DO LAGO

Durante 30 dias do mês de janeiro de 2010, transitamos pelas margens do Lago Artificial de Itaipu. O impulso inicial para essa ação surgiu por percebermos – apesar da proximidade geográfica e da política de integração dos mercados – uma considerável lacuna entre as culturas brasileira e paraguaia. Assumimos que pouco conhecíamos sobre esses universos, e à medida que buscávamos informações compreendíamos que muitas eram obscuras, superficiais ou deturpadas. Surgia para nós um abismo chamado "fronteira" e, com ele, a vontade de adentrarmos nessa realidade.

Na década de 1970, a construção da Usina Hidrelétrica Binacional de Itaipu deflagrou um elevado crescimento populacional, decorrente do corpo de trabalhadores que lá se estabeleceu. A criação da represa resultou na expropriação de diversos grupos – como colonos, ribeirinhos e indígenas – das margens do complexo de rios afetados, caracterizando o lugar por intensos fluxos migratórios. Em meados da década de 80, modelos tradicionais de cultivo foram perdendo espaço para a monocultura, devido à mecanização e aos incentivos ao agronegócio. Como consequência, um processo de desestruturação do modo de vida camponês culminou novamente em êxodo.

Atualmente, nos dois lados da fronteira prevalece uma paisagem homogeneizada, controlada sobretudo por multinacionais. Entretanto, se no Paraguai o esvaziamento de vilarejos é uma constante, no Brasil a política de desenvolvimento incentiva uma identidade regional balizada pelo turismo.

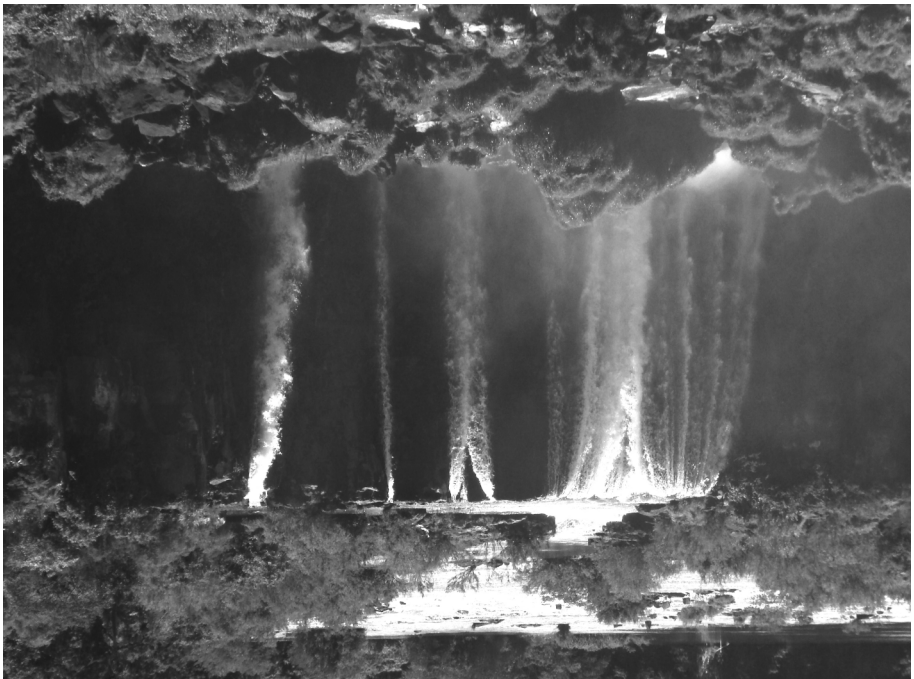
Nesse ambiente, tomamos a atitude nômade como princípio deflagrador das relações e situações criativas de contato. Nossa ação é, portanto, uma prática efêmera ativada pelo encontro. A rota de viagem foi definida tanto por experiências em cada lugar como por indicações de pessoas que conhecemos pelo caminho, tendo como ponto de partida Foz do Iguaçu. O transporte local serviu como meio para nossa inserção nos fluxos cotidianos.

Estar de passagem foi nossa escolha por ser um modo de operar comum àquele lugar, uma estratégia de tomada de espaço que desconsidera o pertencimento enquanto fixação, uma vez que redefine o território a cada momento e necessita do movimento para existir. Essa atitude frente ao lugar é um caminho para a reflexão artística dos trânsitos e migrações contemporâneos como modos de existência.

Trânsito à Margem do Lago foi ainda uma residência artística no Ponto de Cultura Kuai Tema, que ocorreu por meio da comunicação diária via blog (http://margemdolago.nosdarede.org.br). Esse modo de integração midiática propiciou encontros de ordem conceitual e simbólica, caracterizando nossa residência.

Na transitoriedade buscamos o elemento humano, a experiência colaborativa e o alargamento da concepção de relação. Consideramos que os encontros são causadores de transformações subjetivas nos agentes envolvidos e que as proposições artísticas inclinadas às questões de memória e códigos de poder ativam percepções sobre o lugar.

Compreendemos que o ato criativo reverbera através de várias possibilidades extensivas, como imagem mental, arquivo e circulação. Por fim, prezamos pela cumplicidade e horizontalidade nas relações.



JEHASÁ YPÁ REMBE'Y RUPI

Mbohapy pa ára jave pe jasyteî 2010, roguata pe Yrembe'y Artificial Itaipure. Pe ñepyrûrâ osê hâgua rohecharupi – ha'eteko hi'âguîva ha pe ñembojehe'a pe ñemûha – peteî sasô oî pe mba'e porâ brasilgua ha paraguaygua ndive. Ro reconoce ndo roikuaáiha umi mba'eta, ha rohekavévo marandu rontende heta oîha pytumbype orehegui, roikuaa ijaperetemi terâ vai vaietente. Osê ore rapepe peteî apañuáî herava "tetârembe'y" ha, hendive, roikese roikuamive hagua âva mba'e.

Pe 1970 ramo, pe Usina Hidroeléctrica Binacional de Itaipu ogueru tuvicha ñekarapu'â tavayguakuéra, pe mba'apohara kuera rupi. Upe Lago jejapo ogueru ñemomba'e opa aty - ha'eva okaraygua yrembe'ygua ha ava kuera – pe y mboipyri oîvape, avâ tenda rupi oguata heta ováva. Pe ary poapypa ramo, ñemity ymaiteguava hecharâ opa ohovo pe ñeñoty mbovymi, pe tembipuru pyahu rupi ha oîve tesareko pe ñemity ñehepyme'êrâre. Âva rupi, jejuka pe chokokue rembiasa ha opa jeyma peicharamo jehope. Ko'anga, ambue ladope teta rembe'yre jahecha opaichagua, okontrolava umi multinacionalgua. Katu, Paraguay oñemonandíramo ko'ê ko'êre, Brasilpe omoñekarapuâ pe imba'etee ohechaukavo turismope.

Pe tekoha, oiko avei orehegui pe ova ovava péa ipya'eve ñemonguetarâ ha ñantende porâve hâgua maymavape. Ore rembiapo, aipóramo ha'e, pe jejapo pya'e jotopaharupive. Pe tape apo jehorâ oñemohesakâ umi jehasapyre mamo tenda ha avei tapicha osambyhyva pe roguataharupi roikuaávape, roñepyrû Foz do Iguaçugui. Upe roike hâgua tapichakuera apytepe roipuru mbayru guata. Jehasa ha'e jeporavo vaekue jejapohâgua ko tembiapo umi tenda jehasapyre rupi, peicharamo noroñemo mba'e moái, peteî jey rire otopajey pe tenda añete manterei ha tekotevê oiko hâgua hikuai. Ko âva ha'e hina jajapovaerâ tape ñemonguetarâ porarâ umi guataha ha ñemyi ko angarupi jeiko haramo.

Jeguata Yrembe'yre ha'e kuri peteî ñemoatâ porarâ pe Ponto de Cultura Kuai Tema, oiko vaekue marandurâ rupive ko'ê ko'êre blog rupi (http://margemdolago.nosdarede.org.br). Âva jehe'arâ tembipuru rupive ome'ê ñandeve jotoparâ ha jaikuaa mive hâgua mba'eichapa, ãva renondepe oîha gueteri ñemoatâ.

Pe sapy'aguante renondepe roheka pe yvypóra mba'e teete, pe hembiasa ñepytyvô ha omomba'e guasúva hekorupive. Rontende pe jotopa ha'eha ñemo ambuerâ peteîteîme oñeremangarava peguive ha umi jehechapypuku porá rupi oguerahata mandu'ara ha ñemboguapyvo kuatiape umi hechapyre umi tendajehasapyre. Rontende pe jejapo ha'everei ohechauka opaicha, ha'eva ta'anga, ñeñongatuva ha osyryryva. Oguahê hû'âme, rohecharamo pe hypy'û ha peteîchapaite pe jeiko oñondive.

TRÁNSITO AL MARGEN DEL LAGO

Durante 30 días del mes de enero de 2010, transitamos por las márgenes del Lago Artificial de Itaipú. El impulso inicial para esa acción surgió por percibir nosotros – a pesar de la cercanía geográfica y de la política de integración de los mercados – una considerable ruptura entre las culturas brasilera y paraguaya. Asumimos que poco conocíamos sobre esos universos, y a la medida que buscábamos informaciones comprendíamos que muchas eran oscuras, superficiales o distorsionadas. Surgía para nosotros un abismo llamado "frontera" y, con él, la voluntad de adentrarnos en esa realidad.

En la década de 1970, la construcción de la Usina Hidroeléctrica Binacional de Itaipú ha deflagrado un elevado crecimiento de la población, a consecuencia del cuerpo de trabajadores que allí se ha establecido. La creación del Lago resultó en la expropiación de diversos grupos – como campesinos, ribereños e indígenas – de las orillas del complejo de ríos afectados, caracterizando el lugar por intensos flujos migratorios. A mediados de la década de 80, modelos tradicionales de cultivo fueron perdiendo espacio para la monocultura, debido a la mecanización y a los incentivos al agronegocio. Como consecuencia, un proceso de destrucción de modo de vida campesina se ha culminado nuevamente en éxodo. Actualmente, en los dos lados de la frontera sobresale un paisaje homogeneizado, controlado por multinacionales. Sin embargo, si en Paraguay el vaciamiento de pueblos es una constante, en Brasil la política de desarrollo incentiva una identidad regional abalizada por el turismo.

En ese ambiente, tomamos la actitud de nómada como principio deflagrador de las relaciones y situaciones creativas de contacto. Nuestra acción es, por tanto, una practica efímera activada por el encuentro. El itinerario de viaje fue definido tanto por experiencias en cada lugar como por indicaciones de personas que hemos conocido por el camino, teniendo como punto de partida Foz do Iguaçu. El transporte local sirvió como medio para nuestra inserción en lo cotidiano de la gente. Estar de paso fue una elección por ser un modo de obrar común a aquel lugar, una estrategia de espacio que desconsidera el pertenecer definitivo, una vez que redefine el territorio a cada momento y necesita del movimiento para existir. Esa actitud frente al lugar es un camino para la reflexión artística de los tránsitos y migraciones contemporáneos como modos de existencias.

Tránsito al Margen del Lago ha sido todavía una resistencia artística en el Ponto de Cultura Kuai Tema, que ha ocurrido por medio de la comunicación diaria vía blog (http://margemdolago.nosdarede.org.br). Ese modo de integración informatizada ha proporcionado encuentros de orden conceptual y simbólica, caracterizando nuestra resistencia. En la transitoriedad buscamos el elemento humano, la experiencia colaborativa y el alargamiento de la concepción de relación. Consideramos que los encuentros son causadores de transformaciones subjetivas en los agentes involucrados y que las proposiciones artísticas inclinadas a las cuestiones de memoria y código de poder activan percepciones sobre el lugar. Comprendemos que el acto creativo refleja a través de varias posibilidades extensivas, como imagen mental, archivo y circulación. Por fin, apreciamos por la complicidad y horizontalidad en las relaciones.

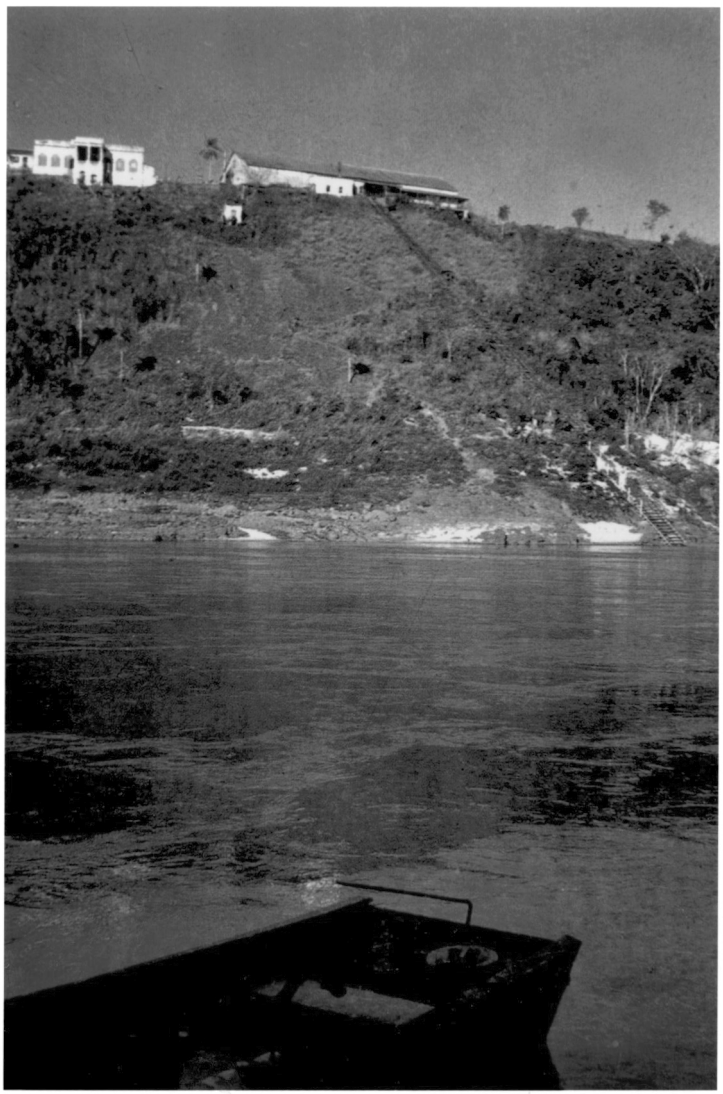


Foto: Barranca do Rio Paraná, 1978, Lauro Spaniol, Porto Mendes, Brasil.

Água

e quem paga?

O dilema da privatização dos recursos hídricos na atualidade é tema central em diversas conferências no mundo todo, apesar de sabermos que o interesse econômico e político sobre o controle dos acessos aos recursos naturais aludem às primeiras organizações da sociedade.

Desde o primeiro Fórum Mundial da Água (1997), em Marrakesh, as conferências da ONU defendem que a água seja transformada em um bem econômico; econômico no sentido de aceitar a lógica do capitalismo neoliberal, partindo da idéia de que "apenas a iniciativa privada teria tecnologia e capital necessário para gerenciar adequadamente os recursos hídricos, enquanto os governos seriam detentores da propriedade e da infra-estrutura necessária, possibilitando a todos o acesso à água"[1].

Além da ONU, a OMC, o Banco Mundial e o FMI não fazem cerimônia na defesa da privatização da água. A União Européia, por exemplo, detentora das maiores corporações mundiais nesse setor, pediu a vários países, entre os quais 50 dos mais pobres do mundo, a liberação total dos serviços de saneamento básico, o que permitiria que empresas vencedoras das licitações cobrassem pela água. Em troca, a cúpula dos governos garantiria alguma abertura para os produtos agrícolas do sul do mundo (GOMES, 2003).

Por Elisa Rodrigues Dassoler

Porém, exemplos de experiências mal sucedidas nesse sentido nos mostram como é frágil o processo pelo qual estamos passando e nos indica que a luta, através de mobilizações sociais, é imprescindível e possível de realização. Tomemos como exemplo o caso da cidade de Cochabamba na Bolívia: no final dos anos 90, o Banco Mundial exigiu que o governo privatizasse o sistema de abastecimento da cidade em troca do perdão de parte da dívida externa. Em 1999, após um leilão com apenas um concorrente, a empresa estadunidense Bechtel garantiu 40 anos de concessão para sua subsidiaria Águas del Tunari. O aumento de mais de 50% das tarifas privou os mais pobres do acesso à água. O povo saiu às ruas, enfrentou a violenta repressão da polícia e conseguiu a quebra do contrato e o sistema de abastecimento voltou a ser público.

Não podemos nos esquecer que o Brasil também está inserido nessa realidade, visto que o interesse de empresas privadas pelos recursos naturais existentes no país é cada vez maior e deriva de pressões internas e externas, colocando-se assim em contradição com os interesses existenciais da maior parte da população brasileira.

[1] GOMES, Marcel. A reinvenção do futuro: o Fórum de Porto Alegre e a sua mundialização. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005, p.22.


CASAN
ESCUTO SANITARIO

Ko'anga opárupi ñomongetahárupi ñahendu upe problema ysyry rehegua, avei jaikua'a oîha tuicha redito pe pira pire (kuarepotitî) ñongatupyre ha ojokuáiva umi osambyhyva jarekova yvy apere he'iva umi teko avaty ñepyrundy.

Upe peteîha "Foro Mundial" Yregua (1997) Marrakech pe ñomongeta ONU odefende he'ívo y ha'e ha jepota rakate'ý, takate'ý jahecháramo pe "capitalismo ha neoliberalismo" ontendeháicha he'iva "umi iplatava amoñepyrû ramo orekota apopyreko ha viru oraha hâgua tenonde pe tembiapo yregua ha katu mburuvichakuéra ovichea hâgua mba'e reko tee ha tekotevê, ikatu hâgua enterove oreko pe y potî " [1].

Avei ONU, OMC, Banco Mundial ha FMI ndojapoi ñemomba'eguazú ni ñemo'â pe y jeipe'arâ (ñehepyme'erâ) Unión Europea, jahechauka ovichea pe tuichave aty oîva yvy apere pe'a pe tembiapope, ojerure opa tetâme, umiva apytepe oî 50 imboriahuveva ko yvy apeári, ojeheja reite hâgua ichupekuéra oipuru hâgua pe y potî, ha oganava empresa ojapovaerâ ogueraha hâgua y ichupekuéra ha upe'í ohepy me'etava avei. Ñemby'emkovía, umi sambyhyha mbarete oñatendetava ikatuhâgua oî tembi'urâ chokokue ry'aíre yvy yvyári pe guarâ (GOMES, 2003).

Upevare, jehechauka mba'éichapa ikangy pe'a pe tembiapo jehasa vaima vaekue, ohechauka iñimportanteha ñañeha'â, ñañe mby'aty, ha ikatuha ñamo hu'â upevare ndaikatu'i jaheja takykue.

Jarekomi, jechauka háramo, pe Cochabamba, tava Bolívia pe 1990 paha, upe Banco Mundial ojopy sambyhyharape oipe'a hâgua umi tavagui pe y ñeme'e ha omyengoviavo ombogue kuenta okapegua terâ ambu'e tetândiguava. Pe 1999, peteî rematerire oñepresenta peteî 'ete empresa estadunidensegua "Bechtel" omba'apo hâgua 40 arajere. "Águas del Tunari". Ohupi (50%) a la mitá upe precio ha heta mboriahu opyta y ýre. Umi tavaygua osê tapere, rutape oñorairôvo policiandi ha oconsegui amborrecula pe kuati'a (contrato) ha upéicha ohasa jey pe y ñeme'ê tavapovype.

Ndaikatúi ñande resarái Brasil avei oîha pe'icha avei. Pe "empresa privada" añemomba'epaseva oîvaguive ñane retâme, ha upéicha ojopy hyepýpe ha okape. Ñemo'î péicha kuaaýra ñane interé jarekava brasileroháicha.

Mercadería Marca Agua, y ¿quién paga?

El dilema de la privatización de los recursos hídricos en la actualidad es tema central en diferentes conferencias en todo el mundo, además de saber que el interés económico y político sobre el control del acceso a los recursos naturales alude a las primeras organizaciones de la sociedad.

Desde el primer Foro Mundial del agua (1997), en Marrakech, las conferencias de la ONU defienden que el agua sea transformada en un bien económico; económico, en el sentido de aceptar la lógica del capitalismo neoliberal, partiendo de la idea de que "apenas la iniciativa privada tendría tecnología y capital necesario para gerenciar adecuadamente los recursos hídricos, mientras los gobiernos serían detectores de la propiedad y de la infraestructura necesaria, posibilitando a todos el acceso al agua"[1].

Además de la ONU, la OMC, el Banco Mundial y el FMI no hacen ceremonia en la defensa de la privatización del agua.

La Unión Europea, por ejemplo, detentora de las mayores corporaciones mundiales en ese sector, pidió a varios países, entre los cuales 50 de los más pobres del mundo, la liberación total de los servicios de saneamiento básico, lo que permitiría que empresas vencedoras de las licitaciones cobraran por el agua. En cambio, la cúpula de los gobiernos garantiría alguna apertura para los productos agrícolas del Sur del mundo (Gomes, 2003).

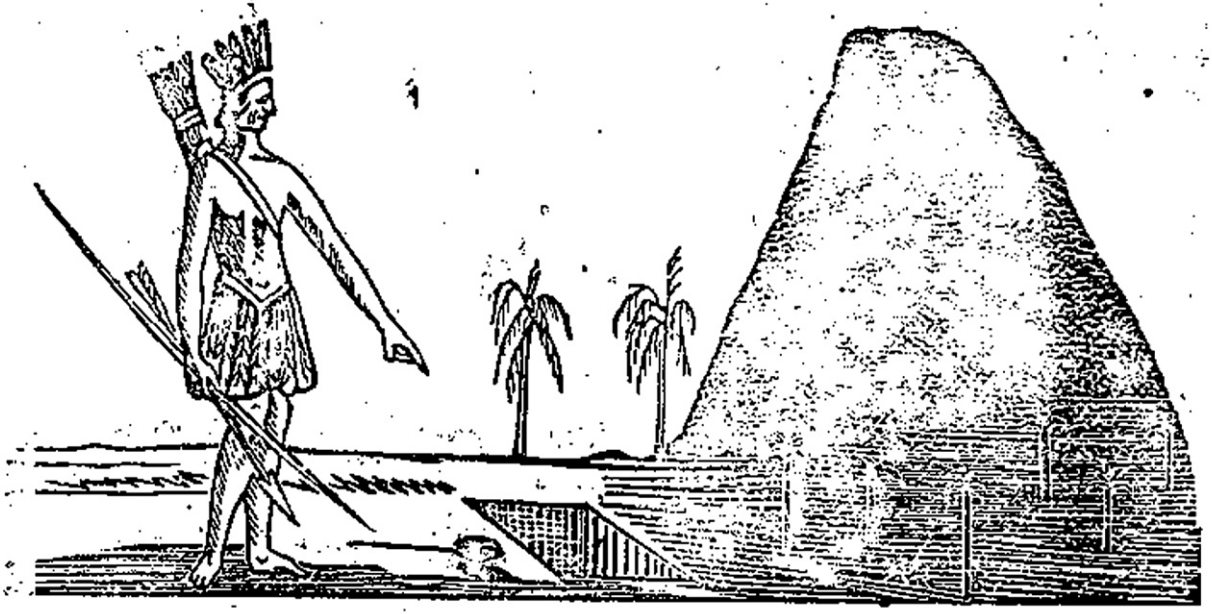
Sin embargo, ejemplos de experiencias poco exitosas en ese sentido nos muestran como es frágil el proceso por el cual estamos pasando y nos indica que la lucha, a través de movilizaciones sociales, es indispensable y posible de realización. Tomemos como ejemplo el caso de la ciudad de Cochabamba, en Bolivia: En los fines de los años 1990, el Banco Mundial exigió que el gobierno privatizara el sistema de abastecimiento de la ciudad en cambio del perdón de parte de la deuda externa. En 1999, después de una subasta con solamente un concurrente, la empresa estadounidense Bechtel garantizó 40 años de concesión para su subsidiaria Agua del Tunari. El aumento de más de 50% en las tarifas privó a los más pobres al acceso del agua. El pueblo salió a las calles, enfrentó la violenta represión de la policía y consiguió la quiebra del contrato. El sistema de abastecimiento volvió a ser público.

No podemos olvidarnos que Brasil también está inserido en esa realidad. El interés de empresas privadas por los recursos naturales existentes en el país es cada vez mayor, resultante de presiones internas y externas, poniéndose así en contradicción con los intereses existenciales de la mayor parte de la población brasileña.

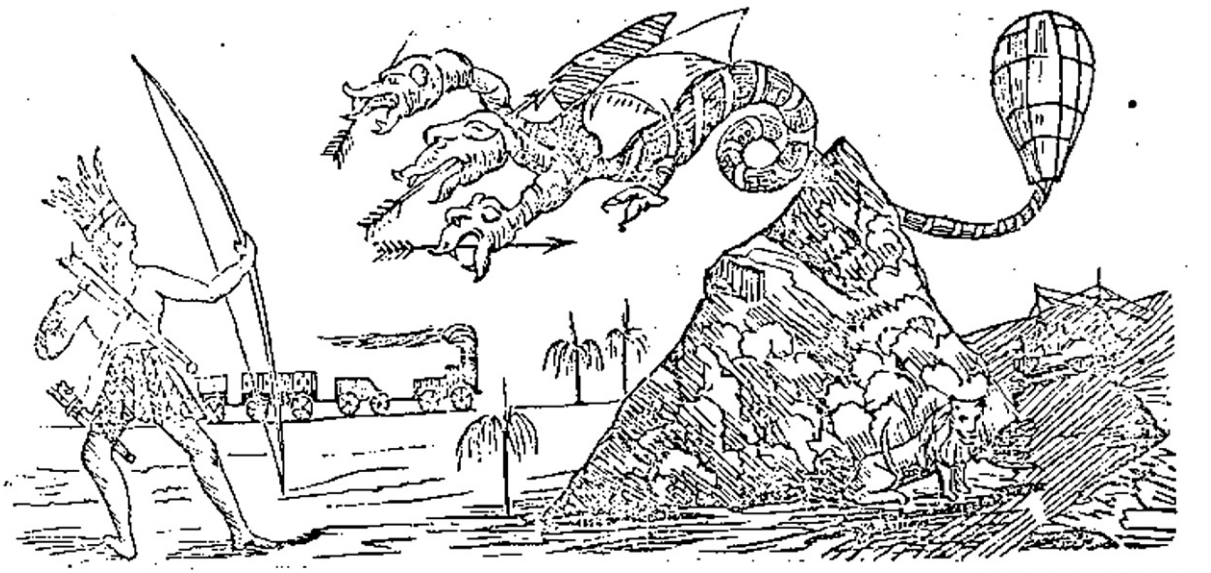
100 BANCO CENTRAL DO BRASIL
DUQUE DE CAXIAS
100 BANCO CENTRAL DO BRASIL

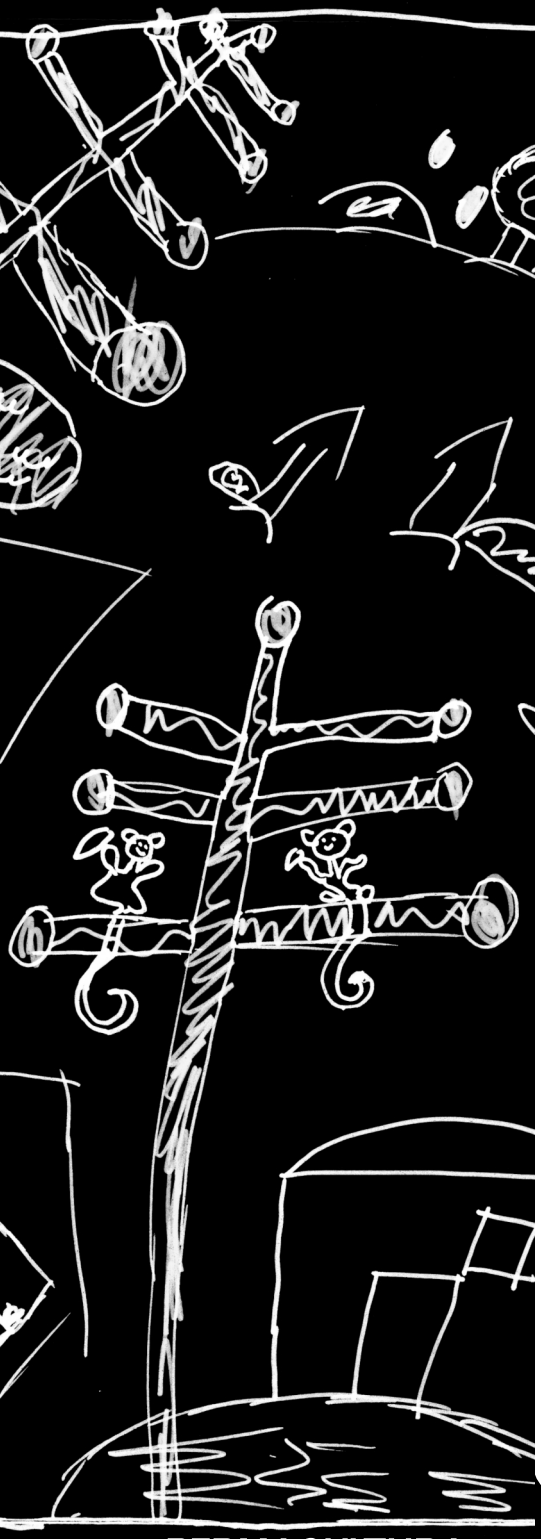
. . . Jame'eta arapy pe homem cordial. Heko horýva, imbohupase rekova, ipojerava, hekomarangatúva ha'angava pytagua ñanembohupajave ñande'ýva añete ojoguava brasilerope, oîgueteri ha heñoiva ohovo ñaneypykue rekove jeiko, jahechavape okaragua terá ñemoñare. Katuete japuta ñaimo'â ramo imarangatuha heiseva "teko porá", tekovereko. Je'e añete ñahenduva, temiandueta ñanemyanyheva. Pe tekovereko jatopa opa mba'e japokapy ha'e ikatu ñeñami mohenda tembiapoukapy. [raízes do brasil]

CUATIA ÑEE YBYTY RUSU GÜI ÓSÈBA.



CUATIA ÑEÊ YBYTY RUSU GÜI ÓSÈ BAE.





Pensar o **espaço** como morada não é somente uma visão ampliada da ocupação de um lugar, como também é forma de **deslocamento** sobre possibilidades de excursões em um sistema. Essa afirmação provém de um pensamento que surge da **percepção** do espaço em que vivemos como um sistema. Pensar a estética como percepção do espaço em seu sentido mais amplo também faz parte desse **sistema**.

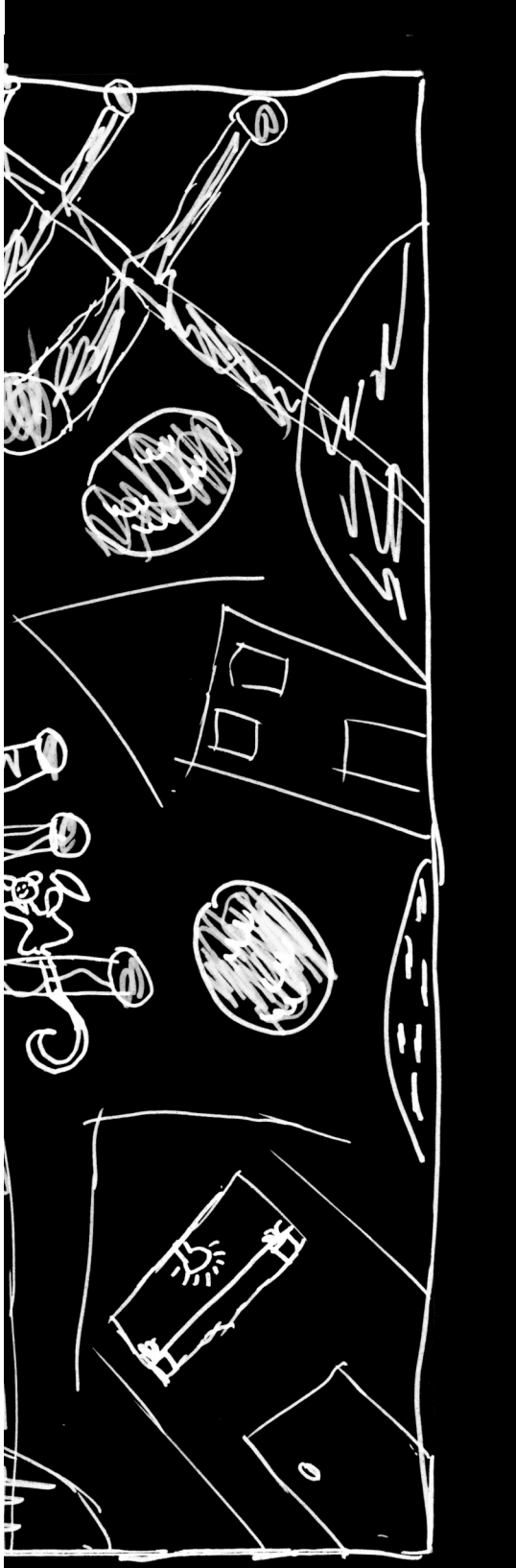
O sistema solar segue um desenho em que a forma de galáxia pode ser ainda mais ampliada para a coexistência de outros sistemas, outras galáxias e assim por diante. Em todos os casos, o espaço se configura como certa ordenação de energia, ou melhor, um **sistema de relações de energia** entre as partes. No caso deste exemplo, tendo o sistema solar como base de pensamento sobre a configuração primeira de espaço, temos o Sol como fonte ordinária de energia a todos os demais que estão em sua órbita. O sistema é generoso, dando conta dos planetas e de todo tipo de vida e não vida que exista sobre esses lugares. O calor promovido pelo Sol é absorvido pelos organismos vivos, minerais, vegetais e até por outros reinos, já que o calor se torna unidade de cooperação entre os seres desde o início dos tempos. Dando conotação específica ao Sol, atribuindo-lhe o sentido de calor e a distribuição desse sentido como **cooperação** entre os seres, é que o calor se distribui e se constitui como possibilidade de energia para várias aventuras humanas. Além do Sol, podemos ainda incluir o vento, as águas, o fogo, entre outros recursos naturais, como fontes naturais de **obtenção de energia**.

Janice Martins Sitya Appel[1]

COMO FORMA E POSSIBILIDADE ESTÉTICA EM PROPOSTAS COLETIVAS EM ARTE PARA MORADIA E OBTENÇÃO DE ENERGIA

Das possibilidades de energia surgem diferentes técnicas para sua obtenção e, com elas, as tecnologias como olhar sobre essas possibilidades. Falo, assim, de forma genérica, pois não importam o tempo e a medida, mas sim o fato de que a busca por técnicas e tecnologias para domínio de diferentes formas de obtenção de energia vão tomando megaformas, como no exemplo de hidrelétricas, plataformas de petróleo e outro tipos de usina. Todas essas formas totalizam grandes sistemas, que visam obter a máxima energia a ser distribuída para o maior número de beneficiados. O sistema pareceria lógico e satisfatório, não fosse ele roubar a **autonomia** de seus dependentes usuários. Grandes sistemas distribuem sim um benefício em larga escala, mas roubam a autonomia daquilo que instrui a micropolítica e o domínio do usuário sobre o sistema. No lugar de grandes hidrelétricas, pode-se pensar nas possibilidades de biogás para obtenção de energia elétrica em menor escala, suficiente para abastecer famílias e casas em menor número, porém, com uma relação de autonomia dessas famílias sobre o recurso.

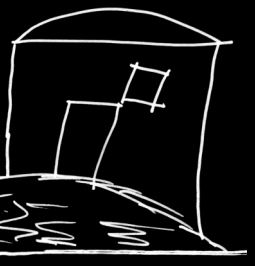
Uma saída para a desproporção de escala entre grandes e pequenos sistemas de obtenção de energia é o incentivo de medidas baseadas na **permacultura** para **espaços bioconstruídos**, pois a arte e a arquitetura podem trazer consigo um movimento de **resistência** que torna aplicável a solução para este caso. Como definição popular e de conceito comum, a permacultura é um método holístico para planejar, atualizar e manter sistemas em escala humana, como jardins, vilas, aldeias e comunidades em ambientes sustentáveis, socialmente justos e financeiramente viáveis.





A ênfase está na aplicação criativa de princípios básicos da **natureza**, integrando plantas, animais, construções e pessoas em um ambiente produtivo, com estética e harmonia. Bioconstrução é o termo utilizado para se referir às construções em que a preocupação ecológica está presente desde a concepção até a ocupação. Já na concepção, as bioconstruções se valem de materiais que não agridam o **ambiente** de entorno, pelo contrário: se possível, reciclam materiais locais, aproveitando resíduos e minimizando o uso de matéria-prima do ambiente. Todo o projeto foca o máximo aproveitamento dos recursos disponíveis com o mínimo de impacto. O trato e reaproveitamento de rejeitos, coleta de águas pluviais, uso de fontes de energia renovável e não poluente, aproveitamento máximo da iluminação natural, em detrimento da artificial, exemplificam as preocupações desses projetos. A ocupação também segue a proposta da **responsabilidade** ambiental de seus ocupantes.

Muitas dessas propostas estão sendo apresentadas por **coletivos** de artistas e de arquitetos para soluções em energia. Um exemplo é o do coletivo dinamarquês Superflex, um grupo de artistas que propôs uma estrutura chamada Biogás para a produção de energia elétrica em uma comunidade. Em 1996-97, criaram o Supergas, um novo **sistema de biogás**. Devido à inovação de um sistema de compensação de pressão e um novo método de construção e de design, a tecnologia de biogás pode ser divulgada nos mercados das áreas rurais e suburbanas em torno do Equador. O coletivo Superflex também tem colaborado com engenheiros dinamarqueses e africanos para a construção de uma unidade simples de biogás portátil que pode produzir gás suficiente para a cozinha e as necessidades de iluminação de uma família africana. O sistema foi adaptado para atender às demandas de eficiência e estilo de um consumidor africano e destina-se a responder às necessidades e recursos econômicos que se acredita existir



em economias de pequena escala. Outro exemplo é o do artista Tiravanija, que fundou em 1998, junto a outros artistas, o projeto The Land, que reúne **ações colaborativas e coletivas para moradia e obtenção de energia natural para a comunidade**. Nesse projeto, Tiravanija foi o autor de moradas com estética sustentável, já que as casas são pequenas estruturas sobre palafitas acima de plantações de arroz.

A discussão sobre espaços bioconstruídos e a estética da permacultura foi um dos pontos fortes de apresentação do Fórum Social Mundial 2005. Nele, espaços bioconstruídos foram definidos como estrutura tanto para os auditórios de conferência como para espaços expositivos ao ar livre, dispostos ao longo da Orla do Guaíba em Porto Alegre/RS. Os espaços bioconstruídos contavam com cisternas para coleta de água, fossas ecológicas e captação de energia solar em **pequena escala** através de estruturas feitas a partir de garrafas pet e canos hidráulicos reutilizáveis.

Pensar espaços bioconstruídos e permacultura como forma e possibilidade **estética**, em arte, energia e meio ambiente, amplia nosso olhar para possibilidades de **moradia** e sobrevivência em escala humana, com sentido não comercial e que valoriza a autonomia sobre a existência de um **sistema operativo de vida** em harmonia com a natureza. A **arte** é uma possibilidade que dá forma àquele sentido, desde que operada por uma **proposta coletiva e colaborativa**, intrínseca à vida e ao **cotidiano**, ampliando assim seus limites de atuação e de comprometimento com outras áreas do conhecimento humano, da **expressão** e **criatividade**. A estética da permacultura e a discussão decorrente de projetos em arte coletiva para espaços bioconstruídos ampliam nossa visão de **transdisciplinaridade** entre diferentes áreas e retomam nosso compromisso com a arte e a vida diante de questões que apontam soluções para moradia e obtenção de energia, ainda em escala humana.



[1] Mestranda em Artes Visuais CEART/PPGAV/UDESC; bacharel em Artes Plásticas IA/DAV/UFRGS; Coordenadora de Artes Plásticas do Fórum Social Mundial FSM 2005; Consultora da UNESCO/RS 2004; Educadora Social e Oficineira em Projetos Sociais, Culturais e Educativos em arte, vídeo documentário e multimídia desde 1994.

Jepy'amongueta tekohare ndaha'ei techa pyso año oîhape **pa'u**, ha avei ogueroguatava ikatu **mbo'e ñemy'î** rupi ko'âva mba'e ha'â jepy'amongueta osêva remiandugui ñande tekoha ha ñande mba'eva ko'êre. **Jagueroñanduvo** avei jajapo mba'e iporâva maymavare. Upe kuarahy ruguái oseguiva galaxiaicha ikatuhina tuichapa jepe oîhame ambue mbo'e, terâ galaxia ha upéicha ohovo. Ha katu upe pa'û ojogua pe mbohysýi mbarete, ha peteî **mbarete'eta oñondive** terâ ambuendive. Ja'ehaicha kurahy ruguái jamboguapy jepy'ambogueta upe pa'û iñepyrumby, jaguereko kuarahype mbarete katuinte guava, ha avei oîva pe hapepe. Upe mba'e katupyry ome'e kuarahyray ha enterotekove ha tekoveýva oîva umirupi pe tata opoiva kuarahy oipyteva tekove, itapua, ka'avo, ha ambueteko. Pe ara haku ogueru avei temime'e ñadeve iñepyrumby guive. ha pe Kuarahy omosaramby ome'evo pe mbarete maymava tekovepe heta ikatu **jajapo** Kuarahy gui ouva mbarete ñandeve guara. Avei pe yvytu, y, tata ha jatopava yvyári jaipuru hâgua pe mbareterâ heta oî jaguenohe hâgua mbarete, iporâ ñamoña ko'âva técnica ha tecnología jahecha py puku. Avei pe yvytu, y, tata ha jatopava yvyári jaipuru hâgua pe mbareterâ heta oî jaguenohe hâgua mbarete, iporâ ñamoña ko'âva técnica ha tecnología jahecha py puku. Ha'e peicha enterorehe marave ndoikoi anga terâ ojehekaguive upe tecnologia **ñeguenohe hâgua pe mbarete** ha jeipuru porâ. Oguahe peteî je'y pe mbarete oñe mbotuicha pajepeva ohovo, jaikua'a haicha hidroeléctrica (Ysyry), ita kyra, terâ ambue'e usina. Kô ava mba'e ningo omuapesa tesarekorâ ha jeguenoherâpe y mbarete ñemosarambi hâgua ojupity hâgua hetape. Pe mboechaucapy vaicha oî porá, noiriramo po karé ha pe **ñemopeteî** oikoteveva pe guarâ. Upe mbo'ereko ha'eteva añete ha moangapyhy ndaha'eirire ñemonda sâ'ý umi oha'ârotava oipuruvarâ. Tuichava mbo'ereko omosarambi mba'eveteýre ndojupitykái ha omonda umi omyakava micropolitica kuéra. Oîhame hidroelectrica tuichava ikatu jagueropensa avei upe Biogás jareko hâgua mbarete tendyry mbovyramojepe, ikatu hina óga ha tuguáipe ome'ê pe'ape ka'apa renondepe. Peteî tape ndohupityiva tuichava terâ michiva mbo'ereko ñeguenohê mbarete ha'e jerovia upe **permacultura** rupi **pa'û bioconstruidos** arte ha arquitectura ikatu oguerú pe ñemýi ha ñemyatâ ikatuva jeipuru peicha javeramo. Ñemyesakara permacultura ha'e peteî método jopara japlaneahãgua, ha jaactualiza yvypora mbo'epyrâ ha'eva: yvotyty, tava'i, ogaaty terâ atyguazú opárupi ikatu ñemongakua'a, avei moñoirurâ pirapirerâ ikatutava jahupity. Upevarâ ñañangarekovaerâ heta mba'e jatopava **yvy ape ari** ha'eva ka'avo, mymba,yvypora, óga apo, iporâve hâguaicha ha py'aguapype. Ko'angarupi ñahendu quebranto ogueru pe fabrica, óga apo jareko hâgua iñepyrumbyguive jejapopeve upe jerespeta pe ñande rekoha ha'eva karai ñe'eme: (Preocupación ecológica desde la bioconstrucción). Upevarâ jeipuru va'erâ ha'erâ ndo mby'aimo'aiva ko **tekoha** javeve. Ha katu, jaguerekomivante jaipuru vaerâ umi tembyre ha jaipuru michive pe tekoha

ome'eva ñandeve. Entero umi tembiapo oreko tendonde jeipuru hãgua ikatuva guive jeperjudikayre ñande tekoha. Upevare jaipuru jey umi ñemombomavaykue, ñejunta amangyre, jeipuru mbarete ikatuva ñemyengovia yey ha nombyaivai tekoha, jeipuruporâ Kuarahy rendy ha jaheja takykue upe ndaha'eiva, koape avei techaukaha osê tembiaporâ jejapovarâ.

Peva enterovepe **ñane mohembiapo** ho'ovo enteroiterehe. Heta umi tembiapo ogueru artista ha arquitecto **kuéra** osolucionahãgua mbareterâ. Jaguereko mbayruguatá dinamarquês Superflex, oñepyruva artista aty ohenoiva Biogás ojapovo upe energia electrica peteî tava.

Pe 1996-97 ramo ojapo hikuái "Supergas" peteî mbo'e pyahu biogasguiguava. Upevarâ **mbo'e pyahu** ha'e novedá ohechauka ikatuha upe tecnologia pyahu **biogás** oñemosarambi oparupi ñemuha ñemegua ha tava Ecuadorpe. Pe mbayru guata Superflex, avei umi ingeniero dinamarcagua ha africanogua ndive ojapo peteî maquina michiva oguenoheva gás ikatuva oipuru cociname terâ ojehesape hâgua peteî africano roga. Peva ohecharamo ha oadopta oñatende porâ hâgua africano kuéra remikotevê, upeicha avei ojapo pira pire omo py'a hãgua hêta. Avei artista Tiravanija pe 1998 ramo ambue tapichandi ogueraha tenonde "The Land" **omboaty ñeme'eva colaboraciónpe, ha viru óga aporâ ha jeguereko hâgua mbarete** tavayguakuérape Tiravanija ha'e upe tembiapo apoha óga regua iporâ ipu'akatava. Ha ogaieta jejapova sobradoári ha igype oñoty arró. Ojevaraja pe Foro Social Mundial 2005 ramo tembiapo teko porâve ha pe permacultura je'eha. Upero oñemopyenda ñemonguetarâ, hendukarâ okape Guaíba rembeype Porto Alegre/RS. Ombyaty y pe yvykuape, yvykua ombyvevo ha oñongatu pe Kuarahy rakukué **mbovymi** pe limeta ha mbayru hidráulico guiguava jepurupyré. Jepy'a mongueta pe bioconstruidos ha permacultura rehe ñamo**porã** arte rupi, mbarete ha tekoha jahecha pukuveta ñane **jeiko** katu porâveta yvypora haicha, ha anitei comercio año ombovaleva jaheño **tekore ha jeiko kua'ape** ñande sy guazu yvyndive. Upe **arte (iporâ)** ha'e **ome'etava temiandu, enterove rupi ha ñeme'embaiteramo** ñane ñe'akua guive ha teko **ko'ê, ko'êre**, ambotuichave hâgua upe compromiso ambue porâkua'a yvypora háicha, **ohechauka ha ojapo kua'áicha**. Iporâ pe permacultura ha'e peteî jetopa tembiapokapy ñamoporave hâgua pe ñande jeiko, jahaíhuve hâgua ñanderekoha **enteromba'e jaikua'arupive**. Ha'e compromiso pe problemaita renondepe avei ogueru pe solución óga aporupi, ha jeguereko hâgua mbarete, yvypora háicha.

PERMACULTURA Y ESPACIOS BIOCONSTRUIDOS COMO FORMA E POSSIBILIDADE ESTÉTICA EN PROPUESTAS COLECTIVAS EN ARTE PARA LA VIVIENDA Y AQUISICIÓN DE ENERGIA

Pensar el **espacio** como morada no es sólo una visión amplia de la ocupación de un lugar, como también es una forma de **traslado** sobre posibilidades de excursiones del espacio en que vivimos como un sistema. Pensar la estética como **percepción** del espacio en un sentido más amplio también hace parte de ese **sistema**. El sistema solar sigue un diseño, en el cual, la forma de galaxia puede ser todavía más

ampliada para la coexistencia de otros sistemas, otras galaxias y así en adelante. En todo caso, el espacio se conforma ciertamente como ordenación de energía, o mejor, como un **sistema de relaciones de energía** entre las partes. En lo que se refiere a ese ejemplo, teniendo el sistema solar como base de pensamiento sobre la conformación primera de espacio, tenemos el Sol como fuente ordinaria de energía a todos los demás que están en su órbita. El sistema es generoso, dando cuenta de los planetas y de todo tipo de vida y no vida que exista sobre esos lugares. El calor promocionado por el Sol es absorbido por los organismos vivos, minerales, vegetales y hasta por otros reinos, ya que el calor se convierte en unidad de cooperación entre los seres desde el comienzo de los tiempos. Dando una connotación específica al Sol, atribuyéndole el sentido de calor y la distribución de ese sentido como **cooperación** entre los seres, es que el calor se distribuye y se constituye como posibilidad de energía para varias aventuras humanas.

Además del Sol, podemos aun incluir el viento, las aguas, el fuego, entre otros recursos naturales, como fuentes naturales de **obtención de energía**. De las posibilidades de energía surgen diferentes técnicas para su obtención y con las tecnologías como una mirada retrospectiva sobre ellas. Afirmo eso de forma genérica, pues no importan el tiempo y la medida, pero sí el hecho de que la búsqueda por técnicas y tecnologías para el dominio de diferentes formas tecnologías para el dominio de diferentes formas de obtención de energías van tomando megaformas, como en el ejemplo de hidroeléctricas, plataformas de petróleo y otros tipos de usina. Todas esas formas totalizan grandes sistemas, que visan obtener la máxima energía a ser distribuida para el mayor número de beneficiarios. El sistema parecería lógico y satisfactorio, si no fuera por el robo de la **autonomía** de sus dependientes usuarios. Grandes sistemas distribuyen sí un beneficio en larga escala, pero roban la autonomía de aquél que instruye la micro política y el dominio del usuario sobre el sistema. En el lugar de grandes hidroeléctricas, se puede pensar en las posibilidades de biogás para la obtención de energía eléctrica en menor escala, suficiente para proveer a familias y casas en menor número, sin embargo, con una relación de autonomía de esas familias sobre el recurso. Una salida para la desproporción de escala entre grandes y pequeños sistemas de obtención de energía es el incentivo de medidas basadas en la **Permacultura** para **espacios bioconstituidos**, pues el arte y la arquitectura pueden traer consigo un movimiento de **resistencia** que torna aplicable la solución para este caso. Como definición popular y de concepto corriente, la Permacultura es un método holístico para planificar, actualizar y mantener sistemas en escala humana, como jardines, villas, aldeas y comunidades en ambientes sustentables, socialmente justos y financieramente viables. La énfasis está en la aplicación creativa de principios básicos de la **naturaleza**, integrando plantas, animales, construcciones y personas en un ambiente productivo, con estética y armonía. Bioconstrucción es el término utilizado para referirse a las construcciones en que la preocupación ecológica está presente desde la concepción hasta la ocupación. Ya en la concepción, las bioconstrucciones se valen de materiales que no dañan el **ambiente** y su alrededor, al contrario: si es posible, reciclan materiales locales, aprovechando residuos y

minimizando el uso de materia-prima del ambiente. Todo el proyecto enfoca el máximo aprovechamiento de los recursos disponibles con el mínimo de impacto. El trato y reaprovechamiento de desechos, colecta de aguas pluviales, uso de fuentes de energía renovable y no contaminante, aprovechamiento máximo de la iluminación natural, en detrimento de la artificial, ejemplifican las preocupaciones de esos proyectos. La ocupación también sigue la propuesta de la **responsabilidad** ambiental de sus ocupantes.Muchas de esas propuestas están siendo presentadas por artistas y arquitectos para soluciones de la energía. Un ejemplo es el del colectivo dinamarqués Superflex, un grupo de artistas que propuso una estructura llamada Biogás para la producción de energía eléctrica en una comunidad. En 1996-97, crearon el Supergas, un nuevo **sistema de biogás**. Debido a la innovación de un sistema de compensación de presión y un nuevo método de construcción y de design, la tecnología de biogás puede ser divulgada en los mercados de las áreas campesinas y suburbanas alrededor de Ecuador. El colectivo Superflex también ha colaborado con ingenieros dinamarqueses y africanos para la construcción de una unidad simple de biogás portátil que se puede producir gas suficiente para la cocina y las necesidades de iluminación de una familia africana. El sistema fue adaptado para atender a las demandas de eficiencia y estilo del consumidor africano y se destina a responder a las necesidades y recursos económicos que se acredita existir en economías de pequeña escala. Otro ejemplo es el del artista Tiravanija, que fundó en 1998, junto a otros artistas, el proyecto The Land, que reúne **acciones cooperativas y colectivas para vivienda y obtención de energía natural para la comunidad**.

En ese proyecto, Tiravanija fue el autor de moradas con estética sustentable, ya que las casas son pequeñas estructuras sobre palafitos encima de plantaciones de arroz. La discusión sobre espacios bioconstituidos y la estética de la Permacultura fue uno de los temas fuertes de presentación del Foro Social Mundial 2005. En él, los espacios bioconstruidos fueron definidos como estructura tanto para los auditorios de conferencia como para espacios expositivos al aire libre, dispuestos a la orilla del Guaíba en Porto Alegre/RS. Los espacios bioconstruidos contaban con cisternas para colecta de agua, pozos ecológicos y captación de energía solar en **pequeña escala** a través de estructuras hechas a partir de botellas pet y caños hidráulicos reutilizables. Pensar los espacios bioconstruidos y Permacultura como formas y posibilidades de **estética**, en arte, energía y medio ambiente, amplia nuestra mirada para posibilidades de **vivienda** y supervivencia en escala humana, con sentido no comercial y que valore la autonomía sobre la existencia de un **sistema operativo de vida** en armonía con la naturaleza. El **arte** es una posibilidad que da forma aquél sentido, desde que operada por una **propuesta colectiva y contributiva**, intrínseca a la vida y al cotidiano, ampliando así sus límites de actuación y comprometimiento con otras áreas del conocimiento humano, de la **expresión** y **creatividad**. La estética de la Permacultura es la discusión a raíz de proyectos en arte colectivo para espacios bioconstruidos, aumentan nuestra visión de **transdisciplinariedad** entre diferentes áreas y retoman nuestro compromiso con el arte y la vida delante de cuestiones que indican soluciones para vivienda y obtención de energía, aun en escala humana.

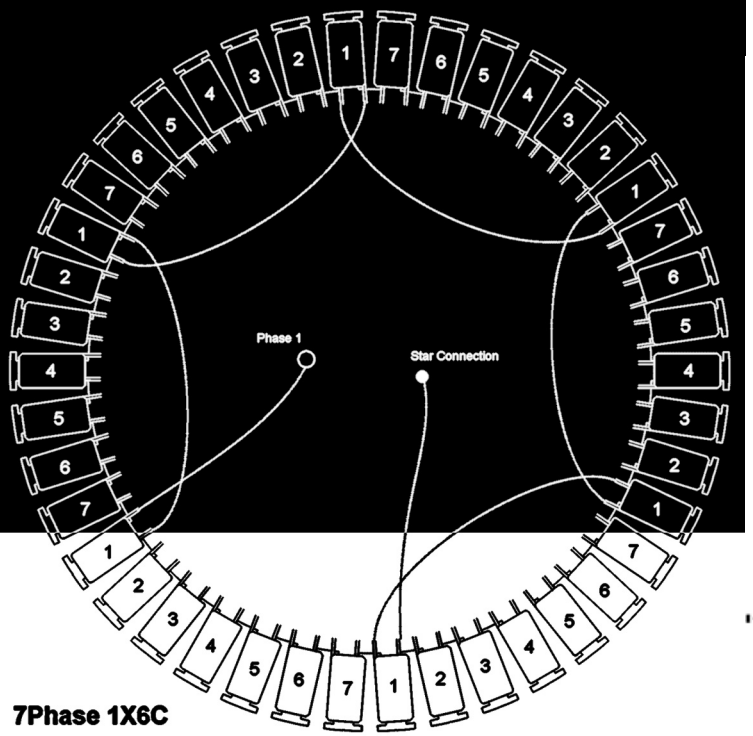
ENERGIA ALTERNATIVA "LIMPADORA" gerador P2RCA

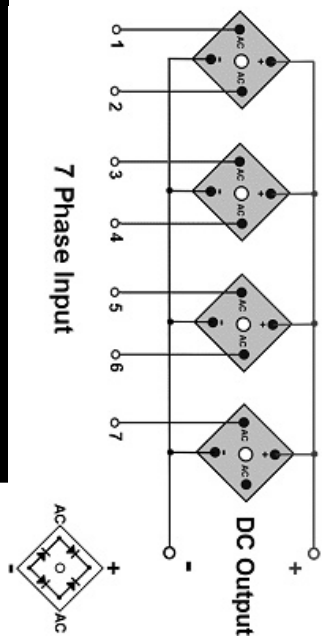
Algum tempo atrás recebemos uma mensagem via uma lista de discussão cujo conteúdo havia a indicação para um vídeo[1] sobre o processo de criação de um gerador de energia artesanal.

Intitulado Gerador P2RCA, foi elaborado com imãs retirados de Hds estragados e bobinas de fio de cobre, montados em um compensado circular fixado sobre uma roda de bicicleta, o armazenamento de energia se dava através de baterias de no-break. Dias depois um segundo vídeo abordava o processo de instalação desse mesmo gerador na reserva Canhambora, localizada no Alto do Ribeira, interior do Estado de São Paulo. Procuramos então nos informar sobre esse processo, conhecer as pessoas envolvidas e detalhes sobre a montagem do gerador. Logo descobrimos que dois dos responsáveis pela pesquisa eram Peetssa e Mauro Souza, entramos em contato com eles e obtivemos a seguinte resposta, aqui compartilhada em um texto levemente adaptado para esta publicação.

PEETSSA O principio da Corrente Induzida Magneticamente é simples. Todo imã tem as polaridades positivo e negativo (alguns preferem dizer norte e sul), portanto quando posicionamos os imãs lado a lado os opostos se atraem formando um circulo que contém a intermitência + - , que são colocados em movimento cíclico. Exemplo: uma roda da bicicleta com os imãs colados lado a lado radialmente. Em outro disco, que se mantem estático, posicionamos as bobinas de fio de cobre esmaltado que "captam" esta intermitência dos imãs gerando uma corrente alternada + - . Aqui é fundamental marcar o começo e final de cada bobina, pois se ocorrer alguma invertida, se anula todo resto da fase. As bobinas tem que ser padronizadas, ou seja, devem conter a mesma quantidade de voltas (espiras), enroladas na mesma direção, caso contrário também se anula a fase, e dimensionadas conforme as necessidades. Este dimensionamento é empírico, testes, testes e testes, haja testes... A quantidade de voltas determina a tensão (voltagem) e a bitola do fio determina a corrente (amperagem). No caso do gerador P2RCA do vídeo utilizamos fio de cobre 0,8mm com 200 voltas cada.

MAURO SOUZA Os diodos são esses de eletrônica, o importante é usar para uma corrente alta, tipo 25 Ampéres e 24 a 30 Volts. Os ímas podem ficar encostados uns aos outros, mas as distâncias entre os ímãs e as bobinas devem ser as mesmas, cada fase (conjunto de bobinas) tem que estar passando pelo mesmo tipo de campo magnético no mesmo instante, ou isso vai interferir em como a corrente é induzida no gerador e vai ocasionar perda de rendimento.

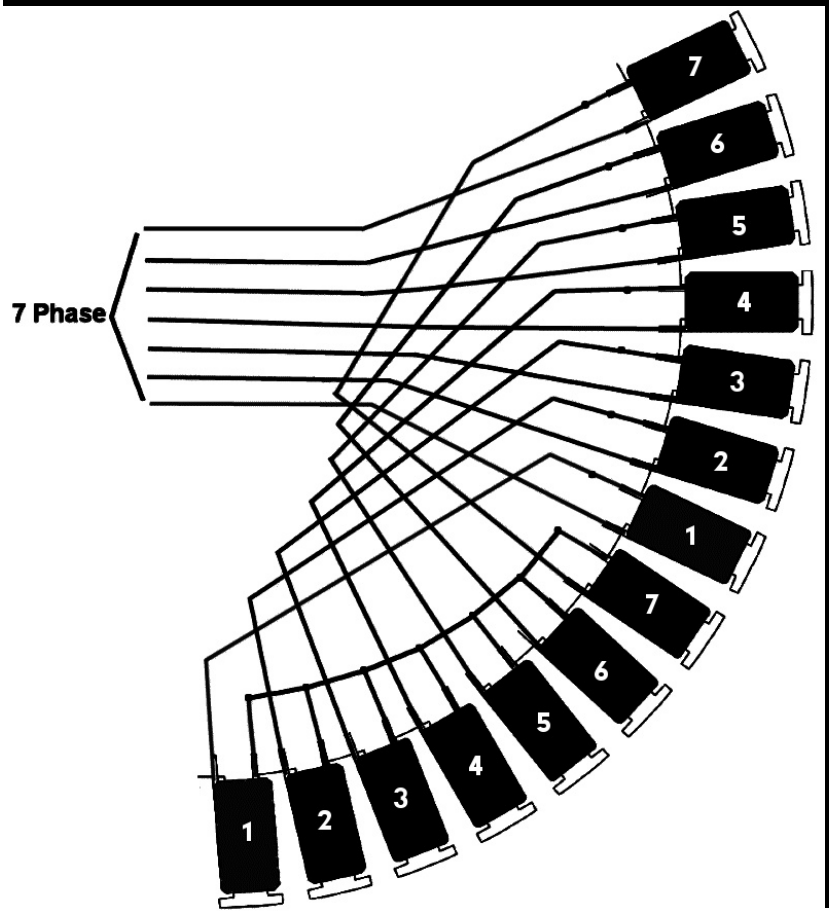




7Phase 1X6C

PEETSSA Para a montagem é necessário seguir uma geometria especifica que, no caso de um gerador de 7 fases, cada fase é um hexagono com uma bobina em cada vértice, portanto 7 hexagonos com 6 bobinas cada. Uma vez que você consegue este círculo que contem os 7 hexagonos é necessário fixar os imãs de forma que as 6 bobinas do hexagono sejam estimuladas no mesmo instante, pois no momento seguinte os imãs estimularão a próxima fase ou hexagono. É uma matemática um tanto estranha, mas para 42 bobinas (7X6) utilizamos 24 imãs. A quantidade de imãs é relativamente proporcional à quantidade de energia gerada, portanto dentro da circunferencia do disco de imãs couberam apenas 24. Pode-se utilzar mais ou menos bobinas, o importante é que seja um número divisivel por 6 para garantir que o disco de imãs contenha os hexagonos. No vídeo citamos 48 imãs e 84 bobinas, pois fizemos dois geradores em um único suporte, para melhor aproveitamento da energia cinética. A energia gerada é AC (corrente alternada) e as baterias que utilizei no banco de baterias são DC (corrente contínua). Para resolver esta questão a corrente passa por uma "ponte de retificação", ou seja, a onda senóide gerada pela AC (onda senóide é aquela que se lê nos osciloscópios) é cortada em seus picos e vales formando assim uma curva cortada onde o diferencial de polaridades fica mais próximo e a corrente mais "reta". É basicamente uma linha tracejada. A ponte de retificação é feita simplesmente com 4 diodos para cada duas fases. Os diodos funcionam como válvulas, a corrente vai mas não volta e tem que ser ligados dois com a "bundinha" pra baixo (terminal negativo) e outros dois com a "cabeça" pra cima (terminal positivo). O que determina o sentido é a linha que existe no diodo que diz pra que lado a corrente correrá. Ligando um ao outro pelas outras duas pontas do diodos que sobraram se obtem as entradas da AC.

Procure sempre super-estimar o gerador, pois após a retificação há



uma perda considerável de aproximadamente 2/3, por exemplo, se você conseguiu 21vAC obterá apenas 7vDC. A velocidade de rotação do gerador é outra equação incompreensível, pois quando você dobra a velocidade a corrente triplica. Esta especificidade me pôs a desenvolver um gerador com circunferencias menores para poder girar mais rápido sem estresse dos materiais. Imagine uma roda de bicicleta girando a 1200RPM, o sistema não deve suportar nem um ano.

Para armazenar energia utilizei na Canhambora 6 baterias de no-break (12vDC/7Ah), chamadas estacionárias, seladas de baixa manutenção e recondicionadas, que custam R$25,00 cada. Uma bateria de carro custa R$120,00 e não suporta muitos ciclos de carga e recarga, devem durar no máximo um ano, enquanto as estacionárias (sempre relativo à demanda e uso) duram entre 2 a 4 anos. Pelo menos o no-break que tenho em casa está trabalhando a 5 anos.

Para carregar as baterias é importante pensar na qualidade da carga. Para uma bateria de 12v o ideal é chegar até ela 14,5v (conforme os alternadores de carros), com baixa amperagem. É chamada carga lenta que demora mais pra carregar, porém dura mais. Após o banco de baterias, no caso de utilização de equipamentos 110v, pode-se utilizar um inversor 12vDC/110vAC. Caso não tenha equipamentos 110v podemos fazer a rede elétrica com 12v ou menos. Na Canhambora fizemos toda a

iluminação com sistema de LED, pois consomem apenas 4,5v/800mA, ou seja, em um banco com 6 baterias de 7Ah temos 42Ah, o sistema LED utilza no máximo 1A deixando 41A livres.

Para dimensionar o banco de baterias é necessário saber previamente o consumo em watts do estabelecimento. Por exemplo: 1 geladeira 120w + 1 TV 80w + 150w de iluminação (10 lâmpadas econômicas de 15w cada) = 350w.

Para saber quantos watts você tem é só multiplicar a tensão(volts) pela corrente (amperes). Por exemplo: 6 baterias de 7 Ah cada = 42Ah X 12vDC = 504w. Considere sempre a perda de 25% da corrente entre resistência, dissipação térmica, etc...

25% de 504 = 126,

504 - 126 = 378w

portanto meu sistema comporta o consumo descrito anteriormente. O ideal é sempre dar uma folga para o sistema como 400 ou 500w. O banco de baterias para o gerador montado na Amazônia está com 8 baterias de 7Ah.

8 x 7 = 56Ah

56Ah X 12vDC = 672w

Nele utilizo um inversor 700w e pretendo consumir apenas 400w com geladeira, iluminação a LED, radio-comunicação 12v e baterias de rádio, laptop, pilhas recarregáveis de lanternas.

O gerador da Amazônia possui 120 imãs e 120 bobinas com 600 voltas cada e bitola 0,4mm, consegue 30v em 1/2 fase a 400RPM.

Lembre-se sempre que ligações em série somam voltagem e em paralelo somam amperagem. Assim pode-se ligar as fases em série até atingir a voltagem desejada para depois ligar as restantes em paralelo para aumentar a amperagem.

É muita coisa mesmo para pensar, mas todos nós sabemos que o sustentável dá mais trabalho, por isso que o mundo prefere queimar petróleo ou inundar grandes áreas para hidrelétricas. Tudo pelo mais fácil.

Estou nesta pesquisa há apenas quatro meses, mas já aprendi bastante fuçando e perguntando. Acredito plenamente que todo o conhecimento adquirido tem que ser compartilhado e difundido. Infeliz é aquele que quer tudo para si. Quando eu voltar da Amazônia editarei um vídeo como o da Reserva Canhambora. A ideia é fazer videos- anuais de construção de geradores com lixo tecnológico. Tenho chamado este principio de ENERGIA ALTERNATIVA "LIMPADORA", pois vai além da energia LIMPA por limpar o lixo tecnologico das grandes metrópoles. Sinto que há realmente uma revolução em andamento. Lutando sempre até outro começo, com as próprias mãos.

TODOS TEM PODER

13 de novembro de 2009

[1]
http://www.youtube.com/watch?v=l-z0lIgBNI4
http://www.youtube.com/watch?v=uWa5vC_KwSI

www.peetssa.com.br

"POTÎHA" MBOJOPYRU MBARETE Me'ê P2RCA

Aremíma rorecibi peteî ñe'êmondo jediskuti tysyikue he'i hape tembioporâ vídeo[1] rupi mba'éichapa jejapo pe ñe me'ê mbarete teko mba'apore. Marete ñeme`ê teko mba`apore Ñeme'ê P2RCA ñepyrû ojejapo kuri imâ jeipe'apyre HDs inimbo kobre karretel vaikuegui guare oñemoiva mbohovai joja mba'e apu'a ikolokapyre pe bicicleta rueda ári. Ñembyaty pe mbarete rupive.mbareteryru no-break. Peteî ara rire mokoî vídeo ohechauka mba'éichapa ñemo`î pe ñeme'ê Canhambora ñongatu oîva pe Alto Ribera pe, São Paulo estado ry'epype. Ñañe ha'âta upémaromo ñañeinforma pe proceso jaikua'a hâgua mávapa oî ha mba'éichapa ojejapo pe ñe me'ê. Upéi jaikua'a mokoî ostudiava ko'âva ha'eva Peetssa ha Mauro Souza, roike ñomonguetape hendivi kuéra ha roguahê ko ñembohovai ko'ape mbykymi rohaí jeikua'aukarâ:

PEETSSA: Iñepyrumby pe ysyry oñembotyryryva magneticamente ha y año. Entero imâ oreko tu'â añete, ikatu, ý (oî he'iva yvate, yvype), upevare ñamo ñugaitî imâ ojoykere pe jovaigua ojoitira ojapovo peteî apu'a orekova pokâ pokâ + - , ñemo'î ñemýi apu'a techaukaha: peteî imâ ñemoi bicicleta jere apu'a ojoykere radialmente. Pe ambue ña'êpe apu'a ojerekova ñongatupy ñemo'î pe karretelre kable ñemoapesy'i kobreguigua. Tapia imâgui, ome'ê pe mokôi mbarete + - , ko'ape iñimportante ha iñepyrumby ha ipaha ñavô karretel, ha oikoramo tevirô sapy'a, ha ombogue entero pahague rembyre. Pe karretel ñembojoja katu orekovarâ pe heta ñembojere (espiral), ojelia ñemo'î goty'o pevayrô ogue la ifase, ha jejapo tuichakue tekoteve haicha. Ko tuichakue jave ha'e japo pyré, ha'a, ha'a' ha ha'a... . Pe papapy jere oikuaka pyatâ (voltaje) ha mbyterahasa inimbo oikuaka mbarete (ampere). Pe me'e ha'e P2RCA vídeo, jeipuru inimbo kobre guigua 0,8mm ha 200 jere.

MAURO SOUZA: Pe diodos niko ha'e ese de eletronika. Iñimportante jeipuru pe korriente yvate, tipo 25 amperios ha 24 a 30 volts. Pe imâ kuéra ikatu opyta ojoykere peteî ha ambuendive, upe imâ ha karretel ha'e lo mismo mombyrykue. Fase ñavô (entero umi carretel) ohasavarâ pe kampo magnético oñondive ha upe'a ointerferi pe ysyry ha ogueraha ome'ê ha orendi mbovyve.

PEETSSA: Jejapo hâgua tekotevê jasegui upe geometría. Ku ñeme'ê, pokôi fase, ha fase ñavô ha'e peteî hexágono karretel upe hu'âme, upevare pokôi, oreko poteî karretel peteî ñavô. Econseguí ave pe apu'a orekova pokôi hexágono omboku'eva sapy'amiroguarâ ha upei imâ kuéra omboku'eva ambu'e fase terâ hexágono. Ha'e peteî matemática iñextraño ha pe 42 karretel kuéra (7x6) jaipuru 24 imâ kuéra. Pe'a pe kantidad de imâ odepende pe kantidad mbarete ñeme'ê hetâ según pe tuicha haicha, upevare korape imã ña'ê pe apu'a oñua haime 24. Ikatu oipuru + - karretel, iñimportante pe papapy poteî ogaranti hâgua pe ña'ê pe apu'a imâ guiguava oreko hexágono.

Pe vídeo, ra'e 48 imâ ha 84 karretel, rojapo mokôi ñeme'erâ peteî soporterehe ikatu hâgua ojepuru porãve pe mbarete ysyry guigua, energía cinética.

Pe mbarete ñeme'ê ha'eva AC (corrente

alternada) ha pe bateria jaipuru kuri ha'eva DC (corrente contínua). Ñandende porâve hâgua pe ysyry ohasa pe ysyrorasa mbojoja osea pe olada senoide ome'eva pe AC (olada senoide ha'e pe ojeleeva osciloscópios) ha ñekyti hu'ame ha mbohopytape, peicha oñeforma pe ha ikarê jatopa pe ojoavy pe + - polaridad opyta agui ha pe ysyry kare'ý. Ha'e hu'â ha iguy pe. Añete pe ha'ipyre. Pe yvyrorasa mbojoja irundy diodos mokôi faserâ. Pe diodos ofunciona mbotyha ramo: pe ysyry oho ha ndojereveima ha ñomboja mokôi tuguái yvy'o (terminal negativo) ha mokôi yvate'o (terminal positivo). Pe ñemopy'a peteî pe hai oiva pe diodope ohechaukave mo'ogoty'o pa ohota pe ysyry. ñemboja peteî ha mokôi hu'â pe diodore opytava, peicha jejupity jeikeha AC.

Ñe ha'â katuinte ñemopu'â pe ñeme'erâ, myatyrô rire operde tuicha haimete 2/3. Rekonseguiramo 21vAC, renoheta apena 7vDC.

Pe mbojere ñeme'ê ha'e otro kalculo jeikua'a paýva, nde rembojere jo'aramo pe ysyry ohasa mbohapy jevyjevy.

Ko'â mba'e che reraha ajapovo peteî ñeme'ê apu'a michiveva, ikatu hâgua ojere pya'eve ikane'o ýre upe material. Jagueropensape bicicleta mba'ejere ojereva 1200rpm, pe sistema ndo hupity mo'ái peteî ary.

Ñe mboaty hâgua mbarete, aipuru kuri pe Canhambora pe poteî mbarete ryru, no- break (12vDC/7Ah), heropyva estacionárias, moha'angava jeipuru pokâ ha myatyrô pya'eva, jehepy me'eva R$25,00 peteî teî. Peteî mbarete ryru mbayru guataregua ñehepy me'e R$120,00 ha ndo hupityi heta ohupi ha oityva odura vaerâ peteî ary, ha pe estacionárias (mba'éichapa ojeipururamo) ojupityta mokôi ha irundy ary. Che arekova pe no-break ógape aipuruma po ary rupi.

Ja myanyhê hâgua pe mbarete ryru, jagueropensá va'erâ mboypa ohupita. Peteî mbareteryru 12v ikatu, ohupity 14,5v (pe ombojopuruva mbayru guata) pe amperagem ikangyveva. Ñehenóiva ohupi mbegue vere, upevare odurave pe'a.

Upéi pe mbarete ryru kuéra jeipuru ramo nembosako'i râ 110v , jeipuru varâ peteî jevyrendáicha, inversor, 12vDC/110vAC. No'iri ramo ñemosako'ihara 110v ikatu jajapo red eléctrica 12v terâ saive. Canhambora pe rohesapepa kuri sistema LED rupi oipuruva 4,5v/800mA, pea poteî mbareteryru rupi pokôi Ah, jereko 42Ah, pe sistema LED ikatu oipuru 1A, oheja 41A jepuru ýre.

Ja prepara hâgua pe mbareteryru renda tekotevê jaikua'a ra'ê mboypa watts oipuruta pe rupi.

Jaikua'a hâgua, peteî moro'ysâha 120w + 1 sambyry 80w + 150w jehesaperâ (10 mba'erendy iñekonómikova 15w) = 350w.

Reikua'a hâgua mboy watts pa rereko remultiplikavarâ (volts) x (amperes).

Techaukarâ: poteî mbareteryru 7Ah ñarô = 42Ah x 12vDC = 504w. Jareko 25% ojesó mbarete ha mbarete atâ, mbogue aku, etc.

25% de 504 = 126,

504 – 126 = 378w

Upevare, che mbo'e oreko jeipuru jahai tenondevevo ja'e mo'avakue. Hi'âvarâ ñemo pa'û pe mbo'e pe 400 ha 500w. Pe mbareteryru renda ñeme'ê jekolokava Amazôniape oreko mbareteryru ha'eva 7Ah.

8 x 7 = 56Ah

56Ah x 12 vDC = 672w

Pevarâ aipuru peteî inversor 700w ha aipuru haime 400w ñemoro'ýsa hare, ñemyesape LED gui, radiomyasâiha 12v ha mbareteryru

radio, laptop, ha petesaperyru jekargajeyvaekue.
Pe ñeme'ê Amazônia oreko 120 imâ ha120 karretel de 600 jere ñavô ha 0,4mm mbytérupi ohasáva. Ha'e oguenohê 30v pe 1/2 fase de 400rpm.
Ñemomandu'avarâ tapia ñemo apesâ joaiteramo omboheta voltage avei omboheta pe amperage jovái. Peicha ikatu ñemoapesâ pe fase joaite jarekopeve voltage ñaikotevevâ ha upei ñamoapesâ hembyva ha ñamboheta amperage jovái.
Heta mba'e jajepy'amonguetavarâ jaikuaahaicha jatopava yvy ari ñane mbohembiapo hetave, upevare enteroite ohapyseva uvéi itakyra, terá omyenyhe y gui tuicha yvy ysyry mbareterâ. Enterove ojapo pe hasy'ýveva. Aime irundy jasyho ko jepovyvyre, ha heta mba'ema aikuaa ñeporandu ha jatypekaharupi. Arovia añete pe jeikuaa jarekova ñame'evarâ ha jaikuaakavarâ. Ipituva pe orekoseva imba'eronte.
Che ajevyvo pe Amazônia gui'o, ajapota peteî vídeo, pe Reserva Canhambora icha. Pe jepy'amongueta jejapo hâgua vídeo, kuatia hai jejapo hâgua ñeme'ê yty tecnológico. Upévare ahenói ñepyrumby "POTÎHA" MBARETE ÑEMBOJOPYRU, ha katu mbarete nda ha'ei potî añonte terá yty tecnológico umi tava tuichavaicha.
Añadu oî ha añete peteî jepyvu ha ñembotuvicha.

Ñeha'â tapia ambue ñepyrupeve, ñenepokatu rupi.

MAYMÁVA OREKO PUAKA.

13 Jasypateî 2009
www.peetssa.com.br

[1]
http://www.youtube.com/watch?v=l-z0llgBNl4
http://www.youtube.com/watch?v=uWa5vC_KwSI

ENERGÍA ALTERNATIVA "LIMPIADORA" generador P2RCA

Desde hace algún tiempo, recibimos un mensaje a través de una lista de reflexiones en que el contenido principal indicaba en un vídeo[1] sobre el proceso de creación de un generador de energía artesanal.
Titulado Generador P2RCA fue construido con imanes sacados de HDs descompuestos y carreteles de hilo de cobre, instalados en un terciado circular fijado sobre una rueda de bicicleta. El almacenamiento de energía se daba a través de batería de No-break. Días después, un segundo vídeo trataba del proceso de instalación de ese mismo generador en la reserva Canhambora, ubicada en el Alto do Ribeira, interior del estado de São Paulo. Entonces, procuramos informarnos sobre ese proceso, conocer las personas involucradas y los detalles sobre el montaje del generador. Luego descubrimos que dos de los responsables por la investigación eran Peetssa y Mauro Souza, nos contactamos con ellos y obtuvimos la siguiente respuesta, aquí compartida en un texto sencillamente adaptado para esta publicación.

PEETSSA: El principio de la Corriente Inducida Magnéticamente es sencillo. Todo imán tiene las polaridades positiva y negativa (algunos prefieren decir norte y sur), sin embargo, cuando posicionamos los imanes lado a lado, los opuestos se atraen, formando un círculo que contiene la intermitencia + - , colocada en movimiento cíclico. Ejemplo: una rueda de bicicleta con los imanes colocados lado a lado radialmente.

En otro disco, que se mantiene estático, posicionamos los carreteles de hilo de cobre esmaltado que "captan" esta intermitencia de los imanes, generando una corriente alternada + -. Aquí es fundamental marcar el comienzo y el final de cada carretel, pues si ocurriera alguna invertida, anulase todo lo que resta de la fase. Los carreteles tienen que ser estandarizados, o sea, deben tener la misma cantidad de vueltas (espiras), enrolladas en la misma dirección – al contrario también se anula la fase – y dimensionadas conforme a las necesidades. Esta dimensión es empírica, testes, testes y testes, un sin fin de testes... La cantidad de vueltas determina la tensión (voltaje) y el diámetro del hilo determina la corriente (amperaje). En el caso del Generador P2RCA del vídeo, utilizamos hilo de cobre 0,8mm con 200 vueltas cada.

MAURO SOUZA: Los diodos son esos de la electrónica. Lo importante es utilizarlos para una corriente alta, tipo 25 amperios y 24 a 30 volts. Los imanes pueden quedarse pegados unos a otros, pero la distancia entre los imanes y los carreteles deben ser las mismas. Cada fase (conjunto de carreteles) tiene que estar pasando por el mismo tipo de campo magnético en el mismo instante, o eso va a interferir en la forma como la corriente es inducida en el generador y va a ocasionar pérdida del rendimiento.

PEETSSA: Para el montaje, es necesario seguir una geometría específica. En el caso de un generador de siete fases, cada fase es un hexágono con un carretel en cada vértice, sin embargo siete hexágono con seis carreteles cada uno. Una vez que consigue el círculo que contiene los siete hexágonos, es necesario fijar los imanes de forma que los seis carreteles del hexágono sean estimulados en el mismo instante, pues en el momento siguiente los imanes estimularán la próxima fase o hexágono. Es una matemática un tanto extraña, pero, para 42 carreteles (7X6) utilizamos 24 imanes. La cantidad de imanes es relativamente proporcional a la cantidad de energía generada, por lo tanto dentro de la circunferencia del disco de imán cupieron solamente 24. Se puede utilizar más o menos carreteles; lo importante es que sea un número divisible por seis para garantizar que el disco de imán contenga los hexágonos. En el vídeo, citamos 48 imanes y 48 carreteles, pues hicimos dos generadores en un único soporte, para mejor aprovechar la energía cinética.

La energía generadora es AC (corriente alternativa) y las baterías que utilicé en el banco de datos de baterías son DC (corriente continua). Para solucionar esa cuestión, la corriente pasa por un "puente de rectificación", o sea, la onda sinusoide generada por la AC (onda sinusoide es aquella que se lee en los osciloscopios) es cortada en sus picos y llanuras, formando así una curva cortada donde el diferencial de pluralidades se queda más cercano a la corriente, más "recta". Es básicamente una línea rayada. El puente de rectificación es hecho simplemente con cuatro diodos para cada dos fases. Los diodos funcionan como válvulas: la corriente se va,

pero no vuelve y tiene que ser conectados dos con la “colita” hacia abajo (terminal negativo) y los otros dos para arriba (terminal positivo). Lo que determina el sentido, es la línea que existe en el diodo, que dice para qué lado la corriente correrá. Conectando uno al otro por las dos puntas del diodo que restaron, son obtenidas las entradas de la AC.

Procure siempre sobrestimar el generador, pues enseguida a la rectificación hay una pérdida considerable de aproximadamente 2/3. Por ejemplo, si consiguió 21vAC, obtendrá solamente 7vDC.

La velocidad de rotación del generador es otra ecuación incomprensible, pues cuando usted dobla la velocidad, la corriente triplica. Esta especificidad me puso a desarrollar un generador con circunferencias menores, para poder girar más rápido sin estrés de los materiales. Imagine una rueda de bicicleta girando a 1200rpm, el sistema no debe soportar ni un año.

Para almacenar energía, utilicé en Canhambora seis baterías del no-break (12vDC/7Ah), llamadas estacionarias, selladas de baja manutención y reacondicionadas, que cuestan R$25,00 cada una. Una batería de coche cuesta R$120,00 y no soporta muchos ciclos de carga y recarga, debe durar, máximo un año, mientras las estacionarias (siempre relativamente a la demanda y uso) duran entre dos y cuatro años. Ya el no-break que tengo en casa está trabajando desde hace cinco años.

Para cargar las baterías, es importante pensar en la calidad de la carga. Para una batería de 12v, lo ideal es llegar hasta 14,5v (conforme los alternadores de coches), con bajo amperaje. Es la llamada carga lenta, que lleva más tiempo para cargar, sin embargo, dura más.

Enseguida del banco de datos de baterías, en la hipótesis de utilización de equipamientos con 110v, se puede utilizar un inversor 12vDC/110vAC. Caso no haya equipamientos 110v, podemos hacer la red eléctrica con 12v o menos. En Canhambora, hicimos toda la iluminación con sistema de LED, pues consume solamente 4,5v/800mA, o sea, en un banco de datos con seis baterías de 7Ah, tenemos 42. Ah, y el sistema LED utiliza en el máximo 1A, dejando 41A libres.

Para dimensionar el banco de datos de baterías, es necesario saber previamente el consumo en watts del establecimiento. Por ejemplo: una heladera 120w + 1 TV 80w + 150w de iluminación (10 lámparas económicas de 15w cada) = 350w.

Para saber cuántos watts usted tiene, es sólo multiplicar la tensión (volts) por la corriente (amperios). Por ejemplo: seis baterías de 7Ah cada una = 42Ah x 12vDC = 504w. Considere siempre la pérdida de 25% de la corriente entre resistencia, disipación térmica etc. Por ejemplo: seis baterías de 7Ah cada una = 42Ah x 12vDC = 504w. Considere siempre la pérdida de 25% de la corriente entre resistencia, disipación térmica etc.

25% de 504 = 126

504 – 126 = 378w

Por lo tanto, mi sistema comporta el consumo descrito anteriormente. El ideal es siempre dar un alivio para el sistema, como 400 o 500w. El banco de datos de baterías para el generador construido en Amazônia está con ocho baterías de 7Ah.

8 x 7 = 56Ah

56Ah x 12vDC = 672w

Para eso utilizo un inversor 700w y pretendo consumir solamente 400w con heladera, iluminación a LED, radiocomunicación 12v y baterías de radio, laptop, pilas recargables de

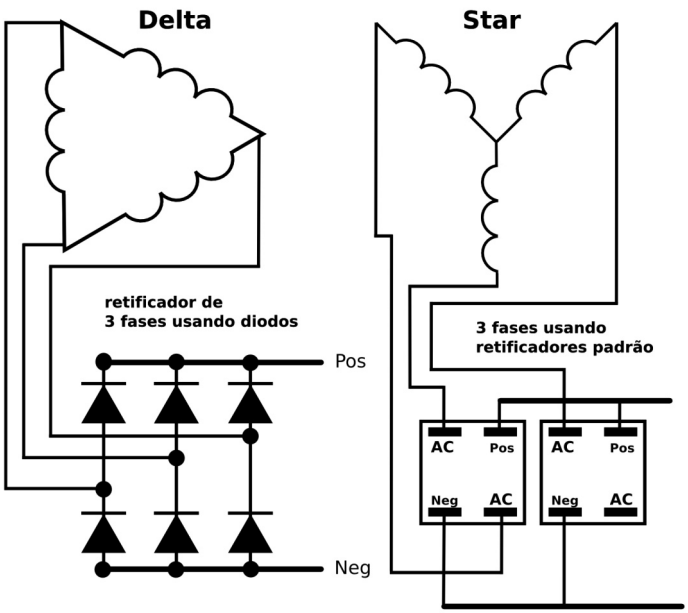
linternas.
El generador de Amazônia posee 120 imanes y 120 carreteles con 600 vueltas cada uno y diámetro de 0,4mm. Él consigue 30v en 1/2 fase a 400rpm.
Hay que acordarse siempre que conexiones en serie suman voltaje y en paralelo suman amperaje. Así, podemos conectar las fases en serie hasta llegar al voltaje deseada, para después conectar las restantes en paralelo para aumentar el amperaje.
Es mucha cosa para pensar, pero todos sabemos que, lo que es sustentable, fundamental, resulta en mucho más trabajo, más tiempo, por eso que el mundo prefiere quemar petróleo o inundar grandes áreas para las hidroeléctricas. Todo eso por lo más fácil.
Estoy en esta investigación desde sólo cuatro meses, pero ya aprendí mucho escudriñando y preguntando. Creo plenamente que todo el conocimiento adquirido tiene que ser compartido y difundido. Infeliz es aquél que quiere todo para uno mismo.
Cuando vuelva de Amazônia, publicaré un vídeo como el de la Reserva Canhambora. La idea es hacer vídeos-manuales de construcción de generadores con la basura tecnológica.
Suelo llamar este principio de ENERGÍA ALTERNATIVA "LIMPIADORA", pues va más allá de la energía LIMPIA por limpiar la basura tecnológica de las grandes metrópolis.
Siento que hay realmente una revolución en desarrollo.

Luchando siempre hasta otro comienzo, con las propias manos.

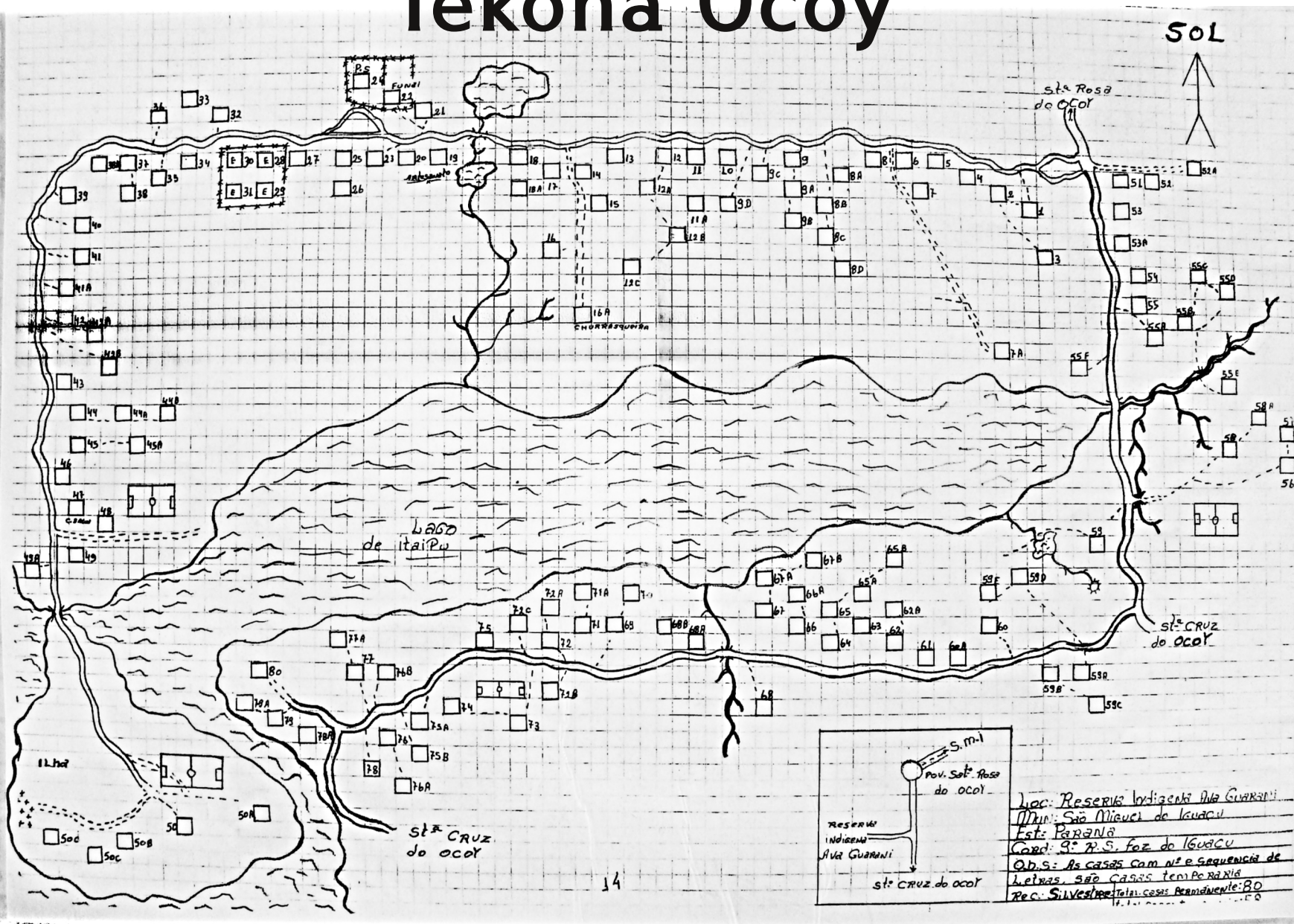
TODOS TENEMOS PODER

13 de noviembre de 2009
www.peetssa.com.br

[1]
http://www.youtube.com/watch?v=l-z0llgBNI4
http://www.youtube.com/watch?v=uWa5vC_KwSI



Tekoha Ocoy


SOL
Sta Rosa do OCOY
Funal
Lago de Itaipu
Sta Cruz do OCOY
Ilha
S.m.i
Pov. Sta Rosa do OCOY
Reserva Indigena Ava Guarani
Sta Cruz do OCOY
Loc: Reserva Indigena Ava Guarani
Mun: São Miguel do Iguacu
Est: Parana
Cord: 9º R.S. Foz do Iguacu
O.b.s: As casas com nº e sequencia de
Letras, são casas temporaria
Rec: Silvestre
Total casas Permanente: 80
14


S
SE
L
SO
O
NE
NO
N
unus erat toto naturae vultus in orbe
border
MDCCCLXX

dragão da nota de 100 dinheiros chinês
peixe da nota de 100 reais
mapa de ponta cabeça
rosa dos ventos
espada da cidade de londres
solano lopez
colono do brasão do paraná
macacos de charge paraguaia sobre a guerra do paraguai
MDCCCXV = 1870
brasão da província de misiones
olho da nota de dólar
brasão do brasil colonia de ponta cabeça
cruz de ponta cabeça = anzol
escrito em árabe e hebreu = cruzando a fronteira / cruzamento de fronteira
esguichando petróleo com sangue
metamorfosis
... faltou o darwin

pira veve guazu viru rogue sa chinape guava
pira pire rogue sa real
yvyra'anga ru'a aça
yvyture chaukaha
kyse puku tava londre pegua
solano lopez
chokokue paranaguá terakuâ porâ
ñorairoguazu upe paraguai regua ka'i pukará paraguaipe
MDCCCXV = 1870
terakuâ tetâ'i misiones
dólar rogue resa
chokokue brasil akâ ru'â terakuâ porâ
kuruzu akâ ru'â = pinda
tembihai árabe ha hebreope = ohasa tetârembey/jehasa
tetârembeyre
ita kyra tororô tuguyre
ñemoambue
... ndaipóri darwin

dragón del billete de 100 dinero chino
pez del billete de 100 reales
mapa al revés
rosa-de-los-vientos
espada de la ciudad de londres
solano lopez
campesino del blasón del paraná
monos del cursi paraguayo al respecto de la guerra del paraguay
MDCCCXV = 1870
blasón de la provincia de misiones
ojo del billete de dólar
blasón del brasil colonia al revés
cruz al revés = anzuelo
escrito en árabe y hebreo = cruzando la frontera / cruzamiento de frontera
chorreando petróleo con sangre
metamorfosis
... faltó darwin

Voltemos a 1955, meu pai tinha uma terrinha no Paraguai perto de Villarrica, quando surgiu um comentário sobre a construção de uma ponte entre o Brasil e o Paraguai. Lá nasceria uma cidade, um grande centro comercial que hoje é Ciudad del Este; na época chamava-se Puerto Flor de Lís, nome alterado na ditadura para Puerto Stroessner. Veio então a ideia de morar em Alto Paraná. Meu pai pensou:

"Venderemos esses 60 hectares de terra e vamos lá para a fronteira".

Vendeu 60 hectares por 55 mil guaranis, que hoje não paga uma passagem até Asunción. Quando chegou aqui percebeu que 10 hectares de terra custavam 70 mil guaranis. O dinheiro de 60 não deu para pagar 10. Pagou 40 mil guaranis à vista e financiou o resto em 10 anos, para ficar com 15 mil no bolso, isso em 1957. Meu pai veio para construir a ponte. Eu cheguei aqui com 5 anos, praticamente não havia cidade ainda, era terra de ninguém, fomos uma das primeiras famílias a chegar nesse lugarejo. Não se sabia onde terminava o Paraguai e começava a Argentina ou o Brasil.

■■■



Extratos da fala de Francisco Amarilla no encontro do dia 5 de janeiro de 2010 em Foz do Iguaçu.

A FRONTEIRA POR UM CONHECEDOR

Essa mata imensa meu pai sempre pensou em preservar, conhecer, guardar suas árvores, deixar que elas crescessem, por isso que virei ambientalista. Cresci conhecendo os lugares, as comunidades indígenas, seus rios. Meu pai não era guia, era um conhecedor. Através dele, aprendi a interpretar o que a mata ensina.

■■■

Em 1903, quando levantaram o marco das três fronteiras, o sargento José Maria de Brito fez o primeiro acordo internacional e determinou um mapa de onde seria a fronteira. A região do Rio Paraná dividiria o Brasil do Paraguai, e o Rio Iguaçu dividiria o Estado do Paraná da Argentina. Desse fato nasceu a tríplice fronteira que conhecemos hoje. Até então se falava o guarani, a moeda ainda era o guarani. Era um lugar comandado pelos paraguaios, onde hasteava-se a bandeira paraguaia.



Esses dias fui visitar os Aché; o cacique vestia uma camiseta dos Rolling Stones, um relógio suíço, meias Adidas e chinelos Havaianas, um show, cinco culturas num só homem, um indígena.

▪▪▪

Chama-se de índio uma pessoa porque nasceu no mato; a meu ver é uma palavra equivocada, pois são na realidade nativos. Hoje nós podemos chamar de comunidade, em vez de aldeia indígena. Inclusive chamá-los de "indiarada" é uma forma muito baixa para eles, soa como gentalha, pessoas com quem não se deve se juntar. Os Guarani não são gente de contar histórias, são de responder perguntas, e há uma série de perguntas que não adianta fazer a eles, simplesmente porque não irão responder, por exemplo: “Como se faz um parto ou um enterro?”. Você tem que ver ou vivenciar se quiser saber.

▪▪▪

O que mais me marcou na época da construção de Itaipu, além da vinda das máquinas e turbinas, foi como as pessoas foram sendo retiradas de seus lugares com o crescimento do lago. Esse acontecimento trouxe o progresso e Itaipu exerce uma influência muito grande em toda essa região. Inclusive nas comunidades indígenas, onde interfere. O povo indígena perdeu boa parte de suas terras, a água invadiu suas áreas; essa pode ser considerada a parte mais triste dessa história, pois os Guarani se apegam muito ao seu cantinho, ainda mais um povo de 5.200 anos, sentiram muito de ter que abandonar seus cemitérios. Até o alagamento, a comunidade Acaray era da mesma tribo que havia em Foz do Iguaçu. Viviam nas margens do Rio Paraná, atravessavam de canoa para visitar seus parentes. Quando a água começou a subir, disseram a eles: “Vocês vão ter que sair, pois a água vai chegar até aqui”.

Foi como um despejo. Então levaram essas pessoas para uma comunidade em Diamante d'Oeste chamada Tekoha Añetete, que, entre aspas em negrito e vermelho, significa “moradia de verdade”. Há parentes que são da mesma comunidade e que jamais se visitaram. O lago dividiu o povo, gerou um problema, tornaram-se os guarani-paraguaios e os guarani- brasileiros; isso não existe. Índio é índio, onde ele pisar é a terra dele. Apesar de hoje em dia quase todos falarem o espanhol ou o português, não adianta chamar um indígena de paraguaio ou brasileiro, porque eles respondem: “Eu sou Guarani. Nós somos Guarani, os paraguaios e brasileiros vieram depois". Os Guarani, por serem receptivos, sofreram muito nas mãos dos jesuítas, bandeirantes e colonizadores. Eram conhecedores da região, de toda a América Latina. Sabiam onde estavam o ouro, os metais, só não sabiam exatamente o que eram. Sofreram e sofrem muito até hoje. Antes eram nômades; hoje, pelo fato de não haver mais território

para andar, são seminômades. Mesmo assim se mudam constantemente, levantam uma casa aqui e, três a quatro meses depois, a casa está ali ou lá na frente. Eles sentem necessidade de sair do mesmo ponto inicial. Como não há mais para onde irem, vão dando volta. Essa necessidade faz parte da espiritualidade deles.

▪▪▪

Tudo isso aqui se chamava Nação Guarani. O mais curioso – e não sei se os índios Guarani tinham conhecimento ou é coincidência – é que o Aquífero Guarani está localizado exatamente embaixo do território guarani.

▪▪▪

Os europeus ficaram sabendo que essa região era muito rica em prata e ouro, então enviaram "espiões" para fazerem o levantamento completo da região. Fizeram uma pesquisa completa sobre a cultura guarani. Souberam no que eles acreditavam, seus deuses etc.; e em cima desse laudo criaram a chamada Companhia de Jesus. Os jesuítas vieram para evangelizar, chegaram com toque de flauta e ravé, foi um choque cultural do dia pra noite. Mas como seria difícil dominar os índios em plena selva, construíram as chamadas "reduções", para onde levavam índios de toda parte e que, literalmente, reduziam cinco a seis tribos em um só lugar.

▪▪▪

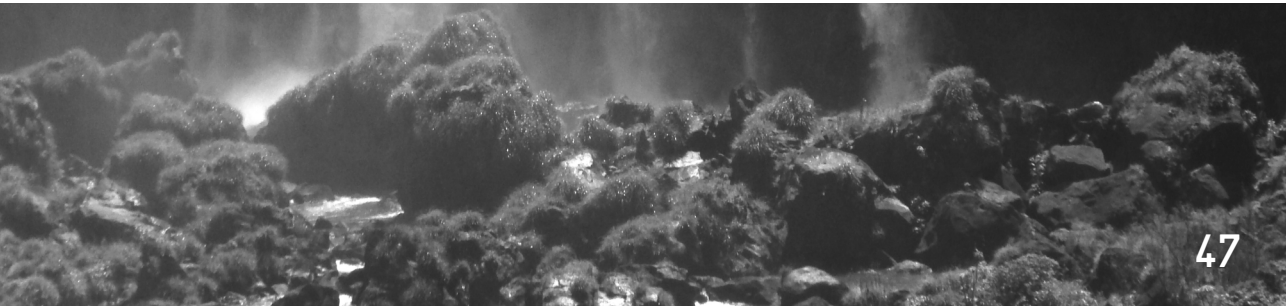
Antigamente, a maior alegria de um índio era uma boa caça, sair para o mato e trazer a sobrevivência mesmo. Esses dias viajei para o sul do Paraguai. Cheguei em uma comunidade e o cacique estava muito doente e lembro de seu depoimento: "Como eu queria ir para o mato", então eu disse: "Mas você está tão doente, por que quer ir para o mato?" e ele me respondeu: "Porque no mato tem a cura". E sabe a quantos quilômetros se encontrava a mata mais próxima? 35 quilômetros. Entrar na mata cura dor de cabeça, cansaço, medo, enfim, a mata tem a cura deles, mas hoje não tem mais. Se oferecer 35 hectares de terra batida ou 100 metros quadrados de mato a um índio, sabe qual deles ele vai escolher? O mato; tudo de que eles precisam está no mato. Mas não está sobrando mais nada, se você sobrevoar Guaíra até Posadas ou Encarnación, não há mais mata.

▪▪▪

Hoje, em Foz do Iguaçu, há em torno de 38 favelas, numa cidade de aproximadamente 320 mil habitantes. Quase todas as favelas foram geradas com a construção de Itaipu, esse é o lado negativo do progresso. Muitas pessoas vieram pensando que aqui era o Eldorado, que iriam conseguir trabalho e ganhar muito dinheiro. Grande parte foi parar nas favelas.

▪▪▪

Aqui é uma babilônia, está tudo misturado, aqui ninguém fala bem o espanhol, nem o português ou o guarani, falam tudo misturado. É o charme da fronteira.



PETEÎ OIKUAA PORAVÂ TETA REMBE' Y

Mombe'upyre Francisco Amarilla pe jotopa po ára pe jasyteî 2010 Foz do Iguaçu pe.

Jajevy 1995 pe, Che ru oreko kuri peteî yvy Paraguay pe aguîete Villarricagui, oñepyru ñehendú pe yvyro rasa apo Brasil ha Paraguay ndi. Upepe heñóita peteî tava, peteî ñemuha tuvichava haeva ko ânga Ciudad del Este; uperamo guarê heravakue Puerto Flor de Lis, tera oñemyenkoviava pe poatâ ronguare Puerto Stroessner. Upepe ou pe ñemongueta jeiko hâgua Alto Paranáme. Che ru opensa: "Ñavende umi poteî pa hectárea pe yvy ha jaha amo yrembe'yvo". Ohepyme'ê poteîpa hectárea popa posu guaraní, ko ânga guarã ni Paraguaîpe nde repagai pasaje pevare. Oguahêvove ape oñandu pa hectárea yvy ovaleva pokôi pasu guaraní. Pe pira pire pateî pa nome'êi jepaga hâgua pa. Opaga kuri yrundy su guaraní papapyre ha hepyme'ê hembyre pa ary, opyta hâgua papo su ivolsillope, upea pe 1957. Che ru ou ojapo hâgua pe yvyro rasa. Che aju ape po ary, uperamo naipori gueteri tava, yvy ijara ynva, ore ha'e umi oguahe ypy vaekue ko arupi. Ndojekuaaiva moopa opa Paraguay ha oñepyrû Argentina terâ Brasil.

...

Pe 1903, oñemopu'â pe mbohapy rembe'y, sargento José Maria de Brito ojapo kuri peteîha ñembopy'a peteî tetâpavêgua ha omoî pe mapape mamo guivepa pe rembe'y. Pe tenda Ysyry Paraná omboja'ota Brasil Paraguay gui, ha pe Ysyry Iguaçu omboja'ota pe Tava Paraná Argentina gui. Pe'âvagui heñói pe mbohapy rembe'y jaikuava ko anga. Uperamo oñeñe'ê guaraní, pe viru ha'egueteri kuri guaraní. Upe tenda oñangareko vaekue paraguayo kuera, ojehupi pe ñane reta poyvi Paraguay.

...

Upe kaaguy tuvichava Che ru ogueropensa oñangarekovo, oikuaa, oñongatu umi yvyra kuera, jeheja tokakuaa, upevare ko che hegui oiko tekoha ñangarekoha. Akakuaa aikuapype umi tenda, tavaeta avakuera, ysyry. Che ru ndaha'ei sambyhyha, katu ha'e oikuaa porâva. Ha'e rupi, aprende antende pe kaaguy ñane mbo'eva.
Ko'a ára rupi aha ambohupa umi Achepe; pe cacique omonde camiseta Rolling Stones, peteî relo suizo, pyao Adida ha zapatilla Havaiana, peteî yopara, po cultura peteî tapicha ava rehe.

...

Ojehero ava peteî tapichape heñói haguere kaaguype; che ahechavaí ojepuru vai pe'a pe ñe'ê, añetehape ha'e kuera ha'e ypygua. Ko ânga ñande ikatu ñahenói tavaygua ha anive indio raity (tava ypygua) oî ohenóiva "indioeta" ivaietemi peicha ja'e ichupekuéra, hyapu ichupekuera mbya, tapicha ikatuyva ñane aty hendie.Umi guarani nguera ndaha'ei omombe'uva tekovekue, no mbohovaiva ñeporandúpe, ha oî heta ñeporandú nderejapóivaerâ voi ichupekuera, nomohovai mo'ai: "Mba'eicha jejapo membyrâ terâ ñeñoty?". Nde rehechavaerâ terâ rehasavaerâ reikuaaséramo.

...

Pe Itaipú jejapo ronguare che mandu'a, ouramo umi maquinaita ha pe turbina

nguera, jahecha umi tapicha ojeipe'a heko hagui upe y oñemyenyhevo. Âva oikovaekue ogueru ñekarapu'â ha Itaipú oñemombarete tuicha upérupi. Avei umi tava ava oîhame, upepe omo ambueva. Pe tava ava kuera ningo ojeipe'a ichugui kuera tuvicha yvy, pe y omyanyhe oparupi, umiva la itriste etereiva ojehasavaykue, umi Guaraní nguera ohayhuimi hekoha, peteî tava 5200 ary ma oî hague, hasy asy ichupekuera oheja pe tyvyty. Pe ysyrysê, tava Acaray ha'e pe tribu oîva avei Foz do Iguaçu pe. Oikovéva pe Ysyry Paraná rembe'yre, ohasava kanoame ombohupavo ipehengue kuerape. Upe y oñepyrû ojupi, he'i hikuái: "Pe'ê peseta mante, pe y oguaheta apeve". Ha'ete peteî ñemosê. Upevare ogueraha umi tapichape peteî tava Diamante d'Oeste heropy Tekoha Añetete, he'iseva "tekoha añetete". Oî pehengue ha'eva pe tava pegua avéi ha ndojohechaiva upe ára peve. Pe y omboja'o pe tava, ogueru peteî problema, ojevy guaraní-paraguayo ha umi guaraní-brasilero; umiba ndaipóri. Ava ha'e ava, opyruhame ha'e pe yvy imba'e. Ko angarupi haime entero oñe'ê karai ñe'ême terâ portugués, ndaikatui ñehenói indígena pe paraguayo o brasilero, he'í ha'ekuera: "Che ha'e Guaraní. Ore ha'e Guaraní, umi paraguayo ha brasilero ou uperire". Umi Guaraní imba'e porá rupi, ohasa asy umi jesuíta, bandeirante ha colonizador poguype. Hikuái oikuaa porá umírupi, América Latina tuvicha kuejave. Oikuaa mamópa oî itaju, kuarepotinguera, ndoikuaainte mba'epa âva ra'e. Ohasa asy vaekue ha gueteri ko anga peve. Ymami ndopyta arei mamove; ko anga guarâ nda iporivéima yvy oiko hâgua, opyta ha ndo pytáipe oiko hikuái. Upeicha Omo ambu'e py'inte, omopu'â ko'ápe peteî óga ha, mbohapy terâ irundy jasyho rire, pe óga oî Pepe terâ amo tenonde. Hikuái oñandu tekotevê osê pe oî ypy haguegui. Nda iporiveimaramo mamopa ohovo, ojere pe oikohare. Pe tekotevê ha'e heko ánga porâva hikuái.

...

Entero âva mba'e ko ápe ojeherova Tava Guaraní. Igustomí ningo – ndaikuáai umi ava Guaraní nguera pa oikuaa o terâ okoincidi – ha pe yrape Guaraní oî ko tenda guaraní guype.

...

Umi europeo opyta oikuapente oîha árupi heta kuarepotî ha itaju, upéi ombo'u "pyrague" omombe'u hâgua mba'epa oî upepe. Ojapo hikuái peteî japyteka pe guaraní reko oikuaamive hâgua hikuái. Oikuaa mba'epa oguerovia hikuái, iñandejara, etc. Ha péa ári ojapo hikuái pe compañía de Jesús. Umi jesuita ou oevangelizavo, oguahê ombopu mimby ha rabel, peteî ñombotá porâ pyhare ko'eme. Hasyetemita osamyhy umi avape kaaguype, ojapo hikuái pe "avakuéra ñembyaty", upepe ogueraha ava oparupiguá, otavy'o po tera poteî tribu peteî tendape.

...

Miami, vy'a tuvichavéva peteî avape ha'e ojucaramo vicho, osêvo pe kaaguype ha ogueru peteî guasu ha kuré kaaguy, âva ro'o ho'usemi. Ko anga, maymava oporandurámo caciquepe mba'epa pe ombovy'avéva chupe?, ha'e heita "aikove gueteri", añete hape jeikove. Umi árape aha pe yvýgotyo Paraguaype. Aguahê peteî

tavape ha pe cacique asyete ha che mandu'a pe ñe'êre: "Ahasetepa pe kaaguype", che ha'e chupe: "mba'eichaiko rehota nderasy ningo, maerâiko rehosê pe kaaguype? ha'e he'i cheve: "Pe kaaguype oî pe pohâ". Ha eikua pico mboy kilometro oî pe kaaguy hi'âguivéva? mbohapy pa po kilometro. Reike ramo kaaguype ohasa akâ rasy, kane'ô, kyhyje, entero mba'e pe kaaguy oreko pohâ, ko ánga ndorekoveima. Ojekuâve'ê mbohapy pa po hectárea yvy jeporupyre tera su metro cuadro kaaguy ava pe guara, Reikua pico mavapa oiporavota pe ava? Pe kaaguy; entero umi hemirekotevê oî kaaguype. Na hembyveiteko mba'eve, nde revevéramo pepo atâme Guaíra ári Posada terâ Encarnación ári, ndaipóriveima kaaguy.

...

Ko anga, Foz do Iguaçu, oî mbohapy pa poapy tavai mboriahu, peteî tava oîhame 320 su yvypóra. Haime entero umi mboriahu ou pe Itaipu jejapo rupi, âva mba'e vaí ogueru pe ñekarapu'â. Heta tapicha oimo'â ape ra'e El Dorado, okonseguitaha komchavo ha oganata heta pira piré. Heta ohova opyta umi tavai mboriahupe. Ape ha'e pe apañuái, imbatarapaite ko ápe, ápe avave no ñe'ê porâi karai ñe'ê, ni portugue ha guaraní, oñe'ê joparapaite. Péa ha'e porombohorýva pe tetârembe'yre.

■■■

LA FRONTERA POR UN CONOCEDOR

Extraído del relato de Francisco Amarilla en el encuentro del día 5 de enero de 2010 em Foz do Iguaçu.

Volvamos a 1995, mi padre tenía un terreno en Paraguay cerca de Villarrica, cuando surgió un comentario sobre la construcción de un puente entre el Brasil y el Paraguay. Allá nacería una ciudad, un gran centro comercial que hoy es Ciudad del Este; en la época se llamaba Puerto Flor de Lis, nombre alterado en la dictadura para Puerto Stroessner. Viene entonces la idea de vivir en Alto Paraná. Mi padre pensó: "Venderemos esas 60 hectáreas de tierra y vamos allá para la frontera". Vendió 60 hectáreas por 55 mil guaraníes, que hoy con eso no paga un pasaje hasta Asunción. Cuando llegó aquí percibió que 10 hectáreas de tierra costaban 70 mil guaraníes. El dinero de 60 no dio para pagar 10. Pagó 40 mil guaraníes al contado y financió el resto en 10 años, para quedar con 15 mil en el bolsillo, eso en 1957. Mi papá vino para construir el puente. Yo llegué aquí con 5 años, prácticamente no había ciudad todavía, era tierra de nadie, fuimos una de las primeras familias en llegar en ese lugar. No se sabía dónde terminaba Paraguay y comenzaba Argentina o Brasil.

...

En 1903, cuando levantaron el marco de las tres fronteras, el sargento José María de Brito hizo el primer acuerdo internacional y determinó un mapa desde dónde sería la frontera. La región del Río Paraná dividiría Brasil de Paraguay, y el Río Iguaçu dividiría el Estado de Paraná de Argentina. De ese hecho nació la triple frontera que conocemos hoy.

Hasta entonces se hablaba el guaraní, la moneda todavía era el guaraní. Era un lugar comandado por los paraguayos, donde se izaba la bandera paraguaya.

...

Esa selva inmensa mi padre siempre ha pensado en preservar, conocer, guardar sus árboles, dejar que ellos crezcan, por eso que volví ambientalista. Crecí conociendo los lugares, las comunidades indígenas, sus ríos. Mi padre no era guía, era un conocedor. A través de él, aprendí a interpretar lo que la selva nos enseña.

...

En estos días me he ido a visitar a los Aché; el cacique vestía una camiseta de los Rolling Stones, un reloj suizo, medias Adidas y zapatillas Havaianas, un show, cinco culturas en un solo hombre, un indígena.

...

Se llama indio a una persona porque nació en el campo; a mi modo de ver es una palabra equivocada, pues en la realidad son nativos. Hoy nosotros podemos llamar de comunidad, en ves de aldea indígena (comunidad indígena) Inclusive lo llama de "indiarada" es una forma muy baja para ellos, suena como chusmas, personas con quienes no se deben juntarse. Los Guaraníes no son gente de contar historias, son de responder preguntas, y hay una serie de preguntas que no se debe hacer a ellos, simplemente porque no responderán, por ejemplo: "¿Cómo se hace un parto o un entierro?". Tú tienes que ver o vivenciar si quieres saber.

...

El que más me marcó en la época de la construcción de Itaipú, a más de la venida de las máquinas y turbinas, fue cómo las personas fueron siendo retiradas de sus lugares con el crecimiento del lago. Ese acontecimiento trajo el progreso e Itaipú ejerce una influencia muy grande en toda esa región. Inclusive en las comunidades indígenas, donde interfiere. El pueblo indígena perdió buena parte de sus tierras, el agua invadió sus áreas; esa puede ser considerada la parte más triste de esa historia, pues los Guaraníes se apegan mucho a su terruño, todavía un pueblo de 5200 años, sintieron mucho de tener que abandonar sus cementerios. Hasta la inundación, la comunidad Acaray era de la misma tribu que había en Foz do Iguaçu. Vivían en las márgenes del Río Paraná, cruzaban en canoas para visitar sus parientes. Cuando el agua comenzó a subir, dijeron a ellos: "Ustedes van a tener que salir, pues el agua va a llegar hasta aquí". Fue como un desalojo. Entonces llevaron a esas personas para una comunidad en Diamante d'Oeste llamada Tekoha Añetete, que, entre comillas, en negritos y rojo, significa "vivienda de verdad". Hay parientes que son de la misma comunidad y que jamás se visitaron. El lago dividió el pueblo, generó un problema, se volvieron guaraníes-paraguayos y los guaraníes-brasileros; eso no existe. Indio es indio, donde él pisa la tierra es de él. A pesar de hoy en día casi todos hablaren el español o el portugués, no adelanta llamar a un indígena de paraguayo o brasilero, porque ellos responden: "Yo soy Guaraní. Nosotros somos Guaraní, los paraguayos y los brasileros vinieron después". Los Guaraníes, por ser receptivos, sufrieron muchos en las manos de los jesuitas, bandeirantes y colonizadores. Eran conocedores de la región, de toda

América Latina. Sabían dónde estaban el oro, los metales, sólo no sabían exactamente qué eran. Sufrieron y sufren mucho hasta hoy. Antes eran nómadas; hoy por el hecho de no tener más territorio para andar, son seminómadas. Mismo así se cambian constantemente, levantan una casa aquí y, tres a cuatro meses después, la casa está allí o allá adelante. Ellos sienten necesidad de salir del mismo punto inicial. Como no hay más para donde ir, van dando vuelta. Esa necesidad hace parte de la espiritualidad de ellos.

...

Todo eso aquí se llamaba Nación Guaraní. El más curioso – y no sé si los indios Guaraníes tenían conocimiento o era coincidencia – es que el acuífero Guaraní está localizado exactamente debajo del territorio guaraní.

...

Los europeos se quedaron sabiendo que esa región era muy rica en plata y oro, entonces enviaron "espías" para hacer el levantamiento completo de la región. Hicieron una investigación completa sobre la cultura guaraní. Supieron en lo que ellos creían, sus dioses, etc.; y encima de ese argumento crearon la llamada Compañía de Jesús. Los jesuitas vienen para evangelizar, llegaron tocando flauta y rabel, fue un choque cultural del día para la noche. Más como sería difícil dominar a los indios en plena selva, construyeron las llamadas "reducciones", para donde llevaban indios de toda parte y que, literalmente, reducían cinco a seis tribus en un solo lugar.

...

Antiguamente, la mayor alegría de un indio era una buena caza, salir para la selva y traer un anta o un jabalí, sus carnes predilectas. Hoy, si alguien pregunta para el cacique cuál es su mayor alegría, él va a responder "estar vivo", se trata de sobre vivencia misma. Esos días viajé para el sur de Paraguay. Llegué a una comunidad y el cacique estaba muy enfermo y me recuerdo de su afirmación: "Cómo yo quería ir para la selva", entonces yo digo: "Pero tú estás tan enfermo, ¿para qué quieres ir a la selva?" y él me respondió: "Porque en la selva está el remedio". Y sabe ¿a cuántos kilómetros se encontraba la selva más próxima? 35 kilómetros. Entrar en la selva cura dolor de cabeza, cansancio, miedo, en fin, la selva tiene remedio para ellos, pero hoy no tiene más. Se ofrece 35 hectáreas de tierra gastada o 100 metros cuadrados de bosque a un indio, ¿sabe cuál de ellos él va a elegir? La selva; todo lo que ellos necesitan está en la selva. Pero no está sobrando más nada, si tú sobrevuelas Guaíra hasta Posadas o Encarnación, no hay más selva.

...

Hoy, en Foz do Iguaçu, hay en torno de 38 comunidades marginales, en una ciudad de aproximadamente 320 mil habitantes. Casi todos los marginales fueron generadas con la construcción de Itaipú, ese es el lado negativo del progreso. Muchas personas vienen pensando que aquí era El Dorado, que irían a conseguir trabajo y ganar mucho dinero. Gran parte fue a parar en los marginales. Aquí es una babilonia, está todo mezclado, aquí nadie habla bien el español, ni el portugués o el guaraní, hablan todo mezclado. Es el atractivo de la frontera.

■■■

O CHORO DAS CATARATAS,

O CHORO DAS CATARATAS
E QUASE COMO UM CLAMOR
PEDINDO A NOSSO SENHOR
NADA QUE SEJA DEMAIS
O QUE ACONTECEU POR AQUI
A MUITOS ANOS ATRAZ
QUE DEUS SEJA TÃO BONDOSO
NÃO DEICHE ACONTECER MAIS
ERA UM CANTO TÃO BONITO
PERFEITO NINHO DE PAIZ
POR UM PEDAÇO DE TERRA
DOIS PAIZ ENTROU EM GUERRA
O BRASIL E O PARAGUAI
QUANTAS SENHORAS VIUVAS
QUANTOS FILINHOS SEM PAI

DENTRO DE TÃO POUCAS LINHAS
NÃO POSSO FALAR BASTANTE
DE UM PAIZ TÃO PEQUENO
E OUTRO QUE É UM GIGANTE
MAI QUANDO FIZÃO AS PAZ
SE DANDO COMO IRMÃOS
SE UNIRÃO, SE DERAM AS MÃOS
NUN RESPEITO TÃO PROFUNDO
SE UNIRAM E CONSTRUIRAM
A MAIOR UZINA DO MUNDO
QUE DA PRA VER LÁ DA LUA
VIROU UM NINHO DE RIQUEZA
E A MIZERIA CONTINUA
TEM GENTE PASSANDO FOME
MUITA CRIANÇA NA RUA

JANDAIA

Quando criança, trazia em meu imaginário uma visão fantasiosa de Foz do Iguaçu. De um lado, uma usina gigante, enorme mesmo! Do outro lado, duas cachoeiras imensas – as Cataratas do Iguaçu e, no meio, uma cidadezinha de Lego, com uma estrada que a cortava no meio – BR-277, saída para o Paraguai. A questão da tríplice fronteira me intrigava. Eu não sabia direito o que isso significava.

Depois cresci e vim morar em Foz. A imagem não mudou: uma cidadezinha de Legos coloridos, porém com algumas peças um pouco velhas e descuidadas. Entre as peças correm pessoas criativas e sonhadoras, que ora lutam contra o calor de mais de quarenta graus, ora contra o frio de zero grau e muita umidade, mas seguem sempre produzindo. Talvez o verão as deixe tão inquietas e o inverno tão incomodadas que isso ativa um botãozinho para saírem buscando ideias sobre como melhorar o que as incomoda.

Um de meus primeiros trabalhos como profissional das Artes Cênicas foi a interpretação no espetáculo A Matita, uma aventura orgânica, produzido pela Linha Ecológica de Itaipu. O espetáculo tem concepção cênica da Fátima Ortiz e foi escrito pela Fabra Morata. O espetáculo foi apresentado por três grupos para as escolas de 16 municípios. Eu fazia a primeira das várias turnês pelas pequenas cidades, que juntas colaboram para a geração de 20% da energia demandada pelo País, gerada pela usina de Itaipu.

A experiência foi ótima. Levamos arte para comunidades e crianças que jamais haviam visto um espetáculo de teatro. Os seres mágicos ali presentes narravam princípios de Educação Ambiental e a arte cumpria sua função: a reflexão. Plim!

Moacir Ferreira

A Carta da Terra norteou as oficinas de Educação Ambiental realizadas em 2009. Discutindo a atualidade global, nos fez olhar para o nosso planeta e vê-lo como um Lar. Esse era um dos desafios que cumpríamos. A imagem dos Legos agora se ampliava. Somos todos parte desse jogo de peças coloridas, em que cada um tem uma importante função. A forte presença de estrangeiros, indígenas e pessoas de todas as cores, raças e credos é notória. Esta região recebe e abraça tantos estrangeiros, diariamente. E todos vivem em harmonia. A região é uma babel.

O Parque Tecnológico de Itaipu certamente é um coletivo de importantes “Legos”, um espaço inovador onde pequenas empresas se tornam reconhecidas – como é o caso da Educare. Os projetos são gestados por pessoas comprometidas, que sonham com um mundo mais justo em todas as esferas. Um delicioso delírio coletivo que, aos poucos, se transforma em realidade. “Quizás” um dia possa também participar das necessárias transformações na produção cultural desta região, que cada dia são mais prementes.



TÁVA LEGO

Che mitâme, ou che akame pe kera yvoty Foz do Iguacu regua. Tuvicha, iporo'ova! Avei mokôi ytororô guazu – mbytepe, oî táva-í ha tape omboja'ova mbytérupi ohasa BR 277 ko táva-í osê Paraguay'o. Ku mbohapy tetâ rembeyre che mo angatava. Ndai kuaiva añete hape mba'epa he'ise.

Che tuvicharire ajumi aiko Foz pe. Ahechavakue che kepe na iñambueve'i: peteî taba-i mbatara, ha heta pehengue ituja umi jere reko vaigui. Umiva apytepe oî teko katupyry ha ykerayvotyva, ojepytasôva kuarahy aku 40 mbovy ha oñemo'î ro'y papa'ý mbovy ha he'ôeta ha moñemoña katuinte. Ikatu ara aku ndo mombytái ha ro'y ndo hejái py'a tyaipe ichupekuéra, ha oguenohê ichupe kuéra ohekavo ambue akâ reñoi omoporâve hâgua heko.

Che rembiapo ypykue ku mba'e porâ hechapyrâ jehechaukavakue A Matita ha'eva tekorembiasare apopyre Línea Ecológica de Itaipú. Ko hechaukapy oreko Fátima Ortiz omoguahêva ñandeve ha ohai Fabra Morata. Ko hechaukapyre omoguahe mbohapy aty mbo'ehaope ha popateî kuairóga. Che ajapo upe peteî heta apytegui pe ñepyru umi táva-i, oñondivepa oñopytyvô ohupity hâgua 20% pe y mbarete oikotevevâ pe tetâ, ome'eva usina Itaipú.

Pe japopyre iporâva. Rogueraha mba'e porâ umi aty no'oharupi ha umi mitâ ndohecháiva tembiapo teatrope jehechaukapy. Upepe omombe'u ñepyru mbo'epy tekoharegua ha pe mba'e porâ ogueru: jesarekorâ. ¡Plim!

Kuatia ñe'ê yvy regua ombopyenda mbo'epy tekoha japopyre pe 2009. Ñemongetarâ ko'ânga enteroitepe ñanemomaña ñane kuarahy ra'ýre ha ña ñandú ñane róga ramo. Upeva ha'e peteî ñorairô reñói romboaje. Pe ta'anga Legos ko'anga tuichave ohovo. Ko anga roimema pe Lego ryepype ku ñemusaráipe guáicha akytâ mbatara, oîhame peteî oreko hembiapo. Imbarete pytagua ñe'ê, ava, ha teko opaichagua jahecha ha jatopa. Ko'árupi oguahê ha oñañuva heta tetâ ambueguape ko'ere. Ha opávave oiko peteî ñe'eme. Perúpi ha'e peteî iñapajuâi.

Pe Parke Tecnológico Itaipu añete ha'e heta pehengue "Legos" oîha pa'u ñemuha pyahu michiva ojeikua'ava ohovo – Educare umivaichagua. Umi tembiaporâ omombarete teko oñerremangaba ndive, oipotava ko arapy ikatu hape oî tekojoja opárupi. Ko'â jepota'eta michi, michime ñamoañetegua "ikatu" peteî ára ikatu avei ñamo ambu'e jajapo iporâva ko árupi tekotevêteva ko'ê ko'êre.

Cuando niño, traía en mi imaginación una visión fantasiosa de Foz de Iguaçu. Por un lado, una usina gigante, ¡grandísima misma! Por otro lado, dos cascadas inmensas – las cascadas del Iguacu y, en el medio, un pueblito de Lego con una ruta que cruza la pequeña ciudad – BR 277, salida para Paraguay. La cuestión de la triple frontera me intrigaba. Yo no sabía lo cierto, no tenía idea de lo que eso significaba.

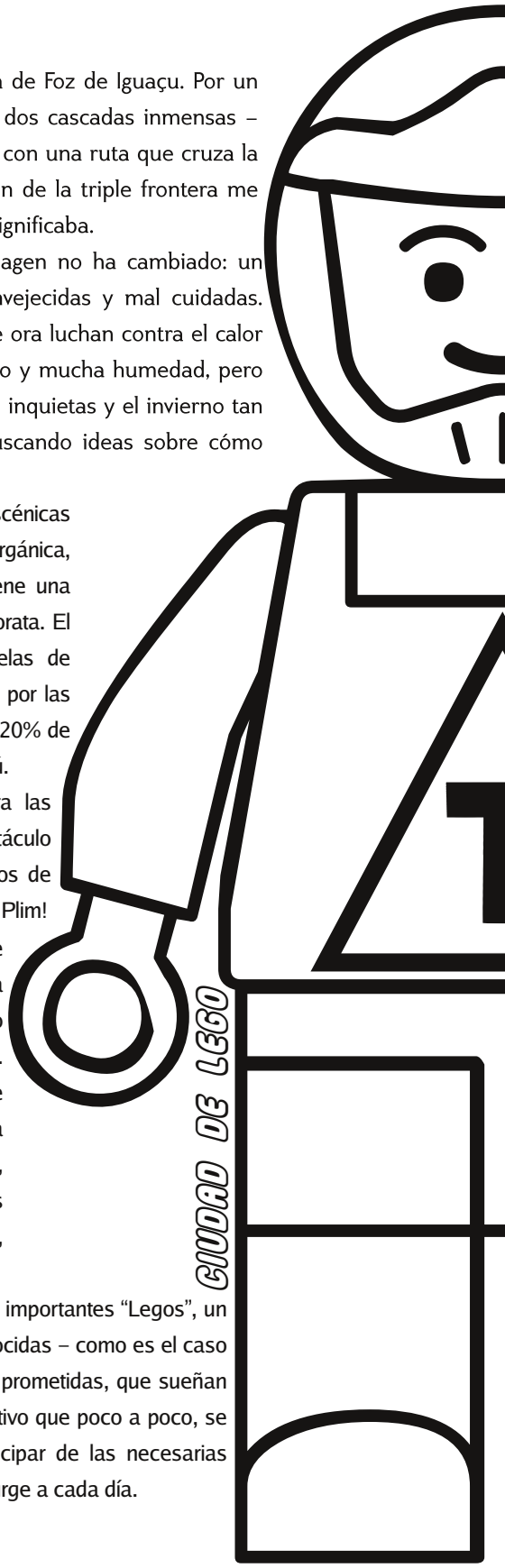
Así que crecí y con más edad, vine a vivir en Foz. La imagen no ha cambiado: un pueblitos de Legos coloridos, pero con algunas piezas envejecidas y mal cuidadas. Entre las piezas corren personas creativas y soñadoras, que ora luchan contra el calor de más de cuarenta grados, ora contra el frío de cero grado y mucha humedad, pero siguen siempre produciendo. Tal vez el verano las dejen tan inquietas y el invierno tan incómodas y los incómodos de la vida las hacen salir, buscando ideas sobre cómo mejorar las incomodidades.

Uno de mis primeros trabajos como profesional de las artes escénicas fue la interpretación en el espectáculo A Matita, una aventura orgánica, producido por la Línea Ecológica de Itaipú. El espectáculo tiene una concepción escénica de Fátima Ortiz y fue escrito por Fabra Morata. El espectáculo fue presentado por tres grupos para las escuelas de dieciséis municipios. Yo hacía el primer de los varios itinerarios por las pequeñas ciudades, que juntas cooperan para la generación de 20% de la energía demandada por el país, generada por la usina de Itaipú.

La experiencia ha sido excelente. Hemos llevado arte para las comunidades y para los niños que jamás habían visto un espectáculo de teatro. Los seres mágicos allí presentes narraban principios de Educación Ambiental y el arte cumplía su función: La reflexión. ¡Plim!

La Carta de la Tierra ha fundamentado las oficinas de Educación Ambiental realizadas en 2009. Los debates sobre la actualidad global, nos hizo mirar para nuestro planeta y sentirlo como nuestro hogar. Eso era uno de los retos que cumplíamos. La imagen de los Legos ahora creció. Somos todo parte de ese juego de piezas coloridas, en que cada uno tiene una importante función. La fuerte presencia de extranjeros, indígenas y personas de todos los colores, etnias y credos es notoria. Esta región recibe y abraza tantos extranjeros, diariamente y todos viven en armonía. La región es una babel.

El Parque Tecnológico de Itaipú ciertamente es un colectivo de importantes “Legos”, un espacio innovador donde pequeñas empresas se tornan reconocidas – como es el caso de Educare. Los proyectos son gestionados por personas comprometidas, que sueñan con un mundo más justo en todas las esferas. Un deseo colectivo que poco a poco, se transforma en realidad. “Quizás” un día pueda también participar de las necesarias transformaciones en la producción cultural de esta región, que urge a cada día.







A pantalha: noir do tempo

Jepejuha: noir aja

La pantalla: noir del tiempo

DIÁRIO DE VIAGEM

Sobre o lago artificial de Itaipu percebemos a dimensão noturna do monumento. Após sobrevoarmos quase toda extensão do Paraná sob lua cheia chegamos em Foz do Iguaçu no início da madrugada. Já na casa de Juca conversamos por horas a respeito de nossas intenções de deriva e rememoramos o encontro de um ano atrás. Juca vive com Teresa, dois filhos e seus pais. Seu Zé, pai de Juca, descreve um recente episódio de perseguição policial, seu desejo é não estar ali, pois a cidade é perigosa e bandido não perdoa. A procura de um hotel conhecemos Luis, um chileno que vive a doze anos no Brasil. Tem vontade de trabalhar com conscientização ambiental e contra o tráfico de animais silvestres, quer instruir as pessoas que possuem animais na zona urbana, citou como exemplo os cavalos sem ferradura que andam sobre o asfalto quente. De volta à casa de Juca iniciava-se o filme "Em busca da Felicidade" acompanhado por rodadas de tomate, queijo e salame argentinos. Entre outros papos a novidade: Teresa vai à China. No fim do dia, já no hotel, a porta do guarda-roupas revelou uma antiga notação: "Estivemos passando a pasqua de 98 em Foz e hospedamos neste hotel. Passamos vários dias se amando e se divertindo. A Helena é a mulher que mais amo nesta vida. Foz 12-04-98. Norberto"

Fomos até a Vila C, criada na época da construção da usina de Itaipu para abrigar os trabalhadores é um dos bairros mais distantes do centro de Foz do Iguaçu e o mais próximo da hidrelétrica. Ao adentrar o bairro observamos a arquitetura padronizada das residências, com estrutura do telhado abaulada como galpões. Em sua origem, uma mesma construção dividia-se em cruz, o que permitia abrigar até quatro famílias. Pouco a pouco estas construções se singularizam pelas ocupações e suas histórias. Entramos em um bar, lá estavam Tekão, Juca, Gealmir, Aguirras e sua esposa, todos moradores da vila desde a década de 70. Passamos cerca de quatro horas ouvindo suas histórias. A infância, o banho em água dourada, "Foz do Iguaçu não era nada", a construção de Itaipu, o caminhão pipa, o caminhão 'pega-corno', a valeta de 5 metros de profundidade que isolava a vila, a façanha da colheita de alface e o caminho para casa, as canções, mágicas e pinturas, a receita de sabão que a vila inteira faz e que causa coceira, a colher gigante entalhada em Caqui Chocolate e a intoxicação nas plantações do Paraguai. Na volta passamos pelas torres de alta tensão que partem da usina de Acaray localizada no Paraguai. Vila C apesar de ter surgido devido a Itaipu é alimentada por energia paraguaia, dizem seus moradores ser a energia mais cara do Brasil. Integração para o desenvolvimento.

Encontramos Medina no restaurante por acaso. Quando o conhecemos, a um ano atrás, era um recém chegado em Foz do Iguaçu, agora passou a morar em São Paulo. Estava acompanhado de Kyara e Sami. Kyara nos contou brevemente sobre seu nome – Maykyara, sua origem vem de muito antes desse lugar ser Brasil, Paraguai ou Argentina. Sami, mostrou seu celular paraguaio multi-funções com preço inigualável aos cobrados no Brasil. Mais



tarde, foi a vez de conhecermos Moa, que relatou suas atividades com o teatro em Foz do Iguaçu e municípios Lindeiros. Já no final do dia conhecemos também Fernanda, nos indicou pessoas que desenvolvem trabalhos pela região com as quais poderíamos trocar idéias. Um deles foi Amarilla, com quem entramos em contato. Conhecedor da região, nossa conversa foi longe. Em suas histórias pitadas de antropologia, indigenismo e fino humor. Seus familiares foram pioneiros em Ciudad del Este. Fizera a pouco tempo atrás uma deriva pelo extremo sul do Paraguai, um recôndito lugar onde conheceu uma senhora que não conhece abridor de latas.



No caminho à casa do Juca conhecemos Zulmira, que nos contou sobre seu antigo trabalho junto com a irmã, vendedoras de roupas pelos mercados da região lindeira. Tempos atrás uma vida repleta de deslocamentos, agora uma mercearia para tocar. Apesar da violência gosta de onde vive. Na mercearia um cartaz feito a mão marca a hora do expediente, informe destinado aos aposentados que têm por hábito jogar baralho em uma mesa posta na calçada. Certos dias a jogatina se prolonga até a madrugada e "tudo tem limite".

Na casa de Juca, Dona Maria comenta sobre a temperatura na marca dos 47 graus e sobre suas dores. Seu Zé dá dicas de como acabar com as pragas da horta, detalha cada planta do quintal, revelou ser um conhecedor de chás medicinais, gosta mesmo é de viver para a roça. Moa estava por lá, a noite iria para um salgado deserto da Bolívia, enquanto nós partiríamos para São Miguel do Iguaçu encontrar com seus parentes. No ponto recebemos a notícia de que o ônibus havia quebrado em São Miguel. Mais de uma hora de atraso.

Passadas dez da noite, chegamos em São Miguel, conhecemos Mônica, Carlos, Tião, Fátima e Monique. A conversa avançou noite adentro acompanhada da janta.



Acordamos cedo em São Miguel, Fátima nos levou até Sadi, pescador da região, antes disso foi agricultor e comerciante. Quando chegamos estava rodeado por três cães e colhia tomates-cereja, nos recebeu sorrindo. Comentou suas façanhas com os peixes: Armado, Pacu, Bagre, Traíra, Corvina, Peixe-Cachorro, Cará, Piabuçu, Surubi, Pintado, Tucunaré, Lambari, Tilápia, Palometa, Perna-de-Moça, entre outros. Algumas espécies tem reaparecido no lago. Em meio ao riso jurou sobre a veracidade de suas histórias, apesar de pescador.

Durante a tarde fomos com Tião, Fátima e Monique à aldeia avá-guarani Tekoha Ocoy, localizada no distrito de Santa Rosa do Ocoy. A estrada de acesso é curiosa, de um lado a reserva indígena, do outro campos de soja, paisagem comum na região. Os colonos descendentes de alemães também preservam seus costumes, em Santa Rosa do Ocoy um dialeto alemão é a língua corrente.

No posto de saúde da aldeia fomos recebidos pelo cacique Daniel, segundo ele a cultura e a língua de um povo são suas maiores riquezas e por isso devem ser honradas. No entanto, hoje dão prioridade para o ensino da língua portuguesa. Para

ser cacique não há candidatura, a decisão é coletiva, se a pessoa cumprir seu papel permanece por tempo indeterminado. Com o surgimento do lago, visitar parentes e amigos do outro lado da margem ficou difícil, os encontros agora são esporádicos. A história dos avá-guarani é sofrida e quando os visitamos a aldeia passava por um surto de malária. Tião ainda nos levou a outros distritos da região, ora colônia de alemães, ora de italianos.

Pela manhã visitamos uma pista de skate que Tião ajudou a construir. Soubemos que em São Miguel do Iguaçú não há mais nascimentos, pois a única maternidade da cidade foi fechada.

Seguimos até Ipiranga, pela primeira vez estivemos numa praia da Costa Oeste, assim como o lago todo o ambiente é artificial. Voltamos pela estrada principal e conhecemos Clarindo e sua esposa Maria, ambos pescadores. Para ele a pesca não é um ramo de futuro, mas de sobrevivência. Nos explicou a diferença entre os termos: "Associação" e "Colônia" de pescadores. Em uma colônia receber salário no período da piracema e aposentadoria são direitos garantidos, em uma associação isto não acontece. Maria é analfabeta por escolha do pai, até pouco tempo não reconhecia sequer as cédulas de dinheiro. Foi em uma emergência que ela percebeu a necessidade de aprender a juntar as letras e as palavras. Hoje sabe assinar seu nome e é tesoureira da Colônia de Pescadores de São Miguel do Iguaçu. Seu maior prazer é jogar a rede de pesca.

Descemos a avenida principal com destino ao centro de Itaipulândia, no caminho nos deparamos com uma casa ornamentada com garrafas pet. Nela, um letreiro menciona que por lá está proibida a caça, quem assina é o empresário Geladinho. Batemos palmas até que um homem grande nos atendeu. Maximiliano nos falou de amor, da beleza feminina, de música, da infância e do poder político. Entre suas invenções estão: Brizola morto-vivo, aviões da Tam, Teixerinha, a santa de sutiã e o pescador. Devido a dengue restam poucos ornamentos, muitos foram retirados por ordem da prefeitura. Pegou seu violão de embalagem tipo bombona cinco litros e cantou algumas canções italianas. Geladinho vive sozinho e a solidão fez com que fosse à rádio buscar uma nova companheira, gorda ou magra, desde que parelha. Quem sabe um dia. Geladinho nos levou até sua vizinha Zulmira, outra artista da cidade. Seu desejo é deixar Itaipulândia, quer viver em Jaraguá do Sul. Mudança de cidade e de ramo, do atelier de artes para as terapias. Zulmira fala de amor, memória celular, transposições dimensionais, vítimas, agressores, pertencimento, exclusão e poder político.

Nos dirigimos ao mirante da cidade, construído em homenagem a Aparecidinha D'oeste, vila submersa com o surgimento do lago. Monumentos como esse são comuns em toda região. Chico, o taxista, comentou sobre os tempos da desapropriação, em plena época de ditadura seus pais protestaram na beira da estrada afim de melhores indenizações.

Retornamos a cidade e a Casa da Memória estava fechada devido ao horário. Aguardamos deitados na grama até que


FAZENDA
BOISCOQUEIRO
PROIBIDO A
CAÇA. EMPRESARIO
GELADINHO

Urbano chegasse com as chaves da antiga prefeitura. Na entrada o boneco equilibrista, um brinquedo de madeira com sutil movimento. Nos fundos uma oficina com plantas medicinais e ornamentais bastante incomuns. Urbano falou sobre restauro, acervo, em como aprender a fazer fazendo. Detalhou cada planta, inventa facas e coleciona moedas. Tivemos uma tarde bem divertida.

No início da noite chegamos na casa de Rodison, autor de um livro sobre a cidade. Nos contou do alagamento, da estratégia de desarticulação coletiva através da política de distribuição de indenizações e do analfabetismo.

Enquanto aguardávamos o ônibus para Missal conversamos com Ella, matriarca da família Münch. Sua história começou na fuga dos alemães da Rússia, deixando para trás os pertences e até os bebês no berço. Quem conseguisse entrar no trem ou enfrentar a neve numa travessia de trenó por rios congelados escapava. Dos navios lotados que partiam da Europa muitas pessoas ficaram pelo caminho, como consequência a família de Ella possui parentes espalhados por várias partes do mundo, teve até gente que nasceu na China. Ella nasceu no Brasil, cresceu abrindo clareiras na mata intacta, por um tempo viveu no Paraguai. Terminou dizendo "Vocês não acreditam, bem interessante é a vida da gente."

Em Missal encontramos Ivo, o Preto. Segundo ele, no início da cidade, somente os alemães católicos poderiam entrar na Gleba dos Bispos, o que não deu muito certo por já haver italianos e nortistas na região. Ivo tem um restaurante onde trabalha com mais dois filhos, Ademir e Betão. Ademir lembra bem dos dias anteriores ao alagamento, descreveu uma vila deserta: "era como se ninguém houvesse vivido por ali um dia.", presenciou quando criança a água subindo e sepultando tudo. Betão é voluntário da rádio comunitária da cidade, se responsabiliza pelos boletins de esporte, nos levou até Gisela, pesquisadora da região. Ela escreveu um livro que trata da história de Missal, comentou sobre a presença britânica na tarefa de extração da madeira que ajudou na reconstrução da europa pós-guerra. Falou também sobre a diminuição drástica da população nos anos de 1980 e sobre a cultura germânica. Missal é um livro de missas. Terminamos o dia em Santa Helena. Lá andamos pela Linha Progresso que fica próxima ao refúgio biológico, encontramos muitas árvores frutíferas, entre elas butiá e mexirica.

Na prefeitura conhecemos Cladir, ela falou da mudança de clima devido ao surgimento do lago e da decepção de seu pai por ter perdido suas terras. Segundo ela, os royalties beneficiam pouco a população. Em sua sala muitos mapas e alfinetes coloridos para demarcar áreas de contaminação e casos de doenças animais.

Encontramos Natan na padaria, chegou apressado, pois tinha muitas coisas a fazer devido a uma viagem marcada. Mesmo assim conversamos por um bom tempo.


CUIDADO
ÁREA TRATADA
COM AGROTÓXICOS
Proibida entrada de
pessoas neste local
sem uso de EPI.

Segundo ele Santa Helena é carente de registros históricos sobre as mudanças que ocorreram nos últimos 30 anos. A memória, viva naqueles que ficaram na cidade depois do lago, tende ao esquecimento devido a falta de debate ou reflexão coletiva sobre suas transformações, prevalece o relato oficial dos fatos históricos. Hoje o lugar tem pouco mais de um terço da população que tinha no início dos anos 80, findou-se qualquer tradição possível e os elos com o passado foram perdidos. Natan exemplifica: o nome da cidade é Santa Helena, mas seu padroeiro é Santo Antônio, seu monumento é um Cristo, suas calçadas são em petit-pavê como na capital, importa modelos urbanísticos ingleses ou italianos e sua comida típica é o costelão gaúcho. Uma das diversões da cidade é o trenzinho, que apita pra lá e pra cá. Natan comentou também sobre a desarticulação, as necessidades e dependências, a simulação de grupos organizados, o vale tudo pela perpetuação do poder, a rotação pelos partidos políticos, a depressão, o ressentimento e a solidão, a luta do negro e a Coluna Prestes.

Na casa de câmbio trocamos reais por guaranis e conhecemos Gustavo, que desenhou em um pedaço de papel a travessia de balsa de Santa Helena até Porto Índio e Sangafunda, portos do Paraguai. Seu pai vive por lá.

Sandra nos recebeu no escritório de seu marido, ela trabalha no fomento ao turismo, falou sobre pessoas, lugares e fatos históricos como a Coluna Prestes na Ponte Queimada.

Tarde chuvosa, permanecemos debaixo de um toldo retratando situações molhadas. Andamos até o porto e nos informamos dos procedimentos sobre a travessia. Ao retornar à cidade visitamos a biblioteca, onde Mário nos mostrou muitos mapas, um deles repleto de retratos de presidentes mortos e generais esquecidos.

Partimos para Diamante D'oeste na intenção de visitar a comunidade guarani Tekoha Añetete. Na busca por informação sobre uma parada de ônibus conhecemos Cândida, uma senhora cheia de histórias tristes sobre terras, grilagens, mortes e solidão. Seu desejo era vender tudo e ir para outro lugar, estava com problemas de saúde e necessitava de uma intervenção cirúrgica. O conflito por causa de terras é marcante no Oeste do Paraná. Andamos pouco mais de um quilômetro e chegamos a um posto na beira da estrada, lá conhecemos Djane e Marcelo. Nos ajudaram com informações de horários de ônibus e contatos de Diamante D'oeste. Marcelo pouco circula pela cidade, o comércio o prende em seu local de trabalho.

Na parada de ônibus conhecemos José, mineiro de 65 anos, atualmente agricultor, mas disse que já havia feito de tudo, inclusive trabalhado como barrageiro em Itaipu. Mora em Vila Bonita, veio para o sul "caçar miora". Sua recordação de Itaipu foi através de movimentos corporais, os necessários para que os barrageiros não se acidentassem no momento em que os caminhões despejavam concreto na construção. "Morreu muita gente naquele lugar" afirmou José, sua feição transpareceu a recordação e complementou: "Ser barrageiro é muito perigoso".

Em Diamante D'oeste enquanto esperávamos uma carona até a aldeia


LOCADORA
3268.3477
LUCK VIDEO
LOCADORA
3268.3477
LUCK VIDEO
LUCK VIDEO
LOCADORA
3268.3477
LUCK VIDEO
AQUI TEM
MEGA SORTE

visitamos uma rádio comunitária. Lá conhecemos Elisângela, uma jovem locutora. Para ela seu momento mais triste foi a despedida da rádio uma vez que decidiu morar em outra cidade. De volta à prefeitura Leomar nos levou a aldeia Tekoha Añetete a doze quilômetros da cidade. Leomar trabalha na prefeitura e é estudante de história, antes disso era caminhoneiro, profissão que possibilitou conhecer muitos lugares. A paisagem montanhosa de Diamante D'oeste difere muito dos municípios e comunidades que visitamos nos dias anteriores, Leomar conhecia cada canto.

Ao chegarmos na aldeia, entramos na escola Kuaa mbo'e (Saber ensinar). Lá havia uma grande roda com vários caciques e alguns membros de instituições como Itaipu, Funasa e prefeitura. Como é de costume nas aldeias conversamos com o cacique afim de obter a permissão para acompanhar a reunião, o que não foi possível. O cacique Mário nos disse que se tratava de uma reunião fechada aos organizadores do encontro, nos explicou que existem certos grupos contrários a organização dos Guarani e por isso precisam se precaver. Disse também que poderíamos conhecer a aldeia e em outra oportunidade nos receberia com prazer. Mário é irmão de Daniel, cacique de Tekoha Ocoy. Em uma das casas da comunidade avistamos um grande desenho na parede feito por Julinho Nhemboatevy, sua inspiração foi um desenho animado no estilo mangá que nos pareceu mais um auto-retrato.

De volta ao centro de Diamante D'oeste nos despedimos de Leomar e retornamos a rádio para conhecer Nésio, um ex-bailarino que organiza as atividades culturais da cidade e trabalha como comunicador. Comentou sobre o episódio que ocorreu no Paraguai tempos atrás, quando um fazendeiro em seu avião despejou veneno nos campesinos que ocuparam algumas terras. No ponto de ônibus, batemos papo com alguns motoristas, falou-se da importância de se ter educação e de episódios de gente que se deu mal por não fazer uso dela.

Em Santa Helena minutos depois de passarmos pelo procedimento padrão da Polícia e Receita Federal estávamos em cima da balsa "Oro y Plata" a caminho de Puerto Indio, a bordo mais alguns caminhoneiros em busca de milho e soja. Durante a travessia um bosque de árvores mortas, fruto da inundação. Em Puerto Indio fomos recebidos por Steban, Carlos, Francisco e Gustavo. Atenciosos, nos informaram como transitar pela região. Depois de uns tantos tererês, Francisco, administrador do porto, nos convidou para almoçar com seus amigos campesinos – Sara, Pedro, Victor e mais umas crianças. Conhecemos um típico "almuerzo paraguayo": mandioca cozida sem sal, ensopado de poroto e carne, como sobremesa manga e melancia.

Sara é estudante de engenharia ambiental e gosta de cartografia, utiliza esse tipo de representação para visualizar e denunciar problemas ambientais como a diminuição de nascentes d'água, áreas florestais e o crescimento da monocultura no Paraguai. Pedro luta por se manter no campo, para ele

terra não é mercadoria, é contra o uso de agrotóxicos e a monocultura, se vê ilhado pela vastidão de soja transgênica ao redor de onde vive. Victor estava quebrando o piso do galpão a duras marteladas, preparava o espaço para receber uma ordenhadora. Havia estudado plantas medicinais, o que ajuda em muito a comunidade, pois não há atendimento médico fácil na região. O local pertence a associação de campesinos e lá funciona uma rádio. Gustavo precisava comprar gelo e buscar as chuteiras e o uniforme do seu time. Na região há um campeonato onde participam nove equipes locais, no último ano o time de Gustavo foi campeão, o "Shealsea" de Puerto Indio. Nos levou de volta ao porto onde esperamos por uma carona até General Días, lá teríamos onde dormir. João é um caminhoneiro que atravessa frequentemente a fronteira em busca de grãos, nos levou até nosso destino. Nas duas margens da estrada uma imensidão de soja, vez ou outra avistamos algum cilo, uma entediante paisagem. Descemos em frente a lanchonete do Lourival, nos fundos haviam quartos para hospedagem. Com a voz mansa e em português Lourival nos encaminhou ao último quarto vago. No final do dia demos uma pequena volta pelas ruas de General Días, uma comunidade de aproximadamente 600 habitantes, quase todos brasileiros.

Lourival nos convidou para entrar em sua casa de chão encerado, cortinas nas portas, bordados e crochês na lavanderia. Para quem vive sob a poeira vermelha levantada pelos caminhões que passam diariamente pela estrada de terra é uma casa bastante limpa. Fomos até o mercadinho de seu irmão Américo, sua esposa era uma das pioneiras do lugar. Ambos comentaram sobre as dificuldades de viver no local, o analfabetismo, o passado: "General Días era tudo mato".

Em Mbacarayu conhecemos o fazendeiro Mário e seus filhos Ademir e Walmor. Mário é um "grande proprietário" de terras da região, açougueiro e também dono do mercado. Contou sobre sua vinda do interior do Paraná àquelas terras, da perda dos primeiros 70 hectares que comprou com sua família porque caiu em um golpe da colonizadora. Comentou também do trabalho que teve para criar os quatro filhos, do fim da agricultura de subsistência, do sonho da mecanização e da realização financeira – sempre gostou de números – , do isolamento em relação aos paraguaios e do êxodo – somente no último mês quatro famílias haviam partido de Mbaracayu.

Aguardamos até o início da tarde para visitar a Casa de Cultura, lá conhecemos Nídia, uma das poucas paraguaias do lugar. Com seu temperamento calmo nos mostrou alguns livros de estatística e de poesias em guarani, coisa rara em meio a tantos livros em português. Nos falou sobre a morte de sua mãe e de seu retorno à Mbaracayu para ficar perto do pai.

Walmor e Mário nos deram uma carona até San Alberto. No caminho perguntamos sobre o uso de agrotóxicos nas plantações, não são contra, pois os técnicos das empresas químicas ensinam como os utilizar corretamente. Para eles a contaminação da água pelo veneno é tudo bobagem dita por gente que não entende



das coisas, "o que poluí a água é o esgoto que vem de São Paulo".
Terminamos nosso dia em San Alberto, cidade Brasiguaia e Colorada. Ainda deu tempo para deixarmos nossas roupas sujas numa lavanderia algumas quadras do hotel.



Em busca de um mapa da região, entramos em uma escola. Lá conhecemos Amancio, que nos falou da influência do Lago de Itaipu e de sua pesquisa sobre questões culturais e ambientais na região de San Alberto. Em sua casa, tivemos um bom exemplo da mistura das culturas: a esposa Gracinda é brasileira; a filha Beatriz, paraguaia. Embora falem muito bem os três idiomas, Amancio e Gracinda conversam entre si em guarani; Beatriz prefere falar com o pai em castelhano; já entre elas a comunicação é em português. No farto almoço, acompanhado de um bom vinho argentino, houve uma bela salada de idiomas. Amancio nos levou até a próxima cidade.



Lindo Mutirão ou Minga Porã, assim podemos chamar o município cuja história é a da resistência de um povo frente à radical mudança cultural que se estabeleceu desde a Revolução Verde. Asagrapa é uma associação de agricultores campesinos que luta por uma vida sustentável, voltada à plantação orgânica com sementes nativas. Anunciación, atual coordenadora das mulheres, nos recebeu em sua casa e explicou como elas se organizam e participam das decisões. Sua família é uma das pioneiras em Minga Porã, chegaram a ser presos na ditadura por protestarem em prol da emancipação político-administrativa da cidade.



À tarde, fomos de táxi comunitário até Salto del Guairá, com quatro passageiros no banco de trás, três na frente e um no porta-malas. Em Salto del Guairá, no domingo, os mais jovens desfilam com suas motos pela avenida principal. Na rua do porto acontecia uma alegre festa paraguaia ao som de uma banda tradicional – todo mundo dançou. De manhã, partimos em direção a Guaíra. Durante a travessia, passamos sobre as Sete Quedas. Já em solo brasileiro, fomos até a Casa do Artesão, onde conhecemos Margarida – segundo ela, os habitantes de Guaíra sentem a perda das quedas do Rio Paraná, provocada pela formação do Lago de Itaipu.
No dia seguinte, encontramo-nos com Ana, que trouxe uma sacola cheia de personagens lendários de Guaíra, pequenos bonecos feitos com palha de milho. À medida que os colocava sobre a mesa, contava histórias dos trânsitos dos povos e das cidades. Guaíra, por sua localização estratégica, sempre foi lugar de passagem; encontra-se aproximadamente na metade do caminho Peabiru. Já a histórica Vila Rica, construída pelos jesuítas, foi várias vezes destruída por bandeirantes ou opositores. Cidade nômade, passou por sete lugares diferentes até se fixar no Paraguai. Alguns personagens são: Aleixo Garcia, o primeiro homem branco a passar por Guaíra, tempos depois devorado na região de Assunção; e o "fofoqueiro" guarani, um informante – importante membro da aldeia que deixava


Neue Aussichten
Hören, Sprechen, Lesen
Ouvir, falar, ler
Aulas de Alemão

pelos caminhos pequenos objetos, símbolos compreendidos pelo seu povo. Das submersas Sete Quedas, comentou sobre o som que elas proporcionavam: para os Guarani, tratava-se da voz de Tupã. Com o surgimento do Lago, seu deus se foi. À tarde visitamos o "escritório" de Frei Pacífico, artista e ambientalista da região que durante quatorze anos reflorestou uma ilha. Estudioso, possui uma vasta produção em entalhe, escultura e cerâmica baseada na cultura guarani e no cristianismo. Com um português truncado – viveu muitos anos na Europa –, falou sobre espiritualidade e da simplicidade do gostar, explicou minuciosamente a simbologia de seus trabalhos e nos ensinou como semear erva-mate. Suely, sua esposa, nos serviu suco do abacaxi cultivado em sua horta. Transitamos pelo vasto jardim, rico em espécies vegetais – Frei Pacífico e Suely vivem bem com elas. Pouco depois, fomos até dona Lucila, uma paraguaia conhecida por suas histórias e por ofertar um lanche à comunidade após as três horas da tarde – pão caseiro recém-tirado do forno, chipas e cozido paraguaio. Dona Lucila cuida da Capela Nuestra Señora de los Milagros de Caacupé, construída ao lado de sua casa devido a um desejo de sua mãe. Lucila nos contou sobre o sumiço da santa, que – após doze anos – "milagrosamente" retornou ao altar da capela. Ao final da história, mostrou-nos uma estatueta que cabe na palma da mão. Na casa de Lucila também estavam Bonifácio e Maria, um casal de La Paloma. Bonifácio cantou algumas músicas tradicionais do Paraguai, todas acompanhadas por uma rica contextualização. Maria participa da Associação de Direitos Humanos no Paraguai, e comentou sobre as diferenças de apoio por parte dos governos brasileiro e paraguaio, falou de aposentadoria – "envelhecer no Paraguai é difícil". Veio ao Brasil para fazer um tratamento médico. Após a chuva, despedimo-nos.

Chegamos a Marechal Cândido Rondon no início da tarde. No caminho à casa de Marly, caiu uma pancada de chuva. Em busca de abrigo, entramos em um armazém de queijos produzidos na região. Lá conhecemos os Vinciguera, nome de origem italiana surgido durante a viagem de navio ao Brasil. Escapar da guerra foi o modo de vencê-la. Armínio e Ivani falaram sobre os ciclos de exploração da região: laranja Pepu, madeira, hortelã, erva-mate e soja. Comentaram também sobre o lendário Allica, senhor temido na região – na época do "mensu", ele jogava seus cobradores Rio Paraná abaixo.

Marly mora em uma casa de madeira que foi transportada de Porto Mendes antes do alagamento. Naquele tempo, era comum o uso de caminhões adaptados para levar casas inteiras de um lugar a outro. Depois de criar suas duas filhas e após a morte do marido, Marly decidiu fazer faculdade; há dois anos se formou em Letras, hoje leciona em escolas públicas e dá aulas particulares de alemão em sua casa. Falou da vida comunitária da colônia à margem do Rio Paraná e do isolamento na cidade. Segundo Marly, para os colonos que trabalhavam na lavoura a mudança foi radical e desestruturou famílias inteiras. Descendente de alemães e Guarani, Marly



nos mostrou muitas fotos de família e objetos antigos – seu desejo é transformar o lugar em um museu da família. No grande jardim, havia galinhas, um cachorro e dois louros – um deles vez ou outra falava. Na hora de nos despedirmos, Marly traduziu uma placa presa no portão: Neue Aussichten – Novo Horizonte. A tarde foi repleta de lembranças.

Ainda conhecemos Sérgio. Disse ele que há trinta anos havia muitas rádios paraguaias e argentinas na fronteira, algumas delas com grande alcance. De um lado e de outro do Rio Paraná, a cultura desses países era ouvida e no Brasil se passava a tomar gosto pelas duas. Ciente desse fato, a ditadura brasileira incentivou a abertura de rádios como estratégia para estabelecer fronteiras culturais.



No final da tarde chegamos a Porto Mendes. Como em outros lugares, persiste o esvaziamento populacional causado pelo alagamento resultante de Itaipu e pela mecanização e uso de venenos na agricultura. Ao visitarmos o museu local, deparamo-nos com bichos empalhados e objetos antigos, dentre os quais uma carroça com grandes rodas no estilo inglês – tratava-se de uma doação da família Allica. Imediatamente recordamos aquilo que os Vinciguera disseram um dia antes.

Fomos à casa de Benitez, um dos mais antigos moradores da região. Trabalhou no porto quando ainda se transportava erva-mate vinda de Guaíra pela estrada de ferro da Mate Laranjeira, empresa que – segundo Benitez – escravizava seus trabalhadores. Sobre a Coluna Prestes, comentou que ouviu falar que os revolucionários ficaram nas terras de Allica, comeram seu gado e libertaram muitos colonos que viviam em regime de escravidão. Quando partiram, assinaram uma promissória deixando as despesas a cargo do governo. Edson, filho de Benitez e geógrafo. Interessou-se pelo assunto e trouxe à tona o conflito de terras entre quilombolas e fazendeiros em Maracaju dos Gaúchos, região próxima dali. Aconselhou-nos a manter distância devido à complexidade da situação. Para Edson, Porto Mendes se tornou um vilarejo de aposentados.

Tomando um café na padaria, conhecemos Nega. Soubemos que entre os moradores de Porto Mendes e Puerto Adela, no Paraguai, há uma forte união, visitam-se constantemente e organizam festas juntos.

Ainda visitamos Lauro, o fotógrafo das redondezas. Quando era amador, fotografou a barranca do Rio Paraná. É aficionado por sucuris. Mostrou-nos algumas fotos da década de 70, uma delas da carroça inglesa dos Allica.

Já no fim do dia, entramos em um bar. Nas prateleiras, imagens de cobras, pescarias e caças. Lá estava Júlio que nos falou sobre as transformações ao longo dos últimos anos – segundo ele, os fazendeiros estragaram Porto Mendes.



Partimos para Puerto Adela em uma barca com cinco pessoas – em outros tempos estaria lotada. À chegada, percebemos algumas casas fechadas. Andamos cerca de quinhentos metros pelo único caminho e nos deparamos com o Destacamento da Marinha; lá buscamos informações sobre o



vilarejo. Carlos nos atendeu e logo chamou seu superior, o suboficial principal Alfonso, "Jefe del Destacamento Naval de Puerto Adela". Nenhum dos oficiais era morador da região. Em meio à conversa, chegou um senhor em uma moto: Agapito, nascido em Puerto Adela, é um dos responsáveis pela organização comunitária. Disse que nos anos 70 a maioria dos imigrantes brasileiros que habitavam Puerto Adela trabalhava com agricultura de subsistência; em 80 e 90 iniciou-se o processo de mecanização, que não foi o fator responsável pela diminuição da população – foram as questões de aposentadoria e atendimento à saúde que esvaziaram o lugar. Agapito estava de passagem e nos indicou uma pessoa para continuarmos a conversa, Francisco.

Alfonso e seu filho Marcos nos levaram até a casa de Francisco, onde fomos recebidos em uma sombreada área externa. Francisco se colocou como um contador de histórias, pois por elas sempre se interessou. Sua curiosidade o levara até a casa da viúva de Allica, para saber a verdade sobre as mortes das quais acusavam o finado na época do "mensu". Fingindo interesse em comprar ferramentas, chegou até o alçapão que dava para as águas do Rio Paraná, lugar onde Allica encaminhava cobradores, inimigos ou funcionários que não respeitavam suas ordens.

Perguntou se gostaríamos de saber por que aquele lugar se chama Puerto Adela. Obtendo de nós uma resposta positiva, iniciou uma nova história. Nas terras brasileiras do mesmo Allica (seus domínios iam do Brasil ao Paraguai), havia uma escola que atendia os filhos dos trabalhadores, e uma das professoras se chamava Adela. A moça estava de casamento marcado com um marinheiro que trabalhava na rota Porto Mendes–Buenos Aires. Seu noivo partiu em última viagem antes do casamento. Nesse meio tempo em que Adela aguardava a volta do noivo, "homens de Allica" souberam do casamento e a violaram. Adela, em desespero, cometeu suicídio em honra a seu noivo. Deixou uma carta, na qual dizia que desejava ser enterrada em solo paraguaio. Seu corpo foi então sepultado na barranca paraguaia do Rio Paraná, hoje submersa.

Em outra história, Francisco mencionou que na época da extração de erva-mate, em uma de suas caminhadas pelas trilhas de Canindeyú, deparou-se com um carregador de erva e que sua carga pesava por volta de cento e sessenta quilos (demonstrou como o homem caminhava). Disse que o homem calçava grandes sandálias feitas de borracha para que não afundasse no solo devido ao peso que trazia nas costas.

Ainda contou sobre o cemitério indígena, onde encontrou muitos crânios sobre a terra; disse que os indígenas da região enterravam seus parentes com a cabeça para fora.

De volta ao Destacamento Naval, serviram-nos um "almuerzo paraguaio" – arroz altuko e marinera de pollo – preparado pelo chef Carlos. Um garoto chegou dirigindo uma moto, perguntamos sobre a escola da região, respondeu que há tempos ela fechara por falta de alunos.

Na volta a Porto Mendes, Júlio nos levou até Iguiporã. Não demorou muito até tomarmos um ônibus para Pato Bragado.



Encontramos com Walter, pioneiro de Pato Bragado, para tomar um chimarrão. Contou que largou o comércio para abrir estradas, a fim de que os primeiros colonos se instalassem. Fica feliz por saber que muitas pessoas constroem suas vidas a partir daquilo que começou anos atrás. Para Walter, o que falta hoje em dia é criatividade, as pessoas se contentam com empregos. A cidade precisa andar com suas próprias pernas, sem a dependência do dinheiro repassado por Itaipu.

Esperando o ônibus para Porto Britânia – porto remanescente da ocupação inglesa –, encontramos Dete e sua filha Lia, que também iriam atravessar a fronteira. A barca estava lotada porque no sábado muitas pessoas vêm fazer compras no Brasil. Na chegada a Puerto Marangatu, Lia nos apresentou Luiz, que nos levou até a venda de seu pai, Demétrio. Lá conhecemos também Lídia, Berenice e Letícia.

Demétrio trabalhou muito tempo carregando gente de um lado a outro da fronteira. Numa dessas travessias, seu barco afundou com quatorze pessoas, dentre as quais quatro não sobreviveram. É um dos moradores mais antigos, chegou na década de 50, quando tudo por lá ainda era mato. Na juventude trabalhou com tipografia e com isso aprendeu muito da escrita guarani. Almoçamos e ganhamos sementes de poroto. Berenice se animou em fazer umas fotos. As empanadas de Lídia pareciam muito saborosas, teve gente que chegou a comer dezesseis de uma só vez.

Logo depois, Luiz nos deixou na casa de Dete, fomos tomar um tererê. Encontramos sete mulheres à sombra das árvores – Valdete, Lia, Néia, Adriana, Kayla, Djenifer e Kyria. Chico também estava por lá. Valdete tem uma casa de bailes chamada Mania Open Show, onde também serve refeições para funcionários do silo ao lado. Já partiu dali três vezes, mas sempre retornou. Agora pretende partir em definitivo; seu pai, que vive no Espírito Santo, está doente e precisa de cuidados. Dete contou que seu marido foi indenizado por Itaipu pela inundação de suas terras, o pouco que restou estava logo ali do outro lado da estrada. Depois de ter recebido a "bolada", ele deu no pé e a deixou com cinco filhos para criar.

Lia luta por sua carreira de cantora, já foi comunicadora de rádio e hoje está numa fase transitória entre um grupo em Cuiabá e uma possibilidade em Curitiba. Néia também já foi locutora, tem uma linda voz e duas filhas, Djeni vive no Rio Grande do Sul e Kayla vai estudar em Pato Bragado. Néia comentou sobre a transformação do lugar nos últimos anos, onde hoje está o silo havia uma série de casas "parecidas com as do velho oeste". Chico é construtor – no vilarejo Primer de Marzo pudemos ver algumas casas fruto de seu trabalho.

Néia e Chico nos levaram de moto até a hospedagem da professora Arsênia, onde passaríamos a noite. Com Arsênia, passamos a entender um pouco mais sobre as mudanças na região, a violência, a falta de oportunidades, a desarticulação coletiva, o fim das festas e o assoreamento dos rios. Mostrou fotos de suas filhas e netos que moram longe, dos bailes em seu salão e de amigos que foram mortos. Ainda conhecemos Baiano, proprietário da lanchonete. Disse que do Brasil só não conhecia o Maranhão. Para seu filho Edgar, Marangatu é um verdadeiro inferno.

PAZ Y JUSTICIA

No dia seguinte, fomos até um salão de festas onde acontecia um programa ao vivo promovido pela rádio em colaboração com os violeiros locais. Ao chegarmos, ouvimos a voz de Tatu anunciando mais uma música. Depois do encerramento do programa e de um almoço no estilo gaúcho, a cantoria continuou com composições próprias de Orlando e da dupla Nelson e Diamante. O papo que circulava era de que Orlando havia mudado seu comportamento nos últimos tempos, suspeitaram que estivesse apaixonado; logo concluíram que naquelas paragens todo homem tem o coração pequeno.

Entre outras conversas, ficou claro que Marangatu é um lugar muito violento. Nos últimos meses, sete pessoas próximas de nossos recém-conhecidos foram mortas, alguns chegaram a contar setenta mortes.

De lá partimos com Orlando para o Mania Open Show. Em pouco tempo chegaram os outros violeiros e a festa se estendeu. Saímos de lá no meio da tarde. Pretendíamos chegar a Nueva Esperanza ainda naquele dia, mas, por ser domingo, seria difícil conseguir carona. Marangatu vive no isolamento, atualmente não há ônibus na região.

Na lanchonete do Baiano, esperamos por duas horas. Quando nossas esperanças já acabavam, Luiz apareceu para abastecer seu carro bem em frente de onde estávamos e atendeu prontamente a nosso pedido, desde que pagássemos a gasolina. Por uma estrada de terra esburacada, passamos por fazendas de cinquenta mil hectares pertencentes a um único dono e por reservas indígenas arrendadas para o plantio de soja. Durante o percurso, ouvimos a aventura de Luiz quando foi a Porto Alegre assistir ao Grêmio Porto Alegrense ser rebaixado para a segunda divisão. Duas horas depois estávamos em Nueva Esperanza, completamente empoeirados e cansados. Por trinta mil guaranis, dormimos na primeira hospedagem que encontramos.

De Nueva Esperanza partimos em um táxi coletivo. Já em Hernandarias, conhecemos Miriam e sua família. Pessoa comunicativa, ela nos passou várias informações sobre a cidade.

Estávamos sem dinheiro e sem o "permiso", por isso fomos a Foz do Iguaçu e, em seguida, à migração em Ciudad del Este. No percurso, pudemos ver pela primeira vez parte das barragens de Itaipu e Acaray, muito próximas uma da outra. Devido ao engarrafamento na Ponte da Amizade, levamos cerca duas horas. O retorno a Hernandarias foi com Francisco, taxista de Ciudad del Este. No caminho, mostrou-nos um acampamento em frente à Itaipu Binacional Paraguaia – há mais de um ano ex-funcionários protestam contra suas demissões.

Hernandarias é a cidade paraguaia onde Itaipu está instalada. Diferentemente do que ocorre no Brasil, a visita às instalações da usina é gratuita, o que nos incentivou a fazer o passeio pela hidrelétrica. Durante o passeio, assistimos a um vídeo institucional, na versão paraguaia, com o título "Itaipu Monumental". Vários superlativos e recordes enfatizando a grandiosidade do projeto, o avanço tecnológico, melhoria no nível de vida, cuidado com a biodiversidade, prodígios da engenharia e geração de


TODOS SOMOS FIDEL
PLANO DE
ASUNCION
MADRE DE CIUDADES
VENTA Y RECARGA DE CARTUCHOS
Servicio Técnico de Computadoras
DISCOS
BINGO

energia. Ao final do vídeo, entramos em um ônibus que fez o percurso pela usina. Paramos na margem direita e de lá avistamos Ciudad del Este e Foz do Iguaçu lado a lado; entre elas o que restou do Rio Paraná. Mesmo com algumas comportas do vertedouro abertas, o nível do Lago estava alto devido às intensas chuvas em São Paulo. Aliás, há quem diga que o aumento das chuvas em São Paulo é causado pela evaporação do Lago de Itaipu. Algum tempo para fotografar e partimos novamente, atravessamos o túnel que liga as duas margens e chegamos ao lado brasileiro da usina. O retorno foi por cima da barragem, quando então pudemos observar o gigantismo do Lago.

Na saída de Itaipu, fomos até as barracas de lona na beira da estrada onde algumas pessoas protestavam. Soubemos que, por questões políticas, cerca de duzentas pessoas foram dispensadas da função que exerciam em Itaipu, principalmente trabalhadores de serviços de limpeza e segurança. O acampamento já completara um ano e até aquele momento nada havia sido negociado. Edgar foi demitido com vinte e oito anos de trabalho prestado. Maria disse que viveu no Brasil e em outros países da América do Sul. No exterior, quando ouve falar do Paraguai, sente-se envergonhada; quando retorna, sente revolta por perceber que a realidade de seu país não muda.

À noite, Miriam nos contou sua história, imersa na promessa de progresso. Primeiro na Colônia Presidente Stroessner, onde foi morar com apenas nove anos, quando seu pai entrou no ramo de hotelaria. Depois em Hernandarias, no período anterior ao início da construção de Itaipu, momento no qual se incentivou a construção de hotéis, uma vez que por ali haveria uma concentração de trabalhadores. Não foi bem assim. Pouco depois da finalização da primeira etapa de seu hotel, o presidente Stroessner ordenou que a base para os trabalhadores fosse transferida para a cidade que levava seu nome. Durante horas conversamos na penumbra, parte da iluminação não funcionava por conta da queda de energia, fato frequente na região. Em Hernandarias, além do problema de energia, poucas pessoas têm acesso à água potável e não há serviço de esgoto apropriado.

Pela manhã, a luz ainda não havia voltado. Partimos para Asunción, uma das primeiras cidades da América Latina, centro de poder político e onde se concentram os museus e bibliotecas do Paraguai. De Hernandarias até Asunción são trezentos e quarenta quilômetros, percorridos em sete horas de viagem devido a muitas paradas.

Em Asunción ficamos na hospedagem de Angélica, uma casa centenária e bem cuidada.

A presença de imigrantes brasileiros, chineses e coreanos é grande na cidade. No mês de janeiro, cerca de três mil estudantes brasileiros cursam mestrado e doutorado em Asunción. Nas ruas, o guarani predomina e as "jujeras", mulheres que vendem ervas preparadas para tererê, estão por todo lugar.

Em busca de referências históricas, artísticas e culturais, fomos até as livrarias da Plaza Uruguaya. Lá encontramos mapas, dicionários, métodos da língua e textos


27

sobre cultura guarani. Em um antiquário, conseguimos uma pequena cédula de um guarani, aquela com o soldado paraguaio. No Museu de Belas Artes encontramos imagens de um Paraguai amortecido pela crueldade da guerra. No mesmo edifício funciona o acervo histórico de Asunción, onde é possível encontrar documentos originais desde 1534. Uma senhora nos explicou os procedimentos para acessar tais documentos, todos disponíveis aos pesquisadores. No El Cabildo, Centro Cultural da República do Paraguai, visitamos uma exposição com parte do acervo de Moisés Bertoni, mapas da região do Rio Paraná, desenhos da fauna e flora, fotos, impressos e mais uma porção de coisas. Bertoni viveu na região no início do século passado, sua documentação dá conta de quarenta e dois anos de cultura guarani e geografia paraguaia.

Conhecemos Zulma na recém-criada Secretaria Nacional de Cultura, que procura se consolidar como órgão encarregado das políticas culturais do Paraguai. Encaminhou-nos para a Direção de Assuntos Comunitários, onde conhecemos Lea e tratamos de diversidade cultural e ações na fronteira. À tarde fomos até a casa de Guillermo. Ao entrar, conhecemos o cacique Bruno, um educado senhor Chamacoco. Ambos desenvolveram um dicionário da língua de sua etnia. Guillermo nos contou sobre seu trabalho voltado a grupos nos quais a pobreza é uma constante; comentou também sobre sua ligação com Antropologia e música. Ele busca estimular os Chamacoco, Guarani e camponeses para que fortaleçam suas próprias culturas e também conheçam os códigos da cultura opressora. Instigou-nos a desenvolver projetos de integração entre grupos de pesquisa brasileiros e paraguaios – uma necessidade da região e dos povos.

Partimos de Asunción em direção à antiga e nômade Villarrica, uma das primeiras vilas da América espanhola. No fim de janeiro a cidade se prepara para o carnaval; na praça encontramos um grupo pintando tambores para o desfile, preparativos para que "las comparsas" tomem as ruas. Passamos pelo mercado popular e observamos a movimentação dos feirantes já no término de mais um dia de trabalho. Queríamos atravessar a fronteira ainda durante o dia. Os últimos momentos em Villarrica se deram por mais uma caminhada pela cidade, em que descansamos numa praça de grandes árvores e muitos pássaros. O percurso de Villarrica até Ciudad del Este foi um tanto sofrido. Em um daqueles dias de sol nos quais é possível fritar ovos no asfalto, viajamos em um ônibus lotado que a cada minuto parava para embarcar e desembarcar mais pessoas. Atravessamos a fronteira papeando com um taxista. Ele disse que um dos grandes problemas é a falta de conhecimento sobre a cultura indígena, o que gera conflitos étnicos. Em geral, as pessoas da cidade não consideram o fato de que, há menos de duas gerações, os índios que hoje são pedintes nos terminais rodoviários e semáforos eram coletores nas vastas matas paraguaias e que a tradição e os costumes são difíceis de serem mudados em tão pouco tempo.

PE KUATIA GUATAHA

Pe Itaipú Ypa joguaha ári, rohecha pytumbyvo tuvicha pe tembiapore. Uperire roveve haimete Paraná tuvichakue jave jasy rendype, roguahê Foz do Iguaçupe ko'ê ñepyrûvo. Juca rógapema, roñomongueta puku upe ore apopyrâre ore guerahava ha oremandu'a jotopa peteî ary takykue. Juca oiko Teresa ndive, mokoî tayra ha ituva. Karái Zé, Juca ru, omombe'u oikovaekue ramoite policia rembiasa, hi'â ichupe ndo pytái upepe, katu "pe tava ipeligroso ha umi malevo ndo hejareiri". Rohekavo peteî mombytahára roikuaami Luis pe, peteî chileno oikova pakoî aryma Brasilpe. Omba'apose jehesape'arâ tekohare ha oguerahava vicho kaaguy kuerare, ohesape'a hâgua umi tapichape orekova vicho umi tava mboipyri – omombe'u umi cavaju ndorekóiva erraje ha oikova afalto aku ári. Rojevyvo Juca rógape, oñepyrû peteî piremýi "Vy'a jeheka", omoiru tomate pehe'â, quesu ha fiambre kurepi. Ñemonguetape, mba'e pyahu: Teresa ohota Chinape. Pe ára opávo, roime mombytahára pe, pe ropero rokê ohechauka peteî ñe'êjoapy ymaguare:

"Rohasa kuri pe pascua 98 Fozpe ha ropyta ropytu'u ko mombytahárape. Rohasa heta ára johaihu ha vy'ape. Helena ha'e pe kuña ahayhuva che rekovepe. Foz 12-04-98. Norberto".

Roho Tava'i C peve, ojejapovaekue Usina Itaipúpe ndive oiko hâgua pype umi mba'apohara kuera. Ha'e peteî tavapy mombyryvéva upe tavaryepype Foz do Iguaçu gui ha hi'âguivéva pe hidroeléctrica gui. Jeikevo upe tavapype, jahecha pe arquitectura óga kuéra apo, umi techore ogueraha ñai'û pyko'êmby karapâ umi galponre. Iñepyrumby, opa óga apo jejapo ñemboja'o curuzuicha, ikatu hâgua oiko pype irundy ogaygua kuera. Mbegue mbeguepe, umi óga apo oñemopeteî jeipuru rupi ha hekovekue. Roike peteî karuhape. Upepe oî Tekão, Juca, Gealmir, Aguirras ha hembireko, maymava oikova tava'i pe 70 ro'y guive. Rohasa haime irundy aravo rohenduvo hekovekue. Imitâme, jejahu pe y verape, "Foz do Iguaçu ndaha'eivakue mba'eve", pe Itaipú jejapo, umi mbayru guata ("caminhão-pipa"), pe mbayry guata ("pega-corno"), pe zanjon oreko po ta'â ipypukukue omoha'eñova pe tava'ipe, pe lechuga ñemono'ô ha pe hogarape, pe ñevenena koga ra'ype Paraguaipe, umi purahéi, umi paje ha pintura kuera, havô apo ha pe tava'I tuvichakue ojapova ha omohemo'i mbaite ha pe kuipe tuvichava japopyre caqui-chocolate. Rojevyrire, rohasa pe torre alta tension ypyrúpi oñepyrûva Usina Acaray gui, oîva Paraguaipe. Pe Tava'i C, oîva Itaipú rupive, ha'e oitira mbarete paraguáigui, - he'i umi oikova upepe – ha'e pe mbarete hepyvéva Brasilpe. Ñembojoaju ñekarapu'âra.

Rotopa Medina pe karuhape sapy'ami. Peteî

aryma roikuaa hague ichupe, oguahê ramo Foz do Iguaçupe; ko anga oiko São Paulope. Omoirû kuri ichupe Kyara ha Sami. Kyara omombe'u oreve pe hera regua – Maykyara, ou ypyva ante oî Brasil, Paraguay terâ Argentina. Sami ohechauka icelular joguapyre Paraguaype ndahepy'i Brasilpe ohepyme'ê haicha. Angâmieve, roikuami kuri Moape, omombe'u hembiapo teatro Foz do Iguaçupe ha pe kuairógape jerere. Kaaruetevo roikua avei Fernandape; ha'e ohechauka oreve tapicha omba'apova uperupi ha ikatuva roñomongueta hendive. Peteîva ha'e Amarilla, hendive ja roñomonguetama katu. Oikuaa porâ uperupi, ore ñomongueta pukuetemi kuri. Hekovekue, ombojopara antropologia, avareko ha hetia'etemi. Hogajarakuera oguahê ypy vaekue Ciudad del Este pe. Nda areiete oipyguara pe yvy Paraguay, peteî tenda ñongatupype otopa peteî kuñakarai ndoikuaaiva lata pe'aha.

Roho kuevo Juca rógape roikuami Zulmirape, omombe'u oreve hembiapo yma guare heindy ndive: ao hepyme'êha umi neuma upe jerere. Ymavemi heko henyhe ñemyigui, ko ânga oñangareko peteî mercería. Añetehape oî ñorairô, ha ovy'a oikohape. Imercería pe, peteî kuatia guazupe omoí mba'e aravôpa oñatende, marandú umi tembiapógui opoí vaekue ogustaitéva cupekuera ñenambi poka mesa ári pe tape ykepe. peteî jey, pe jehuga oho haime ko'êmbapeve ha "ijapyrapa". Juca rógape, Ña María omombe'u hakuha ha omarka 47 mbovy ha hasyva chupe. Karai Zé omombe'u mba'eichapa ikatu ohundi umi plaga oîva huertape, avei ambue koga oîva iquintape, ohechauka avei oikuaa ha pe pohâ ñana, ovy'a ha'e "oikovo pe kokuepe". Moa oî kuri avei upérupi, pe pyhare ohotakuri peteî tave'ý jukyry Boliviape, upejave ore rohota São Miguel do Iguaçupe rojotopa hâgua iparientekuera ndive. Pe pytahape, rorecibimi marandu mbayru oñembyaiha São Miguelpe. Ropyta haime peteî aravo pepe. Ohasarire pa aravo pyhare, roguahê São Miguelpe; roikuami kuri Mônica, Carlos, Tião Fátima ha Moniquepe. Pe ñomongueta ñecena jave oho puku pyharepyte peve.

Ropu'â voimi São Miguelpe. Fátima oregueraha Sadi rendapeve, pira ra'âha uperúpi, omba'apo mboygue peare, ha'evaekue chokokue ha ñemuhara. Roguahêvo, oî kuri mbohapy jagua ijerere ha ombyaty tomates-cereza ore huguaitî pukape.Omombe'u hembiasá umi pirandie: armado, paku, bagre, traira, corvina, pira-jagua, cara, piabucu, surubi, pintado, tukunaré, lambari, tilapia, palometa, betara umiva. Hetaichagua jetopajey pe Ypa pe. Pe puka apytepe, ojura heta hembiasarere, pira ra'âha ramojepe. Kaaruvove, roho kuri Tião, Fátima ha Moniquepe ogaaty ava-guaraní Tekoha Ocoy, oîva ditrito Santa Rosa do Ocoy me. Pe tape ñaguahêha iñetrañova: peteîvo jahecha reserva indígena, ambuevo, sojaty – ñupyso jepigua upérupi. Umi kolonokuera alemanva avei hakatey imba'eteere; pe Santa Rosa do Ocoy me iñe'ê katu ha'e alemán. Pe ñepohanoha ogaatype, ore recibi upe cacique Daniel. Ha'e he'i, pe kuaapy ha pe ñe'ê peteî tava orekova tuvichavéva mba'erepy upevare oñembotuvichavaerâ. Nahaniri, ko'anga rupi oñemotenonde pe ñembo'e ñe'ê portugue. Oiko hâgua cacique

ndaipóri jeporavo, pe odecidiva enterovéva. Upe tapicha ogueraha porá ramo hembiapo, opyta arepeve. Pe oî rire Ypa, ñembohupa pariente ha angairû ambue y rembe'y hasýma jeho upérupi, ko ángarupi jejotopa sapy'a py'ante. Pe tembiasakue Ava-guaraní isufrido etemi, rovisitaramo nguare, pe ogaaty ohasa kuri mba'asy vai Malaria. Tião avei oregueraha ambue ditritope upérupi, colônia aleman kuerape, colônia italiano kuerape avei.

Pe pyharevete roho rohecha pe pista skate Tião oipytyvô jejapo hâgua. Roikuami pe São Miguel do Iguaçu ndojejapovéiha parto, pe peteîmi orekovakue pe tava oñemboty. Rohovevo Ipiranga peve; peteî árami roimekuri pe playa Costa Oeste – pe Ypaicha avei, entero umi tekoha ha'e joguaha. Rojevy pe tape iporâveva rupi ha roikuami Clarindo pe ha hembireko Maria, ambue pira ra'âha. Chupe pira ra'â ndaha'ei tembiapo tape pukupe guarâ, jekarurâite. Omysakâ oreve mba'epa heise "ñomoirû" ha "colonia" pira ra'âha. Peteî colonia pe, oreko teko me'ê hekoviataha orekovo tembiapo repy pe pira ndaikatui javeramo oñeha'â ha ojejuvilava; pe ñomoirûme umiva ndoikoi. Maria ha'e omoñe'ê kuaa'ýva kuatia oiporavô rupi ichupe itúa, ndaareitepeve ndohechakuaai pe viru. Peteî jey jejopype ha'e ohechakuaa tekotevêha oha'i ha olee. Ko anga, ohai kuaama hera ha ha'e tembirepykue ñongatuha Colonia de Pescadores São Miguel do Iguaçupe. Ogustaveva chupe ningo ha'e opoiramo pe pira ñuhâ.

Roguejy pe tape py iporâveva rohovo Centro Itaipulandiape. Pe tapere rohecha peteî óga ojeguakapava limetape. Upepe, peteî letrero he'ipype uperupi ndaikatuiha mymba api, ohai Geladinho ha'e empresario. Rojepopete osêpeve peteî kuimba'e tuvichava oñatende orerehe. Maximiliano oñe'ê mborayhure, kuña porâre, purahéi, mitâre ha politiko puaka. Umi iñapytu'û roky apytepe oî: Brizola mano-oikove, Kurusu veve TAM, Teixerinha, a santa de sutiã ha pe pira ra'âha. Pe dengue rupi, saima hemby jeguaka kuera, heta ojeipe'a apouka kuairóga rupi. Ha'e upemaramo ojagarra imbaraka japopyre mbayru tipo "bombona" po litro ha opurahéi peteî purahéi italiana. Geladinho oiko ha'e ño ha pe ta'eño ogueraha radiópe ohekavo iñirurâ, ikyrava terâ ipoiva há'eguive irurâ. Nda jaikuaái peteî ára. Geladinho oregueraha ivecina peve Zulmira, ambue temiporâ jará oîva tava pe. Hi'âite ichupe oheja pe Itaipulandia, oikose Jaraguá do Sulpe. myengovia pe tava ha hembiapo, ao apo gui pohano hara. Zulmira oñe'ê mborayhure, celular memoriare, transposición dimensionales, ohasaasýva, ojapiraêva, imba'etee, ñemosê ha politiko pu'aka. Rojapyhara pe ma'êhape oîva tavape, ojejapovaekue Aparecidinha d'Oeste rérape, tava'i ojahogava oikorire pe Ypa. Âvaichagua monumento heta oî perupi. Chico, taxi mboguataha, omombe'u upe ojepe'aramo guare pe yvy. Upe dictadura ronguare itúa oprotesta tape ykepe jahechapa naiporâmievéi pa pe ñembyengovia. Rojevyje'y tava pe ha pe Oga Mandu'arâ oñemboty kuri pe aravo rupi. Roha'âro ñenohape kapi'ipepe oupeve Urbano llavereheve pe kuairóga tuja régua. Pe jeikevo peteî tayra gua'u, peteî apo yvyraguiguare oku'e sýi. Huguape, peteî koty heny'he ka'avo poha ha ipotyva iñetranomiva. Urbano oñe'ê

mbopyahure, tembiapore, mba'eichapa jeikuaa jejapo jejapohape, oñe'ê peteîteî umi ka'avore. Ojapo kyse ha ombyaty viru. Rohasa peteî kaaru kyreý. Pyhare ñepyrume roguahê Rodison rógape, ojapovaekue peteî aranduka tava rehegua. Omombe'u oreve pe y henyheteramoguare, omoñe'ê kuaa'ýva ha etrategia ñemosarambi aty política ñeme'ê myengoviarupi. Roha'arô aja mbayru ohova Misalpe roñomongueta Ella ndive, sy guasu pe Munich rogagua. Hembiasa oñepyrû okañyramo guare umi aleman oîvaekue Rusiape, oheja takykue umi imbaeta ha mitâmiguive tupape. Ikatuvaguive oike pe trenpe tera ohasa asy ro'y ku'i peteî jehasa y atã ári mbayru pysyrý'i rupive, opiâ. Umi tapicha ojeoiva Europa gui yga renyhe, heta opyta pe tapere. Upeicharupi, Ella rogaygua oguereko heta pariente iñasambiva opárupi ko yvy apere, oî heñoivaekue Chinape. Ella oikove ypy Brasilpe, okakuaa ombohapevo pe kaaguy, avei oiko mbykymi Paraguaipe. He'i opa kuetevo: "Pe'ê nda che gueroviai, tuicha mba'e ha'e pe tapicha rekove".

Misalpe rotopa Ivo pe, Kamba. He'i ha'e, iñepyrumby tavaipe umi aleman catolico kuerante ikatu oike Gleba Avare guasu pe, âva ndojehechaporâi oîma rupi italiano ha nortista uperupigua. Ivo oguereko peteî karuha omba'apoha mokoî tayra ndive, Ademir ha Betão. Ademir imandu'a porâ umi ára yma ysyry guasure, omombe'u peteî tavai haeño: "ha'eteva ku avave ndaiporiva oikova upérupi araka'eve". Ohecha imitáramonguare pe y ojupiva ha omokañymba. Betão ha'e ikyre'ýguinte omba'apova ñe'êpuhoe comunitária tavai pe, Pepe oñerreponsabilisa umi kuatia marandu ñembosaráirâ. Oregueraha Gisela peve, japytekaha upérupigua. Ha'e ohai peteî aranduka omombe'uva tembiasare Misalpe; he'i ipype umi británico ñeime oguenoheva yvyra omopu'a jey hâgua Europa ñorairôrire. Oñe'ê avei ñemo mbovy tuivicha umi tavaguakuera pe popaapypa arype germanica porá reko. Misal heise "aranduka ñembo'e guasu kuera". Romohu'â upe ára Santa Helenape. Amo roiko Linha Progresso pe, opytava aguîete refugio biológico gui. Rotopa heta yvyra hi'ava, umiva apytepe oî mbocaja ha mandarina.

Kuairógape roikuami Cladirpe. Ha'e oñe'ê iñambueha ara reko oî rupi pe Ypa ha itúa tindy rupi ojepe'a rupi ichugui ijyvy. Ha'e hei, umi royalti ogueru pokâ ñekarapu'â tavaguape. Ikotype, heta yvy ra'anga ha alfile kuera omarcava tenda oñemongy'ava ha avei mymba mba'asy kuerare. Rotopa avei Natanpe mbujape apohape, oguahê apuroitepe, oreko heta tembiapo avei osêtagui. Roñomongueta avei hendive sapy'ami. Ha'e he'i Santa Helena ha'e ndoguerekóiva ñongatupyre umi tembiasakue jehasapyre mbohapypa ary. Manduarâ – opytava tavai pe Ypa rire – ha'ete opatava ohovo noñeñamindu'ui rupi enterondive pe omoanbueva ichupe, katu imbareteve umi ñemombe'u ijapopyre tape pukupe. Ko anga, pe tenda oguereko peteî tercio mbovyve pe tavagua oguereko ramoguare iñepyrumby pe popaapypa ary, opa pe yma aporeko opaichagua ikatuva umi ñanembojoapyva ymaguare rehe opa ohovo. Natan ohechauka: pe tavai rera ha'e Santa Helena, katu ipatrono ha'e San Antonio, pe ta'anga guasu ha'e peteî Nandejara, pe guataha ha'e petit-pavé

oîhaicha centrope, ogueru joguaha inglês terâ italiano nguera mba'eva ha hembi'u añete ha'e costilla gaúcha. Peteîva ñembosarái upepe guava ha'e trencito, ombopuva pito ápe ha amo. Natan omombe'u avei ñemosarambipaha, umi tekotevê, oñesaingova ha oñembyaty gua'uva, opyta hâgua katuinte pe mbareterâme, ñembojere partido politiko kuérape, pyko'ê, py'atyai, ñemoha'eño, kamba ñeñorairô ha Coluna Prestes. Upe casa de cambiope, rocambia real guaranime ha roikuaami Gustavope, oha'i peteî kuatia pehenguere pe tape rojapotava balsa pe Santa Helena guive Puerto Índio ha Sanga Funda peve, yga rupa Paraguaipegua. Itúa oiko upérupi. Sandra ore recibi imena mba'apohape. Ha'e omba'apo momarandu turismo upepe, oñe'ê tapicha kuérare, tenda ha tembiasare rehe – Coluna Prestes na Ponte Queimada. Oky upe kaaru, ropyta peteî tapýi guype roguenohe foto ore akymbaramo jepe. Roho yga rupa peve ha roikuaa mba'eichapa rohasata. Rojevyrire pe tavaipe rohomi kuatia renda rohecha, upepe Mario ohechauka oreve heta yvy ra'anga, peteîva henyhete tendota ra'anga omanómavaekue ha mburuvicha tesaraipyre.

Rosê Diamante d'Oeste gotyo rovisita hâgua pe tavai guaraní Tekoha Añetete. Rohekavo pe mbayruguata pytaha, roikuaami Cândidape, peteî kuña karái henyheva tembiasaregui imba'embyasýva yvyre, ñemano ha ñemoha'eño. Hi'âite ichupe ohepyme'êmba ha oho ambu'e tendape, hasy hina kuri ha oikotevê ñeinterna cirúrgica râ. Pe ñorairô yvyre tuvicha Paraná Oestepe. Rohove peteî michimie ha roguahê peteî puestope centro rembe'ype, upepe roikuaami Djane ha Marcelope. Ore resape'a marandu rupi upe mbayru aravo jehasare ha roike hagua ñemonguetarâ Diamante d'Oeste pe. Marcelo sa'i oguata pe tavaire, imba'apoha oñapytî ichupe. Mbayru pytahape roikuaami Josépe, minero 65 ary oguereko, ko anga ha'e chokokue, ha'e he'i ojapomaha entero mba'e hekovepe, omba'apoma avei Itaipupe terraplen apópe. Oiko Vila Bonitape, aju yvype "ahekavo porâve'râ"("caçar miora"). José imandu'avo Itaipúre ojapo hetepe pe oma'aporamo nguare terraplenado pe – tekotevê umiva ponotei oiko tembiasa asy umi mbayru omboguejy jave mezclape construcción hape. "Omano heta tapicha upe tendape", omombe'u José, upe hovare jahecha imandu'aramo ha he'i jey: "Ipeligrosoetemi pe terraplenado apo". Diamante d'Oestepe, roha'arô jave roho hâgua a dedo ogaatype, roguahe peteî ñe'epuhoe comunitáriape. Upepe roikuaami Elisangelape, peteî mitâ kunã pyahu ñemonguetaha. Chupe guarâ, pe asyvéva kuri ha'e oheja upe ñe'êpuhoe ohota ramo nguare ambue tavaipe. Rojevyvo kuairógape, Leomar oregueraha ogaatype Tekoha Añetete, opyta pakoî pukukue pe tavaigui. Leomar omba'apo kuairógape ha ha'e temimbo'e tembiasare regua, upe mboygue ha'e kuri mbayru mboguataha, tembiapo âvaichagua rupi oikuaa heta tenda. Pe ñupyso yvytyeta Diamante d'Oeste ndojoguaiete umi kuairóga ha tavai rombohupavaekue umi ára ohasavaekuepe. Leomar oikuaapaite. Roguahêvo ogaatype, roike mbo'ehaope Kuaa mbo'e (Saber ensinar). Amo oî peteî apu'a tuvichava heta cacique kuera ndive ha pehengue saimi tekove rape kuera, Itaipú, Funasa ha

kuairóga umiva. Jepiveguáicha umi ogaatype, roñomongueta cacique ndive roguerokonsegui hâgua permiso roimemi hâgua pe atype, ha ndaikatui kuri. Cacique Mario he'i oreve pe aty ha'eha ñembotype umi ombosakoi vaekue pe jotopa, omombe'u oîha aty kuera hovaigua ha ombosakoiva Guaraníva ha upevare oikotevê ñeñongatu. He'i avei ikatuha roikuaa pe ogaaty ha ambu'e jotopape ore ruguaitîta vy'a pavêre. Mario ha'e Daniel ryke'y, cacique Tekoha Ocoy pegua. Peteî oga umi tavaietape, rohecha peteî ta'anga omy'iva ku mangaicha oreve guarâ ojoguaetemi ijapopyrepe. Rojevyvo Diamante d'Oeste centrope, rojohechapaha Leomar gui ha rojujey ñe'êpuhoepe roikuaami Nesiope, peteî ojerokymivaekue ombosakoiva tembiapo porarâ umi tavaikuerape ha ombaapo mombe'uhara ramo.

Omombe'u upe oikovaekue Paraguaipe ymavemi, peteî hymbaetava – ipepoatâme – oity pohâ vai meme umi chokokue oîhame yvy. Mbayru pytahape, roñomongueta peteî mbayru mboguataha – oñe'ê iñimportanteha jareko kuaapy ha pe oikovaekue tapicha kuerare oiko ndoipuruirupi âva. Santa Helenape, rohasa rireminte pe Policia ha receita Federal rembiapopy, roime kuri pe ypygua "Oro ha Plata", tape Puerto Índio Paraguaipe, ha hyepype oî kuri ambue mbayru mboguataha ohekava avati ha soja. Pe rohasavaekue jave, peteî ka'aguy yvyraeta pirupyre, y myanyhere. Puerto Índiope ore recibi Steban, Carlos, Francisco ha Gustavo. Ikatupyryva, omombe'u oreve mba'eichapa roiko vaerâ upérupi. Roipyte rire heta tereré – jey'urâ japopyre ka'agui y roysâre - , Francisco, oadministrava upe puerto, ore mo abuen tiempo jekarurâ hiangeirû kuera chocokue ndive: Sara, Pedro, Victor ha mitâ nuera ndive. Roikuaami upe "karu paraguaiete" tapia: mandi'o mimói hê'êy, tykue'i kumanda ha so'o. Tembi'u áriguava, mango ha sandia. Sara ha'e tembimbo'e ingenieria ambientalgua ha ogustaimichupe yvy ra'anga jehai, oipuru umi hechakapyyrâ oikuaa hâgua ha omombe'u hâgua tekoha ombyaiva, umi omomichiva pe y heñoiha ha tenda yvyraty ha pe ñemopu'â monocultura Paraguaipe. Pedro honorario oî hâgua pe ñume; chupe guarâ yvy ndaha'ei mba'e repy, ha'e okontrea pe agrotoxico jepuru ha monocultura – opyta ha'eño pe soja transgénica aty ombojereva ichupe pe oikohape. Victor ojoka hina kuri pe yvy galpón aporâ omartilla atâ jave, osakoi tenda oreko hâgua vaca amirâ . Ha'e oñembokatupyry pe pohâ ka'aty guiguavare, oipytyvô heta hâgua tavaipe, ndaipori rupi pohanohara uperupi. Pe tenda ha'e ñemoirû chocokue ha upepe oî peteî puhoe. Gustavo oikotevê ojogua y atâ ha oheka ijequipo ñembosaráirâ. Uperupi oî peteî ñemoañotenonde oparticipahape porundy equipo upepe guava; pe ary paha Gustavo equipo osê kuri campeón, "Chealsea" Puerto Indiope. Oregueraha jey puertope, roha'aro jey a dedo rohovo General Díazpe, amo roreko mo'opa roketa. João, peteî mbayruguataha ohasava pyhyinte pe tava rembe'yre ohekavo ta'ýi oregueraha ore destinopeve. Ambue lado pe tape pukure, sojatyeta opárupi rohecha silo peteî teî – peteî ñupyso nembojojoí peve. Roguejy karuha renondepe Lourival mba'eva, amo huguaitepe oî koty jepytu'urâ. peteî ñe'ê kanguy portuguepe,

Lourival oregueraha pe koty nandi huguaitepeguava. Pe ara paha vove, rosê roguatami pe tape General Díaz rupi, peteî tavai oîhame 600 tavayguakuéra, haimete brasilero meme.

Lourival orecombida roike hâgua hogape oreko piso encerado, cortina okere, jeborda pyre ha croche guiguare ao jejohe'ihape. Oikova yvytimbo pytâ vype omopu'âva umi mbayruguata ohasava ko'ê ko'êre pe tape yvy ári, ha'e oga potî. Roho oga ñmuha peve ryke'y Americo mba'eva, hembireko ha'e peteî omoñepyrûva pe tenda. Ambue imandu'a heta ohasavai vaekuerehe oikovo upe tendare, pe ndojeleeire, yma: "General Díaz ka'aguy meme vaekue". Mbaracayupe roikuaa Mariope mymbaetajara ha tayra Ademir ha walmor. Mario ha'e peteî tuvichava yvyjara uperupigua, carnicero ha avei mba'e neuma jara. Omombe'u ourô nguare Paraná ruguagui ko'a yvype ha ojepe'arô nguare 70 hectarea ipogui ojogua vaekue hogagua ndive ha ho'a peteî colonizadora poguype. Oñe'ê avei mba'apohare orekovaekue omopu'a hâgua irundy tayra kuera, pe kokue okaru hâgua, hi'âva ichupe oipuru tembipuru mbarete oguenohêve hâgua viru – katuinte ogusta ichupe umi papapy - , pe ñemoha'eño umi paraguai gua ndive ha pe jeju – nda areiete jasy paha irundy ogagua oho Mbaracayu gui. Rohâ'arô ñepyru ka'aru rovisita hâgua Casa de Cultura. Amo roikuaa Nidiape, peteî paraguaya mbovymi upe tenda guava. Itranquila etemi, ohechauka oreve aranduka papapyrâ mombe'uha ha ñe'ê iboty guaraníme, âva ijakaso umi arandukaeta português apytepe. Omombe'u isy ñemano ha ojevy jeyvo Mbaracayupe opyta hâgua itúa ykere. Walmor ha Mario oregueraha a dedo San Alberto peve. Taperepe, roporandu agrotóxico jepurure pe kogatyre, ha he'i noiri ha en contra, umi técnico empresa química gua ombo'e ojeipuru porâramo ndogueruiha mba'e veichagua kyhyjera. Chupe guarâ, pe y ñemongy'a poha vai pe ha'e japuparei he'iva tapicha nontendeiva umiva mba'e, "pe omonguy'ava pe y ha'e y jeporupyre ouva São Paulogui". Opa pe ára San Albertope, tavai brasiguaya ha pytâ. Hemby gueteri aravo rohejavo ore ao ky'a pe aojoheihape opytava aguîete mombytaha.

Pe yvy ra'anga jeheka upérupi, rotopa peteî mbo'ehao. Upepe roikuaami Amânciope, omombe'u oreve pe Ypa Itaipú pu'aka há iñamindu'u pe mba'e porâ tekohare upe San Alberto jerere. Hógape, uperamo ohechauka opaichagua porâ reko: hembireko Gracinda ha'e brasilera; itajyra Beatriz, paraguaya. Oñe'ê porâ ramo jepe mbohapyve ñe'ê, Amâncio ha Gracinda oñomongueta guaraníme; Beatriz oñe'êseve karai ñe'ême itúa ndie; ha isy ndive oñomongueta portuguéspe. Upe karu guasupe, omoirû parra rykue argentino, oîkuri ñe'ê mbojehe'a porâ. Amâncio oregueraha ambue tavape. Iporâva tembiapo oñondivepa Minga Porâ, peicha ñahenoikuaa kuairógape hembiasapyre ha'eva ñemoatâ peteî tava ambue jerovia renondepe omoîva Revolución Verde guive. Asagrapa ha'e moirûhara chocokuepe oñeha'âva teko porâ potî, ñemity ta'ýi ñanemba'eteete. Anunciación, omyakava ko'anga kuñanguerape, ore recibi hógape ha omombe'u mba'eichapa omoîporâ ha oparticipa ojedecidivaerâre. Hogaygua ha'e

peteîva Minga Porame, ohovaekue kaviraîme pe dictadura ronguare ojerurevo sâso jejokuái-ñangareko távape. Upe ka'aru roho taxipe Salto del Guairápeve, irundy hasahandive pe apyka tapykuépe, mbohapy tenondepe ha peteî karameguâme. Salto del Guairápe, arateîme, umi ipyahuvéva oiko motope pe tape mbytere. Umi tape puertope oî vy'a añetegua Paraguaype banda puatype –maymaba roiméva upepe rojeroky heta. Pyharevete, rosê Guairá gotyo. Rohasa Pokôi Je'a, rohasa aja uperamo. Yvy brasilpema, roho kuri Casa del Artesano peve, upepe roikuaa Margaritape – ha'e he'i, tava Guairá oñandu tuicha pe jepe'a umi je'a Ysyry Paranágui, oikovaekue jejaporupi Ypa Itaipú.

Ambue pyharevepe, rojotopa Ana ndive, ogueru oreve heta tekovekue ra'anga peteî mbayru renyhete memby gua'u michimi Guaírape ijapopyre avatí piregui. Omoî aja mesa ári umi tembiapore omombe'u tekovekue umi tape tavapegua ha tavaipe guava. Guairá, oîrupive teta rembe'ype, yma guive tenda jehasaha, oî haimete tape ku'a Peabiru gotyo. Villa Rica rembiasare, Jesuíta kuera rembiapore, heta jey ohundipyre bandeirante ha oñemoíva kuera. Tava pytava, ohasa pokoî tenda opaichagua opytapeve Paraguay. Peteîa tekove ha'e: Alejo García, peteî kuimba'e morotî ohasavaekue Guairárupi, uperire jejuka Paraguay jerere; ha pe "jurumby'ýi"guaraní, peteî momaranduhara – pehengue mbarete ogaatype ohejava tapere mba'e michi, hechakapy tava mba'ete. Upe Pokoî Je'a kañymbyre, omombe'u pe hyapure: guaraníguape, ha'eva Tupã ñe'ê. Ojejapovo Ypa, oho tupã. Ka'aruvo rovisita "mba'apoha"fraile Pacíficope, artista ha tekohañangarekoha uperupigua pairundy ary oñoty jey kaaguy pa'û. Jatypekaha, oguereko heta tembiapore tete ra'â, moha'anga ha ña'ûaporape japopyre guaraní porâ rekope ha cristianismo. peteî português pa'â pa'â – oiko heta ára Europape -, oñe'ê pyturekore ha heko sencillova, omombe'u mba'epa heise umi tembiapore ha ore mbo'e mba'eichapa roñoty vaerâ ka'a Suely, hembireko, orekombida piña rykuépe ñotypyre ikokuepe. Roguata tuivichava yvotytyre, tenyhete kogatygui – fraile Pacífico ha Suely oiko porâ hendivekuéra. Uperireminte, roho kuri ña Lucila rendape, peteî paraguaya jeikuava hembiasakuere ha oikuave'êva hi'upy tavaipe mbohapy aravo kaaruvove – mbujape osêramova tatakuagui, chipa ha cocido aku paraguaiete. Ña Lucila oñatende Capilla Ñande Sy Tupasy Ca'acupé, japopyre hóga ykere isy rembijerure rupi. Lucila omombe'u oreve okañyronguare tupasy – pakoî ary oreko ramonguare- " techapyrâ" ojevy jey ijaltar capillape. Opavo hembiasare, ohechauka oreve peteî tetera'anga ikatuva ereko nde popytepe. Lucila rógape oî avei Bonifácio ha Maria, oñondivéva La Palomagua. Bonifácio opurahéi peteî apytégui purahéi Paraguayete, enteroveva omoirû poramiva há'ekuerahaichaite. Maria oparticipa Asociación de los Derechos Humanos Paraguaype, omombe'u pe iñambueva ñepytyvô Brasil jokuáiha ha Paraguay ndive, oñe'ê tembiapógui opoiva – "tuja Paraguaype hasy". Oho Brasilpe ñepohanorâ. Oky parire roje'oi.

Roguahê Marechal Cândido Rondon oñepyruvo ka'aru ñepyrumbyvo. Marly roga

rapere, ho'ami peteî aguacero. Pono orerykue, roike peteî quesu hepyme'êha jejapova upejerere. Upepe roikuaami Vinciguera, tera Italiagui ouva osêva jejuro nguare yga Brasilgotyo. Ñekañy ñorairôgui ha'e puaka. Arminio ha Ivani oñe'ê ara reko ñemityrâ ha jeipuru porâvehâgua upe jerere: naranja apepú, yvyra, menta, ka'a ha soja. Omombe'u avei Allica rehegua, karaí kyhyjeha uperupi – ymami "mensu"ramoguare, ha'e opoi Y Paranáme ipytyvoharape. Marly oiko peteî oga yvyragui ijapopyre ogueruvaekue Porto Mendesgui oñapymi mboygue. Uperamo guare, ojeipuru mbayru ikatuva ogueraha oga ijapopyre peteî tendagui ambue tendape. Omongakuaarire mbokoî tajyra ha omano rire imena, Marly oñeha'â oike mbo'eha guasupe; mokoî ary jeyma omohû'a hague Curso de Letras, ko'anga ombo'e mbo'ehao terakuaápe ha ombo'e alemán hógape. Oñe'ê pe tekove atyre colonia Ypa rembe'y Paranáme ha pe ñemoha'eño tavaipe. Marly peguarâ, umi chokokue omba'apovaekue yvyre teko ambue oñandumi hikuái ha oipe'apa opaite ogaygua. Alemán ñemoñarekuera ha guaraníva, Marly ohechaukaheta ta'anga ogayguakuera ha umi mba'e ymaguare – hi'âite ichupe omyengovia pe tenda peteî museo hogayguape. Upe yvotyty tuvichava, oî heta ryguasu, peteî jagua ha mokoî lorito – peteîva jepiveramo oñe'êva. Rojevytavove, Marly ombohasa ambue ñe'ême umi kuatia ha'i ojekuaava peteî pehenguepe oñasaingova portónpe: Neue Aussichten – Ararapo Pyahu. Upe kaaru henyhete marandugui. Roikuaa avei Sergiope. He'i oreve, mbohapypa ary ojapo, oî hague heta ñe'êpuhoe Paraguay mba'eva ha Argentina guava teta rembe'ype, umiva apytepe oî ohupity mbareteva. Ambue gotyo Y Paraná, oñehendu umi mba'e porâ umi teta ha Brasilpe tapichakuera ohecharamo ha oñandu iporâha umiva. jeikuaarire âva japopyre, upe dictadura brasilpe omombarete jereguereko ñe'êpuhoe ponotei oñehundipa umi mba'e porâ orekova tetâ rembe'yre.

Opavo ka'aru roguahê Porto Mendespe. Ambue tendaicha, jahecha inandi pe tavapy y oñuambarupi Itaipú apogui, jeipuru rupi tembipuru ha pohâ vai ñemitýme. Rovisitavo museo upepegua, rohecha mymba ikâ pyre ha mba'e yma guare, umiva apytépe peteî mba'ejere tuvicha jere apu'are umi inglês mbaéicha – ha'eva ime'embyre Allica rogaygua rupive. Pya'emi ore mandu'a Vinciguerape heivaekue oreve peteî ára takykue.

Roho Benites rógape, peteî ymaguivéma oikova upérupi. Omba'apo kuri puertope oñeregueraha ramo gueteri ka'a Guaíragui trenpe, tren rape Ka'a Laranjeira, empresa – he'i Benitez – tembiguái ombohasa asýva imba'apoharape. Coluna Prestespe ojekuaava, omombe'u ohendu hague ñemongueta umi moingovaiha opytavekue Allica yvykuerape, ho'u hymba ha Omo sâso heta chokokuepe oikomiva tembiguáiramo. Ohoramonguare, ohai peteî kuatia oheja papakuaa sambyhyha poguype. Edson, Benitez Ray ha'e yvyhaiha. Oikuase avei âva mba'e ha omombe'u oreve pe jeiko vai yvy reguava umi quilombolas ha hymba hetava Maracaju de los Gáuchos, tenda aguî umi jerepe. Ore resape'a ani hâgua roike umi ñeko'ôme. Edson peguarâ, Porto Mendes ha'e peteî tavai tapicha tembiapógui opoí vaekue. Ro'uhape café panaderíape, roikuaa

kuri Negape. Roikuaa umi oikova Porto Mendes ha Puerto Adelagua, Paraguaipe, oîha joaju mbarete, oñombohupa katuinte ha ojeroky oñondive. Avei rovista kuri Laurope, ta'anga apoha oikova uperupi. Oñepyrû ramo guare, oguenohê ta'anga upe yvy'â Y Paraná. Ha'e ogustaimi chupe mbo'i. Ohechauka oreve ta'anga 70 peguare, peteîa umi carreta inglesa Allica mba'e. Opavo pe ára, roike peteî karuhape. Upe estantepe, mbo'i ra'anga kuera, pira ha mymbajejukaha. Upepe oî kuri Julio oñe'êva iñambueha mokoî arypahavove – he'i ha'e, umi estaciero ombya'ipa Porto Mendes. Rosê Puerto Adela gotyo ygape po tapichandive - ambue ára henyhevaekue. Roguahêvo, rotopa peteîa umi oga ñembotyhape. Roguata posu ha'âha peteîmi tape oîva ha rohecha peteî Marina Oñangarekoha; upepe roheka marandu tavai régua. Oñatende orerehe Carlos, ohenoi huvichape pya'emi, Alfonso ha'e sub oficial principal, "Akâguasu Destacamento Naval de Puerto Adela pegua". Avave umi oficial ndaha'ei upepegua. Roñe'êaja oguahê peteî karaí: Agapito, heñoi vaekue Puerto Adelape, ha'e omyakâ pe aty upepe. He'i kuri 70pe heta umi brasilero ouvaekue oikova Puerto Adelape, omba'apo ñemityme okaru hagua; umi 80 ha 90 arype oñepyrû ñemba'apo tembipuru rupive pe yvy, ndaha'ei peva rupi ñemombovy pe tavayguakuéra – pe tembiapógui opoí va'ekue ha ndaikatuiva oñepohano uperupi. Agapito ohasa sapy'ami upepe ha ohechauka oreve peteî tapicha ha'eva Francisco roñomongueta hâgua. Alfonso ha itayra Marcos oregueraha Francisco rógapeve, ore recibi peteî yvyraguype. Francisco omombe'u jehasapyre, katuinte ogustaimi ichupe. Mba'e kuaaseve ogueraha chupe Allica rógapeve, oikuaa hâgua añetegua pe ñemanore oñeseñalava omanovape umi "mensu" rônguare. Oñemohasa ojoguaseha tembipuru, oguahê tenda kañyhape oma'eva Y Paraná peve, tenda Allica ombohasahape mono'ôha, haihu'ýva terâ omba'apova hendive ndogueroviaiva tembiapoukapy. Oporandu roikuasepa mba'erepa ojeherô Puerto Adela. Ro'echupe añete roikuaase, oñepyrû tembiasare pyahu. Yvy Brasilpe Allica oiko hague(ohasa Brasilguive Paraguaypeve), oîvaekue peteî mbo'ehao oñatendeva umi mba'apohara raype, ha peteîa umi mbo'ehara heravaekue Adela. Upe Kuñataî omendata kuri peteî marinerore omba'apova Porto Mendes-Buenos Aires pe ohova. Pe imenarâ oho omenda mboygue. Adela oha'arô aja ou jeypeve imenarâ, "Kuimba'e Allicagua" oikuaa omendataha ha oipyhy. Adela, ojedesespera ha ojejuka imenarâ rayhupape. Oheja peteî kuatia ha'i he'iva oñeñotyseha yvy Paraguaype. Hete oñeñoty kuri yvy'â paraguaya Y Paranáme, ko'anga guarâ ndaiporiveima. Ambue tembiasapyrepe, Francisco omombe'u pe ka'a ñereguenohê ambue ára, pe iguataha tape Canindejure ohecha ka'a mbyatyha ha pe ka'a ryru 160 kilos oguereko (ohechauka mba'eichapa kuimba'e oguatakuri). He'i pe kuimba'e oguereko pyrehegua gomagui ijapopyre ponotei ojahoga ipohýi rupi icarga ilomore. Omombe'u avei cementerio ava mba'eva, upepe otopa kuri heta akâmgue yvy ari; he'i avei umi ava uperupigua oñoty tapichape iñakâ okape yvy ari. Rojevyvo Destacamento Navalpe, ofrece oreve "jekaru paraguaiete" – arro al tuko ha marinera ryguasu gui guare – ojapova Carlos. Oguahê

peteî mitâkuimba'e moto ari, roporandu chupe mbo'ehao uperupiguare, ombohovai oreve oñembotyha ymamima ndaiporigui temimbo'e. Rojevyvo Puerto Mendespe, Julio oregueraha Iguiporâme, ndaiarei rojupi mbayrupe ha roho Pato Bragado.

Rotopa Walterpe, omoñepyrûva Pato Bragado, ro'u hâgua ka'ay. Omombe'u oreve ohejaha ñemuha, oipe'a hâgua tape, ikatu hagua umi colonoskuéra opyta. Opyta vy'ape oikuaavo heta tapicha ojapovo hekove ymaguivema ouvo. Walterpe, ko'anga ofalta ijapopyrâ umi tapicha oñecontenta hepyme'ê mba'aporente. Pe tava oikotevê oiko oguata hetymare, ojekoynre Itaipú pirapirere. Roha'arôjave mbayru ohova Porto Britâniape – puerto oîhame hembyva inglekuera -, rotopa Detepe ha imemby Liape, avei ohasatahina teta rembe'y. Pe yga henyhetekuri árapokoîme heta tapicha oho oñemu Brasilpe. Oguahevo Puerto Marangatupe, Lia ohechauka oreve Luizpe, oreguerahava itúa ñemuhame, Demetrio. Upepe roikuaami avei Lidiape, Berenice ha Leticiape. Demetrio omba'apo heta ary ogueru ha ogueraha tapicha ambue gotyo upe teta rembe'ype. Peteia umi jehasape, ijyga ojahoga pairundy tapicharehe, umiva apytepe irundy omanoite. Ha'e peteî umi arevema oikova upe tavape, oguahê 50 ary jeyma, uperamo ka'aguy memetekuri. Ipuahuvepe omba'apovaekue haiharamo ha upeicharupi oikuaa porâ guaraní jeha'i. Rokaru ha ome'ê oreve kumanda ra'ýi. Berenice oguenohê ta'anga umiva. Lídia ojapo pastel ha'eteva ku hetereitava, oî tapicha ho'uva papoteî peteî tirope.

Uperire, Luiz ore reja Dete rógape, ro'u tereré upepe. Rotopa pokoî kuña yvyra guype – Valdete, Lia, Néia, Adriana, Kayla, Djenifer ha Kyria. Chico oî avei upérupi. Valdete oreko peteî oga jerokyha herava Mania Open Show, upepe avei omomgaru mba'apohara siloguape oîva ijypype. Osê mbohapy jey, ha ou jey. Ko'anga ohoitese; itúa oikova Espírito Santo, ha'e hasy ha oikotevê ñeñatende hese. Dete omombe'u imena omyemkovia ichupe Itaipú upe y ojagarrapa rupi ijyvykuera, ha hembymivaekue oîva pe jerepe jeikekuevo. Orecibirire "pira pireita", ha'e okañy upegui ha oheja pó tayra okakuaavaera. Lia oñorairô osê hâgua tenonde purahe'i haramo, ha'e kuri maranduhara ñe'êpuhoe ha ko'anga oî omoambuevo peteî aty Cuiabápe ha avei ikatu Curitibape. Néia avei ha'ema kuri maranduhara, oreko peteî ñe'ê porâ ha mokoî memby kuña, Djeni oiko Rio Grande do Sulpe ha Kayla ohota oñemoarandu Pato Bragadope. Néia omombe'u pe ñemo ambue upe tendare ndaareiete, ko'anga oî upepe yvyguygua oî kuri heta oga kuera "ha'eteva ku velho oeste". Chico ha'e oga apoha – tavai Primero de Marzope rohechakuri hembiapore peteîa umi oga. Néia ha Chico oregueraha moto ari Arsênia rogapeve ropytu'uha, rohasata upepe pyhare. Arsênia ndive, rontende porâve pe ambue reko uperupigua, jeikovai, ndaipori ñekomchavo, aty ñemosarambi, opa umi jeroky ha umi y hypa. Ohechauka oreve imemby kuña ra'anga ha hemiaryrô oikova mombyry, mokoî jeroky ikoty guasupe ha hiangairûnguera omanomavaekue. Avei roikuaa kuri Baianope, karuha jará. He'i Brasilgui ndoikuaaiha Maranhão añoite. Ita'yra Edgarpe, Marangatu há'e peteî mba'e pochy reta. Ambue árape, roho koty guasupe jekoryha upepe oiko peteî vy'a

omotenondéva ñe'ê puhoe ñepytyvô mbaraka mbopuha ndive upepegua. Roguahêvo, rohendu Tatupe omombe'u jeyma peteîha jepurahei. Oñembotyrire pe vy'a atyre ha peteî karu guasu gaúcho ojapokuaa haicha, oiko jey purahei japopyre Orlando joyvype Nelson ha Diamante ndive. Ñemongueta osyryva uperô kuri ha'e Orlando iñambue ko'anga rupi, oñeimo'â oñanduha mborayhu; upei omohû'â tenda upepe guava rupi kuimba'e oreko ikorasô ñongatupy michimi. Ambue ñemonguetaharupi, opyta tesakame Marangatú ha'eha tenda oîhame jeikovai. Upe jasyhopaha ramo, pokoî tapicha oguahê ramo vaekue ojejuka, sapy'ante oguahê pokoîpa peve jejuka. Upegui roho Orlando ndive Mania Open Showpe. Neinaminte oguahêma ambue mbaraka mbopuha ha ombopukuve pe jeroky. Rosê kaaruma upegui. Roguahêse kuri Nueva Esperanzape opa mboygue upe ára, arateî rupi asy jetopa roho hâgua a dedo. Marangatu oiko ñemoha'eño hame, ko'anga ndaipori upepe mbayru oguerahavaerâ guataharakuerape. Baiano karuhape, roha'arô mokoî aravo. Opa jave orejerovia oguahê, Luiz omboi'u hagua imbayru roimeha ypype ha oñatende ore rehe, rohepyme'êta guive ichupe ijita kyrare. Roho peteî tape yvyrei rupi tuvicha ha heta kua oguerekova, rohasa popasu hectárea ñure ha peteînte ijara ha ome'êva avakuerape oñoty hâgua soja ipype. Pe tapereaja, rohendu Luiz rembiasakue oho ramonguare Porto Alegrepe ohechavo Grêmio Porto Alegrense ho'a ramonguare segunda divisionpe. Mokoî aravorire roimema Nueva Esperanzape, ore yvy timbopaite ha ore kane'oite. Mbohapypasu, roke peteî pytu'uha rotopa ra'êvevape.

Nueva Esperanzagui roho peteî mbayru hetândive. Hernandariapema, roikuaami Miriampe ha hogaygua. Tapicha oñemongueta kuaava, ha'e ombohasa oreve heta marandu pe tavarehegua. Ropytami viru ynre ha "ñemosâsoyme", upevare roho Foz do Iguaçupe, pya'e rohasa Migración Ciudad del Este pegua. Taperehe, rohechami peteîha Itaipú ha Acaray terraplenado, aguî'ete oî ojohegui. Ponte da Amizadepe henyhete ha opa'âmbajave mbayrugui, ropyta haimete mokoî aravo. Rojevyvo Hernandariaspe Francisco ndive, taxista Ciudad del Este pegua. Taperema, ohechauka oreve peteî aty Itaipú Binacional Paraguaya renondepe – oî peteî aryma mba'apoharakuera oñemoatâ ñemosêrupi. Hernandaria ha'e tava Paraguaype oîhame Itaipú. Iñambueva pe Brasilpe oikovagui, ñembohupa Usinape hepy me'êynre jeikekuaa, upevare roike rohuatami hidroeléctrica ryepyre. Upe roguata aja, rohecha ta'anga ryryi institucionreguava, paraguayo kuera omombe'u haicha, "Itaipú Tuvichapajepeva". Heta oñembotuvichaetereíva ha ndaimbojojahaiva ombojo'a jo'a tuvicha ha pe tembiapore, avei jegueroguata tecnologiaeta, omoporâve tekoreko, ñangareko tekoharehe, ingenieria rembiapoukapy ha ome'êva mbarete. Opavo pe ta'anga ryryi, roike peteî mbayrupe oregueraha pe usina jerere rohechapaite hâgua. Ropyta rembe'y akatúva gotyo upeguive rohecha Ciudad del Este ha Foz do Iguaçu ojoykere; ijapytepe Y Paraná rembyremi. Compuerta vertederope oî jave jepe'ape heta oî ipype y ha pe Ypa ojupi okygui heta São Paulope avei otimbo upe Ypa Itaipúgui. Oî aravo roguenohê hâgua ta'anga ha roje'oi jevy, rohasa cantarilla

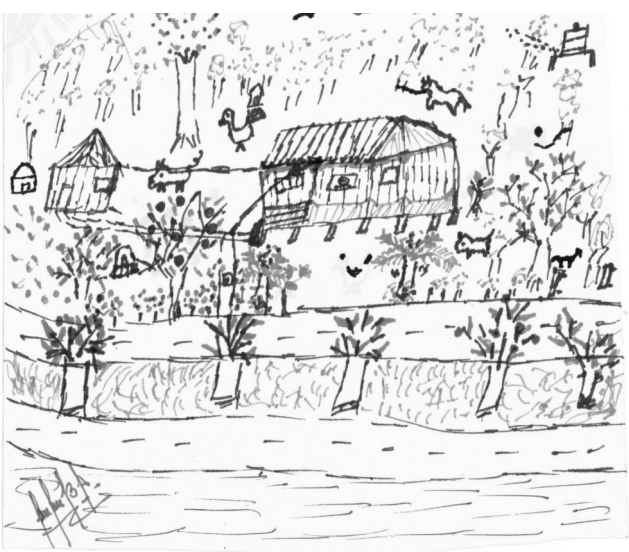
guasu rupi ombojoajuva mokoî rembe'y ha roguahê usina brasilgotyo guape. Rojevyvo roju y jokoha, upero rohecha kuri tuvichaha upe Ypa. Rosê jave itaipúgui, roho tavaipe lonagui ijapopyre jeikemivo oîva tapicha mbovymi oñemo atâkuri. Roikuaakuri política rupive, haimete mokoîsa tapicha oñemosê imba'apohagui ojapovaekue itaipúpe, mba'apohara mopotîha ha ñangarekova tekore. Pe tapýi ogueroguatama peteî ary ha upepeve naina gueteri oñesoluciona. Edgar oñemosê mokoîpapo'apy aryma omba'apovaekue. Maria he'i oikohague Brasilpe ha ambue tavape America del surpe. Tetâ ambuepe, ohenduvove Paraguay re ñeñe'ê, otî; ou jevy rire, oñeñanduvai na iñambueigui hetâ. Pyharepe, Miriam omombe'u ijehasapyre, henyhete ñe'ême'êgui ñekarapu'ârâ. Ñepyrû colonia Presidente Stroessnergui, upepe oiko porundy arypeve, itúa oikerônguare omba'apo mombytaharamo. Uperire Hernandariaspe, Itaipú jejapo ypy mboygue, uperô oî kyre'y mombytaha jejaporâ, oîrire uperupi heta mba'apohara oikotava upepe. Ndoikoi upeicha. Uperiremi oparire peiñepyrumby imombytaha apo, tetâ rendota Stroessner je'i umi mba'apohara kuera renda ojereraha hâgua pe tava oraba hera. Aremi roñemongueta pytymbype, ndohesapei ho'arupi upe mbarete, âva pyhýinte oiko uperupi. Hernandariaspe, ndaipori rupi upe mbarete, heta tapicha oreko y potî ha ndorekoi y jepurupyre mo'opa ohykuavo hâgua. Pyhareve ramo, pe mbarete neina gueteri ou. Roho Paraguaype, ha'eva peteî tavai iñepyrumby América Latinape, tava jejokuai katu oî Pepe ha avei oreko museo ha biblioteca Paraguay rehegua. Hernandariasgui Paraguaypeve opyta mbohapysa irundypa pukukue, oreguerahava poteî aravo guatahavo opyta rupi hetajey tapere.

Paraguaype ropyta mombytahára Angélicape, peteî oga ymaguare ha oñeñangareko pôrava. Oîme uperupi oguatava brasilero, chinês ha coreano heta hikuái tavaipe. Jasyteîme, haime mbohapysu temimbo'e brasilero oñemo arandúva Paraguaype maestrado ha doctoradorâ ojapova hina. Taperehe, ñe'ê guarani ñahenduve ha umi "pohâ" repy me'êha tererérâ, oî hikuái oparupiete. Rohekato tembiasakue, porâ rehegua ha porâ reko, roho kuatia ñemuha Plaza Uruguayape. Upepe rotopa yvy ra'anga, ñe'ê apesâ ryru, ñe'ê ha kuatia guaraní reko porâ rehegua. Peteî ymaguare memete jatopahape, rotopami peteî kuatia michimiva guaranime, upeva peteî tetâ rembiguái Paraguay ra'y. Museo Bellas Artespe rotopa ta'anga Paraguay rehegua ohasavaekue ñorairô ronguare. Upe oga guasupe avei oî Paraguay rehegua tembiasare, upepe ikatu jetopa kuatia añetegua 1534 guive. Peteî kuña carai omombe'u oreve mba'eichapa ikatu roguahe umi kuatia roipuru hâgua, entero umiva ikatu oipuru umi ojatypekava jeikuaa ha ñemombe'ura. Cabildopema, Centro Cultural de la República del Paraguay, rohecha peteî ñemyasaî Moisés Bertoni rembiapore, yvy ra'anga upe Y Paraná jerere, ta'anga mymbakuera ha yvyrakuera, ta'anga kuera, kuatia ha'ipyre ha heta mba'eve. Bertoni oiko kuri upérupi iñepyrumbyvo pe sa ary ohasavaekuepe, kuatia kuera ohechauka irumdypa mokoî ary porâ guaraní rehegua ha yvy ra'anga

haipyre Paraguay reheguava.

Roikuaa Zulmape Secretaria Nacional de Culturape ojejapo ramoitevaekue, oñangarekova umi tembiguái apo porâ Paraguay rehegua. Oremboguata Dirección de Asuntos Comunitariospe, upepe roikuaa Leape ha roñe'ê porâ opaichagua rehe ha tembiapo upe teta rembe'yre. Ka'aruetevo roho Guillermo rógape. Roikevo, roikuaami cacique Brunope, peteî karai ijoheipyre Chamacoco. Ambue ojapo ñe'ê apesâ ryru iñe'ê teetepe itavai régua. Guillermo omombe'u imba'apohare ojevyvo atype mboriahu upepe heta ndosoiva opa ára; omombe'u avei ojehe'aha Tapicharekoverehe ha mba'e puatyre. Ha'e oheka ñemokyre'ý umi Chamacocope, Guaraníme ha chokokue kuerape omombarete hâgua imba'e porâita teeva ha avei oikuaa hâgua ñembohasa marandu porâ ojopyva ichupekuera. Ore mokyre'ý rojapo hagua tembiapo ñembojehe'ara aty rupive jatypeka rupive brasilero ha paraguayo kuera ndive – peteî temikotevê uperupi ha tavakuera ndive.

Roho Paraguay guive Villarrica gotyo ymaiteguare ha ndopytaimivaekue, peteîa umi tavai America karai ñe'êgua. Jasyteî pahape pe tavai osakoi carnavalrâ; upe okarusupe rotopa peteî aty opintava hina gomba kuera jeguata rysýi, osakoiva "ohechajatava ijeroky" pe tape tuvichakue javeve. Rohasa mba'e ñemuha rupi ha rohecha mba'eichapa omumu umi mba'e hepyme'êha opa kuetevoma upe ára ore mba'apoha. Rohasasemi kuri upe árape tetâ rembe'yre. Opakuetevo ore aravo Villarricape roguata jey tavaire, ropytu'umi peteî okarusupe oîhame heta yvyramata ha isombraguy porâ heta guyra kuera. Rohovo Villarricagui Ciudad del Estepeve hetami rohasa asy. Peteîa ára kuarahy hakuvejave ikatuhape rembochyryry tupi'a itarykukue, oregueroguata mbayru tenyhete opytava peteî aravoi ohupi ha omboguejy hâgua tapichakuéra. Rohasa tetâ rembe'ype ñe'engatupe peteî taxista ndive. Ha'e he'i peteîa umi problema ha'e ndojeikuaagui upe mba'e porâ ava orekova, ogueruva ñorairô tavaygua ava ndive. Enteroite mba'ere, umi tapicha oikova ciudadpe ndorekói en cuenta hembiapore, oî mboguy mokoî ñemoñarekuéra, ava teeteva ko anga guarâ omba'e jerureva mbayru pytu'uhape terâ opytahape ha'ekuérami ombyatyva yva hembi'urâ ome'êva ichupekuéra pe ka'aguy Paraguaype ha pe yma apo reko ha umi teko reko asy umiva oñemo ambue hâgua pya'ete.



DIARIO DE VIAJE

Sobre el Lago Artificial de Itaipú, percibimos la dimensión nocturna del monumento. Después sobrevolamos casi toda la extensión del Paraná bajo luna llena, llegamos a Foz do Iguaçu al inicio de la madrugada. Ya en la casa de Juca, conversamos por horas a respecto de nuestras intenciones de deriva y rememoramos el encuentro de un año atrás. Juca vive con Teresa, dos hijos y sus padres. El señor Zé, padre de Juca, describe un reciente episodio de persecución policial, su deseo era no estar allí, pues "la ciudad es peligrosa y bandido no perdona". En procura de un hotel conocimos a Luís, un chileno que vive hace doce años en Brasil. Tiene voluntad de trabajar con la concienciación ambiental y contra el tráfico de animales silvestres, quiere instruir a las personas que poseen animales en la zona urbana – citó como ejemplo los caballos sin herraduras que andan sobre el asfalto caliente. De vuelta a la casa de Juca, se inició la película "En busca de la felicidad", acompañado de rodajas de tomate, queso y salame argentinos. Entre otras conversaciones, la novedad: Teresa viajará a China. Al final del día, ya en el hotel, la puerta del ropero reveló una antigua anotación: "Estuvimos pasando la pascua de 98 en Foz y hospedamos en este hotel. Pasamos varios días amándose y divirtiéndose. Helena es la mujer que más amo en esta vida. Foz 12-04-98. Norberto".

Fuimos hasta la Villa C, creada en la época de la construcción de la Usina de Itaipú para albergar a los trabajadores. Es uno de los barrios más distantes del Centro de Foz do Iguaçu y el más próximo de la hidroeléctrica. Al entrar en el barrio, observamos la arquitectura estandarizada de las residencias, con las estructuras de los tejados arqueados como la de galpones. En su origen, una misma construcción se dividía en cruz, lo que permitía abrigar hasta cuatro familias. Poco a poco, esas construcciones se singularizaron por las ocupaciones y sus historias. Entramos en un bar. Allá estaban Tekão, Juca Gealmir, Aguirras y su esposa, todos moradores de la villa desde la década de 70. Pasamos cuatro horas escuchando sus historias. La niñez, el baño en el agua dorada, "Foz do Iguaçu no era nada", la construcción de Itaipú, camión cisterna, el camión "agarra cuerno" (expresión jocosa de los trabajadores en la construcción de la Usina de Itaipú), una zanja de cinco metros de profundidad que separaba la Villa, la hazaña de la recogida de lechuga y el camino para casa, la intoxicación en las plantaciones de Paraguay, las canciones, las mágicas y las pinturas, la receta de jabón que la Villa entera hace y que causa picazón y la cuchara gigante tallada en chocolate caqui. En la vuelta, pasamos por las torres de alta tensión que parten de la Usina de Acaray, localizada en Paraguay. La Villa C, a pesar de haber surgido debido a Itaipú, es alimentada por energía paraguaya, que – dicen sus moradores – es la energía más cara del Brasil. Integración para el desarrollo.

Encontramos a Medina en el restaurante por acaso. Cuando le conocimos, hace un año, era un recién llegado a Foz do Iguaçu; ahora pasó a vivir en São Paulo. Estaba acompañado de Kyara y Sami. Kyara nos contó brevemente sobre su nombre – Maykyara, cuyo origen viene de mucho antes de ese lugar sea Brasil, Paraguay o Argentina. Sami mostró su celular paraguayo multifuncional con precio inigualable a los cobrados en el Brasil. Más tarde, fue la vez de conocer a Moa, que relata sus actividades con el teatro en Foz de Iguaçu y en los municipios linderos. Ya al final del día conocimos también a Fernanda; ella nos indicó personas que desarrollan trabajos por la región con las cuales podríamos cambiar ideas. Una de ellas fue Amarilla, con quien entramos en contacto. Él es un conocedor de la región, nuestra conversa fue larga. En sus historias, matizadas de antropología, indigenismo y fino humor. Sus familiares fueron pioneros en Ciudad del Este. Hiciera poco tiempo una deriva por el extremo sur de Paraguay, un recóndito lugar donde encontró una señora que no conoce abridor de latas.

En el camino a la casa de Juca conocimos a Zulmira, que nos contó sobre su antiguo trabajo con la hermana: vendedoras de ropas por los mercados de la región lindera. Tiempos atrás una vida repleta de dislocamientos, ahora una mercería para administrar. A pesar de la violencia, le gusta donde vive. En la mercería, un cartel hecho a mano marca la hora de atención, información destinados a los jubilados que tienen por hábitos jugar naipes en una mesa puesta en la vereda. Ciertos días, el juego se prolonga hasta la madrugada y "todo tiene límite". En la casa de Juca, Doña María comenta sobre la temperatura que marca los 47 grados y sus dolores. El señor Zé da recomendaciones de cómo acabar con las plagas de la huerta, describe cada planta del quintal, revelándose un conocedor de té medicinales, le gusta mismo es "vivir para el campo". Moa estaba por allá, a la noche iría para un desierto salado de Bolivia, en cuanto nosotros partiríamos para São Miguel do Iguaçu para encontrar con sus parientes. En la parada, recibimos la noticia de que el ómnibus había sido descompuesto en São Miguel. Más de una hora de atraso. Pasada a las diez de la noche, llegamos a São Miguel; conocemos a Mónica, Carlos, Tião, Fátima y Monique. La conversación avanzó hasta tarde de noche acompañada de la cena.

Despertamos temprano en São Miguel. Fátima nos llevó hasta Sadi, pescador de la región que, antes de trabajar con eso, fue agricultor y comerciante. Cuando llegamos, estaba rodeado por tres perros y recogía tomate-cereza- nos recibió sonriendo. Comentó sus hazañas con los peces: armado, pacú, bagre, traira, corvina, pez-cachorro, cará, piabuzú, surubí, pintado, tucunaré, lambarí, tilapia, palometa, betara entre otros. Algunas especies han reaparecido en el lago. En medio de la risa, juró sobre la variedad de sus historias, a pesar de ser pescador. Durante la tarde, fuimos con Tião, fátima y Monique a la aldea ava-guaraní Tekoha Ocoy, localizada en el distrito de Santa Rosa del Ocoy. La entrada de acceso es curiosa: de un lado la reserva indígena, del otro, campos de soja – paisaje común en la región. Los colonos descendientes de alemanes también preservan sus costumbres; En Santa Rosa del Ocoy un dialecto alemán es la lengua corriente. En el puesto de salud de la aldea, fuimos recibidos por el cacique Daniel. Según él, la cultura y la lengua de un pueblo son sus mayores riquezas

y por eso deben ser honradas. No en tanto, hoy dan prioridad a la enseñanza de la lengua portuguesa. Para ser cacique no hay candidatura, la decisión es colectiva. Si la persona cumple su papel, permanece por tiempo indeterminado. Con el surgimiento del Lago, visitar parientes y amigos del otro lado del margen quedó difícil, los encuentros ahora son esporádicos. La historia de los ava-guaraní es sufrida y, cuando les visitamos, la aldea pasaba por una epidemia de malaria. Tião todavía nos llevó a otros distritos de la región, ora colonias de alemanes, ora de italianos.

Por la mañana visitamos una pista de skate que Tião ayudó a construir. Supimos que en São Miguel do Iguaçu no se realizan más partos, pues la única maternidad de la ciudad fue cerrada. Seguimos hasta Ipiranga; por la primera vez estuvimos en una playa de la Costa Oeste – así como el Lago, todo el ambiente es artificial. Volvimos por la entrada principal y conocimos a Clarindo y su esposa María, ambos pescadores. Para él la pesca no es un ramo de futuro, más de supervivencia. Nos explicó la diferencia entre los términos "asociación" y "colonia" de pescadores. En una colonia, son derechos garantizados de recibir salario en el periodo de veda y jubilación; en una asociación eso no ocurre. Maria es analfabeta por decisión del padre, hasta poco tiempo no reconocía ni siquiera los billetes de dinero. Fue en una emergencia que ella percibió la necesidad de aprender a juntar las letras y las palabras. Hoy, sabe firmar su nombre y es tesorera de la Colonia de Pescadores de São Miguel do Iguaçu. Su mayor placer es tirar la red de pesca.

Bajamos la avenida principal con destino al centro de Itaipulandia. En el camino nos fijamos con una casa adornada con botellas plásticas. En ella, un letrero menciona que por allá está prohibida la caza, quien firma es el empresario Geladinho. Aplaudimos hasta que un hombre grande nos atendió. Maximiliano nos habló de amor, de la belleza femenina, de la música, de la infancia y del poder político. Entre sus invenciones están: Brizola muerto-vivo, aviones de la TAM, Teixeirinha, la santa de sostén y el pescador. Debido al dengue, quedan pocos adornos, muchos fueron retirados por orden de la municipalidad. Él entonces agarra su guitarra hecha de envase tipo "bombona" cinco litros y cantó algunas canciones italianas. Geladinho vive solo y la soledad hace con que fuera a la radio a buscar una nueva compañera, gorda o delgada, desde que sea compañera. Quién sabe un día. Geladinho nos llevó hasta su vecina Zulmira, otra artista de la ciudad. Su deseo es dejar Itaipulandia, quiere vivir en Jaraguá do Sul. Cambió de ciudad y de actividad, de costura de artes para las terapias. Zulmira habla de amor, memoria celular, transposiciones dimensionales, víctimas, agresores, pertenecimiento, exclusión y poder político. Nos dirigimos al mirador de la ciudad, construido en homenaje a la Aparecidinha d'Oeste, villa inundada con el surgimiento del Lago. Monumentos como ese son comunes en toda la región. Chico, el taxista, comentó sobre los tiempos de la desapropiación. En plena época de la dictadura sus padres protestaron en la orilla de la entrada a fin de mejores indemnizaciones. Retornamos a la ciudad y la Casa de la Memoria estaba cerrada debido al horario. Aguardamos acostados en el pastizal hasta que Urbano llegase con las llaves de la antigua municipalidad. En la entrada un muñeco equilibrista, un juguete de madera con movimiento sutil. En el fondo, una pieza con

plantas medicinales y ornamentales bastante extraño. Urbano habló sobre restauración, acervo, en cómo aprender a hacer haciendo, detalló cada planta. Inventa cuchillos y colecciona monedas. Tuvimos una tarde bien divertida. En el inicio de la noche llegamos a la casa de Rodison, autor de un libro sobre la ciudad. Nos contó de la inundación, del analfabetismo y de la estrategia de desarticulación colectiva a través de la política de distribución de indemnizaciones. En cuanto aguardábamos el ómnibus para Misal conversamos con Ella, matriarca de la familia Münch. Su historia comenzó en la fuga de los alemanes de Rusia, dejando para atrás las pertenencias y hasta los bebés en las cunas. Quien consiguiese entrar en el tren o enfrentar la nieve, en una travesía de trineo por ríos congelados, escapaba. De las personas que partían de Europa en barco repleto, muchos quedaron por el camino. Como consecuencia, la familia de Ella posee parientes esparcidos por varias partes del mundo, hubo hasta quienes nacieron en China. Ella nació en el Brasil, creció abriendo caminos en el campo virgen, por un tiempo vivió en Paraguay. Terminó diciendo: "Ustedes no creen, bien interesante es la vida de la gente".

En Misal encontramos a Ivo, el Negro. Según él, en los comienzos de la ciudad, solamente los alemanes católicos podían entrar en la Gleba de los Obispos, que no está bien porque ya hay italianos y nortistas en la región. Ivo tiene un restaurante donde trabaja con dos de sus hijos, Ademir y Betão. Ademir recuerda bien de los días anteriores a la inundación, describió una villa desierta: "era como si nadie hubiese vivido por allí un día". Presenció cuando criatura, el agua subiendo y sepultando todo. Betão es voluntario en la radio comunitaria de la ciudad, donde se responsabiliza por los boletines de deporte. Nos llevó hasta Gisela, investigadora de la región. Ella escribió un libro que trata de la historia de Misal; comentó sobre la presencia británica en la tarea de la extracción de la madera utilizada en la reconstrucción de Europa pos-guerra. Habló también sobre la disminución drástica de la población en los años de la década de 80 y sobre la cultura germánica. Misal significa "libro de misas". Terminamos el día en Santa Helena. Allá andamos por la Línea Progreso, que queda próximo al refugio biológico. Encontramos muchos árboles fructíferos, entre ellos coco y mandarina.

En la municipalidad conocimos a Cladir. Ella habló del cambio de clima debido al surgimiento del Lago y de la decepción de su padre por haber perdido sus tierras. Según ella, los royalties benefician pocos a la población. En su sala, muchos mapas y alfiler coloridos para marcar áreas de contaminación y casos de enfermedades en animales. Encontramos a Natán en la panadería, llegó apurado, pues tenía muchas cosas que hacer debido a un viaje marcado. Mismo así conversamos por un buen tiempo. Según él, Santa Helena carece de registros históricos sobre los cambios que ocurrieron en los últimos 30 años. La memoria – viva de aquellos que quedaron en la ciudad después del Lago – tiende al olvido debido a la falta de debate o reflexión colectiva sobre sus transformaciones, prevaleciendo el relato oficial de los hechos históricos. Actualmente, el lugar tiene poco más de un tercio de la población que tenía al inicio de los años 80, se terminó cualquier tradición posible y las relaciones con el pasado fueron perdidas. Natán ejemplifica: el nombre de la ciudad es Santa Helena, más su

patrono es San Antonio, su monumento es un Cristo, sus veredas son de petit-pavé como en la capital, importa modelos urbanísticos ingleses o italianos y su comida típica es la costilla gaucha. Unas de las diversiones locales es el trencito, que silba para allá y para acá. Natán comentó también sobre la desarticulación, las necesidades, dependencias y la simulación de grupos organizados, el vale-todo por la perpetuación del poder, la rotación de los partidos políticos, la depresión, el resentimiento, la soledad, la lucha del negro y la Coluna Prestes. En la casa de cambio, cambiamos reales por guaraníes y conocimos a Gustavo, que dibujó en un pedazo de papel la travesía de la balsa de Santa Helena hasta Puerto Indio y Sanga Funda, puertos de Paraguay. Su papá vive por allá. Sandra nos recibió en la oficina de su marido. Ella trabaja en el fomento al turismo, habló sobre personas, lugares y hechos históricos – como la Coluna Prestes en el Puente Quemada. Tarde lluviosa, permanecemos debajo de un toldo retratando situaciones mojadas. Andamos hasta el puerto y nos informamos, sobre los procedimientos para la travesía. Al regresar a la ciudad visitamos la biblioteca, donde Mario nos mostró muchos mapas, uno de ellos repletos de presidentes muertos y generales olvidados.

Partimos para Diamante d'Oeste con la intención de visitar la comunidad guaraní Tekoha Añetete. En busca de información sobre una parada de ómnibus, conocimos a Cándida, una señora llena de historias tristes sobre tierras, usurpaciones, muertes y soledad. Su deseo era vender todo e ir para otro lugar, estaba con problemas de salud y necesitaba de una intervención cirúrgica. El conflicto por causa de tierras es notorio en el Oeste del Paraná. Andamos poco más de un kilómetro y llegamos a un puesto en la orilla de la entrada, allá conocimos a Djane y Marcelo. Nos ayudaron con informaciones sobre horarios de ómnibus y contactos en Diamante d'Oeste. Marcelo poco circula por la ciudad, el comercio lo ata en su lugar de trabajo. En la parada de ómnibus conocimos a José, minero de 65 años, actualmente agricultor, pero dice haber hecho ya de todo, inclusive trabajando como constructor de represa en Itaipú. Vive en Villa Bonita, viene para el Sur "caçar miora"(buscar mejorías). En cuanto recordaba de Itaipú José hace los mismos movimientos corporales de la época en que era constructor de represa – aquellos necesarios para que no ocurriesen accidentes en el momento en que los camiones despejaban concretos en la construcción. "Murió mucha gente en aquel lugar", afirmó José su semblante transparentó la recordación y complementó: "Ser constructor de represa es muy peligroso". En Diamante d'Oeste, en cuanto esperábamos ir a dedo hasta la aldea, visitamos una radio comunitaria. Allí la conocimos a Elisángela, una joven locutora. Para ella, su momento más triste fue la despedida de la radio una vez que decidió vivir en otra ciudad. De retorno a la municipalidad, Leomar nos llevó a la aldea Tekoha Añetete, a doce kilómetros de la ciudad. Leomar trabaja en la municipalidad y es estudiante de Historia, antes de eso era camionero, profesión que le posibilitó conocer muchos lugares. El paisaje montañoso de Diamante d'Oeste difiere mucho de los dos municipios y comunidades que visitamos en los días anteriores. Leomar conocía cada canto. Cuando llegamos a la aldea, entramos a la escuela Kuaa mbo'e (Saber enseñar). Allá había una gran rueda con varios caciques y algunos miembros de

instituciones, como Itaipú, Funasa y municipalidad. Como de costumbre en las aldeas, conversamos con el cacique a fin de obtener permiso para acompañar la reunión, que no fue posible. El cacique Mario nos dice que se trataba de una reunión cerrada a los organizadores del encuentro, explicó que existen grupos contrarios a la organización de los Guaraní y por eso precisa ser precavido. Dice también que podríamos conocer la aldea y que en otra oportunidad nos recibiría con placer. Mario es hermano de Daniel, cacique de Tekoha Ocoy. En una de las casas de la comunidad, vimos un gran dibujo en la pared hecho por Julinho Nhemboatevy, su inspiración viene de un dibujo animado en el estilo mangá que nos pareció más un autorretrato, pues es muy parecido con su autor. De vuelta al centro de Diamante d'Oeste, nos despedimos de Leomar y regresamos a la radio para conocer a Nésio, un exbailarín que organiza las actividades culturales de la ciudad y trabaja como comunicador. Comentó sobre el episodio que ocurrió en Paraguay tiempo atrás, cuando un ganadero – en su avión – pulverizó veneno en los campesinos que ocupaban algunas tierras. En la parada de ómnibus, hablamos con algunos choferes – se habló de la importancia de tener educación y de episodios de personas que actuaron mal por no hacer uso de ella.

En Santa Helena, minutos después de pasar por el procedimiento de rutina de la Policía y de la Receita Federal, estábamos sobre la balsa "Oro y Plata", a camino de Puerto Indio en Paraguay, y a bordo estaban más algunos camioneros en busca de maíz y soja. Durante la travesía, un bosque de árboles muertos, fruto de la inundación. En Puerto Indio fuimos recibidos por Steban, Carlos, Francisco y Gustavo. Amables, nos informaron sobre cómo transitar por la región. Después de unos tantos tereré – bebida hecha con la yerba mate, agua fría mezclada con hojas o raíces de plantas medicinales refrescantes – Francisco, administrador del puerto, nos invitó para almorzar con sus amigos campesinos: Sara, Pedro, Victor y más unas criaturas. Conocemos un típico"almuerzo paraguayo": mandioca cocida sin sal, caldo de poroto y carne. Como postre, mango y sandia. Sara es estudiante de ingeniería ambiental y le gusta la cartografía, utiliza ese tipo de representación para visualizar y denunciar problemas ambientales, como la disminución de nacientes de agua y áreas forestales y el crecimiento de la monocultura en Paraguay. Pedro lucha para mantenerse en el campo; para él tierra no es mercadería, es contrario al uso de agrotóxicos y la monocultura – se ve aislado por la vastedad de soja transgénica alrededor de donde vive. Victor estaba rompiendo el piso del galpón a duras martilladas, preparaba el espacio para recibir una ordeñaría. Había estudiado plantas medicinales, lo que ayuda bastante a la comunidad, pues no hay atendimiento fácil de médico en la región. El local pertenece a la asociación de campesinos y allí funciona una radio. Gustavo necesitaba comprar hielo y buscar los botines y el uniforme de su equipo. En la región hay un campeonato en que participan nueve equipos locales; en el último año el equipo de Gustavo fue campeón, el "Chealsea" de Puerto Indio. Nos llevó de vuelta al puerto, donde esperamos ir a dedo hasta General Díaz, allá tendríamos donde dormir. Juan, un camionero que cruza frecuentemente la frontera en busca de granos, nos llevó hasta nuestro destino. En las dos márgenes de la entrada, una inmensidad de sojales, a veces u otra vemos algún silo – un

paisaje aburrido. Bajamos enfrente de un copetín de Lourival, en el fondo había cuartos para hospedajes. Con una voz suave y hablando portugués, Lourival nos encaminó al último cuarto disponible. Al final del día, dimos una pequeña vuelta por las calles de General Díaz, una comunidad de aproximadamente 600 habitantes, casi todos brasileros.

Lourival nos invitó para entrar en su casa de piso encerado, cortinas en las puertas, bordados y crochés en la lavandería. Para quien vive bajo el polvo rojo levantado por los camiones que pasan diariamente por el camino de tierra, es una casa bastante limpia. Fuimos hasta el mercadito de su hermano Américo, su esposa era una de las pioneras del lugar. Ambos comentaron sobre las dificultades de vivir en el local, el analfabetismo, el pasado: "General Díaz era todo monte". En Mbaracayú conocimos al ganadero Mario y sus hijos Ademir y Walmor. Mario es un gran propietario de tierras de la región, carnicero y también dueño del mercado. Contó sobre su venida del interior de Paraná para aquellas tierras y sobre la pérdida de las primeras 70 hectáreas que compró con su familia porque cayó en un golpe de la colonizadora. Comentó también del trabajo que tuvo para criar los cuatro hijos, del fin de la agricultura de subsistencia, del sueño de la mecanización y de la realización financiera – siempre le gustó los números -, del aislamiento con relación a los paraguayos y del éxodo – solamente en el último mes cuatro familias habían partido de Mbaracayú. Esperamos hasta el inicio de la tarde para visitar la Casa de Cultura. Allá conocimos a Nidia, una de las pocas paraguayas del lugar. Con su temperamento calmado, nos mostró algunos libros de estadística y de poesías en guaraní, cosa rara en medio de tantos libros en portugués. Habló sobre la muerte de su madre y de su retorno a Mbaracayú para quedar cerca de su padre. Walmor y Mario nos dieron una gauchada hasta San Alberto. En el camino, preguntamos sobre el uso de agrotóxicos en las plantaciones, a lo que respondió no estar en contra, pues los técnicos de las empresas químicas enseñan su correcta utilización. Para ellos, la contaminación del agua por el veneno es toda bobería dicha por la gente que no entiende de las cosas, "lo que contamina el agua es la cloaca que viene de São Paulo". Terminamos nuestro día en San Alberto, ciudad brasiguaya y colorada. Todavía dio tiempo de dejar nuestras ropas sucias en una lavandería a algunas cuadras del hotel.

En la búsqueda por un mapa de la región, entramos en una escuela. Allá conocimos Amancio, que nos habló de la influencia del Lago de Itaipú y de su investigación sobre cuestiones culturales y ambientales en la región de San Alberto. En su casa, tuvimos un buen ejemplo de la diversidad de las culturas: la esposa Gracinda es brasileña; la hija Beatriz, paraguaya. Aunque hablen muy bien los tres idiomas, Amancio y Gracinda conversan entre si en guaraní; Beatriz prefiere hablar con su padre en castellano; ya entre ellas la comunicación es en portugués. En el abundante almuerzo, acompañado de un buen vino argentino, hubo una hermosa combinación de idiomas. Amancio nos llevó hasta la próxima ciudad. Hermoso trabajo en equipo o Minga Porã, así podemos llamar al municipio cuya historia es la de la resistencia de un pueblo delante del radical cambio que se estableció desde la Revolución Verde. Asagrapa es la asociación de agricultores campesinos que luchan por una

vida sustentable, preferentemente a la plantación orgánica con semillas nativas. Anunciación, actual coordinadora de las mujeres, nos recibió en su casa y nos explicó cómo ellas se organizan y participan de las decisiones. Su familia es una de las primeras en Minga Porã, hasta fueron presos en la dictadura por protestar a favor de la emancipación político-administrativa de la ciudad. A la tarde fuimos en taxi comunitario hasta Salto del Guairá, con cuatro pasajeros en el asiento trasero, tres adelante y uno en el porta-valijas. El domingo en Salto del Guairá, los más jóvenes desfilaban con sus motos por la avenida principal. En la calle del puerto había una alegre fiesta paraguaya al sonido de una banda tradicional – todos los que estábamos, participamos y bailamos mucho. Por la mañana, salimos hacia Guaíra. Pasamos sobre las Sete Quedas, mientras realizábamos la travesía. Ya en suelo brasileño, fuimos hasta la Casa del Artesano, donde conocimos a Margarita – según ella, la población de Guaíra siente mucho la pérdida de las caídas del Río Paraná, provocada por la formación del Lago de Itaipú.

En la mañana siguiente, nos encontramos con Ana, que trajo un bolso lleno de personajes lengedarios de Guaíra, pequeños muñecos hechos con paja de maíz. Mientras ponía sobre la mesa los objetos, nos contaba historias de los tránsitos de los pueblos y de las ciudades. Guaíra, por su ubicación estratégica, siempre fue lugar de pasaje, se encuentra aproximadamente en la mitad de camino hacia Peabiru. Ya la histórica Villa Rica, construida por los Jesuitas, fue varias veces destruida por los bandeirantes u opositores. Ciudad nómada, pasó por siete lugares diferentes hasta fijar en Paraguay. Algunos personajes son: Aleixo Garcia, el primer hombre blanco que había pasado por Guaíra, tiempos después devorado en la región de Asunción; y el "chismoso" guaraní, un informante – importante miembro de la aldea que dejaba por los caminos pequeños objetos, símbolos comprendidos por su pueblo. De las desaparecidas Sete Quedas, nos comentó sobre el sonido que ellas brindaban: para los guaraní, se trataba de la voz de Tupã. Con el surgimiento del Lago, su dios se fue. A la tarde visitamos la "oficina" de Fraile Pacífico, artista y ambientalista de la región que durante catorce años reforestó una isla. Estudioso, posee una gran producción en talla, escultura y cerámica basada en la cultura guaraní y en el cristianismo. Con un portugués cortado – vivió muchos años en Europa -, habló sobre espiritualidad y de la sencillez del gustar, explicó con detalle la simbología de sus trabajos y nos enseñó cómo sembrar yerba-mate. Suely, su esposa, nos sirvió jugo de piña cultivado en su huerta. Transitamos por el amplio jardín, lleno en especie vegetal – Fraile Pacífico y Suely conviven bien con ellas. Poco después, fuimos junto a doña Lucila, una paraguaya conocida por sus historias y por ofrecer una merienda a la comunidad después de las tres de la tarde – pan casero recién sacado del horno, chipas y cocido paraguayo. Doña Lucila cuida de la capilla Nuestra Señora de los Milagros de Caacupé, construida al lado de su casa según el deseo de su madre. Lucila nos contó sobre el desaparecimiento de la santa, que – después de doce años – "milagrosamente" ha vuelto al altar de la capilla. Al final de la historia, nos mostró una estatuita que cabe en la palma de la mano. En la casa de Lucila también estaban Bonifácio y Maria, una pareja de La Paloma. Bonifácio cantó algunas canciones tradicionales de Paraguay, todas acompañadas por su

excelente contexto. Maria participa de la Asociación de los Derechos Humanos en Paraguay, y comentó sobre las diferencias de apoyo por parte de los gobiernos brasileño y paraguayo, habló de jubilación – "envejecer en Paraguay es difícil". Vino a Brasil para tratamiento médico. Después de la lluvia nos despedimos.

Llegamos a Marechal Cândido Rondon al comienzo de la tarde. En el camino a la casa de Marly, justo cayó un aguacero. Para abrigarnos, entramos en un almacén de quesos producidos en la región. Allí conocimos los Vinciguera, nombre de origen italiana que surgió a lo largo del viaje en navio hacia Brasil. Huir de la guerra fue el modo de vencerla. Armínio e Ivani hablaron sobre los ciclos de explotación y cultivos en la región: naranja apepú, madera, menta, yerba-mate y soja. Comentaron también sobre el leyendario Allica, señor temido en la región – en la época del "mensu", él echaba sus cobradores en el Río Paraná. Marly vive en una casa de madera que ha sido trasladada de Porto Mendes antes de la inundación. En aquel tiempo, era común el uso de camiones adaptados para llevar casas enteras de un lugar a otro. Después de crear sus dos hijas y con la muerte de su esposo, Marly decidió ir a la universidad; ya ha hecho dos años que se graduó en el curso de letras, hoy enseña en escuelas públicas e imparte clases de alemán en su casa. Habló sobre la vida comunitaria de la colonia a la orilla del Río Paraná y del aislamiento en la ciudad. Según Marly, para los campesinos que trabajaban en la agricultura el cambio fue radical y desmanteló familias enteras. Descendientes de alemanes y guaraní, Marly nos mostró muchas fotos de familias y objetos antiguos – su deseo es transformar el lugar en un museo de la familia. En el gran jardín, había gallinas, un perro y dos cotorras – uno de ellos a veces hablaba. A la hora de despedirnos, Marly tradujo los escritos de una placa colgada en el portón: Neue Aussichten – Nuevo Horizonte. La tarde fue repleta de recuerdos. Conocimos aún a Sérgio. Nos dijo que, hace unos treinta años, había muchas radios paraguayas y argentinas en la frontera, algunas de ellas con muy gran alcance. De los dos lados del Río Paraná, la cultura de esos países era escuchada y en Brasil la gente sentía gusto por esas riquezas trasmitidas. Conociendo estos hechos, la dictadura brasileña incentivó la apertura de radios como estrategia para establecer fronteras culturales.

Al final de la tarde llegamos a Porto Mendes. Como en otros lugares, persiste el vaciamiento de la población provocado por las inundaciones resultantes de Itaipú, por la mecanización y por el uso de venenos en la agricultura. Al visitar el museo local, nos deparamos con bichos disecados y objetos antiguos, entre ellos un carro con grandes ruedas de estilo inglés – era una donación de la familia Allica. Inmediatamente recordamos lo que los Vinciguera nos habían dicho un día antes. Fuimos a la casa de Benitez, uno de los más antiguos pobladores de la región. Trabajó en el puerto cuando aún había el transporte de la yerba-mate de Guaíra era hecha en tren, ferrocarril Mate Laranjeira, empresa que – según Benitez – esclavizaba sus trabajadores. Sobre la Columna Prestes, comentó que había escuchado hablar que los revolucionarios se quedaron en las tierras de Allica, comieron su ganado y liberaron muchos campesinos que vivían en régimen de esclavitud. Cuando partieron, firmaron un recibo dejando las

cuentas para la responsabilidad del gobierno. Edson, el hijo de Benitez es geógrafo. Tuvo curiosidad por el tema y nos dio a conocer los conflictos de tierras entre quilombolas y ganaderos en Maracaju de los Gaúchos, región muy cercana de este entorno. Nos aconsejó a mantener alejados a causa de la complejidad de la situación. Para Edson, Porto Mendes se ha convertido en una pequeña villa de personas jubiladas. Tomamos un café en la panadería, conocimos a Nega. Supimos que entre los pobladores de Porto Mendes y Puerto Adela en Paraguay, hay una fuerte unión, a menudo se visitan y juntos organizan fiestas. También visitamos a Lauro, el fotógrafo de los alrededores. Cuando era iniciante, sacó fotos de la barranca de Río Paraná. Es aficionado por anacondas. Nos enseñó algunas fotos de la década de 70, una de ellas del carro inglés de los Allica. Al final del día, entramos en un bar. En las góndolas, imágenes de víbora, pescas y cazas. Allí estaba Júlio que nos habló sobre las transformaciones a lo largo de los últimos años – según él, los estancieros han destruido a Porto Mendes. Partimos para Puerto Adela en una barca con cinco personas – en otros tiempos estaría llena. Al llegar, vimos algunas casas cerradas. Anduvimos aproximadamente quinientos metros por un único camino y nos deparamos con el Destacamento de la Marina; allí buscamos informaciones sobre la pequeña villa. Carlos nos atendió y luego llamó a su superior, el suboficial principal Alfonso, "Jefe del Destacamento Naval de Puerto Adela". Ninguno de los oficiales vivía en la región. Mientras conversábamos, llegó un señor en una moto: Agapito, nacido en Puerto Adela, es uno de los responsables por la organización comunitaria. Nos dijo que en los años 70 la mayoría de los inmigrantes brasileños que habitaban Puerto Adela trabajaba con la agricultura de subsistencia; en 80 y 90 ha empezado el proceso de mecanización, que no fue el factor responsable por la diminución de la población – fueron las cuestiones de jubilación y la falta de atendimiento a la salud que vaciaron el lugar. Agapito estaba de paso y nos indicó una persona, Francisco, para que continuáramos la conversación. Alfonso y su hijo Marcos nos llevaron hasta la casa de Francisco, donde fuimos recibidos en una área externa con mucha sombra. Francisco se colocó como un contador de historias, pues por ellas siempre se ha interesado. Su curiosidad lo llevara hasta la casa de la viuda de Allica, para saber la verdad sobre las muertes de las cuales les acusaban el fallecido en la época del "mensu". Fingiendo interese en comprar herramientas, llegó hasta el lugar secreto y estratégico que daba para las aguas del Río Paraná, lugar donde Allica encaminaba cobradores, enemigos o funcionarios que no respetaban sus órdenes. Preguntó si nos gustaría saber por qué aquel lugar se llama Puerto Adela. La respuesta fue positiva, entonces, empezó una nueva historia. En las tierras brasileñas del señor Allica (sus dominios iban de Brasil a Paraguay), había una escuela que atendía los hijos de los trabajadores, y una de las profesoras se llamaba Adela. La joven estaba de boda marcada con un marinero que trabajaba en el itinerario Porto Mendes–Buenos Aires. Su novio partió definitivamente en viaje antes de la boda. Mientras que Adela aguardaba la vuelta del novio, "hombres de Allica" supieron lo de la boda y la violaron. Adela, en desespero, se suicidó en honor a su novio. Dejó una carta, en la cual decía que deseaba ser enterrada en suelo paraguayo. Su cuerpo fue sepultado en la barranca paraguaya del Río Paraná, hoy

desaparecida.

En otra historia, Francisco mencionó que en la época de la extracción de la yerba-mate, en una de sus andanzas por las sendas de Canindeyú, se deparó con un cargador de yerba y su carga pesaba alrededor de ciento sesenta kilos (nos demostró cómo el hombre caminaba). Dijo que el hombre llevaba grandes sandalias hechas de goma para que no se hundiera en el suelo a causa del peso que traía en las espaldas. Todavía nos contó sobre el cementerio indígena, donde encontró muchos cráneos sobre la tierra; dijo que los indígenas de la región enterraban sus parientes con la cabeza para fuera. De vuelta al Destacamento Naval, nos sirvieron un "almuerzo paraguayo" – arroz altuko y marinera de pollo – preparado por chef Carlos. Un muchacho llegó manejando una moto, le preguntamos sobre la escuela de la región, respondió que hace tiempo está cerrada por falta de alumnos. Al volver a Porto Mendes, Júlio nos llevó hasta Iguiporã. No tardó mucho y entonces fuimos en ómnibus para Pato Bragado.

Encontramos a Walter, pionero de Pato Bragado y con él tomamos un mate. Nos contó que dejó el comercio para abrir caminos, para que los primeros colonos se instalaran en la tierra. Se queda feliz al saber que muchas personas han construido sus vidas a partir de lo que hicieron años antes. Para Walter, lo que falta hoy en día es la creatividad, las personas se contentan sólo con empleos. La ciudad necesita desarrollar, las personas deben caminar con sus propias piernas, sin la dependencia del dinero repasado por Itaipú. Esperando el colectivo para Porto Britânia – remanente puerto de la ocupación inglesa -, encontramos a Dete y su hija Lia, que también iría a cruzar la frontera. La barca estaba llena porque los sábados muchas personas vienen de compras a Brasil. En la llegada a Puerto Marangatu, Lia nos presentó a Luiz, que nos llevó hasta el comercio de su papá, Demetrio. Allí conocimos a Lidía Berenice y Letícia. Demétrio trabajo mucho tiempo llevando gente de un lado a otro de la frontera. En una de esas travesías, su barco hundió con catorce personas, entre las cuales, cuatro murieron. Es uno de los moradores más antiguos, llegó en la década de 50, cuando todo aún era floresta. En la juventud trabajó con tipografía y con eso ha aprendido mucho de la escrita guaraní. Almorzamos y ganamos semillas de poroto. Berenice se animó y sacó unas fotos. Las empanadas de Lídia parecían muy exquisitas, hubo gente que las comió seguidamente unas dieciséis. Al rato, Luiz nos dejó en la casa de Dete, tomamos un tereré con ella y enseguida encontramos a siete mujeres bajo la sombra de los árboles – Valdete, Lia, Adriana, Kayla, Djenifer y Kyria. Chico también estaba por allí. Valdete tiene una casa de bailes llamada Mania Open Show, donde sirve también la comida para los funcionarios del silo que está al lado. Se marchó tres veces de ahí, pero siempre vuelve. Ahora quiere ir en definitivo; su papá, Vive en Espírito Santo, está enfermo y necesita de cuidados. Dete nos contó que su marido fue indemnizado por Itaipú por las inundaciones de sus tierras, lo poco que sobró estaba allí del otro lado del camino. Después de haber recibido la "bolada" – cantidad de plata – él se marchó y la dejó con sus cinco hijos para cuidar. Lia por su carrera de cantora, ya fue comunicadora de radio y hoy vive una fase de transición entre un grupo en Cuiaba y una posibilidad en Curitiba. Néia también ya fue locutora, tiene una hermosa voz y dos hijas, Djeni vive en Rio Grande do Sul y Kayla va a estudiar en Pato

Bragado. Néia comentó sobre los cambios en la región en los últimos años, donde hoy está el silo habían muchas casa "parecidas con las del viejo oeste". Chico es constructor – en el villorrio Primero de Marzo, nosotros pudimos ver algunas casas fruto de su trabajo. Néia y Chico nos llevaron en moto hacia la hospedería de la profesora Arsênia, donde pasaríamos la noche. Con Arsênia, hemos pasado a entender un poco más sobre los cambios que hubo en la región, la violencia, la falta de oportunidades, la desarticulación colectiva, el fin de las fiestas y el sedimento de los ríos. Mostró fotos de sus hijas y nietos que viven lejos, de los bailes en su salón y de amigos que fueron muertos. También conocimos a Baiano, el propietario del copetín. Nos dijo que de Brasil sólo conocía Maranhão. Para su hijo Edgar, Marangatu es un verdadero infierno. En el día siguiente, fuimos al salón de fiesta donde había un programa al vivo promocionado por la radio en colaboración con los guitarristas y cantantes de la región. Al llegar escuchamos la voz de Tatu anunciando más una música. Después de terminar el programa y un almuerzo a estilo gaúcho, las canciones continuaron con composiciones propias de Orlando y de la dupla Nelson y Diamante. La broma que circulaba era que Orlando había cambiado su comportamiento en los últimos tiempos, sospechaban que estuviera apasionado; luego concluyeron que en aquellos paradores todo hombre tiene el corazón pequeño. En otras conversaciones, se quedó claro que Marangatu es un lugar muy violento. En los últimos meses, siete personas cercanas de nuestros recién conocidos fueron muertas, algunos hasta setenta muertes. De ahí marchamos con Orlando para Mania Open Show. En poco tiempo llegaron los demás guitarristas y la fiesta continuó. Salimos a la media tarde y querríamos llegar a Nueva Esperanza aún en aquel día, pero porque era domingo, sería difícil conseguir a dedo. Marangatu está aislado, actualmente no hay colectivo en la región. En el copetín de Baiano, esperamos por dos horas. Cuando nuestras esperanzas ya estaban por acabar, apareció Luiz para abastecer su coche, ahí mismo donde esperábamos y nos atendió prontamente desde que pagáramos el gasoil. Fuimos por un camino de tierra muy feo, pasamos por haciendas de cincuenta mil hectáreas pertenecientes a un único dueño y por reservas indígenas arrendadas para el plantío de soja. Durante el trayecto, escuchamos la aventura de Luiz cuando se fue a Porto Alegre a ver Gremio Porto Alegrense ser rebajado para la segunda división. Dos horas después estábamos en Nueva Esperanza, completamente empolvados y cansados. Por treinta mil guaranies, dormimos en la primera hospedería que encontramos. De Nueva Esperanza partimos en un taxi colectivo. Ya en Hernandarias habíamos conocido a Miriam y su familia. Persona comunicativa y nos informó mucho sobre la ciudad. Estábamos sin plata y sin "permiso", por eso fuimos a Foz do Iguaçu y, enseguida a la migración en Ciudad del Este. En el trayecto pudimos ver por primera vez parte del terraplén de Itaipú y Acaray, muy cerca una de la otra. A causa del embotellamiento en el Puente de la Amistad, gastamos cerca de dos horas. El retorno a Hernandarias fue con Francisco, el taxista de Ciudad del Este.

En el camino nos mostró un asentamiento delante de la Usina de Itaipú Binacional Paraguaya – hace más de un año que los ex – funcionarios protestan contra sus dimisiones.

Hernandarias es la ciudad paraguaya donde

Itaipú está instalada. Diferentemente de lo que ocurre en Brasil, la visita a las instalaciones de la usina es gratuita, lo que nos incentivó a dar un paseo para conocer. Mientras conocíamos vimos un vídeo institucional, versión paraguaya con el título "Itaipú Monumental". Varios superlativos y record enfatizaban la grandiosidad del proyecto, el avance tecnológico, mejorías de vida, cuidado con la biodiversidad, prodigios de la ingeniería y generación de energía. Terminado el vídeo, entramos en un colectivo e hicimos un recorrido por la usina. Paramos en la orilla a la derecha y desde ahí avistamos Ciudad del Este y Foz do Iguaçu lado a lado; entre ellas lo que sobró del Río Paraná. Mismo con algunas compuertas del vertedero abiertas, el nivel del Lago estaba alto debido a intensas lluvias en São Paulo. Mejor dicho, hay gente afirmando que el aumento de las lluvias en São Paulo es causado por la evaporación del Lago de Itaipú. Tiempo para fotografiar y partimos otra vez, cruzamos el túnel que conecta las dos márgenes y llegamos al lado brasileño de la usina. El retorno fue sobre el terraplén, desde ahí sí, pudimos observar el gigantesco del Lago. En la salida de Itaipú, fuimos hasta las chozas de plástico negro a la orilla del camino donde algunas personas protestaban. Supimos que, por cuestiones políticas, cerca de doscientas personas han sido despedidas de la función que ejercían en Itaipú, principalmente trabajadores de servicios de limpieza y seguridad. El asentamiento ya ha completado un año y hasta el momento nada había sido negociado. Edgar fue dimitido con veintiocho años de trabajo prestado. María dijo que vivió en Brasil y en otros países de América del Sur. En el exterior, cuando escucha hablar de Paraguay, se siente avergonzada; cuando retorna, se siente inconformada al ver que la realidad de su país no ha cambiado. Por la noche, Miriam nos contó su historia, sumergida en la promesa de progreso. Primero en la Colonia Presidente Stroessner, donde fue a vivir con sólo nueve años, cuando su papá entró para los negocios de hotelería. Después en Hernandarias, en el período anterior al inicio de la construcción de Itaipú, momento este, que ha incentivado la construcción de hoteles, una vez que por allí habría una concentración de trabajadores. No hubo tanto éxito como se decía. Al terminar la primera etapa de su hotel, el Presidente Stroessner ordenó que la base para los trabajadores fuera transferida para la ciudad que llevaría su nombre. Por muchas horas conversamos en la penumbra, parte de la luz no funcionaba por caída de la energía, hecho que sucede a menudo en la región. En Hernandarias, además del problema de energía, pocas personas tienen agua potable y servicios de saneamiento básico apropiado por SENASA. Por la mañana, la luz aún no había vuelto. Partimos hacia Asunción, una de las primeras ciudades de América Latina, centro del poder político y donde se concentran los museos y bibliotecas de Paraguay. De Hernandarias hasta Asunción son trescientos cuarenta kilómetros, llevamos siete horas de viaje debido a muchas paradas.

En Asunción nos quedamos en la hospedería de Angélica, una casa centenaria y bien cuidada. La presencia de inmigrantes brasileños, chinos y coreanos es grande en la ciudad. En el mes de enero, están en Asunción aproximadamente tres mil brasileños cursando maestría y doctorado. En las calles, el guaraní se destaca y las "yuyera", mujeres que venden hierbas preparadas para tereré, están por todo lado. En búsqueda de referencias históricas, artísticas y

culturales, fuimos hasta las librerías de la Plaza Uruguaya. Allí encontramos mapas, diccionarios, métodos de la lengua y textos sobre la cultura guaraní. En un anticuario, conseguimos una pequeña cédula de un guaraní, aquella con el soldado paraguayo. En el Museo de Bellas Artes encontramos imágenes de un Paraguay amortecido por la crueldad de la guerra. En el mismo edificio funciona el acervo histórico de Asunción, donde es posible encontrar documentos originales desde 1534. Una señora nos explicó los procedimientos para tener acceso a tales documentos, todos disponibles a los investigadores. En el Cabildo, Centro Cultural de la República del Paraguay, visitamos una exposición con parte del acervo de Moisés Bertoni, mapas de la Región del Río Paraná, diseños de la fauna y flora, fotos, impresos y más una cantidad de cosas. Bertoni vivió en la región al inicio del siglo pasado, su documentación comprende más o menos cuarenta y dos años de cultura guaraní y geografía paraguaya. Conocimos a Zulma en la Secretaría Nacional de Cultura que recientemente ha sido creada, se procura consolidar como órgano encargado de las políticas culturales de Paraguay. Nos indicó y nos hizo pasar junto a la Dirección de Asuntos Comunitarios, donde conocimos a Lea y tratamos de diversidad cultural y acciones en la frontera. A la tarde fuimos a la casa de Guillermo. Al entrar conocimos al cacique Bruno, un señor muy educado del grupo Chamacoco. Han desarrollado juntos un diccionario de la lengua de su etnia. Guillermo nos contó sobre su trabajo que es direccionado a grupos en que la pobreza es permanente; comentó también sobre su relación con la Antropología y la música. Él busca trabajar, incentivando a los Chamacoco, Guaraní y campesinos para que fortalezcan sus propias culturas y también conozcan los códigos de la cultura opresora. Nos planteó a desarrollar proyectos de integración entre grupos de investigadores brasileños y paraguayos – una necesidad de la región y de los pueblos. Partimos de Asunción hacia a la antigua y nómada Villarrica, una de las primeras villas de la América española. Estamos en fines de enero y la ciudad se prepara para el carnaval; en las plazas encontramos un grupo pintando tambores para el desfile, preparativos para que “las comparsas” tomen las calles. Pasamos por el mercado popular y observamos el movimiento de los feriantes ya terminando más un día de trabajo. Queríamos cruzar la frontera aún durante el día. Los últimos momentos en Villarrica se dieron por un paseo más por la ciudad, descansamos en una plaza con árboles enormes y muchos pájaros.

El trayecto de Villarrica hasta Ciudad del Este fue muy sufrido. En uno de aquellos días de sol que se podría fritar huevos en el asfalto, viajamos en un ómnibus llenísimo que en cada minuto paraba para llevar más pasajeros. Cruzamos la frontera charlando con un taxista. Nos dijo que uno de los grandes problemas es la falta de conocimiento sobre la cultura indígena, lo que genera conflictos étnicos. En general, las personas de la ciudad no consideran el hecho de que, en menos de dos generaciones, los indígenas que hoy son mendigos en los terminales de autobuses, semáforos eran colectores en las amplias florestas paraguayas y que sus tradiciones, costumbres son difíciles de cambiarlas en tan poco tiempo.

Esta terra não tem dono
Então me mostre a escritura
Nada aqui é de ninguém
É a verdade mais pura

Quem semeia, planta e colhe
Passa fome nesse chão
Quem explora come tudo
É a lei dessa nação

Tanta terra devoluta
Espalhada no sertão
Na mão de poucos
"Filhos da puta"
Esperando plantação

Dia ainda vai chegar
que as porteiras vão se abrir
os cadeados arrebentar
e as nossas famílias tranquilas
da terra possam cuidar

Quem é contra o movimento
Já fechou essa questão
Dorme em seu apartamento
Em frente à televisão

Plantam soja, plantam soja,
soja, soja, soja, soja
Só pensando em exportação
Me desculpe meu irmão
Nosso povo quer arroz, feijão,
sapato, macarrão

Hélio Leites



Ópera-Sonho Sem Terra

OPERA - KERA YVY ÝRE

Ko yvy ndorekói ijara
Upevare ehechauka cheve pe kuatia
Ko ápe ndaipori mba'eve avave mba'e
Ha'e añetete guava

Oñemityva, oñoty ha omano'o
Ohasa ñembyahýi ko yvy pe
Pe poropuruvaiva ho'u pá
Ha'a teko me'ê tetâ me

Heta yvy ñeme'e jevy
Isarambiva pe ñu tuichakue javeve
Mbovymi pope
Umi "puta memby"
Oha'arôva ñemity

Oguâhe vaerâ ára gueteri
Umi portón ojepe'avo
Ñokêndaha ñemboja'avo
Ha ñane rogaygua py'aguapype
Ikatu oñangareko yvyre

Mavapa oí ñemýi mbohavái
Ombotyma pea kaso
Oke ikotype
Ta'anga ryry'i renondepe

Oñoty hikuái soja
Soja, soja, soja, soja
Omondo hagua tetâ ambuepe
Che ñyrô Che rykey
Ñande tava oipota arro, kumanda,
Zapatu, fideo

ÓPERA-SUEÑO SIN TIERRA

Esta tierra no tiene dueño
Entonces muéstreme la escritura
Nada aquí es de nadie
Es la verdad más pura

Quien siembra, planta y cosecha
Pasa hambre en ese suelo
Quien explota come todo
Es la ley de esa nación

Tanta tierra desocupada
Esparcida en el páramo
En la mano de pocos
"Hijos de puta"
Esperando la plantación

Todavía el día va a llegar
Que los portones van a abrirse
Los candados romperán
Y nuestras familias tranquilas
De la tierra podrán cuidar

Quien es contra el movimiento
Ya cerró esa cuestión
Duerme en su departamento
Delante de la televisión

Plantan soja, plantan soja
Soja, soja, soja, soja
Sólo pensando en explotación
Me perdone mi hermano
Nuestro pueblo quiere arroz, poroto
Zapato, fideo





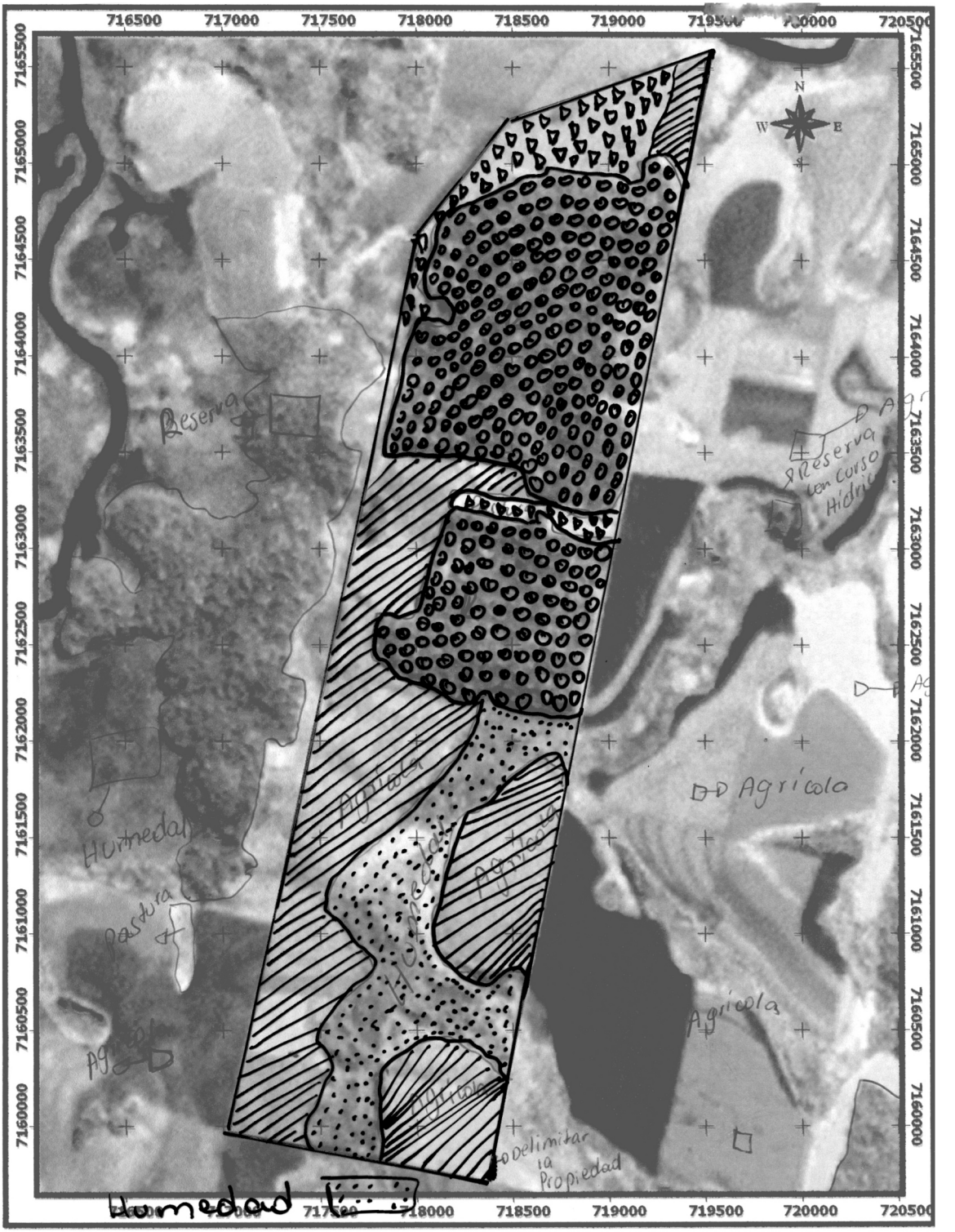





Encontro com Anunciación em 17 de janeiro de 2010 em Minga Porã

Jotopa Anunciación ndive ára 17 pe jasyteî 2010 pe Minga Porã me

Encuentro con Anunciación en el día 17 de enero de 2010 en Minga Porã



Humedad

1 Agrícola 1 Kilometers

Pastura

Imagen Landsat 2003

Esc.1:25000 Superficie : 740 Has 3450 m2

Reserva

Humedal

Pastura


716500
717000
717500
718000
718500
719000
719500
720000
720500
7165500
7165000
7164500
7164000
7163500
7163000
7162500
7162000
7161500
7161000
7160500
7160000
Reserva
Humedal
Agrícola
Pastura
Reserva
1
1 Kilometers
Esc:1:25000
Imagen Landsat 2006
perficie : 740 Has 3450 m2

Yvy ra`anga ñembojoguapyre 2003 ha 2006 pe ojeikuaa hâgua mba`éichapa ojeipuru ñande jarekova yvy ari.

Pe ta`anga oñeguenohe va`ekue 2003 ha 2006 pe ikatu hâguáicha peva rupive jahechakuaa jaipuru vaiha jarekova y, yvyra, yvy ha yvytu avei.

Pe 2003 pe oîva'ekue hetagueteri yvyra ñande ka'aguype, heta y no'ô, michiminte yvypora kuera oipuru, iñemitỹra, upe árape oĩva'ekue vy'a umi tekovekuera apytepe, heta yva ka'aguy natekoteveĩ va'ekue oñotỹ heta ho'uvaerã ome'emba va'ekuevoi chupekuéra pe tekoha.

Ko'ãva ta'anga 2006 pe, ohechauka pe ka'aguy michimientema opytaha oitypa umi oñemity tuvichava, ohepyme'êmba yvyra oĩva'ekue upepe. Oñoty hâgua soja, trigo, avati ha opa mba'e, umi ñemity umivape oipuru veneno ha'eva toxico yvyporape, upe ára guive ñande yvy ape ári hakuve, oĩve ñecontamina, mitâ ouva yvy ári ndoîmbai, ndohecháiva, upevare che angyrû oguahema ára ñamopu'âvo ñane akâ ha jaheka solución ko'âva problema ambiental kuera ohasava ñande yvy Paraguai, umi ñemongy'a, pe yvyture ouva agueruva hendive heta mba'asyvai.

Pevarehe che angyrû kuera iporã jajepy'amongeta ha ñañoty je'y yvyra ikatuva'erâ omopotî je'y ñandeve yvytu, ñañangareko yvy ha yrehe avei ani japoipype yty.

Pea peente che angyrũnguera ahejata peême che ahaihague ikatuhâguáicha pe moñe'ê ha pejepy'amongeta mba'e situación pepa ñaime ha pe ára ha ára ivaivetaha ñande rekove.

Sara Blanco

La publicación del territorio comprado entre los años 2003 y el 2006.

¿Cómo se utilizan nuestros recursos naturales?

Registros fotográficos de los años 2003 y el 2006 mostran que estamos usando mal los recursos naturales, tales como: el agua, los árboles, la tierra y el aire.

En el año 2003 había muchas maderas en los bosques, muchos arroyos y pocas personas que utilizaban, para cultivar, había alegría entre la gente, muchas frutas silvestres, no hacia falta plantar para comer porque la naturaleza brindaba todo.

Ahora la imagen del 2006, muestra que el bosque sobra poco, fue deforestando por quienes cultivan en grandes extensiones, pagando por los árboles que han habido en esos lugares. Para cultivar soja, trigo, maíz y para todas estas plantaciones utilizaron agrotóxicos, son venenos que afectan a seres humanos, desde entonces, la tierra está resentida y el calor aumenta por causa de la contaminación, notamos en las criaturas que nacen con deformaciones físicas (faltando algunos miembros del cuerpo), por eso, es hora de enfrentar en serio la solución a este problema ambiental en el suelo de Paraguay. También la contaminación se da a través del aire y trae consigo las enfermedades.

Por eso es bueno reflexionar, volver a reforestar para depurar nuevamente el aire, cuidar de la tierra y del agua evitando contaminar con la basura.

Hasta aquí escribo, para dejarle un cuestionamiento, si no hacemos algo a favor del medio ambiente, empeorará la situación de la propia existencia.

A publicação do território comprado entre os anos de 2003 e 2006.

Como se utilizam nossos recursos naturais?

Registros fotográficos dos anos de 2003 e 2006 mostram que estamos usando mal os recursos tais como: a água, as árvores, a terra e também o ar.

Em 2003 havia muitas madeiras nos bosques, muitas fontes, e poucas pessoas que as utilizavam para cultivar, havia alegria entre as pessoas, muitas frutas silvestres, não fazia falta plantar para comer porque a natureza brindava tudo.

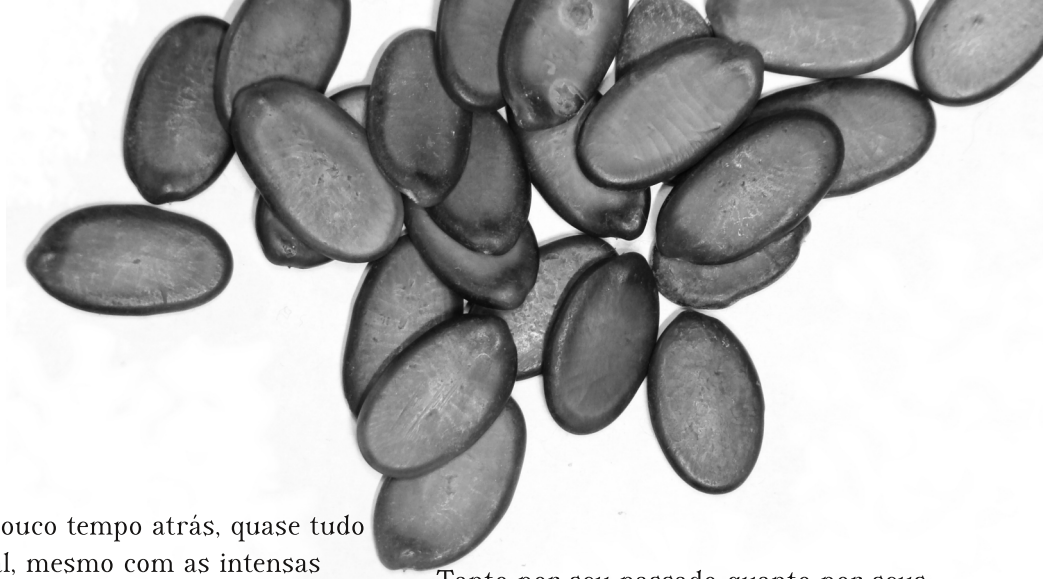
Agora a imagem de 2006 mostra que nos bosques sobra pouco, foi devastado por aqueles que cultivam as grandes áreas, pagando pelas plantas que havia nestes lugares. Para cultivar soja, trigo, milho e para todas estas plantações utilizam agrotóxicos, veneno que contamina os seres humanos, desde então, a terra está ressentida, o calor aumenta por causa da contaminação, crianças nascem com deformações físicas (faltando alguns membros do corpo). É hora de enfrentar com seriedade os problemas ambientais e buscar soluções a partir da própria realidade do Paraguai. A contaminação se dá através do ar e traz consigo infermidades.

Por isso é bom refletir e voltar a reflorestar para depurar novamente o ar, cuidar da terra e da água, evitando contaminar com o lixo.

aqui escrevo para deixar-lhes um questionamento, se não fizermos algo a favor do meio ambiente, estará comprometida a própria existência.

“AVA ÑE’ÊME, ÑE’Ê HA ÁNGA HA’E ÑE’Ê OJUAVYVA UPE TAVA OMOKAÑYRAMO IÑE’Ê, OMOKAÑY HI ÁNGA PE VÁICHA ÑANEMBOTAVY PE TOPYTA HA’E ÑONGATU KUAA UMI YMA APOREKO”


UN
GUARANIKE



Até bem pouco tempo atrás, quase tudo era natural, mesmo com as intensas modificações antropogênicas realizadas por populações indígenas nas florestas (o antropólogo Balée estima que cerca de 12% da Floresta Amazônica seja fruto desse trabalho). Há pelo menos 8 mil anos, xs indígenas de Abya Yala[1] desenvolvem suas "florestas culturais": agriculturas e manejos que geraram milhares de espécies vegetais, assim como práticas de cura e fazeres manuais, conhecimentos sem "propriedade" enriquecidos através de gerações, utilizados e desenvolvidos para o bem da comunidade inteira. Assim consolidaram-se muitas civilizações do continente, onde predominava a interação de muitos domínios: espiritualidade, arte, comida, cultura - formando uma sólida cosmologia, que influenciou diretamente a manutenção de suas técnicas tradicionais.

Tanto por seu passado quanto por seus modelos contemporâneos, como a poliversa frente contra-hegemônica zapatista, o fortalecimento de lutas camponesas, indígenas e urbanas, processos de descolonialidade[2] e autonomia em países como Bolívia e México, ou pela política institucional em curso no Equador e na Venezuela, refletimos sobre a etnicidade na tentativa de entender como caminhamos dos pajés aos cientistas de jaleco branco, a física moderna preparando o caminho para a essência do pensamento atual: determinismo (Heidegger). Não mais se vive o hoje, e sim prepara-se o futuro.

"Dê-me as posições de todas as partículas do universo, e todas as forças que agem sobre elas, e preverei o futuro"(Laplace).

O Futuro das Sementes

Procuramos através deste debate confabular novas relações de poder, refundar processos afetivos e autopoiéticos (Maturana) que afirmem o viver bem. Como problematizar as ações das megacorporações globalizadas e das instituições que deveriam ser multilaterais (lobbies, ONU, FAO), que têm hoje a prerrogativa de determinar o que vai ou não vai ser feito da natureza? Como recriar nossas relações com a natureza, nossas culturas? Enfim, que globalização queremos: a que vem se impondo ou a que desde abajo vem buscando outros caminhos?

Práticas como o GNU/Linux - a semente digital originária -, que não detém patente e colabora para a difusão do conhecimento. Ou o recente debate sobre propriedade intelectual com o copyleft, bancos de sementes, práticas agroecológicas, permacultura, isolamentos voluntários, boicotes, ações de contestação à produção transgênica e reprodutiva por camponesxs, assim como, no campo teórico, o ciberfeminismo instaurando o feminismo como crítica à cultura tecnocrática. Esses são pequenos, táticos, no entanto muito importantes passos para o novo desafio.

Com os recentes avanços da ciência sobre o nosso dia a dia através das grandes indústrias do nano, procuramos entender a construção deste sistema-mundo desde um âmbito cotidiano, muito mais amplo e íntimo do que meramente o campo científico ou antropológico. É, sobretudo, um debate cultural, que diz respeito aos nossos saberes e fazeres. Vidas mutuamente excluídas, antecipadas nas telas de TV nossas reações pessoais, criamos no hoje uma ideia de cultura e política sem perceber como a consumimos em nossas refeições, como nos expressamos tecnologicamente ou ultrapassamos os limites estabelecidos por determinada tecnologia, reapropriando-a, desdobrando-nos na criação de nossxs filhxs, definindo assim como será o planeta que habitaremos no futuro.

Sob quais culturas vivemos?

Das sementes ao plástico, medicamentos, reprodução humana e distribuição de alimentos, por nanofios e pelo ar, convergindo conhecimentos bioquímicos e a microeletrônica, nos tornamos bilhões de consumidorxs e produtorxs, submetendo-nos a algumas centenas de bilionárias empresas bélicas, farmacêuticas, petrolíferas e alimentícias mais poderosas do que governos, populações e culturas locais: como Monsanto - antiga fabricante de armas químicas, empresa que hoje abocanha quase metade do setor de sementes transgênicas, Du Pont - antiga fabricante de pólvora, uma das gigantes da indústria química dos Estados Unidos, detentora de mais de 34 mil patentes desde 1804[3], Bayer - sobrenome de um químico alemão que inspirou a empresa produtora da aspirina, produz toda uma linha de sementes para hortaliças transgênicas, prestes a introduzir o arroz transgênico no Brasil sob o lema "Almejar o sucesso: Não desistir, especialmente se surgirem

resistências e reveses"[4]; ou ainda a Nestlé - "Boa Comida, Boa Vida", parceira do programa Fome Zero, que desmineraliza águas no Brasil e compra (junto à Coca-Cola) fontes de águas de aquíferos como o Guarani[5] (a maior cisterna natural de água doce do mundo, localizado em nosso continente). A Nestlé foi escolhida a transnacional mais irresponsável do planeta nas questões sociais e ecológicas (pela conferência Olho Público em Davos, ligada ao Fórum Social Mundial)[6], ao lado de Dow Chemical, Shell, Syngenta e Wal-Mart.

Além de toda a pressão pela mudança de paradigma na produção de comida, produtorxs rurais vêm sofrendo todos os tipos de violência, como calúnias, perseguições, prisões e assassinatos, enfrentamentos com milícias, jagunços e a mídia corporativa, além dos inúmeros casos de biopirataria[7]. Mesmo o milho, um dos alimentos considerados mais sagrados pelas populações indígenas ao centro e ao sul de nosso continente, altamente nutritivo, sofre ainda contaminações "descontroladas", como a que aconteceu no Brasil. Isso se soma à pressão da aprovação dos transgênicos no país[8]. Segundo o jornal Brasil de Fato, a Embrapa confessa que existirá em breve "uma contaminação generalizada"[9], sendo que a maior parte da produção que alimenta as pessoas no mundo é feita pelx pequenx produtorx[10]. No entanto, xs únicxs presxs são justamente essxs que têm suas plantações contaminadas, xs que resistem em ações diretas (MST/Via Campesina) ou aquelxs que trocam arquivos pela internet, que vendem CDs nas ruas ou criam suas estações de radioamadores, utilizando-se das técnicas disponíveis, as apropriando, questionando e criativamente recombinando. Na biopirataria corporativa, paga-se somente uma multa, normalmente muito mais modesta do que os lucros. E assim, o mesmo jatinho que jogou o agente laranja durante a Guerra do Vietnã por nove anos, matando as colheitas de arroz e causando fome, começa a ser usado repleto de fertilizantes, ajudando a "salvar" o planeta da fome, sob o signo da "revolução" verde, através das décadas seguintes. São as biopolíticas desenvolvidas desde os gabinetes das Nações Unidas e implementadas em escala planetária, recentemente renovadas pela aprovação do Codex Alimentarius[11]. Além do que ingerimos, há ainda a contaminação de lençóis freáticos pela imensa quantidade de resíduos tóxicos. Até mesmo os fitoterápicos acabam sendo manipulados por empresas de distribuição, fabricantes de cápsulas. Muitos produtos orgânicos são trazidos por longuíssimas distâncias até as prateleiras dos supermercados, persistindo a dependência das pessoas do modo passivo de consumo e nossa dissociação da natureza. Tornamos o corpo das mulheres um campo de batalha à parte, consumindo cosméticos, cirurgias estéticas, contraceptivos, cesáreas, esterilizações, próteses, abortos clandestinos e extração de

óvulos, somando-se isso aos antidepressivos e estimulantes sexuais consumidos por todxs. Uma vez bruxas e operadoras de grandes mainframes, criando lógicas de computação sem computadores (Ada Lovelace). Nos dias de hoje, mesmo em comunidades mais inclusivas como a do software livre, representam apenas 1,5% das que controlam os códigos[12].

É a derradeira destruição de conhecimentos e culturas tão sólidos que não necessitavam ser registrados em papel ou patentes. Adotando slogans como "o milagre da ciência" e "o especialista global" para justificar as apropriações indevidas de nossos conhecimentos tradicionais, os piratas não mais precisam de armas: vêm em magníficas cópias de folhas verdes. Substituímos nosso leite materno por seus pós.

Segundo Milton Santos, as modificações no campo técnico-científico e informacional teriam criado um momento da história em que um novo modelo de natureza artificializada se instala, mediada e altamente manipulável, e se reproduz por esferas distintas, construindo todo o nosso imaginário social, adotando modelos únicos de tempo e espaço, unindo sobre moldes capitalistas ciência e produção. Esse modelo é legitimado por leis e políticas cada vez mais restritivas (em ações de confinamento, fome, subordinação de corpos, fetiche da estética cirúrgica e da alta tecnologia, proibição de troca de sementes ou material cultural - dádivas comuns a todas as pessoas, à própria vida), proibindo liberdade e engenhosidade como cultura humana, mesmo em um tempo de abundância, com a troca de arquivos digitais, compartilhamento de banda e software livres. Sob uma visão única, a técnica torna-se, nas sociedades modernas, o mecanismo das relações das pessoas com seus territórios, seres e tempo, dissociadas dos cósmicos saberes, suas artesãs originárias e suas potências.

No entanto, esse rompimento de nossos modos e métodos naturais, solidários e colaborativos, adquiridos no campo da experiência vivida e coletiva, se mostra ainda mais difícil de resgatar. Já foram testadas inúmeras possibilidades de expansão colonial geográfica, bem como ampliadas as limitações do espaço com o virtual, quando a invasão é apresentada desde uma nova fronteira - o espaço molecular. Seres humanos como matérias-primas, condicionamento de células nervosas e microprocessadores, uma rapidez incrível de emanação inauguram a era da biotecnocracia, que intensifica ainda mais a produtividade através da apropriação das sementes da vida e do controle totalitário de todos os seres, aspectos determinantes no sentido do compartilhar das produções energéticas. É agora a partir do átomo, do micro, do recorte, que nasce a ideia da biopolítica.

Nesta configuração de mundo, os princípios de territorialidade coletiva são abandonados, substituídos pela ideia de um grande mercado onde é possível comprar e vender simplesmente tudo.

Tati Wells e Ruiter Rodrigues
{{ .. / Coletivo Baobá Voador ';;~}

Agradecemos ao Prof. Carlos Walter Porto-Gonçalves pela gentil leitura e correções.

REFERÊNCIAS

1 Expressão com que o movimento indígena vem, desde 2004, nomeando o continente chamado América. Consultar Porto-Gonçalves, C.W. 2009. Abya Yala. In: SADER, E. e JINKINGS, I. (Coordenadores) 2009 Enciclopedia Contemporánea de América Latina y el Caribe. Akal/Boitempo/Clacso, Madrid.

2 Recente categoria analítica que fala dos esforços de superação das problemáticas enfrentadas pela América Latina desde a colonização. É um conceito que está sendo formulado por muitos teóricos, como Quijano, Mognolo, C. W. Porto-Gonçalves, Arturo Escobar, e praticantes, como Paulo Freire e Augusto Boal. Citamos aqui a pesquisadora Catherine Walsh (2008) que destaca quatro formas de colonialidade: "A colonialidade do poder - se refere ao estabelecimento de um sistema de classificação social baseado em uma hierarquia racial e sexual; a colonialidade do saber - trata do eurocentrismo como a perspectiva única do conhecimento, o que descarta a existência e viabilidade de outras racionalidades epistêmicas e outro conhecimento (...); a colonialidade do ser - é o que se exerce por meio da inferiorização, subalternização e a des-humanização, fetichização do ser humano (...); por fim, a colonialidade da mãe natureza - ocorre ao se dissociar razão, cultura, sociedade e natureza. Cria o impossível, o humano como dissociado da mãe natureza." In: A perspectiva eco-relacional e a educação intercultural no entrelaçar de afetos: a descolonialidade do saber com foco na sustentabilidade ambiental, João Figueiredo http://aric.edugraf.ufsc.br/rest/artigo/32/semFolhaDeRosto/pdf?chaveDeAc... / Acesso em 26 Fev. 2010.

3 Segundo o site da empresa http://www2.dupont.com/Plastics/en_US/News_Events/article20090716.html Acesso em 26 Fev. 2010.

4 Segundo o site da empresa http://www.bayercropscience.com.br/site/aempresa/visaomissaoevalores.fss Acesso em 26 Fev. 2010.

5 Segundo os sites da Comissão Pastoral da Terra e do Centro de Mídia Independente, entre outros http://www.cpt.org.br/?system=news&action=read&id=245&eid=127 / http://www.midiaindependente.org/pt/red/2003/05/254956.shtml Acesso em 26 Fev. 2010.

6 Segundo o site da ação Olho Público em Davos http://www.publiceye.ch/en Acesso em 26 Fev. 2010.

7 Segundo o site http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI80394-15223,00-HENRY+W... e a Wikipedia http://pt.wikipedia.org/wiki/Henry_Wickham Acesso em 26 Fev. 2010.

8 Segundo estudo de pesquisadores da Fiocruz http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-88392004000300011&script=sci_a... e clippings de matérias à época http://www.ecolnews.com.br/transgenicos/trans_historia.htm Relatório do Greenpeace ilustra inúmeros outros casos http://www.greenpeace.org/raw/content/brasil/documentos/transgenicos/sum... Acesso em 26 Fev. 2010.

9 Segundo o site do jornal Brasil de Fato http://www.brasildefato.com.br/v01/agencia/nacional/a-ciencia-segundo-a-... Acesso em 26 Fev. 2010.

10 Segundo pesquisa do /ETC Group http://www.etcgroup.org/upload/publication/pdf_file/ETC_Who_Will_Feed_Us... Acesso em 26 Fev. 2010.

11 O Codex Alimentarius é um Programa Conjunto da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação - FAO e da Organização Mundial da Saúde - OMS. Trata-se de um fórum internacional de normalização sobre alimentos, criado em 1962 http://www.inmetro.gov.br/qualidade/comites/ccab.asp Acesso em 26 Fev. 2010.

12 Ada Lovelace foi a primeira programadora http://pt.wikipedia.org/wiki/Ada_Lovelace Dados sobre a mulher nas comunidades de software livre http://flosspols.org Acesso em 26 Fev. 2010.

Ta'ýi Kuera Jehurâ

Nda arei'ete kuri, enteromba'ete oîhaicha'ite kuri, upei omoambue yvypora reño'i ojapovaekue umi ava ka'aguype (Balée okalkula 12% pe ka'aguy Amazona ha'e pe tembiapo'a). Aimete po'apy ary guive ava Abya Yala [1] nguera ombohetesorõ pe "ka'aguy reko": ñemity ha ñemboguatarupi ome'ê heta ka'avo joguaha, pohano ha japopy porupi, jekua'a "rekotee'ýre", omomba'eheta ñemoñarupi, oipuruvo ha ombohetesorõ pe aty rupi. Peicha ijaty heta teko arandu tyru, upepe omombarete pe ñopytyvôeta poguype: Tekopytuva, porâ, tembi'u, kuaapy – jeikua'a porâ mbyjakuera, oikuaukavo teko aporeko.

Yma ha ko'angagua jehechauka, umi opaichagua renondepe umi zapatista mbarete renondepe, mbarete chokokue ñorairô, avanguera ha tava-i, pe kolonia ñemboja'o [2] ha teko sâso ku tava Bolivia ha México peguaicha, Política Institucional ko'anga Ecuador ha Venezuela peguaicha jajepy'a mongueta pe avareko, ñantende porâ ve hãgua mba'eichapa jaguata umi payé umi científico ija'o morotîvandie, ku física py'ahu osakoiva tape ñañamindu'u ko'anga guarã ha'eteva: peatantevoi (Heidegger). Ndojeikovei pe ko'anga, ha katu ojesakoi pe ko'erorã. "Eme'ê entero umi ku'i oîhaicha pe yvagape, ha entero umi mbarete oîva hiarikuera há oikua'ata pe koerã" (Laplace).

Roñeha'ãko ñomonguetaruoi ñañome'ême jaikua'apyahu mbarete, ñamyaty hâgua remiandu ha kerayvoty ñemoapesâ rupi (Maturana) he'iva jeiko porâ rupi.

Mba'eichapa umi ambu'e tembiapo tuvichaiteva ha institución kuera oñatendeva'erã ome'êvo solución(lobbies, ONU, FAO), oguerekóva puaka ipopekuéra mba'epa ojejapovaerã terâ nahaniri ko ñane rekohagui? Mba'eiko jamoporã jeyta ñane jeiko ñanerekohandie ha porã rekondive? Upeicha, mba'eiko la ñamopeteîséva: ko oñemoîva ñandeve piko terâ ouva yvygui ha ohekava ambue tape?

Ojapova ouvo GNU/Linux - pe ta'ýi ypy kuãpyryrýre -, ndo jokoiva kuatia atâ omosarambihãgua kuaapy. Terã ñomongueta ramoite guare pe kuaapy mba'eteevape copyleft, oîhape ta'ýikuéra, agrorembiapope ekologiaguigua, Permacultura, ñemopeteî, boicot, jejapopyre ñemoata pe ta'ýire ñembyaiseva ha chokokue omomembyva ohovo, peicha kuatiape, ciberfeminismo omombareteva oñe'ereityvo pe tecnocráticare. Umiva ha'e michimi, tembiapo, ha katu iñimportante jegueroguata tape pyahure ñekarapu'arã. Nda'arei ciencia jegueroguatarupi ko'anga rupi industria umi tecnología michi ha katu ipotenteva jeherova: micro-tecnologia, ontendeuka jejapopy ko sistema-mundo ko'e ko'ere, peicha ñantendeporãve ýro japyta kuatiape heihaichaitente ciencia ha yvyporarekore. Peva ha'e jepy'amomgueta jaikuamivare ha jajapovare. Tekove ndoikeiva, tenondera ta'anga ryryipe ñande reko añete oñondive, peicha jajapo ko'angarupi kuapyra ha tembiapoka politika rupi ñepensaýre upevare peichaite jamoko, mba'eichapa ja'e tera jahasa la raya pe tecnología guiguava, ñañemomba'evoikatu, ñanentema voi la tayra tera tajyra japosehaicha jajapo hekovegui, ja decidimakatu mba'eichapa opytata ñanderekoha tapepukuvo.

Mba'eichagua Kua'a Poguypepa Jaiko?

Ta'ýi jehasa plastikope, pohaita, yvypora apo ha tembi'u ñemosarambi, kable po'imi rupi ha yvyture, kuapy bioquimico ha microelectrónica, jehupityma hetaiteréima oipuruva ha ojapova, ñane moinge umi empresa oporojukavandi, poha apopyre, itakyra ha tembi'u apo iporo'oveva umi omyakava tetâ, tavaygua ha kuapy tenda rupigua: Monsanto – ymaguive ojapova pojoapy química, ko'âva empresa ko'ángarupi oñangareko pe ta'ýi transgénica, Du Pont – ymaguive ojapova mombuha, ha'eva peteî tuichapajepéva tembiapo química Estado Unido pe, imba'e tee mbohapy pa porundy su techaukaha upe peteî su poapy sa irundy[3], Bayer – peteî têra químico alemán ojapoypy vaekue pe tembiapo empresa aspirina gui oñepyrû, ojapo enteroiteichagua ta'ýi koga huertapegua transgénica, oîma oike haguáicha arro transgenico Brasilpe heivo: "Jeheka akârapu'â: Ani eheja, osêjaveramo ñemo atâ terâ oguývo"[4]; Avei Nestlé – "Tembi'u porâ, teko porâ", oipytyvôva opa haguâ ñembyahy'i, odesmineralizava y Brasilpe ha ojogua (Coca Cola ndive) pe y eta opupuva jaherova acuífero Guaraní[5] (y potî nde heva oîva ñane tyrupe mba'yru oîva ñane rekohape). Pe Nestlé ojeiporavo kuri umi multinacional apytegui ndo japo poraîgui hembiapo ñanerekohare ha tavayguandie (pe conferencia Ojo Público Davos pe, Foro Social Mundial ndive) [6], Dow Chemical ykere, Shell, Syngenta ha Wall-Mart.

Avei umi jejopyeta apytepe ñemo ambu'e hagua pe tembi'u apo rechauka, umi ñumegua kuéra rembiapo ohasa asy opaichagua ñorairô, japu, jeikovai, preso ha jejuka, ñorairô militar ndive, jukaha ha umi medio corporativo prensa guakuera, avei kañyhape jejapova umi piratería[7]. Avei avati, ha'eva tembi'u marangatu ava kuera rembi'u ñane tyrupe, hypy'ûva, ko'anga guara avei oñekontamina mbama "noñesambyhyveiva", ku Brasilpe oikohagueicha. Ava ñamoi umi ojopyva ojeguereko hagua transgenico tetâme [8]. Pe kuatia Brasil de Fato, EMBRAPA omombe'u oitaha ndaipukuveima "pe ñe envenena guazú" [9], upeicha tembi'urâ tuichaveva osêva umi tembiapo chokokue ojapova michi michimime [10]. Ha katu, ha'ekuerata hina la ojeperjudikatava umi oñemity'iveva, umi oñemyatãva tembiapoita rupi (MST/Via Campesina) têra umi omoambu'eva internet rupi, ohepyme'êva CDs tapere terã ojapova ñe'êpuho'e oipuru técnica orekova henondepe, oñemo mba'e, omba'e porandu ha ojapo joparape. Pe Biopirateria corporativa, ojepaga peteî multa, michive katuete la opytatava ivolsillope.

Ha upeicha, uni opulverizava aviónrupive veneno opoiva ombya'i ha oporoyuka Guerra Vietnan porundy Ary, ohundi arro jekosecha ha ogueru ñembyahy'i, oñepyru ojeipuru abono químico, ojerrecupera hâgua kuarahy ra'y pe ñembyahy'igui, "ñembojere"hovy, pa ary rire. Ha'e umi biopolitika ombohetesorova aty Naciones Unidas rembiapopy há omosarambiva ko yvy Ari, nda arei'ete ombopyahu ha omoporâva Codees Alimentarius [11]. Avei jaipuruva, oî gueteri ñembonky'a umi y yguyrape veneno yty agrotóxicorupi. Avei umi pohanguera oñembojehe'avo empresa omosarambiva, ofrabricava cápsula umívape avei ajagarra ko'â mba'e. Heta producto reko rehegua ojereru mombyrygui

ñemoi hagua mba'e ñemuhame, oî ñeha'arô ambu'e teko oha'arô oñeme'ê ha jaje'ivo tera ñañemo ambu'e ko ñanderekohagui.
Pe kuña regui jajapo peteî ñorairô renda, jeipuru javeramo cosmético, cirugia estética, contraceptivo, cesárea, esterilizaciones, protesis, aborto kañyhame ha tupi'á jepe'a kuña ry'epygui, antidepresivo ha mokyre'yra ojeipuruva oparupi. Peteî kuña pajé ha maquina tuvichava rembiapo mainframes, ojapova computadorpe guarâ ñegueropensa computador y'etere (Ada Lovelace). Ko angarupi, aty harupi software sâ'yre, oî 1,5% oñangarekova umi papapy [12].
Âva ha'e hina ombya'ivamomarandu ha porâ ata noikotevêiva jemo'i kuatiare terâ techaukahape. He'ivo peicha: "kua'a pokatu" ha "katupyry apu'a renyhe" oñemomba'e umi ñane kuapy ñanemba'eteete, umi pirata noikotevê veima arma: ouma pira pire hovype. Jamo ambu'ema ñane sy kamby timbore.
Milton Santos he'i haicha, ñemo ambu'e pe campo técnico-científico ha informacional pe ojejapo sapy'ami tekovekue peteî techauka pyahu teko gua'u oñemoi, mediada ha omyakaky'o, ikatu enterove omboheta, ojapo ñane jeiko rupi, omopeteî hechakarâ ary ha arapy, omopyenda pe kapitalista aranduka ha rembiapokarâ joguaha rupi. Pea petechauka lei ha politika omohekoporâ ha amyatâ (oñongaturupi, ñembyahy'i, omoingue tetepe, omopajereko pe estética cirúrgica ha tecnologia, oprohibi ta'ýi ñemo ambu'e ha kuatia porâra – ñeme'ê maymava tekovepe, hekove imba'e teepe), oprohibi sasô ha ojapovo porâ tekora, pe heta oîhame, ambu'e ñongatuha kuâpore, oipurukavo banda ha software sasô. Peva peteînte, ojevy peva pe tecnica, ko ñane socieda pyahu, ñane jeiko oñondive teko tekohare, teko ha ary, ojepoky'i pe kuapy yvagarape, umi porâ apo ypy ha ipokatu.
Ha katu, jejoka ñane jeiko ha rekoapo, mba'e rechakua'a ha pojera, jagueruva tekoapo ha jehasapyre oñondive, jahecha gueteri hasy ha jajoko terâ jagueru je'y.
Ojeprobama heta posibilidad ñemosarambi colonia grográfica, avei ñembotuvichave pe limitación pe pa'u pe virtual, oñepresentavo ku invasion ko rembe'y pyahugui – pa'u ku'i ra'y totemi. Tekove ojepuru material-prima ramo, ocondiciona célula nerviosa ha microprocesador, ipya'e ñaimo'ayre otororô oñeingura pe biotecnocracia, pe'a omopya'eve pe jejapore oñemomba'e rupi pe ta'ýi tekovesa ha okontrolavo entero tekove oîva yvyári, imbareteva avâ mba'e ñemboja'ovo tembiapore mbareterâ.
Ko'anga ñepyrû pe kyta ytotemigui, michimi, pehengue onaceva pe biopolitikagui. Ñantende haicha ko yvyári, umi teko ypy ha entero umi yvyñepyrumby avâ jehejapa, oñe moambu'e ñemuha guazúre ikatuhape jejogua ha ñe hepyme'e enteroite mba'e.

Tati Wells y Ruiter Rodrigues
{{../Coletivo Baobá Voador ´;;~}

Roagujeveme'ê Mbo'ehara Carlos Walter Porto-Gonçalves ikatupyryhare oleevo ha okorregihaguere.

El Futuro de las Semillas

Desde hace poco tiempo, casi todo era natural, misma con las intensas modificaciones antropogénicas realizadas por las poblaciones indígenas en las florestas (el antropólogo Balée estima que cerca del 12% de la Floresta Amazónica sea fruto de ese trabajo). Aproximadamente desde ocho mil años, habían indígenas de Abya Yala[1] desarrollan sus "florestas culturas ": agriculturas y manejos que generaron millares de especies vegetales, así como prácticas de cura y quehaceres manuales, conocimientos sin "propiedad" enriquecidos a través de generaciones, utilizados y desarrollados para el bien de la comunidad entera. Así se consolidaron muchas civilizaciones del continente, donde predominaba la interacción de muchos dominios: espiritualidad, arte, comida, cultura – formando una sólida cosmología, que influenció directamente en la manutención de sus técnicas tradicionales.

Tanto por su pasado cuanto por sus modelos contemporáneos, como la diversidad frente a la contra- hegemónica zapatista, el fortalecimiento de luchas campesinas, indígenas y urbanas, procesos de descolonización[2] y autonomía en países como Bolivia y México, o por política institucional actual en Ecuador y Venezuela, reflexionamos sobre la etnicidad en la tentativa de entender cómo caminamos de los payés a los cientistas de chaleco blanco, la física moderna preparando el camino para la esencia del pensamiento actual: el determinismo (Heidegger). No se vive más el ahora, y sí se prepara el futuro. "Me des las posiciones de todas las partículas del universo, y todas las fuerzas que actúan sobre ellas, y preveré el futuro"(Laplace).

Procuramos a través de este debate confabular nuevas relaciones de poder, re-fundar procesos afectivos y auto-poéticos (Maturana) que afirman el vivir bien. ¿Cómo problematizar las acciones de las megacorporaciones globalizadas y de las instituciones que deberían ser multilaterales(lobbies, ONU, FAO), que tienen hoy la prerrogativa de determinar lo que va o no va a ser hecho de la naturaleza? ¿Cómo recrear nuestras relaciones con la naturaleza, nuestras culturas? En fin, ¿qué globalización queremos: la que viene imponiéndose o la que desde abajo viene buscando otros caminos?

Prácticas como la GNU/Linux – la semilla digital originaria –, que no detiene patente y colabora para la difusión del conocimiento. O el reciente debate sobre propiedad intelectual con el copyleft, bancos de semillas, prácticas agroecológicas, Permacultura, aislamiento voluntario, boicot, acciones de contestación a la producción transgénica y reproductiva por campesinos X, así como en el campo teórico, el ciberfeminismo instaurando el feminismo como crítica a la cultura tecnocrática. Esos son pequeños, tácticos, sin embargo, muy importantes pasos para el nuevo desafío.

Con los recientes avances de la ciencia sobre nuestro día a día a través de las grandes industrias de micro-tecnologías, procuramos entender la construcción de este sistema-mundo desde un ámbito cotidiano, mucho más amplio e íntimo que meramente el campo científico o antropológico. Es, sobretodo, un debate cultural, que dice al respecto a nuestros saberes y haceres. Vidas mutuamente excluidas, anticipadas en las pantallas de TV nuestras relaciones personales, creando hoy día una idea de cultura y política sin percibir cómo la consumimos en nuestras comidas,

cómo nos expresamos tecnológicamente o ultrapasamos los límites establecidos por determinada tecnología, reapropiándola, desdoblándonos en la creación de nuestros hijos, definiendo así cómo será el planeta que habitaremos en el futuro.

¿Bajo cuál cultura vivimos?

De las semillas al plástico, medicamentos, reproducción humana y distribución de alimentos, por cables ínfimos y por el aire, convergiendo conocimientos bioquímicos y la microelectrónica, nos volvemos billones de consumidores y productores, sometiéndonos a algunas centenas de billones de empresas bélicas, farmacéuticas, petrolíferas y alimenticias más poderosas que los gobiernos, poblaciones y culturas locales: como Monsanto – antigua fabricante de armas químicas, empresa que hoy se abocan casi la mitad del sector de semillas transgénicas, Du Pont – antigua fabricante de pólvora, una de las gigantes de la industria química en los Estados Unidos, dueña de más de 34 mil patentes desde 1804[3], Bayer – apellido de un químico alemán que inspiró a la empresa productora de aspirina, produce toda una línea de semillas para hortalizas transgénicas, listo para introducir el arroz transgénico en Brasil bajo lema: "Búsqueda del éxito: No desistir, especialmente si aparezcan resistencias y reveses"[4]; o todavía la Nestlé – "Buena Comida, Buena Vida", auspiciante del programa Hambre Cero, que desmineraliza agua en Brasil y compra (junto a la Coca Cola) fuentes de aguas del acuíferos como el Guaraní[5] (la mayor cisterna natural de agua dulce del mundo, ubicado en nuestro continente). La Nestlé fue elegida la transnacional más irresponsable del planeta en las cuestiones sociales y ecológicas (por la conferencia Ojo Público en Davos, conjunto al Foro Social Mundial) [6], al lado de Dow Chemical, Shell, Syngenta y Wal-Mart.

Además de toda la presión por el cambio de paradigma en la producción de comida, productores rurales vienen sufriendo todos los tipos de violencia, como calumnias, persecuciones, prisiones y asesinatos, enfrentamientos con milicias, matones y los medios corporativos de prensa, además de los innúmeros casos de biopiratería[7]. Mismo el maíz, uno de los alimentos considerados más sagrados por las poblaciones indígenas al centro y al sur de nuestro continente, altamente nutritivo, sufre todavía contaminaciones "descontroladas", como el que sucedió en el Brasil. Eso se suma a la presión de la aprobación de los transgénicos en el país[8]. Según el periódico Brasil de Fato, la EMBRAPA confiesa que existirá en breve "una contaminación generalizada"[9], siendo que la mayor parte de la producción que alimenta a las personas en el mundo es hecha por los pequeños productores[10]. Sin embargo, los únicos presos son justamente esos que tienen sus plantaciones contaminadas, los que resisten en acciones directas (MST/Via Campesina) o aquellas que cambian archivos por Internet, que venden CDs en las calles o crean sus estaciones de radioaficionados, utilizando las técnicas disponibles, como apropiando, cuestionando y creativamente recombinando. En la biopiratería corporativa, se paga solamente una multa, normalmente mucho menos que la ganancia.

Y así, el mismo pulverizador rasante que tiró el agente naranja durante la Guerra de Vietnan por nueve años, matando las cosechas de arroz y causando hambre, comienza a ser usado lleno de fertilizantes, ayudando a

"salvar" el planeta del hambre, bajo el signo de la "revolución" verde, a través de las décadas siguientes. Son las biopolíticas desarrolladas desde los gabinetes de las Naciones Unidas e implementadas en escala planetaria, recientemente renovadas por la aprobación del Codees Alimentarius[11]. Además de lo que ingerimos, hay todavía una contaminación de las venas de aguas por la inmensa cantidad de residuos tóxicos. Inclusive los fitoterápicos acaban siendo manipulados por empresas de distribución, fabricantes de cápsulas. Muchos productos orgánicos son traídos por lejísimas distancias hasta las góndolas de los supermercados, persistiendo la dependencia de las personas de modo pasivo de consumo y nuestra disociación de la naturaleza.

Convertimos el cuerpo de las mujeres en un campo de batalla a parte, consumiendo cosméticos, cirugías estéticas, contraceptivos, cesáreas, esterilizaciones, prótesis, abortos clandestinos y extracciones de óvulos, a eso se suman los antidepresivos y estimulantes sexuales consumidos por todos. Una vez brujas y operadores de grandes máquinas de informática, creando lógicas de computación sin computadores (Ada Lovelace). En los días actuales, mismo en comunidades más inclusivas como el del software libre, representan apenas 1,5% de las que controlan los códigos[12].

Es la última destrucción de conocimientos y culturas tan sólidas que no necesitaban ser registrados en papel o patentes. Adoptando slogans como "el milagro de la ciencia" y "el especialista global" para justificar las apropiaciones indebidas de nuestros conocimientos tradicionales, los piratas no necesitan más de armas: vienen en magníficas copias de hojas verdes. Sustituimos nuestra leche materna por sus polvos.

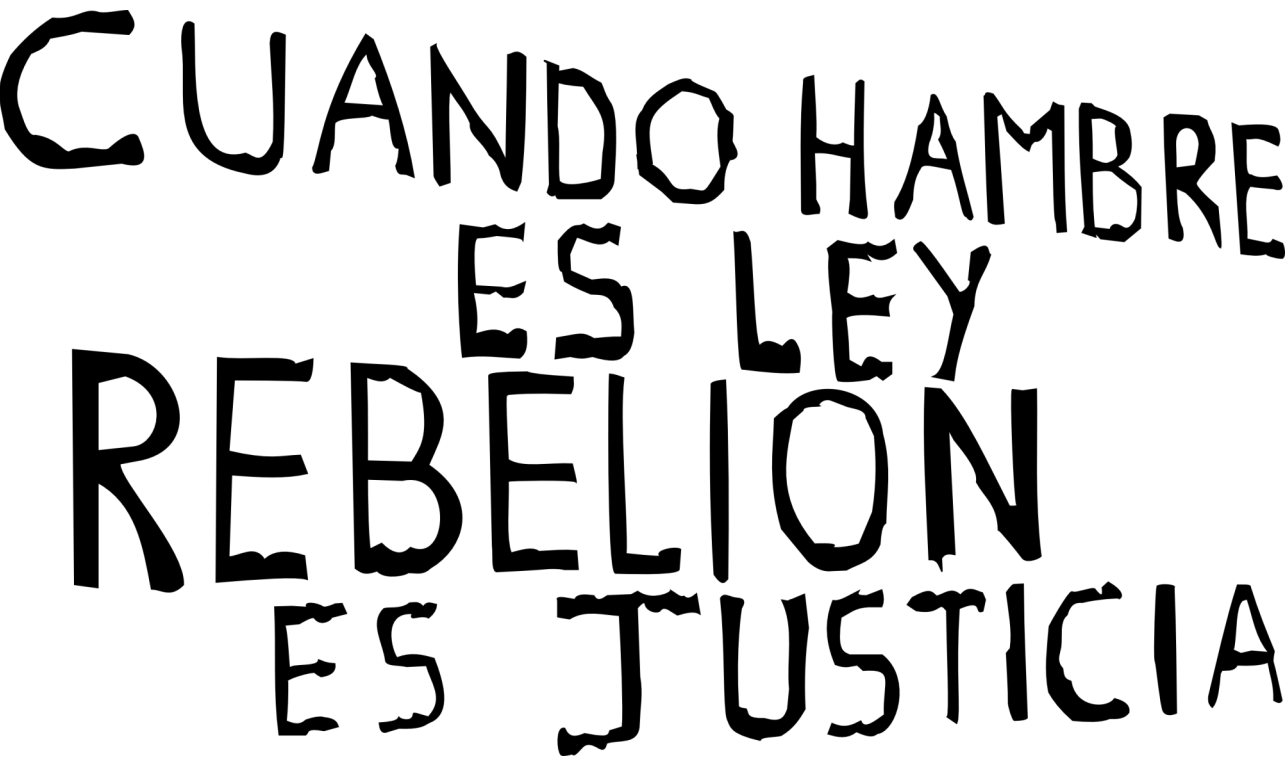
Según Milton Santos, las modificaciones en el campo técnico-científico e informacional habrían creado un momento de la historia en que un nuevo modelo de naturaleza artificializada se instala, mediada y altamente manipulable, y se reproduce por esferas distintas, construyendo todo a nuestro imaginario social, adoptando modelos únicos de tiempo y espacio, uniendo sobre moldes capitalistas ciencia y producción. Ese modelo es legitimado por leyes y políticas cada vez más restrictivas (en acciones de confinamiento, hambre, subordinación de cuerpos, fetiche de la estética cirúrgica y de la alta tecnología, prohibición de cambio de semillas o material cultural – dádivas comunes a todas las personas, a la propia vida), prohibiendo libertad e ingeniosidad como cultura humana, mismo en un tiempo de abundancia, con el cambio de archivos digitales, compartiendo de banda y software libres. Bajo una visión única, la técnica se vuelve, en las sociedades modernas, el mecanismo de las relaciones de personas con sus territorios, seres y tiempo, disociados de los conocimientos cósmicos, sus artesanas originarias y sus potencias.

Sin embargo, ese rompimiento de nuestros modos y métodos naturales, solidarios y colaborativos, adquiridos en el campo de la experiencia vivida y colectiva, se muestra todavía más difícil de rescatar. Ya fueron probadas innúmeros de posibilidades de expansión colonial geográfica, bien como ampliadas las limitaciones del espacio con el virtual, cuando la invasión es presentada desde una nueva frontera – el espacio molecular. Seres humanos como materias-primas, condicionamiento de células nerviosas y microprocesadores, una rapidez increíble de

emanación inauguran la era de la biotecnocracia, que intensifica todavía más la productividad a través de la apropiación de las semillas de la vida y del control totalitario de todos los seres, aspectos determinantes en el sentido de compartir de las producciones energéticas. Es ahora a partir del átomo, del micro, del recorte, que nace la idea de la biopolítica. En esta configuración de mundo, los principios de territorialidad colectiva son abandonados, substituidos por la idea de un gran mercado donde es posible comprar y vender simplemente todo.

Tati Wells y Ruiter Rodrigues
{{../Colectivo Baobá Volador ´;;~}

Agradecemos al Prof. Carlos Walter Porto-Gonçalves por la gentileza en las lecturas y correcciones.



Hacia una cultura de concienciación ambiental

Amancio Chamorro es educador en la ciudad de San Alberto en Paraguay. Ha realizado una investigación que trata de educación y medidas preventivas de contaminación ambiental. El texto a seguir es parte de su investigación.

La mayoría de las veces pensamos que no tenemos la culpa del deterioro ambiental, que no tenemos nada que ver con lo que sucede en el mundo, con las calamidades, que yo soy solamente una persona entre billones, y que, mis acciones no tendrían incidencia con la alteración ambiental, la contaminación y sin consecuencia. Pensamiento como éste inciden negativamente y no ayuda para nada en la recuperación del deterioro ambiental.

Al hablar con las personas se nota que conocen el tema, saben que están contaminando, pero les parece que no es muy calamitoso y que por eso nadie se preocupa por nada, no tienen asistencia técnica, ni las personas encargadas de hacerlo, como las de Itaipú no ayudan, no castigan a los grandes delincuentes ecológicos, sino a los pequeños que inciden muy poco en el efecto final. Es preocupante el uso indiscriminado de los defensivos agrícolas, inclusive, esta región, es destino final de los agrotóxicos prohibidos en Brasil como el 4-2T que es letal para la citricultura; y la gente, tanto quienes lo aplican y quienes reciben ese aire contaminado por el mismo, los envases tirados en cualquier parte como algo muy natural y sin peligro, el manoseo de los mismos sin protección adecuada, sin respetar la hora y de que lado sopla el viento.

Las reservas ecológicas son invadidas por cazadores brasileños, así como pescadores que ni siquiera respectan el tiempo de veda y que aprovechan para robar árboles cuya consecuencia es la deforestación.

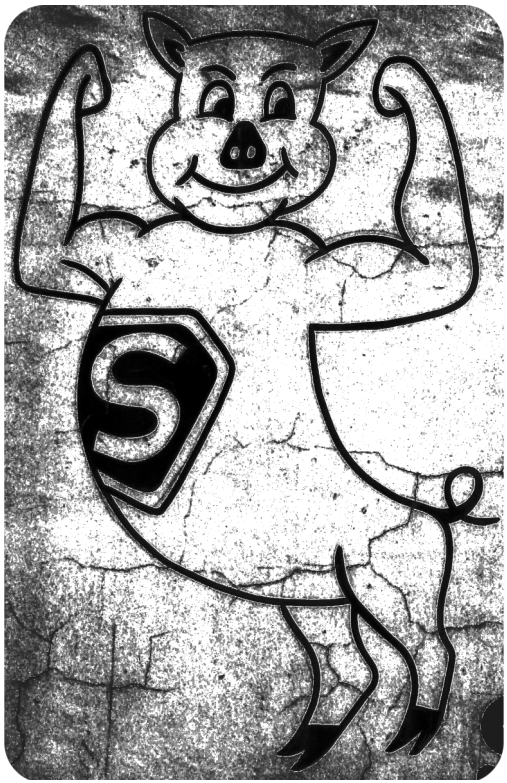
La basura tirada en cualquier parte que es uno de los factores de mayor contaminación ambiental sustentable que trae consigo los avances tecnológicos y el mejoramiento de otras culturas, sin embargo, con sus prácticas higiénicas poco saludables que dejan huellas profundas en el medio ambiente.

En los planeamientos docentes, la reforma Educativa insiste que debe ser en forma transversal, debe abarcar todas las materias, destacando que las mismas se inscriben casi siempre con frases muy bellas, pero en la hora de llevarlas a la práctica, no pasan de meros deseos y embellecimiento de

una fina expresión para engalanar con palabras rebuscadas.

Estas prácticas debemos revertir, llevando a los educandos a un aprendizaje significativo, hay que hacerles conocer, porque nadie puede querer lo que no conoce, a través de una educación formal, organizada, vivenciada para que se habitúen y así llegue a los padres y a las madres para que reflexionen, se eduquen, se conciencien y puedan sentir la necesidad de dejar algo para sus nietos y bisnietos, conservando lo poco que sobra y restableciendo otros que faltan. La educación debe ser de prevención y aun más en lo que se refiere a la Educación ambiental que parece ser la única alternativa válida para que la zona de influencia de la mayor hidroeléctrica del mundo tenga una vida útil y los pobladores puedan aprovechar esta enorme riqueza con una vida LIBRE DE CONTAMINACIÓN.

Lo que hace falta es la colaboración de los estamentos sociales, el cumplimiento de la Constitución Nacional. En la Sección II, sobre ambiente, asegura en el Art.7 "Toda persona tiene derecho a habitar en un ambiente sano y ecológicamente equilibrado."



Peteî jeikua'aykavo jepuru porâve hâgua ñande rekoha

Amancio Chamorro ha'e mbo'ehara tava San Alberto Paraguaype ojapo ñe porandu teko mbo'e mba'éichapa jajokota pe ñomogy'a ñande rekoha. ko ape mby kymí jeha'ipyre rembiapore.

Heta jey ñañamindu'u rire ja'ese ndajejavy'ichene ko tekoha ñembya'ire, ndajarekoiha mba'evete oikova ko yvy apere, mba'e vaieta, cheningo peteî yvy poraminte heta renondepe, mba'e ajapova ndo perjudikai avavepe no mbonguy'a mo'ái ni nogueru mo'ai mba'e ambu'e vaieta yvy ári. Peicha jagueropensáramo ipu'akase ha ñande mokanguyse ha nda jajapoi iporâva ñande rekoha ñamoí jevy hâgua.

Ñañomonguetaramo perupi enteroveva ontende pe oikova ñembyaí ha ohovo pe ñande rekoha haeteva ku iporâ jeytava peichante, ndojerekoi tesa pe'a, ni umi itaipugua ndo osistiri tecnicamente, ndo castigai umi ombyaiva ñande rekoha há katu opersegui umi omba'apoivevape añetehape avei ombyaiva jahecha mba'éichapa ojeipuru agrotóxico ha'eva veneno ndojepuruiva Brasilpe 4-2T ojukava naranja ha gentepe pe hyrukue ojejapi oimehame, jepoko po nandire ipeligrosoimi, aveí ojepurujaveramo yvytu atândi nane pytu rehe ikatu avei ñande juka.

Umi ka'aguy-y Brasilgua ou ojuka, ombyai ndo respetai ovalepa terâ okakuamapa jeipuruhâ guáicha terá omonda yvyra ha oheja perô vera pe ñande yvy.

Pe yty ñemombo mamorei ningo ñemonguy'a ha ñanderekoha-uperave ogueru jeiporavorupi ojeaprovecha je'y hâgua ja hecha ambue tetâ rupi oñe industrialisa avei tekoha opyta ky'a ndoje aprovechaporâiramo.

Pe mba'aporâ mbo'eharakuéra, oipota ñemyatyrô ñemboja'o rupi, ñemba'apo hâgua maymava mbo'epy apytu'û rykue iporâveva rupi, jahaihu hâgua ñande rekoha ha anitei opyta ñe'ê yvoty pente.

Jajevy va'erâ ko jajapóva jajuvo, jaguerahavo mbo'ehara kuérape pe arandu añete opyruvo pe tekoha oñandu hâgua ipire ha ñe'â rupi, jaikua'apype avave ndohaí hui pe ndoí kua'aivape. Upeicharô añoite je le'e, ha jeiko ohova'erâ oñondive ýro ndoikoi. Jagueroguahê tu'a, ha sy kuérape oñamindu'u hâgua, oñemoarandú ha oñanduhâgua mba'e pa oheja ohovo remiaryrô ha membymembyrepe kuérape, oñangareko poravê ko hembymiva ha jeipuru porâve jarekova ñaina.

Tekombo'e ñandereko hare jahekombo'e vaerâ pea ha'e ogueru jeytava pe hidreeléctrica ohejava hapy kuerere, aveí ogueruva mba'e porã ñandeve ha yvy ári hi'â vaerâ enterove oipuru ko mba'e porã ome'eva ñandeve teko sasõ pe ñemonguy'agui.

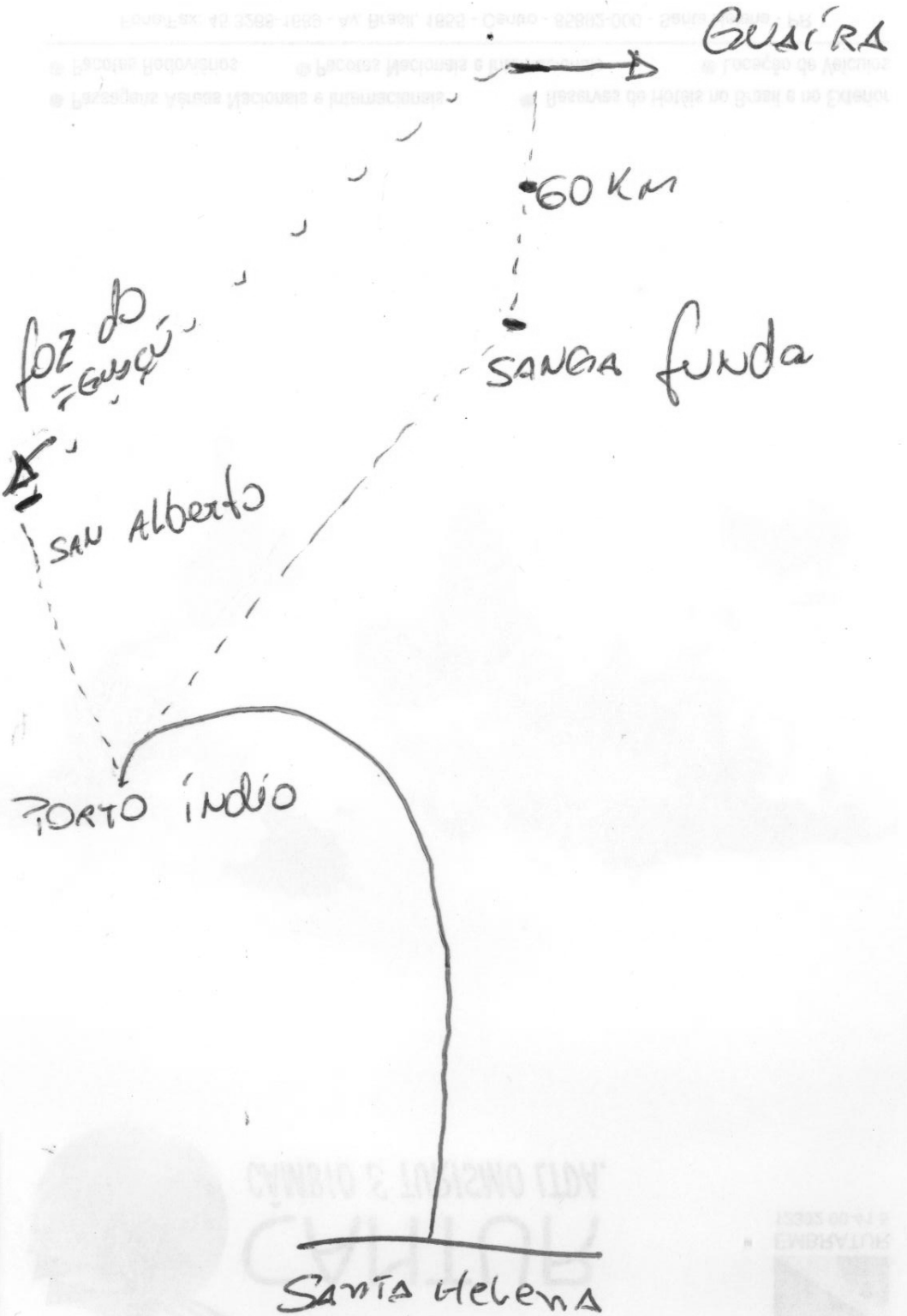
Entero ojapovaerâ iparte yvategua tembiguai kuera ha he'i háicha "constitución Nacional" pe Sección II oñe'e hape teko harepe Art. 7 "Enteroveva oreko derecho oikovo pe tekoha potime."

Para uma cultura de conscientização ambiental

Amancio Chamorro é educador na cidade de San Alberto no Paraguai, realizou uma pesquisa que trata de educação e medidas preventivas de contaminação ambiental. O texto a seguir é parte de sua pesquisa.

Na maioria das vezes pensamos que não temos a culpa da destruição ambiental, que não temos nada a ver com o que acontece no mundo, com as calamidades; que eu sou apenas uma pessoa entre bilhões e que minhas ações não refletiria tanto na alteração ambiental, na contaminação e que não teriam tantas conseqüências. Este pensamento reflete negativamente e não ajuda para nada na recuperação da destruição ambiental. Quando falamos com as pessoas, percebemos que elas conhecem muito sobre o tema, sabem que estão poluindo, porém não se dão conta das grandes calamidades e por isso não se preocupam, não têm assistência técnica. Os que são os maiores responsáveis, no caso de Itaipu, eles não ajudam, não punem os grandes delinqüentes ecológicos, e sim os pequenos, que refletem pouco no efeito final. É preocupante o uso indiscriminado dos defensivos agrícolas, inclusive a região de fronteira é destino final dos agrotóxicos proibidos no Brasil, como o 4-2T que é letal para a citricultura e para as pessoas, tanto para os que trabalham no manuseio do defensivo quanto para os que recebem o ar contaminado e também os recipientes, embalagens jogadas em qualquer parte como algo muito natural e sem perigo. Trabalham com os defensivos sem nenhuma proteção adequada, sem respeitar a hora e a direção dos ventos. Isto é, faltam técnicas para "melhor utilizar" os defensivos agrícolas. As reservas ecológicas são invadidas por caçadores brasileiros, assim como pescadores que não respeitam o tempo em que é proibida a pesca; aproveitando para cortar e roubar as árvores, provocando o desmatamento.

O lixo jogado em qualquer parte é um dos fatores de maior contaminação ambiental, provocando avanços tecnológicos e o surgimento de outras culturas com as suas práticas higiênicas poucas saudáveis que deixam marcas profundas no meio ambiente. Nos planejamentos educacionais, a Reforma Educativa insiste que a educação deve ser transversal, deve abarcar todas as disciplinas, porém as mesmas se destacam quase sempre com frases muito bonitas, ficando apenas na teoria porque na prática não passam de meros desejos e de bonitas expressões para tentar convencer com palavras rebuscadas. Estas práticas devemos reverter, levando aos educandos uma aprendizagem significativa, é preciso que eles conheçam, porque ninguém pode querer o que não conhece, através de uma educação formal, organizada e vivenciada para que se habituem e cheguem aos pais para que reflitam, se eduquem, se conscientizem e possam sentir a necessidade de deixar algo para seus netos e bisnetos, conservando o pouco que sobra e restabelecendo outros que faltam. A educação deve ser de prevenção e ainda mais no que se refere à Educação ambiental que parece ser a única alternativa válida para que a zona de influência da maior hidrelétrica do mundo tenha uma vida útil e as pessoas possam aproveitar esta enorme riqueza com a vida LIVRE DE CONTAMINAÇÃO. O que faz falta, é a colaboração dos estamentos sociais, o cumprimento da Constituição Nacional, na Seção II sobre meio ambiente, no artigo 7 afirma: "Toda pessoa tem direito a habitar num ambiente saudável e ecologicamente equilibrado."


GUAÍRA
60 KM
foz do Guaçú
SANGA FUNDA
SAN ALBERTO
PORTO ÍNDIO
SANTA HELENA

Belo Monte vem aí?



Maria Rosa da Silva Miranda

A história da humanidade não consegue escapar dos grandes temas que geram exploração, barbáries, desigualdades sociais, abusos aos direitos humanos e hoje mais do que nunca a "banalização" do sentido da existência. Existência de todos os seres vivos, cósmica, planetária, etc.

O suíço Jean-Jacques Rousseau (1712-1784) em um de seus estudos sobre a origem da desigualdade social, analisou o ser humano no estado natural e também as formas de organização da sociedade civil. O primeiro sentimento do ser humano, afirma: é o da existência; o primeiro cuidado, o da conservação. Os produtos da terra lhe forneciam todos os auxílios necessários, o ser humano vivia em equilíbrio com a natureza. Com o processo de evolução e conhecimento o domínio de novas técnicas despertou ou fez desse ser um egoísta. O ser humano tomado pela vontade de poder e domínio, um certo momento diz: "Isto me pertence."[1], e aí faltou quem lhes impedisse de cercar sua terra, e que pudesse gritar: "guardai-vos de escutar esse impostor! Estais perdidos se vos esqueceis de que os frutos a todos pertencem e de que a terra não é de ninguém"[2]. Esse processo de desapropriação do ser humano da terra não é algo recente. É preciso muita coragem e decisão para enfrentar e denunciar todas as formas de exploração e domínio de nossas riquezas que estão cada vez mais concentradas nas mãos de poucos.

Os povos da região da fronteira conheciam o projeto Itaipu e conheciam também as conseqüências que iriam enfrentar. O grande dilema era: como vamos impedir um projeto desse porte que beneficiará a dois ou mais países? A utopia de muitos camponeses brasileiros e campesinos paraguayos continua até hoje.

Nos anos 90 e 91, morei em São José das Palmeiras, região próxima a Santa Helena, acompanhei os problemas de muitas famílias que choravam a perda de pessoas queridas na construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu, eram muitas as histórias de exploração no trabalho, trabalhadores que depois da construção não tinham as comodidades e o bem estar prometidos com a energia elétrica. Muitas vezes me sentei com pessoas felizes, saboreávamos os peixes do famoso Lago, famílias que se sentiam orgulhosas, que tinham seus barcos de pesca e que monopolizavam

a venda de peixes na região. Sentava também com famílias empobrecidas e angustiadas porque sabiam que suas terras estavam debaixo d'água e que tudo ficou na recordação, promessas de indenização que muitas não haviam sido cumpridas por completo. A utopia de dias melhores lhes dava garantia de superar as dificuldades impostas pelo capital acumulativo dos grandes dirigentes do projeto de energia e desenvolvimento.

A pequena cidade de Santa Helena se tornou destaque na época, prometia muito turismo devido ao Lago que dava para a pesca e para os banhistas na famosa praia artificial. Aí muitos perderam suas vidas, seja pelos abusos ou falta de conhecimento dos perigos de profundidade do Lago. O Lago de Itaipu impressionava, enormes pontes foram construídas, era monumental mais não dava segurança e tranqüilidade para os povos da região. Maiores problemas surgiram com o contrabando que já encontrava mais saídas para circulação na região, o aquecimento climático aumentou assustadoramente, o incentivo à monocultura e defensivos agrícolas era uma ameaça para a saúde, principalmente dos trabalhadores. A energia elétrica que era o sonho de todos não deu para as comodidades desejadas, muitas das pessoas que deram seu suor trabalhando na usina não tinham poder aquisitivo suficiente para comprar bens e não podiam seguir utilizando essa energia. Era preciso pagar caro pelo uso da mesma. Maldita contradição! Aqueles que têm o poder de decisão e aqueles que são obrigados aos ajustes das condições precárias da vida. Produzir energia, aumentar e acumular excedentes, desalojar grupos inteiros de famílias indígenas e oferecer ambientes não compatíveis com as suas tradições culturais.

Em nome de uma ideologia de desenvolvimento, de **bem estar para todos**, a de garantir a competitividade nesse mundo globalizado quem assume as conseqüências são aqueles que acreditam que um dia as coisas mudarão. Perdem a vida, perdem seus entes queridos mas não perdem a esperança e morrem acreditando.

Belo Monte vem aí. **Quais serão os reais benefícios para a sociedade brasileira e para outros povos?** Pagar menos pela energia ou pagar mais?, como anunciou esta semana o aumento da energia para os consumidores, justamente agora que consumimos mais por ser inverno.

Até quando, vamos dar nosso suor e muitas vezes sangue, pagando para que os detentores do excedente vivam seguros, tranqüilos e bem alimentados?

[1] ROUSSEAU, Jean-Jacques. Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens. São Paulo: Cultrix, 1965. p. 46-7

[2] In: ROUSSEAU, Jean-Jacques.

¿Belo Monte ndapede ou?

Maria Rosa da Silva Miranda



Pe ñande reko rembiasakue ndaikatui ohasa rei ñemongueta guasurâgui momba'apo, teko ava, teko joaguy, ñembohasa asy tapicha rekoverehe ha ko anga guarâ "noñemomba'ei" jeikove reko. Teko umi enteroveichagua tekove, cósmica, kuarahy ra'y, etc.

Jean-Jacques Rousseau suizo (1712-1784) peteîa iñarandukape iñepyrumby pe teko joaguy rehegua, joajuha teko yvy porâ añetegua ha avei tekove reko avaty tavaygua. Peteîha yvypora rembiandu, he'i: ha'e tekove; peteîha ñangareko, ñongatupy. Hi'upy yvy ome'êva entero umi oikotevêva, pe yvypora oikomivaekue jokupytype teko reko ndive. Pe iñambueva ohovo kuaapyrupive; ipuaka técnica puahu omombay ha ogueraha ñemoha'eñome. Pe yvy porâ ojagarrava puaka remiandurupi ha odomina, oguahê peteî sapy'ami he'ivo: "Âva che mba'e"[1], ha upepe ofalta ojokovaera omongoratajave ijyvy, ha ikatupe osapucai: "Ani pehendu pea ijapuva! Pe ñehundima pe nderesarairamo yvy'a ha'e enterove mba'e ha pe yvy ndaha'ei avave mba'e"[2].

Pea peproceso ñemo mba'e yvypora yvyre, ndaha'ei ramoguare. Tekotevê heta jerovia ha mbarete ñembetirâ ha ñemombe'u opaichagua jepuru vai ha ñemomba'e umi mba'e repyetare oîva mbovymi pope.

Pe tava upe teta rembe'yregua oikuaava pe tembiapo Itaipú rehegua avei oikuaa mba'epa ogueru ha ohejata hapykuerepe.Tuvicha py'a tya'i, mba'eichapa rojokota âvaichagua tembiapo guasu, avei, oguerutava ñekarapu'âra mokoî tetâme? Kera yvoty heta brasilero ha paraguayo kuerape ko'anga peve.

Pe 90 ha 91 ramo, oiko kuri São José das Palmeiras, Santa Helena ypy'eterupi, amoirûva heta ogaygua rembiasa asy hasêva hapichare omanorupi pe Usina Hidroelectrica de Itaipú jejapohape, heta kuri tembiasakuera momba'apo rei, mba'apoharakuera opa rire pe jejapo ndoguerekoi comodida oî hâgua hekopete he'i hagueicha oñepyruvo ojejapo pe mbarete tendyry. Heta jey aguapy tapicha ovy'ava ndive, ro'umivo pira Ypa pe guare, ogaygua oñeñanduva py'aguasupe, oguerekova yga pira ñuhâha ha omopeteî mbava pira ñehepyme'ê uperupi. Avei aguapymiva ogaygua imboriahuva ndive ha ojepy'apyva oikuavo ijyvy oîha yguype há opytapaite mandu'arântema, oñepromete kuri oñemyengoviataha heta gueteri ndohupityiva gueteri. Pe ko'ê porâve rekavo omombarete orahavo tenonde umi ñepysanga ouva ipira pire etagui oîva mbovymi pope omyakâva tembiapo tuvichava mbarete ha ñekarapu'âra.

Pe tavai Santa Helena osê tenonde uperamo, ome'ê heta tembiecharâ Ypa rupive, ome'ê pira ñerenoherâ ha jejahurâ yrembe'yre. Upepe heta oñehundi tekove kuera, ndoikuaaiva ipypukuha Ypa oipuruvai rupi. Ypa Itaipú jehecharamo, tuvichava yvyro rasa jejapopyre, tuvichapajepeva, ha katu nome'eiva kyhyje'ý ha py'a guapy umi tava uperupi guape.

Tuvicha problema osê pe ñemu ñemi rupi otopava tape osyryryvo uperupi, hakuve ñande rekohape, oîvema monocultura há umi ñangarekoha ñemity rehegua ha'eva kuri já'orâ

tesâipeguarâ, umi mba'apoharakuerape.Pe mbarete tendyry ha'eva kera maymabape ndogueru'i pe oha'arô vaekue, heta umi mba'apohara ome'êvaekue imbyry'ai mba'apo rupi usinape ndoguerekoiva heta viru ojogua hagua hemikotevê ikatu hagua omba'apove hoga guive oipuruvo pe mbarete. Tekotevê kuri jehepyme'ê hepy jepuru rupi. Aña ojuaju kuaa'ýva! Umi oguerekova mbarete omopeteîvo ha umi ojapovaera ñamytime asyme tekovepe. Ñeme'ê mbarete, jehupi ha ñeñongatu hembyva, ñeguenohê umi ogaygua ava aty ha ñeme'ê tekoha ndaikatuihape oreko ymaguare teko porâ nguera.

Jepy'amongueta ñekarapu'a rerape, mba'e porâ enterovevape, oaseguravo ñemoañotenonde yvyapuape ha ho'ava katuinte umi oimo'ava peteî árape iñambuetaha. Ohudi hekove, ohundi hembiahuhara, nohundiri jerovia ha omano jeroviapope.

Belo Monte ndapepe ou. Mba'enepa ome'ê añetetava pe avaty brasilpeguava ha ambue tavape? Ñehepyme'ê saive mbareterehe terâ jehepyme'ê hetave?, omombe'u hagueicha pokôiratyme ojupivetaha mbarete umi oipuruvakuerape, ko'anga ojeipuruveta jave ro'y rupi.

Araka'e pevepa, ñame'êta ñande ry'ái ha heta jey ñande ruguy, jahepy me'êvo umi ombyatyvape hembyva oiko hagua kyhyje'ýme, py'a guapype ha tyguatame?

¿Belo Monte viene ahí?

Maria Rosa da Silva Miranda



La historia de la humanidad no consigue escapar de los grandes temas que generan explotaciones, barbaries, desigualdades sociales, abusos a los derechos humanos y hoy más que nunca la "banalización" del sentido de la existencia. Existencia de todos los seres vivos, cósmica, planetaria, etc.

El suizo Jean-Jacques Rousseau (1712-1784) en uno de sus estudios sobre el origen de la desigualdad social, analizó el ser humano en el estado natural y también las formas de organización de la sociedad civil. El primer sentimiento del ser humano, afirma: es el de la existencia; el primer cuidado, el de la conservación. Los productos de la tierra les proveían todos los auxilios necesarios, el ser humano vivía en equilibrio con la naturaleza. Con el proceso de evolución y conocimiento; dominio de nuevas técnicas ha despertado o ha hecho de ese ser un egoísta. El ser humano tomado por las ganas de poder y dominio, en un cierto momento ha dicho: "Esto me pertenece."[1], ahí faltó quien les impidiera de cercar su tierra, y que pudiera gritar: ¡"Os guardáis de escuchar a ese impostor! Estáis perdidos si os olvidáis de que los frutos de la tierra a todos pertenecen y que la tierra no es de nadie"[2]. Ese proceso de desapropiación del ser humano de la tierra, no es algo reciente. Es necesario mucha valentía y decisión para enfrentar y denunciar todas las formas de explotación y dominio de nuestras riquezas que

están cada vez más concentradas en las manos de unos pocos.

El pueblo de la región de frontera conocían el proyecto Itaipú y conocían también las consecuencias que irían a enfrentar. El gran dilema era, ¿cómo vamos a impedir un proyecto de esa dimensión, el cual, traería beneficios a dos o más países? La utopía de muchos campesinos brasileños y paraguayos sigue hasta hoy.

En los años 90 y 91, viví en São José das Palmeiras, región próxima a Santa Helena, acompañaba los problemas de muchas familias que lloraban la pérdida de personas queridas en la construcción de la Usina Hidroeléctrica de Itaipú, eran muchas las historias de explotación en el trabajo, los trabajadores que después de la construcción no tenían las comodidades y el bienestar que prometían con la energía eléctrica. Muchas veces me senté con personas felices, saboreábamos los pescados del famoso Lago, familias que se sentían orgullosas, que tenían sus barcos de pesca y que monopolizaban la venta de pescados en la región. Me sentaba también con familias empobrecidas y angustiadas porque sabían que sus tierras estaban bajo el agua y que todo se quedara en el recuerdo, promesas de indemnización que muchas no habían cumplido por completo todavía. La utopía de días mejores les garantizaba la superación de las dificultades impuestas por el capital acumulado en manos de dirigentes de grandes proyectos de energía y desarrollo.

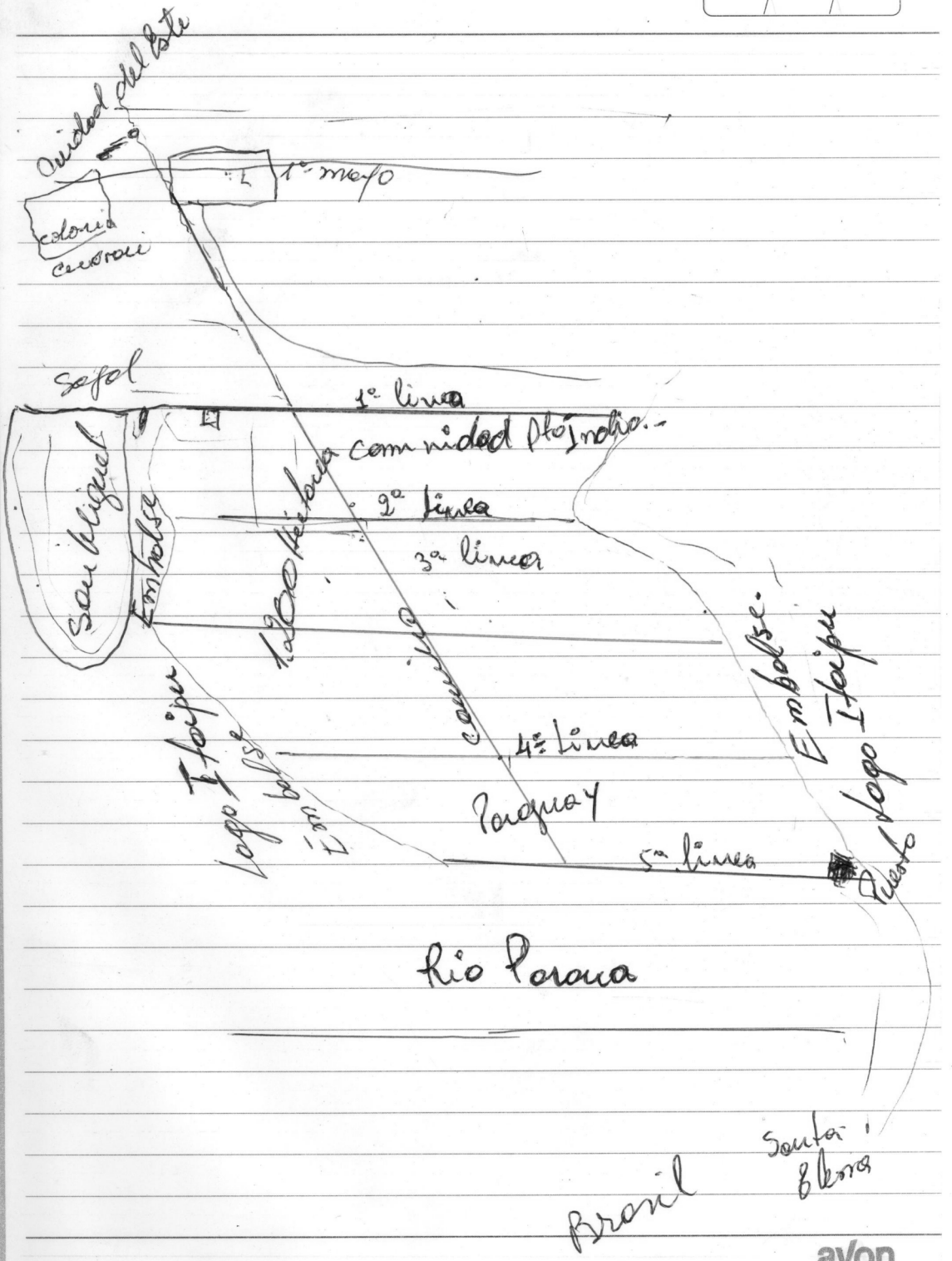
La pequeña ciudad de Santa Helena se ha destacado en la época, prometía mucho turismo debido al Lago que daba para la pesca y para los bañistas en la famosa playa artificial. Ahí muchos perdieron sus vidas, sea por los abusos o por la falta de conocimiento de los peligros de profundidad del Lago. El Lago de Itaipú impresionaba, enormes puentes fueron construidos, era monumental, pero no daba la seguridad y tranquilidad para los pueblos de la región.

Mayores problemas surgieron con el contrabando en la región que ya encontraba más salidas para el tránsito, el calentamiento climático ha aumentado asustadamente, el incentivo a la monocultura y a los agrotóxicos utilizados en la agricultura era una amenaza para la salud, principalmente la de los trabajadores. La energía eléctrica que era el sueño de todos no dio para las comodidades que deseaban, muchas de las personas que dieron su sudor trabajando en la usina no tenían poder adquisitivo suficiente para comprar bienes y que pudiera seguir trabajando desde sus casas utilizando de esa energía. Era necesario pagar caro por el uso de la misma. ¡Maldita contradicción! Aquellos que tienen el poder de decisión y aquellos que son obligados a los ajustes de las condiciones precarias de la vida. Producir energía, aumentar y acumular excedentes, desalojar grupos enteros de familias indígenas y ofrecer ambientes no compatibles con sus tradiciones culturales.

En nombre de una ideología de desarrollo, de bienestar para todos, la de garantizar la competitividad en ese mundo globalizado, quien asume las consecuencias son los que creen que un día las cosas cambiarán. Pierden la vida, pierden sus gentes queridas, pero no pierden la esperanza y mueren creyendo.

Belo Monte viene ahí. ¿Cuáles serán los reales beneficios para la sociedad brasileña y para otros pueblos? ¿Pagar menos por la energía o pagar más? como ha anunciado esta semana el aumento de energía para los consumidores, justamente ahora que consumimos más porque es invierno.

¿Hasta cuándo, vamos a dar nuestro sudor y muchas veces la sangre, pagando para que los detectores del excedente vivan seguros, tranquilos y bien alimentados?


Ciudad del Este
1° mayo
colonia
Cuarai
Sofal
1° linea
comunidad Pto Indio
San Miguel
Embalse
2° linea
3° linea
1200 Hectarea
camino
Lago Itaipu
Embalse
4° Linea
Paraguay
5° linea
Embalse
Lago Itaipu
Puerto
Rio Parana
Brasil
Santa Elena

Titilante Corazón de América del Sur

Eligio Miranda Ortíz

"De hijo bien nacido es ser agradecido" obra un refrán popular que traigo a colación para compartir mi parecer sobre cuatro décadas, como testigo de los acontecimientos en Paraguay y las relaciones con los países vecinos.

Así como se guardan los tesoros más valiosos en un cofre de valor incalculable, en un lugar especial, está ubicado esta nación dentro del continente de América del sur.

La tragedia que ha ocasionado el capital inglés en explotar y preservar el petróleo en territorio paraguayo, causó casi la fulminación de sus habitantes (guerra de la triple alianza). En más, iban surgiendo líderes como ~~Alfredo Stroessner~~ que se perpetuó en el poder ~~(1954 – 1989)~~, heredero de un clan que propiciaban el amiguismo con personas acaudaladas, que tenían fijos los ojos para invertir pingues dineros, conseguir jugosas ganancias en tierra guaraní, que hasta hace poco era practicada entre políticos y plenipotenciarios compatriotas o extranjeros.

La globalización, ayuda a sacudir del letargo a hombres y mujeres, en explotar sus potencialidades para que éste país vaya saliendo del pozo que sus verdugos han sepultado. Posee una tierra fértil para cultivar, pero últimamente la falta de una buena política de la reforma agraria, apaga el entusiasmo de la gran mayoría de los agricultores en tener siempre los frutos para una buena alimentación en la mesa familiar.

Actualmente, hay una tendencia de mecanización de la agricultura implantado por extranjeros brasileros, argentinos por encontrar una situación adversa aprovechan en arrendar grandes extensiones de tierras, luego se convertirán en sojales, arrozales, trigales y cría de ganados para la exportación, etc. Los recursos favorecen bastante a los aventureros empresarios que consiguen créditos blandos del estado, ya sea de origen o mismo en Paraguay e invierten en estas actividades que generan lucros incalculables, que por cierto no se dejan en el país los beneficios sino son exportados para el exterior y dejan empobrecidas las tierras, contaminando laguna, manantiales, arroyos, ríos y a la población entera en algunos casos como en Ybycuí, Alto Paraná, Itapúa, etc.

He tenido la suerte de tener algunas referencias sobre los países fundadores del Mercosur que en la cláusula figuran respetados artículos para el funcionamiento de la dinámica del mercado, más en la práctica es una burla; veamos el motivo: se ha tomado una campaña de

publicidad en debilitar un foco importante que mueve el turismo, el comercio en la frontera con Brasil, me refiero a Ciudad del Este. Actualmente se ha convertido en una gran tienda mezclado en la mayor parte por inversionista extranjeros como árabes, chinos, brasileros, japoneses, libaneses, algunos paraguayos, etc. Solamente tienen su local de trabajo en territorio guaraní y todo los recaudados son depositados en bancos del exterior, por tanto, la utilidad no genera ventajas para dicho país, solamente son exteriorizadas por algunos hechos tales como la improvisación de los vendedores en las calles, las ventas de productos de contrabandos, estupefaciente, piratería, asalto, mendigo, nativos indigentes que deambulan alrededor de la terminal, manifestaciones de moto boy, enfrentamientos de la policía nacional y de la receita federal, en fin la lista es larga y deprimente. Sin embargo, en esa variedad de expresiones culturales, la población de la región al margen del Paraná va combatiendo con el avance de otras culturas emergentes, sin perder aún lo autóctono que es el alma expresada en el idioma, estilo de la concepción de la realidad y el ritmo de acompañar los avances científicos para mejorar la calidad de vida de todos sus habitantes.

Para restablecer el espíritu de investigación, de trabajo y de generar riquezas en la región es tarea de todos los hombres y mujeres que se suman con su aporte para que todos tengan acceso a la producción y no en el sometimiento, mucho menos ser eliminando por quien es más fuerte, al contrario, el que es país desarrollado debería de ofrecer mejores condiciones para elevar a un nivel más digno y no ofreciendo siempre créditos que hipotecan hasta 100 generaciones. La asimetría es vergonzosa, es dura pero persiste. Ojalá que el corazón siga siempre bombeando sangre buena para funcionar armoniosamente los países vecinos, ayudándose con políticas que benefician a todos y no sólo desangrando una parte.

Finalmente, se percibe que hay proyectos de nuevos horizontes como la: UNILA proporcionará que es posible la integración cultural, de convivencia, ya que allí serán formados los selectos semilleros del desarrollo de cada país de América del Sur.



Py'a otytýiva América del Surpe

Eligio Miranda Ortíz

"Memby heñoi porâ ramo ha'e ijaguyjeve me'ê kuaava" oje'e perúpi ha che agueru ko'anga ambohasavo peême che ahechahaicha irundypa ary, oikomivaekue Paraguaype ha ijeiko katu umi tetâ ijykerekuera oîva.

Ku ñongatupype jareko haicha karameguâme umi mba'e hepyva, peteî tenda poravopyrepe, oî pe tetâ tyru ryepy América del Surpe.

Pe tembiasyete ojapo vaekue inglés kuera viru omomba'apovo ha oñongatu pe ita kyra yvy Paraguaype, ogueru haimete jejukapa itavayguape(ñorairô mbohapy tetâ ndive). Ha uperire, osêva sambyhyhara kuera ~~Alfredo Stroessner~~ icha hi'arapa'ýva pu'akape ~~(1954 –1989)~~, iñemuñare ha'e peteî atype omoñemuñava angyrûnguera tapichakuera imba'etava ndive, ojesarekova oipuka hagua viru mbovymi, okonsegui peve tembirepykue heta porâ yvy guaranime, nda areiete peve ojejapo gueteri tetâ rembijokuaikuera rupi ha umi ipuakapava tetâugua terâ tetâ ambuegua kuera.

Pe mba'e apu'apape, ñanepytyvô japayvo kuimba'e ha kuña nuera, jeipuruvo ñane katupyry ko ñane retâ osê hâgua ykuá pypukugui umi ijukare ohejavaekue yvykuape. Oguereko yvy iporâva ñemityrâ, ha ipaháp endoguerekoigui ku ñemboja'o porâ reforma agraria rupive, ombogue kyre'ý heta tapicha chokokuepe oguerekovo hi'u pyrâ ikatu hâgua okaru porâ ogaygua kuera.

Ko'anga guarâ, oî peteî ñe mba'apose tembipuru rupive kokuepe ogueruva tetâ ambuegua brasilero, argentino kuera otoparupi yvy hu'û oñemotenonde opagavo terâ oarrenda yvy tuvichava, upei oñoty ipype soja, arro, trigo ha mymba kuera ohepyme'ê hâgua tetâ ambuepe, etc. Umi orekova ñane retâ oipytyvô umi po'a ra'âhame empresario kuera ojuhuva viru jeipuruka ivevúiva tava rupive, taha'e hetâme terâ Paraguaype ha ojapo tembiapo oguenohê peve tepyme'ê heta, ndopytaiva ñane retâme jeipuru hâgua mba'apo tapichakuera oîva ko'ape katu oguerhapa okape ha omomboriahu pe yvy, omongy'arupi y no'ô, yvu, ysyry, y ha tavayguakuérape umi Ybycui, Alto Paraná, Itapúape guaicha, etc.

Che po'ami kuri asêvo che tapy'igui upevare aikuaa maymava umi tetâ oîva Mercosurpe iporâite he'iva pe kuatiape mba'eichapa ojejapota oku'emie hâgua ñehepyme'ê, amo hapope jepukarâite; jahechami mba'erepa: ojejapo peteî jenohê rupive umi mba'e iky'a terâ ivaivéva oîva tetâme omo kangy hâgua jeju, ñeñemu pe tetâ rembe'y Brasil ndive, añe'ê Ciudad del Este rehe. Ko'anga guarâ ha'e peteî mbatara oîhame heta omoîva viru tepyme'ê râ tetâ ambuegua ha'eva árabe, chino, brasilero, japone, libane, mbovymi paraguayo, etc. Oguereko hikuai imba'apoharamo tenda yvy guarani ha ojarava oñongatupa bancope okapegua, upevare, ñane retâme ndoguerui ñepytyvôrâ, ha katu ohejapaite paraguaygua ári ha'ekuera ouva ojapo hetâme nda ikatúiva, oheja hepyme'êha oimehaicha rei tapere, jehepyme'ê ñemû ñemire, droga, ñemonda para, ñemonda, mba'e jerure, ava oikoteveva oguata opárupiete pe mbayru pytaha jerere, ñemo atâ motope omba'apova, ñoko'ôi policia nacional ha receita federalgua, heta jareko pe kuatia haipe ja'e pataramo ñanemokanguyse. Ha katu, opaichagua jehechauka porâ reko, pe tavayguakuéra Paraná rembe'yregua honorario umi pora ouva ambue tetâgui, oheja ynre

takykue ñane mba'e teeva ha'eva ñane anga hechakapy ñane ñe'ême, jejapohaicha jehechahaicha umi oikova ha pu rysýirehe jegueroguata umi ñemotenonde ciencia rupive oñemoporave hâgua ñane rekove maymava yvypóra.

Ñemojoapy je'y hâgua pe pytu jejatypeka, mba'apo ha jeheka mba'e repy umirupi ha'e tembiapo entero kuimba'e ha kuña kuera ombojoapyva pytyvôme ikatu hâgua oike entero jejapope ha aniteí tindype,ha katu anitei oñe mbogue imbareteveva rupi, umiva rovake, umi tetâ tuvichavéva ome'êvevamo'ã temikotevê porâve me'ê ohupive hâgua ou porâve hâgua ichupe ha ani ome'ê katuinte ijeroviapy ohepyme'êva peteî sa ñemoñare kuerape. Upe ndojojaiva ñanemotî, hasy peva ha oîko. Hi'âite pe py'a katuinte oguenohê tyguy porá ombongu'e mbopujoyvy umi tetâ ambue ykere oîvame, ñepytývô rupive mbarete ome'eva maymabape ha nda ha'eiva ohuguy'o peteîmente.

Opakuetevo, ñañandu oîha tembiapo pyahu tesape'arâ ha'eva: UNILA (Universidad Internacional Latino Americana), ome'etava ikatuha ñembyaty porânguera, teko reko rupi, upepe oñe mbokatu pirita jeporavopyre rupive omoheõi hâgua ñekarapu'â maymavave tétame América del Surpe oîva.



Cintilante Coração da América do Sul

Eligio Miranda Ortíz

"De um filho bem nascido é ser agradecido", refrão de uma obra popular que trago neste texto para partilhar meu parecer sobre quatro décadas, como testemunho dos acontecimentos no Paraguai e as relações com os países vizinhos. Assim, como se guardam os tesouros mais valiosos em um cofre de valor incalculável, em um lugar especial, está localizada esta nação dentro do continente de América do Sul. A tragédia que ocasionou o capital inglês em explorar e preservar o petróleo em território paraguaio causou quase o extermínio de seus habitantes (guerra da tríplice aliança). E mais, foram surgindo líderes como ~~Alfredo Stroessner~~ que se perpetuou no poder ~~(1954 – 1989)~~, herdeiro de um clã que propiciava o amiguismo com pessoas endinheiradas, que tinham os olhos fixos para aplicações financeiras gigantescas e conseguir latifúndios com as terras dos guarani, há pouco tempo praticado entre políticos e diplomáticos compatriotas ou estrangeiros. A globalização ajuda a sacudir da hibernação homens e mulheres para explorar suas potencialidades, para que este país vá saindo do poço que os seus malfeitores o têm sepultado. Possui uma terra fértil para cultivar, porém ultimamente a falta de uma boa política de reforma agrária apaga o entusiasmo da grande maioria dos agricultores em ter sempre os frutos para uma boa alimentação na mesa familiar. Atualmente, existe uma tendência de mecanização da agricultura implantada por

estrangeiros brasileiros e argentinos. Esses, por encontrarem uma situação adversa aproveitam para arrendar grandes extensões de terras e logo as transformam em plantações de soja, arrozais, trigais e invernadas de gado para a exportação, etc. Os recursos favorecem bastante os aventureiros empresários que conseguem créditos fáceis do Estado, seja do país de origem ou mesmo do Paraguai e investem nestas atividades que geram lucros incalculáveis, que com certeza não deixam para o país os benefícios e sim os exportam para o exterior, deixando empobrecidas as terras, contaminando os lagos, mananciais, arroios, rios e a população inteira, em alguns casos como em Ybycuí, Alto Paraná, Itapúa, etc. Tive a sorte de ter algumas referências sobre os países fundadores do Mercosul que na cláusula figura respeitados artigos para o funcionamento da dinâmica do mercado, mas na prática é uma gozação; vejamos o motivo: tem-se usado uma campanha publicitária para debilitar um foco importante que move o turismo, o comércio na fronteira com o Brasil, me refiro à Ciudad del Este. Atualmente, se transformou numa grande loja em que os comerciantes e investidores, são na maioria estrangeiros, como árabes, chineses, brasileiros, japoneses, libaneses, alguns paraguaios, etc. Somente têm seu local de trabalho no território guarani e tudo o que ganham são depositados em bancos no exterior, portanto, a utilidade não gera vantagens para o dito país, somente são exteriorizadas por alguns fatos, tais como a improvisação dos vendedores nas ruas, as vendas de produtos de contrabandos, entorpecentes, piratarias, assaltos, mendigos, nativos indigentes que perambulam nas proximidades do terminal rodoviário, manifestações de motoboys, enfrentamentos da polícia nacional e da receita federal, enfim a lista é enorme e deprimente. No entanto, nessa variedade de expressões culturais, a população da região à margem do Paraná vai combatendo com o avanço de outras culturas emergentes, sem perder ainda sua originalidade que é a alma expressada no idioma, estilo da concepção da realidade e o ritmo de acompanhar os progressos científicos para melhorar a qualidade de vida de todos os seus habitantes. Para restabelecer o espírito de investigação, de trabalho e de gerar riquezas na região, é tarefa de todos os homens e mulheres que cooperam cada um com o que tem de melhor para que todos tenham acesso à produção e não fiquem na dependência, muito menos ser eliminado por quem é mais forte, ao contrário, o país que é mais desenvolvido deveria oferecer melhores condições para elevar a um nível mais digno e não oferecendo sempre créditos que hipotecam até 100 gerações. A assimetria é vergonhosa, é dura, porém persiste. Oxalá que o coração continue sempre bombeando o sangue bom para funcionar harmoniosamente com os países vizinhos, ajudando-se com políticas que beneficiem a todos e não somente sangrando uma parte. Finalmente, se percebe que existem projetos com novos horizontes como a: UNILA que proporcionará a integração cultural, de convivência, já que nesse espaço universitário serão formados os semeadores do desenvolvimento de cada país em América do Sul.



A Serra da Mantiqueira, uma sequência de montanhas geograficamente equidistante das cidades mais populosas do Brasil (São Paulo – Belo Horizonte – Rio de Janeiro), desde 1985 se tornou uma APA – Área de Preservação Ambiental, que abrange 4.350 km2 situados em 25 municípios de três Estados (SP – MG – RJ), onde quase sempre as altitudes ultrapassam 1.000 metros.

Amanty kira – como os povos ancestrais já a chamavam – é onde nascem as águas, os rios que abastecem milhões de habitantes da região mais desenvolvida do País, seja para uso doméstico, industrial e agrícola, seja para geração de energia. Pode-se dizer que a sobrevivência das megalópoles no entorno da Mantiqueira depende da preservação de suas fontes e florestas, vestígios da Mata Atlântica que outrora cobria enorme extensão do Brasil.

Flavia Vivacqua

Amanty Kira ha hembe'y

Pe yvyty Mantiqueira ha'e peteî yvytyeta yvymbo'e hape oî aguî umi tavaieta opavave Brasilpe (São Paulo – Belo Horizonte – Rio de Janeiro), upe 1985 oñembohasa APA – Área de Preservación Ambiental orekova 4.350 Km² oîva 25 kuairógape mbohapy tétame (SP – MG – RJ), upepe háime ohasa 1000 metro pe ijyvatekue.

Amanty Kira – heropyre umi tava ypyreicha – ha'e upepe heñôi pe y, umi ysyry omboi'uva sua yvypórape pe yvy tenda ñekarapuâveva oîva tavape, taha'e jeipururâ ogapype, mba'apoharape terâ kokuepe, taha'e mbarete neñe'êrâ. Ikatu ja'e pe jeiko umi tava tuichapajepeva oîva Mantiqueira jerere oikotevê ñengareko pe yvu há yvyra kuera, pore Ka'aguy Atlántico ymave oñuambava ko Brasil tuicha kue jave.

Amanty Kira y sus márgenes

El Cerro de la Mantiqueira es una secuencia de montañas geográficamente equidistante de las ciudades más pobladas de Brasil (São Paulo – Belo Horizonte – Rio de Janeiro), desde 1985 se ha convertido en una APA – Área de Preservación Ambiental que abarca 4.350 km² ubicados en 25 municipios de tres Estados (SP – MG – RJ), donde casi siempre las altitudes sobrepasan los 1000 metros.

Amanty Kira - era como los pueblos ancestrales, la llamaban – es adónde nacen las aguas, los ríos que abastecen a millones de habitantes de la región más desarrolladas del país, sea para uso doméstico, industrial y agrícola, sea para la generación de energía. Se puede decir que la sobre vivencia de las megalópolis enrededor de la Mantiqueira depende de la preservación de sus fuentes y florestas, vestigios del Bosque Atlántico que otrora cubría enorme extensión del Brasil.



José Luiz Kinceler

Propositor de táticas criativas complexas

Professor de Artes Visuais do Centro de Artes da UDESC

Atualmente, provocar acontecimentos que produzam devires complexos na subjetividade individual e coletiva é de urgência vital para formas de arte que não estejam dispostas a se inserir neste panorama efêmero e líquido que em nossa presente condição não temos mais nem como abarcar. Por outro, se reconhecemos que a arte sempre foi uma forma de resistência, transgressão ou desconstrução, como fazer de nossa existência uma forma de arte? Frente a essa constatação nos vem novamente aquela feita por Nietzsche no século XIX: como a arte pode reinventar a vida e produzir sentido à existência? Recomenda-nos o filósofo: *como fenômeno estético a existência ainda nos é suportável, e por meio da arte nos são dados olhos e mãos e, sobretudo, boa consciência, para poder fazer de nós mesmos um tal fenômeno*[1]. Em nossa modernidade em que tudo se transforma em mercadoria, até mesmo as relações, é possível levar a existência apenas como fenômeno estético? Essa inquietação fundou uma série de articulações pelas quais a proposta "Horta vertical como uma plataforma de saberes compartilhados" vem adquirindo sua forma.

Inicialmente temos que reconhecer que, à medida que cada contexto cultural amplia a visão de si mesmo, outras formas em arte fazem com que o ato criativo ative atos contínuos de desconstrução daquilo que tem pretensão de se instalar na realidade como verdade. Com este processo acelerado e contínuo de pasteurização do coletivo e

espetacularização da cultura[2], saberes construídos como experiência não encontram mais tempo nem espaço para ser praticados, e vão a cada dia sendo minimizados. Em seu lugar, assistimos à disseminação avassaladora pela mídia de uma forma de subjetividade lixo/luxo homogeneizada que leva o imaginário do indivíduo a ser formatado segundo a lógica da imagem sedutora.

Por outro lado, esta proposta tem a pretensão de gerar um espaço-tempo inserido na realidade capaz de causar uma desestabilização no jogo representacional. Neste jogo, os papéis do propositor, da proposta artística e do participante acontecem/se desenrolam num contexto específico, a comunidade do Morro do Palácio em Niterói/RJ por um período relativamente prolongado de atuação. Tem a pretensão de gerar descontinuidades locais visando a alterar a realidade imediata. Nesse sentido, o propositor, agora mediador de narrativas contextuais de reconhecimento mútuo, compartilha responsabilidades éticas, científicas e estéticas com o outro. Por sua vez, a proposta artística, ao praticar a realidade como uma ficção modélica de mundos possíveis, leva os participantes a gerarem representatividade em relação a um contexto estratificado de conflitos. Passando a atuar de forma complexa, esta forma emergente de arte viabiliza interações, reflexões, e principalmente o ensaio de modos de vida mais dignos de serem vivenciados junto à esfera dinâmica da vida. Reinaldo Laddaga, em seu livro "Estética da emergência"[3], nos indica que o presente das artes está marcado pela proliferação de um certo tipo de projetos que visam, segundo este autor:

> ... iniciar o intensificar procesos abiertos de conversación (de improvisación) que involucren a no artistas durante tiempos largos, en espacios definidos, donde la producción estética se asocie al despliegue de organizaciones destinadas a modificar el estado de cosas en tal o cual espacio, y que apunten a la constitución de "formas artificiales de vida social", modos experimentales de coexistencia.[4]

Considerando com Laddaga que uma emergência é a ocasião de uma aprendizagem[5], este processo é entendido como uma experiência de arte colaborativa que se molda conforme as situações e desejos vão se apresentando. Devido à complexidade dos acontecimentos, esta proposta se faz em tempo real. Isso significa compreender sua construção como um "lugar praticado"[6] que está se configurando enquanto uma plataforma de saberes compartilhados. O processo criativo, portanto, está aberto a outras estratégias e táticas criativas que provoquem acontecimentos, a uma produção de subjetividades que resistam a formas de representação massificadas.

Reconhecendo que a arte de cunho colaborativo, aquela que para acontecer depende da participação do outro, atravessa hoje um grau de transparência inclusiva dentro da própria instituição arte, marcada por proposições que necessitam ser vivenciadas por períodos de tempo mais abrangentes, nas quais o mais importante são as vivências e

descontinuidades que uma proposição pode gerar, esta proposta lança mão da noção de dispositivo relacional. Tem como uma de suas linhas de força o ensino, a confecção, instalação e manutenção de conjuntos de módulos de hortas verticais em ferrocimento e pneus, a ser instaladas nas residências da comunidade do Morro do Palácio. Esse é o referente inicial, o gatilho propulsor para que outros desejos aflorem. Por sua vez, entender a horta vertical como um dispositivo significa estar aberto a diluir o que é tão caro ao sistema da arte, o princípio da autoria. Portanto, as hortas verticais têm a pretensão de ativar o processo criativo colaborativo. Está aberta inclusive a não acontecer, pois irá afinal depender do desejo do outro de querer jogar junto.

A metodologia é eminentemente pautada no afeto. Está baseada no encontro e na troca de saberes a partir da materialização do desejo individual que as hortas verticais conseguirem projetar sobre o imaginário dos participantes. Nesse sentido, cada participante está tendo a liberdade de materializar outros saberes em relação ao que a plataforma de saberes compartilhados poderá projetar sobre sua subjetividade. Tampas de caixa d'água, a criação de um bloco de bonecos para jovens da comunidade, a confecção de ocarinas em cerâmica, de tambores em ferrocimento, estão tendo a potência de provocar outras relações a acontecerem na comunidade.

Para tentar finalizar, cumpre ressaltar que a arte é um jogo que anula e reinventa suas próprias regras. Hoje posturas dialógicas, transparentes e inclusivas exigem dos artistas a aventura e o compromisso de usarem os referentes que pertencem inclusive a outros campos representacionais. O propositor, ao atuar como um mediador, estabelece e cria vínculos com outras formas de representação: estética, ciência e ética, ao serem costuradas criativamente, geram um fenômeno artístico complexo capaz de potencializar as difíceis relações da arte contemporânea para com a vida. Para tanto, o propositor engajado neste novo jogo formal deve controlar desde dentro e incorporar novos referentes para exercer plenamente sua criatividade. Nesta situação, supera limites deterministas, passando a ter sua produção desvinculada de sistemas de representação dados *a priori*.



Niterói, Comunidade do Morro do Palácio, março de 2010.

[1] NIETZSCHE, F. A Gaia Ciência. Trad. Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 132

[2] Cf. DEBORD, G. A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

[3] LADDAGA, R. Estética da emergência. Buenos Aires: Editora Hidalgo, 2006.

[4] Idem, p. 22

[5] Idem, p. 288

[6] DE CERTEAU. A invenção do cotidiano. Tradução Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1996.

Pe ka'avo ñemopu'â jaipuru kuaapy pyendarâ

Jose Luiz Kinceler – Tembiapo apoha umi heko hasyveva
Mbo'ehara Mba'e Porâ Hechapyrâ pe Centro de Artes UDESC pegua.

Ko'anga jahecha ogueru tuvicha jehecharamo peteî terâ hetameguarâ, âva mba'e porâ hi'ava pya'e oî oike hâgua pe hechapyrâ sapy'ami ha pya'e nda ikatui jajoko. Ha katu, jahecharamo ramope mba'e porâ ha'e katuinte ñemo'atâ, jeikovái terâ ñembya'i. Mba'éicha jajapota ña nde rekogui peteî teko porâ? Pe'a pe ñeporandu renondepe ou ñane akâme pe Nietzche jepy'amongueta upe siglo XIXpe: Mba'éicha ikatu pe porâ ojapo jey tekove ha jejapo me'ê teko reko? Ñane momandu'a pe kuaarekaha: *Pe iporâva reko rupi pe tekove jaaguanta gueteri, pe porâ rupi ome'ê ñandeve tesa ha po, py'a porâ jajapo hâgua ñandehegui âva mba'e*[1]. Ko ára pyahu ñane rerahapava temiñemuñarámo, ñanerekope ikatupa ñantende teko iporâháramo añonte? Âva ñeporandu ogueru heta ñembojoaju pe "ka'avo ñemopu'â jaipuru kuaapy pyendarâ" ojereko gueteri angapeve.

Ñepyrumby jahecharamovaerâ, pe kuaapy oguerutava pe'a pe teko peteî teîme, pe porâ apo osê hâgua katuinte ombya'i umi oipotava oî añeteguáramo. Ko'âva jejapo ha mante ñemopotîeta ha jehechauka mba'e porâ[2] jejapo kuaapy ndo topai ára ni mamopa jeapopyrâ, ha peicha ko'êre oñemomichi ohovo pe'a rangue, jahecha umi Medio omosarambí oity igustoitépe yty/kate jehe'apava ogueraha maymavape ojapovo moda hecharamomby.

Avei, âva marandú ome'ese tenda-ára oike ñande rekohape ikatu ñane mohetyma ryry'i umi ñembosarái hechakapype.

Ko ñembosaráipe, tembiapo apohara ome'ê aporâ porâ ha ojapótava oiko peteî tavaipe Cerro del Palacio Niterói/RJ, peteî apopy arapukuete. Oreko ojapovo ambue tenda ikatuhâgua ombopyahu pe jeiko.

Upéicha rupi, tembiapo apoha, ko'anga pe ohendu ñemombe'ure jeikuaa hâgua, omboja'o hese guava teko porâ, cientifica ha porâ reko ambuendive. Avei oime porâ rehegua, apopy ohechauka peteî hechapyrâ gua'u ikatuha ko yvy ari, ogueraha umi ojapotavape ome'êvo porombuekoviáva apañuái apytepe. Jehasavo jehechapypukuve ko âva ñepyrumby porâ regua oñemoapesavo, oñeporanduvo ha ojepratikavo ko teko potîme hechakapyrâ teko marangatuharamo. Reinaldo Laddaga, arandukape he'í: "Porâ opupuva"[3], ohechaka ñandeve ko porâ oî oparupi tembiapo apytepe terâ apopyrame, Ko oha'ivaekue ningo he'í:

...ñepyrû mbarete apopy ambu'e(sapy'ante) oyavo artista yn ára pukukuejave, mamo tekotevêhame, pe mba'e porâ jejaporâme ogueraha tuvicha ñemosarambi Omo ambuevo umi oîmavape taha'e jepe ape terâ amo ha oapuntava pe ñepyrumby "tekove'eta jejapo gua'uramo" , hâva ha'e hina japopyre tekovendive[4].

Ja'evo Laddaga ndive, pe peteî ytororô ha'e kuaapyrâ[5], jepe porâ apo enteroitendive omoimba entero rembiandu ha'ete háicha. Katu avei jypy'û umi ohasamavaekue, âva jejapo mbaaporâ pya'e ha añetete. Upéva he'ise ñentende pe apopy "tenda jejapore"[6] oñembohetéva ohovo ha oñemopyenda

kuaapy ñecompartipyre. Pe apo jejapo, katu, oî ambue jetapa'ynetere pyenda ha teko oguerúva oikovaera ha peteî opokapy ohechauka pe jejapopyré atype.
Ñareconoce pe porâ enterove ojaporámo, pe pora apo oiko hãgua tekotevê ambue tapicha, ko'anga ohasa sakãrupi pe institución porã ryepype, oapuntalava pe ñaimo'ava tekotevêha jehasa ára pukumieve ha iñimportante pe jehasa tekorupi ha ñemosãso pe ñe'êra ikatuva osê, âva ñe'êra jepo'i pe jeikokua'ape ñantendemive hâgua.
Oreko peteî hai kuapy mbarete, ha'eva, jejapo, ñemoi ha jevicheakatu entero umi ka'avo ñemopu'â ita, itaku'i ha mba'ejerepytu oñemo'îtava umi ógaharupi pe tava-i Morro del Palacio. Pe'a ha'e iñepyrumby pe ñekua mbopu ikatu hãgua ambue ojapo avei.
Upeva'erã, ñantende porá pe ka'avo ñemopu'ã pe ñemokyre'ynra he'iseva ñaime po jerape ñamosarambi hãgua pe mba'e porá, ñepyrumbyguive.
Upevare, ikatu, umi ka'avo ñemopu'ã oreko omongu'evo pe apopy enterovendi. Oî peteî pa'â nadaikatu'i ojapo ha'eño, katu ojeko ambu'e remiandure oñembosarai hâgua oñondive.
Pe apopyrâ jahecha oku'eha temiandupente. Ohechauka jotoparupive ha ñeme'ê kuaapy pe jejaporire temiandu año pe ka'avo ñemopu'â ikatu hãgua omopyenda umi ojapotavandive. Upéicharupi, ojapótava oreko ipope hava mba'e ambu'e kuaapy oipuruvo omoporãve hãgua pe kuaapy pyenda omosarambitava tembiapope peteîteî. Pe yrenda ñemboty, jejapo heta ra'y gua'u umi kariaype tavaiguava, pe ype ñai'ugui apopyre, umi tambor ita ha itaku'i gui apopyre âva oreko ipype ojapo hâgua ambue jetopa ikatuva ojejapo pe aty no'ôme.
Opa hâgua, pe porâ ha'e peteî ñembosarai ombogueva ha ojapojeyva ireglarâ. Oî mba'éichapa ñomongueta, hesakâva ha omoingueva artista kuerape po'a ra'â ha oñecomprometevo oipuru entero umi ikatuva ohechauka hembiaporupive. Pe tembiapo apoha, ojapovo ñemombyteramo, omoî ha ojapo joaju ambue tembiapo jehechaukava: porâreko, kuaapy ha tekokatu, oñembojoapyvo apopy, ome'ê heta porârehegua ikatuva ojejapo mbeguepe umi hasyveva ñemongueta pe porâ angaguava pe tekove ndive. Upevarâ, pe tembiapo apoha oike avéi ko tembiapo pyahu iseriovape okontrola hâgua hyepyguive há omoingue hâgua ambue mba'e pyahu ojapovo iporâve hâguáicha. Péicharamo, ohasapaite umi raja ñemoîpyre, há ohasa pe hapopyre orekovo sasô entero umi sistema ohechaukava iñepyrumby guive, upevare ndorekoi ñapytimbype.

Niterói, Comunidade do Morro do Palácio, Março 2010.

La huerta vertical como una plataforma de saberes compartidos

José Luiz Kinceler – Proyectista de tácticas creativas complejas
Profesor de Artes Visuales del Centro de Artes de la UDESC

Actualmente, la provocación de hechos que produzcan retornos complejos en la subjetividad individual y colectiva, es de urgencia vital para las formas de arte que no estén dispuestas a

inserirse en este panorama efímero y líquido que en nuestra actual condición no tenemos como abarcar. Sin embargo, si reconocemos que el arte siempre fue una forma de resistencia, trasgresión o destrucción, ¿cómo hacer de nuestra existencia una forma de arte?. Delante de este cuestionamiento nos viene en mente aquél pensado por Nietzsche en el siglo XIX: ¿Cómo el arte puede reinventar la vida y producir sentido a la existencia? Nos recuerda el filósofo: *como fenómeno estético la existencia todavía nos es soportable, y por medio del arte nos han dado ojos y manos y, sobretodo, buena conciencia, para poder hacer de nosotros mismos un tal fenómeno*[1]. En nuestra modernidad en que todo se transforma en mercancía, hasta mismo las relaciones ¿es posible entender la existencia solamente como fenómeno estético? Esa inquietud ha fundado serie de articulaciones por las cuales la propuesta "Huerta vertical como plataforma de saberes compartidos" continua adquiriendo su forma.

Inicialmente tenemos que reconocer que, a medida que cada contexto cultural amplia la visión de sí mismo, otras formas, en arte hacen con que el acto creativo active actos continuos de destrucción de aquello que tiene la pretensión de instalarse en la realidad como verdad. Con este proceso acelerado y continuo de pasteurización del colectivo y espectacularización de la cultura[2], saberes construidos como experiencia no encuentra más tiempo ni espacio para ser practicado, y así a cada día están siendo minimizados. En su lugar, asistimos la diseminación avasalladora por los Medios de Comunicación de Masa de una forma de subjetividad basura/lujo homogeneizada que lleva al imaginario del individuo a ser formateado según la lógica de la imagen seductora.

Por otro lado, esta propuesta tiene la pretensión de generar un espacio – tiempo inserido en la realidad capaz de causar una desestabilización en el juego representacional. En este juego, los papales del proyectista, de la propuesta artística y del participante acontecen en un contexto específico, la comunidad del Cerro del Palacio en Niteroi/RJ, por un período relativamente prolongado de actuación.

Tiene la pretensión de generar cambios locales con el objetivo de modificar la realidad inmediata.

En ese sentido el proyectista, ahora mediador de narrativas contextuales de reconocimiento mutuo, comparte responsabilidades éticas, científicas y estéticas con el otro. Por su vez, la propuesta artística, al practicar la realidad como una ficción paradigmática de mundos posibles, lleva los participantes a generar representatividad con relación a un contexto estratificado de conflictos. Pasando a actuar de forma compleja, esta forma emergente de arte es viable a interacciones, reflexiones y principalmente a la práctica de modos de vida más dignos de ser vivenciados juntos a la esfera dinámica de la vida. Reinaldo Laddaga, en su libro "Estética de la emergencia"[3], nos indica que el presente de las artes está marcado por la proliferación de un determinado tipo de proyectos que muestran, según este autor:

... iniciar o intensificar procesos abiertos de conversión (de improvisación) que involucren a no artistas durante tiempos largos, en espacios definidos, donde la producción estética se asocie al despliegue de organizaciones destinadas a modificar el estado de cosas en tal o cual espacio, y que apunten a la constitución de "formas artificiales de vida social", modos experimentales de coexistencia[4].

Considerando con Laddaga que una

emergencia es la ocasión de un aprendizaje[5], este proceso es entendido como una experiencia de arte colaborativa que se moldea conforme las situaciones y deseos que se presentan. Debido a la complejidad de los acontecimientos, esta propuesta se hace en tiempo real. Eso significa comprender su construcción como un "lugar practicado"[6] que está configurándose mientras una plataforma de saberes compartidos. El proceso creativo, sin embargo, está abierto a otras estrategias y tácticas que provoquen acontecimientos y una producción de subjetividades que resistan a las formas de representación masificadas.

Reconociendo que el arte de carácter colaborativo, aquel arte que para acontecer depende de la participación del otro, atraviesa hoy un grado de transparencia inclusiva dentro de la propia institución arte, marcado por proposiciones que necesitan ser vivenciadas por períodos de tiempo más amplios en las cuales lo más importante son las acciones vividas y descontinúas que una proposición puede generar, esta propuesta lanza mano de la noción de dispositivo relacional. Tiene como una de sus líneas de fuerza la enseñanza, la confección, la instalación y manutención de conjuntos de modelos de huertas verticales en hierro-cemento y neumáticos a ser instaladas en las viviendas de la comunidad del Morro del Palacio. Eso es el referencial primero, el gatillo propulsor para que otros deseos afloren. Por su vez, entender la huerta vertical como un dispositivo significa estar abierto a diluir lo que es tan caro al sistema del arte, el principio de la autoría. Sin embargo, las huertas verticales tienen la pretensión de activar el proceso creativo de colaboración. Está abierta a no realizar, pues depende del deseo del otro de querer jugar junto.

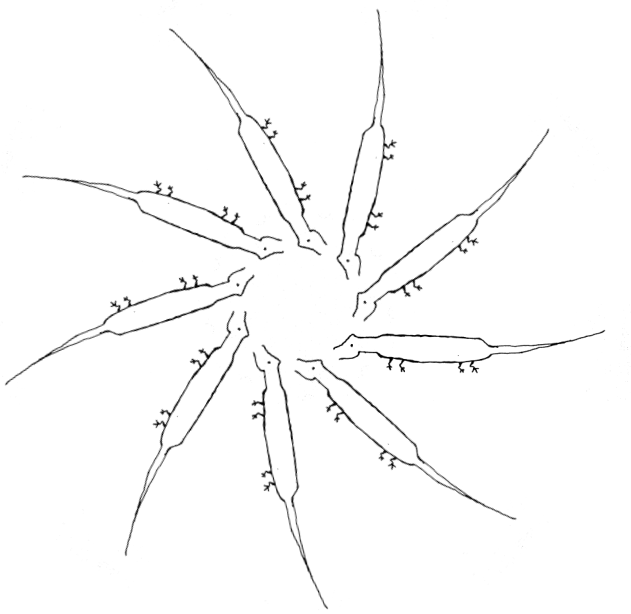
La metodología es eminentemente pautada en el afecto. Está basada en el encuentro y en el cambio de saberes a partir de la materialización del deseo individual que las huertas verticales consigan proyectar sobre el imaginario de los participantes. En ese sentido, cada participante está teniendo la libertad de materializar otros saberes con relación a que la plataforma de saberes compartidos podrá proyectar sobre su subjetividad. Tapas del depósito de agua, la creación de un conjunto de muñecos para jóvenes de la comunidad, la confección de ocarinas en cerámica, de tambores en hierro-cemento, esto tiene el potencial de provocar otras relaciones que puedan suceder en la comunidad.

Para finalizar, urge resaltar que el arte es un juego que anula y reinventa sus propias reglas. Hay posturas dialógicas, transparentes e inclusivas exigen de los artistas la aventura y el compromiso de usar los referentes que pertenecen incluso a otros campos representacionales. El proyectista, al actuar como un mediador, establece y crea vínculos con otras formas de representación: estética, ciencia y ética, al ser añadidas creativamente, generan un fenómeno artístico complejo capaz de potencializar las difíciles relaciones del arte contemporáneo para con la vida. Para eso, el proyectista involucrado en este nuevo juego formal debe controlar desde dentro e incorporar nuevos referentes para ejercer plenamente su creatividad. En esta situación, supera limites deterministas, pasando a tener su producción desvinculada de los sistemas de representación dados a priori.

Niterói, Comunidade do Morro do Palácio, Março 2010.



Extratos da fala de Guillermo Sequera no encontro do dia 29 de janeiro de 2010 em Asunción.



I

Nosotros tenemos graves problemas en Alto Paraguay, Chaco. Es feroz la presencia de todos los especuladores y capitalistas, creo que ellos compran grandes extensiones de tierra en la mayoría con dinero sucio que viene de la especulación inmobiliaria y financiera. En años anteriores compraban 100 mil, 200 mil hectáreas y luego volvían a revender incluso a muy pequeños pobres camponeses brasileros, entonces les condicionaban a plantar soja, es la servidumbre de la gleba, un sistema feudal insoportable, además de que el sistema es totalmente destructivo.

...

Es necesario hacer un censo. ¿Cuantos brasileros hay? Se sabe más cuantos paraguayos tiene del lado brasilero, hasta indígenas, que brasileros del lado paraguayo.

...

Nosotros conocemos mas la identidad de ustedes que ustedes de nosotros, por decirlo, así lo es.

...

Yo soy un gran promotor del portuñol, de la literatura en portuñol, tengo una obra que se publico en Brasil en portuñol con un amigo poeta, Douglas Diegues, un librito y un cd que se llama Kosmofonia mbya-guarani, sobre música mbya-guarani. Yo trabajo con un grupo de portuñol y estoy convencido que el portuñol es una lengua fantástica, y además pode ayudar muchísimo en una recreación de otras lenguas, el portuñol chupa al coreano, al japones, al afro-brasilero, afro-guaraní, es

una ensalada cultural lingüística.

Bueno, hay un problema acá, nosotros somos pequenitos, chiquitos al lado de Brasil. Hay una presencia muy fuerte, la economía brasilera es mucho mas fuerte que la paraguaya, esa asimetría, como se llama hoy, entre el pequeño y el grande, que no se trata de David y Golias, pero si que tenemos que trabajar juntos las relaciones respetuosas, las relaciones de integración, las relaciones de enriquecimiento. Ustedes tienen desarrollado cosas que nosotros no pudimos desarrollar, pero nosotros tenemos desarrollado otros aspectos que ustedes no pudieron, por ejemplo la lengua guaraní.

...

Hace poco estuve en Florianópolis, le dije a los profesores "yo voy hacer una conferencia en la universidad si ustedes me llevan en una comunidad guaraní cerca de Florianópolis". Fue hablar con los indígenas, los guaraní. Pero, ¿como es posible que la universidad no tenga trabajado la literatura oral guaraní de indígenas que están en Florianópolis, seguramente a 15, 20 minutos de la ciudad?

...

Muchos nombres de ríos, de lugares, de montañas, de bosques, de la orografía de ustedes, de la geografía de ustedes, humanamente hablando son de origen tupí-guaraní. Sei una cosa, que hay una historia común.

II

Entonces ¿como hacer?: ahí es donde entra la arte, la ciencia, la sociedad, todo o que tiene que ver con la biodiversidad, la defensa de la biodiversidad. Por que el problema es que vamos a destrucción de la especie humana, vamos a la destrucción del planeta. Tenemos que entender todo e ponernos de acuerdo, trabajar esto.

...

Desde 1993, estuve siguiendo el impacto negativo de dos grandes mega proyectos, dos grandes represas, muy importantes para la región Brasil, Argentina y Paraguay, que son Itaipú y Yasyretá, pero el impacto fue de tal magnitud que estes dos proyectos, Yasyretá con Argentina y Itaipú binacional con Brasil, expulsaram los indígenas a los basurales. En este momento se ustedes van al basural en Hernadarias, hay indígenas que se transformaran en basura, viven de la basura, con la basura, para la basura y por la basura.

Yo conozco, yo viví en un basural con los indígenas un mes, insoportable, es diabólico, es Frankenstein.

...

Este es el estudio que hice sobre Yasyretá:

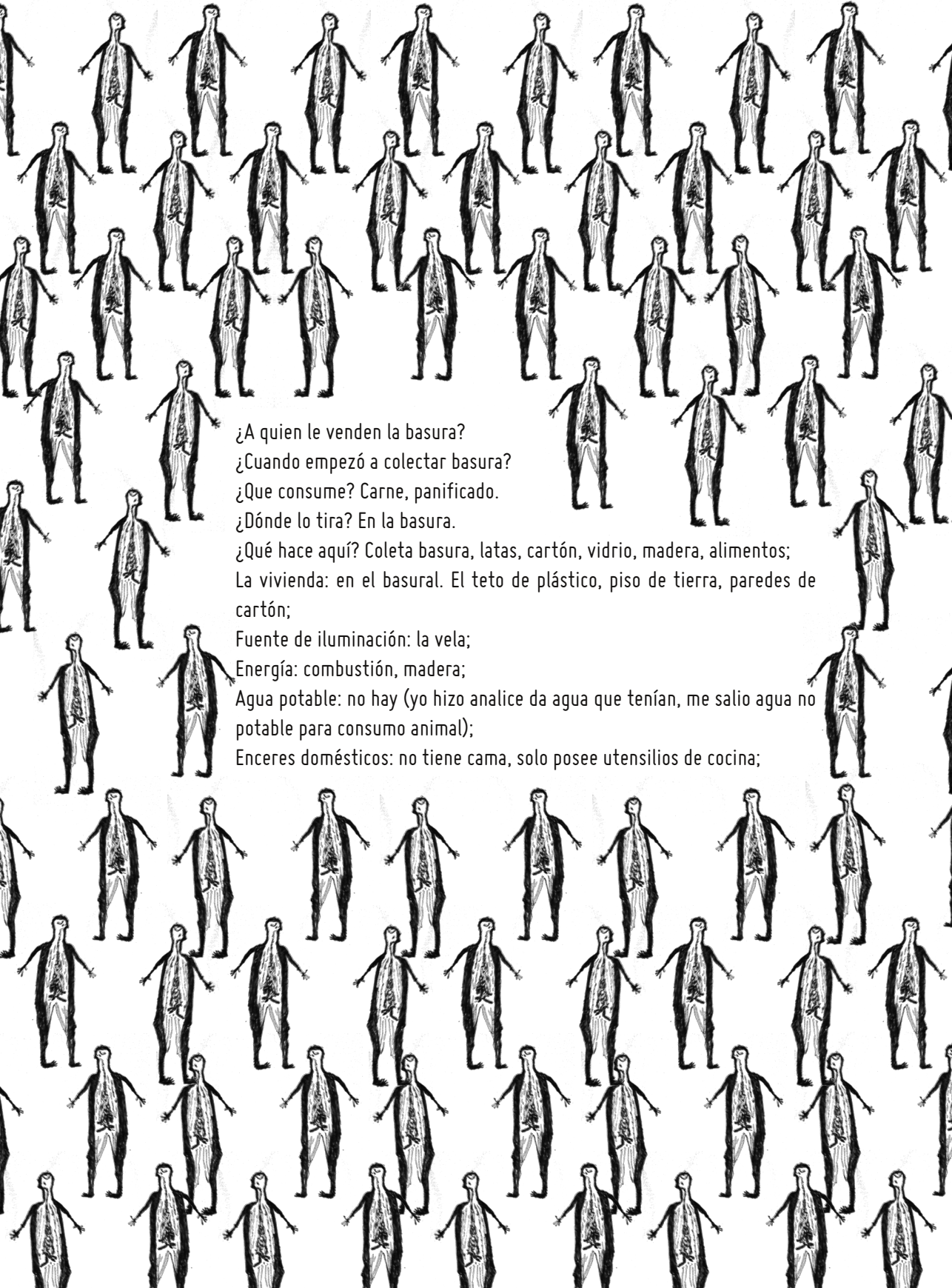
"Situación de los mbya-guaraní en el basural de Encarnación", 1995.

La institución me pidió a mi, me dice "hay problema de insatisfacción, queremos saber, le pedimos a usted se puede...", entonces yo me fui al basural.

...

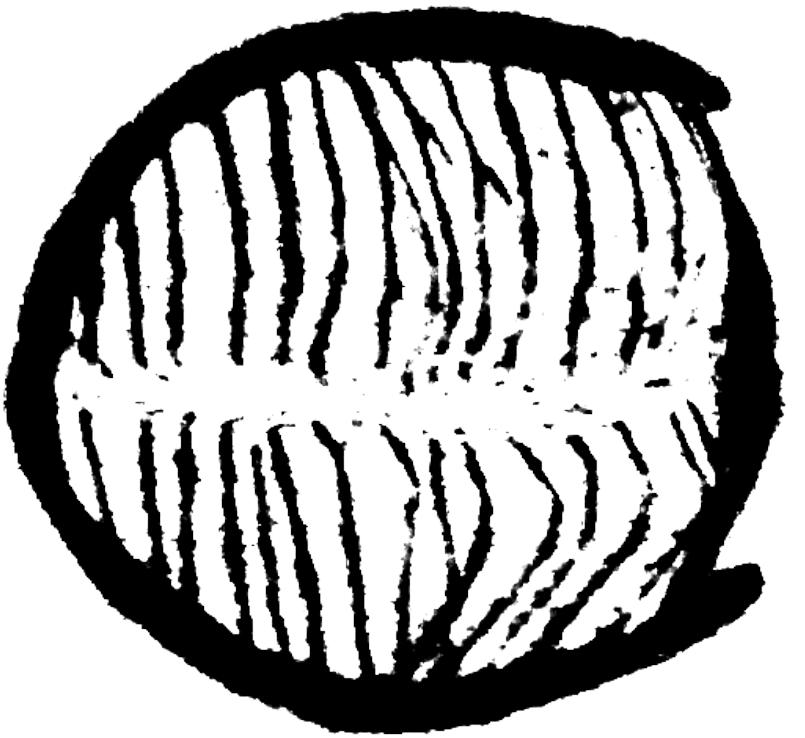
En una comunidad mbya-guaraní con 25 familias, ya no es el basural, yo invente una metodología, repartí bolsas de basura. Yo pedí que todos los indígenas tirassen sus basuras, y una semana después íbamos con mascara a revisar lo que había en la basura y anotábamos todo, cuanto pesaba la basura. Después hicimos el calculo de cuanto producían como alimento, íbamos en las chacaras para ver cuanto se producía entre alimento y basura. Producían más basura que alimento, y en la basura el movimiento económico y alimentar.

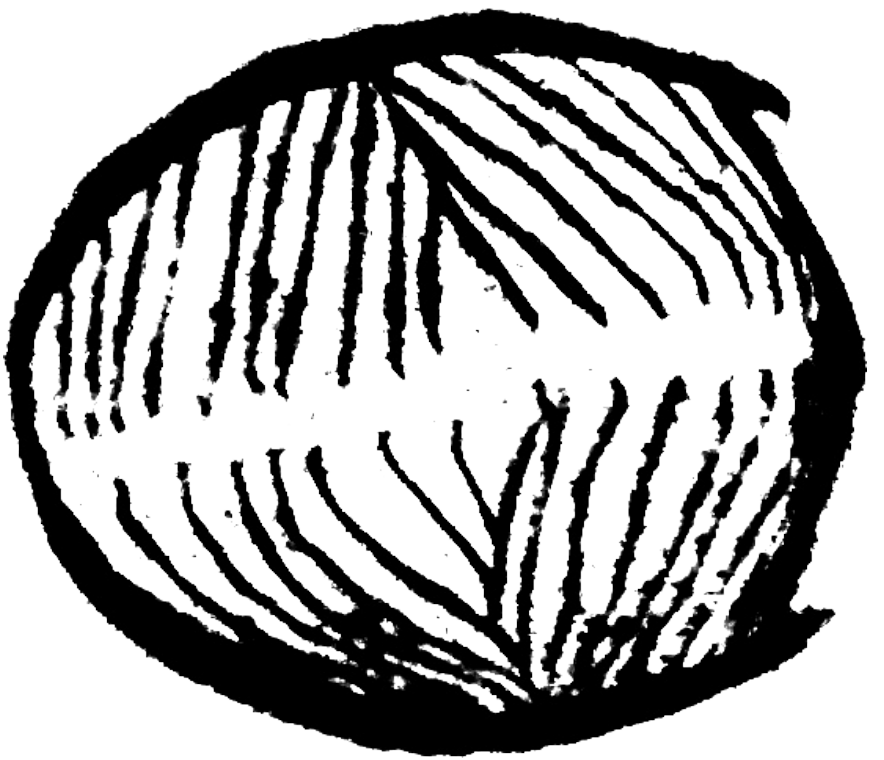
...



¿A quien le venden la basura?
¿Cuando empezó a colectar basura?
¿Que consume? Carne, panificado.
¿Dónde lo tira? En la basura.
¿Qué hace aquí? Coleta basura, latas, cartón, vidrio, madera, alimentos;
La vivienda: en el basural. El teto de plástico, piso de tierra, paredes de cartón;
Fuente de iluminación: la vela;
Energía: combustión, madera;
Agua potable: no hay (yo hizo analice da agua que tenían, me salio agua no potable para consumo animal);
Enceres domésticos: no tiene cama, solo posee utensilios de cocina;

Yo soy muy censurado, además ellos se equivocaran, me pedieron a mi para hacer esto, primero fue la universidad, fue también el Banco Mundial y el BID, Washington. Así me lo pedieron:
"No podemos poner en el contrato 'parece que hay indígenas en el basural'."
"¿Como no? Se equivocaran, me eligieran a mi, pero le planteo a ustedes, vamos a hacer juntos el estudio y vamos a ver lo que quieren, a ver cuales son los problemas que tienen".
"No, tiene que hacer así unas 50 paginas."
...
Yo vengo del arte, músico de formación, pero para mi tiene que ser un instrumento para pensar, un instrumento para aquí y para aquí (cabeza y corazón). No aventurero, no improvisador. Riguroso.
...
Éstos son nuestros problemas comunes. Estos indígenas inventaran el Mercosur, no hay otra etnia que esté posicionada en los cuatro países, son estos los mbya-guarani.





III

Me pregunté lo siguiente: "¿Quién va a pagar la cuenta? Quem vai pagar a conta por la destrucción? No hay Estado, no hay Banco que te va pagar. ¿Quien va pagar la reforestación?"

Entonces lo que planteamos nosotros es:

Investiguei mucho la economía, los sistemas de valores, los sistemas simbólicos de representación en comunidades indígenas y campesinas. Llegue a la conclusión siguiente, primero que es muy importante los sistemas de dos contra dos, dádivas. Es así: te doy un gran regalo a vos, yo no calculo, a mi me hace feliz, pero te da una responsabilidad moral porque yo te di ese regalo en un ato ritual frente a todos, y como yo soy pobre y no tengo nada, yo te doy lo que yo no tengo, entonces tu te ve obligada a retribuir.

...

Empezamos en 1988, trabajamos con el concepto guaraní de paraíso, el jardín guaraní. Cada cultura tiene sus jardines, su manera de representación de la felicidad, de la utopía, del sueño, de la vida, entonces empecé a estudiar esto, encontré todos los elementos y les dije a los campesinos: "Esto es algo fabuloso, vamos a hacer funcionar al Estado, para que lo cumpla con sus responsabilidades, nada mas que pedirle la responsabilidad, y nosotros asumimos también la nuestra, en un intercambio de regalo". La primera experiencia hicimos en benefício a 1500 familias campesinas guaraní, en un programa Ecología Comunitaria, reforestación comunitaria a cambio de electrificación de calidad, así hicimos con salud también.

...

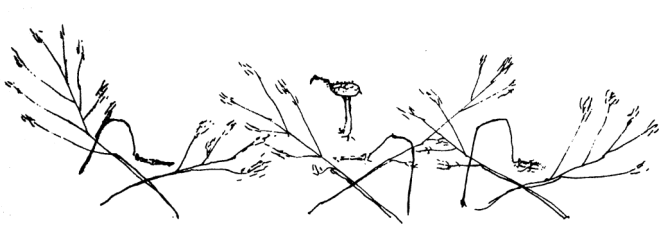
Siempre he estado viviendo con campesinos, indígenas y trabajando con ellos este pensamiento estratégico sobre la base de la tradición cultural.

...

Es necessario llevar ese sistema a nivel del estado-nación, estado-comunidad. Que el Estado entienda, nada más que esto, que tiene que dar, ofrecer, facilitar a campesinos y indígenas el protagonismo en la salvación y la recuperación de la ecología. También que la comunidad entienda de que el Estado no es la vereda de enfrente, tiene que ser él mismo, asumir como ciudadano, "el Estado soy yo también". Porque hoy los problema son muchos, la destrucción, la desaparición humana y del planeta, la ausencia de alimento, los egoísmos, el cambio climático, la tierra y el agua como mercancía (acá el agua en botella es más caro que en Francia).

...

Es grave la situación, es preocupante, hay erosión hídrica, hay contaminación grave y para estos problemas no han invertido ni utilizados los fondos de Itaipú para la recuperación, para utilizar nuevas tecnologías. Recuperar el agua es lo mas caro, por eso que no hay que contaminarla, porque los costos son altísimos, solamente los países ricos se pueden dar el lujo de utilizar alta tecnología, incluso con sistemas moleculares, es un costo que nosotros no podemos todavía.





IV

Yo le pregunte a un mbya-guaraní:

¿"Qué es dinero para ustedes?"

"Esto no es nuestro, esto nosotros le llamamos 'papel que huele feo'."

Carlos Marx había dicho que el dinero era un fetiche, pero los mbya lo definieron en su justo lugar.

...

La energía es un facilitador también, yo no estaría en desacuerdo con esto, el problema es la distribución de la riqueza, incluso energética, acá hay un grave problema ambiental. Este es un problema nuestro, pero también es un problema entre dominante y dominado por un acuerdo entre dictaduras militares, que el único sentido era robar a los pueblos de Brasil, Argentina y Paraguay, un proceso complicado.

...

En la época de la dictadura de Stroessner no había ninguna publicación con respecto a la preparación de levar a remate la ecología de la geografía ubicada en gran medida en el territorio paraguayo. Lo que llamaban lo Salto del Guaira se tuve siempre en un top secret. Claro, ahí estaban también la gran familia multimillonaria de Wall Street, vinculado al Banco Mundial, al BID para hacer préstamos leoninos a nuestro povo, a nuestro país, vía las dictaduras. Entonces la versión era la siguiente a nivel de lo povo:

"Miren que va a venir el fin del mundo, dentro de un año vendrá el fin del mundo, hay que salir de aquí, tienen que disparar, salir de aquí, y sobretodo, vamos a tener un maremoto como lo dice la Biblia, una inundación y ya no hay arca de Noé para salvar los animales." Incluso contribuían mucho las sectas, vinculadas a estos grandes intereses, la mayoria vinculada a la contra espionaje, dirigido por la embajada norte americana y la CIA, los mormones por ejemplo. No estoy atacando el culto religioso, y sí, su utilización para crear situación de confusión, de miedo, de inseguridad en una población altamente frágil, altamente sensible, como la población indígena y campesina. Iban a la comunidad, inventaban historietas para crear situaciones de pánico, de esto no se habla, esto yo sé porque los indígenas me contaron. Ésa fue una de las técnicas, y hay otras en nivel comunicativo, de que la población no sepa nada, que no se entere, eso ucorrió al colono brasilero también, y el costo esta ahí, sufrimiento, muertes, asesinato, desaparición y sobretodo este aspecto de desarticulación de las comunidades y sus miembros, desesperados, perdidos confundidos, que salían del lugar y disparaban a cualquier

parte.

...

¿Porque estamos defendiendo Itaipú? ¿Cuales son los problemas que puede tener Itaipú daqui hasta 200 años o 300 años? Ese es un trabajo que nosotros tenemos que hacer con la comunidad, todos deben estar informados. ¿Cuales son los problemas que puede tener el acuífero?

...

Muchos gerentes administradores de cultivo de soja y ganadería son brasileros, son buenos técnicos, y reciben muy buenos salarios por esta función, pero los dueños son multinacionales que están en Chicago, Wall Street, no son brasileros. No quiere decir que el capital financiero especulador de São Paulo no contribuya también al desastre, bajo la complicidad de aquí de militares, de banqueros corruptos, son socios, hasta ahora se da esta situación.

...

Yo soy comunista desde los 20 años, pero nom me concibo como un modelo para nadie, mucho menos soy ortodoxo, te digo yo vengo del arte, siempre va a ver una búsqueda creativa, pero yo creo que estamos en otra situación, pasamos del homo sapiens al homo diabolicus, entonces tenemos que reflexionar sobre esto.

...

Mira, el Paraguay no existe, aquí se inventó el surrealismo, por encima de la realidad, por debajo también, Paraguay no existe, es un hilo negro, no se ve, no se siente, pero estira, como un imám, es una región muy interesante. Pero nosotros tenemos un grave problema, es que estamos en el corazón de la América del Sur y es hoy una plataforma de dominación militar, la más grande base militar de los Estados Unidos está en paraguay, y no se ve, ustedes no van a ver acá militares norte americanos.

...

Eso es lo que yo les digo a los indígenas y a los campesinos, eso le trasmito:

"Ustedes tienen que plantear al revés, tienen que preguntar a las personas, ¿qué puedo hacer yo para que sean felices?"

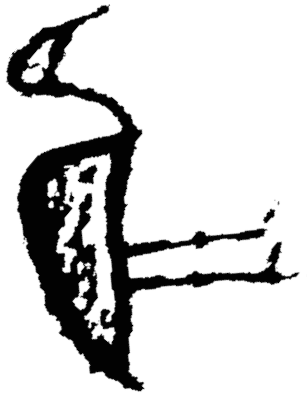
Yo aprendí esto con una entrevista que le hicieran a Gabo, Gabriel García Márquez. Un periodista le preguntó:

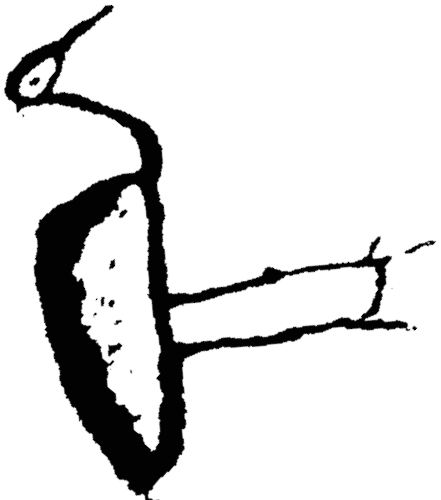
"Usted qué quiere?"

"Una sola cosa, yo quiero que me quiera."

Rohayhu.

Yo creo que la ternura guaraní también puede jugar su juego.





Ñemohû'â Guillermo Sequera

ñomongueta jotoparônguare pe ára 29 jasyteîme 2010 ramo Paraguaype



I

Ore roguereko kuri problema Alto Paraguay, Chacope. Imbarete umi ocambiava pira pire ha ombyatyva, cheve guarâ ojogua hikuai yvy heta ha enteroveva viru ky'a ojuhuva imbyatypyre yvy repykuere ha hepyme'ê. Ymave ary ojoguami peteî as terâ mokoî sa su hectarea ha upei ohepyme'êjey umi brasilero imboriahuvevape ojerure ichupekuera oñoty hâgua soja, oñapytî jejokuaipe yvy akytâre, pe'a ojepurumi yma avave ipuakaýva, avei upe apo ha'eva ñembya'irâ memete.

...

Tekotevê jejapo peteî papapy, ojeikuaa hâgua mbo'y brasileropa oî, ko'anga peve ndojejapoiva, ojeikuaava ha'e mbo'y paraguayopa oiko Brasilpe, ahaniri brasilero oikova Paraguaype.

...

Ore roikuaa pôrave ore reko pende hegui ha pe'ê orehegui ha peichaite.

...

Che ha'e peteî oguerotaîva pe portuñol, ñe'êporâ mbo'ê portuñolpe, aguereko peteî tembiapo ojeha'ipyre Brasilpe portuñolpe peteî angyrû ñe'êpapara ndive, Douglas Diegues, peteî kuatia-i ñe'ê ha peteî CD herava Kosmofonía mbya-guaraní, mba'epu regua mbya-guaraní.

Amba'apo peteî aty portuñolpe ha ajerovia portuñol ha'e ñe'ê porâ, ha avei ikatu ñane pytyvô tuvicha jamoherâkuâ hâgua ambu'e ñe'ê, portuñol oipyte coreano, japonés, afro-brasilerope ha upeicha avei ambuepe, ha'e opaichagua ñe'ê porâ reko.

Iporâ, agueropensa oîha peteî problema orendive, ore paraguayo, ro ñemo miri Brasil ykere. Oî peteî ñeime mbarete pe mba'erepybrasilera paraguaygua renondepe,peã pe joaguy, je'e haicha ko'anga, michiva ha tuvichava ndive, ndaha'ei David ha Goliat, roikuaa ñemba'apo vaeraha oñondive pe jeiko jepoyhu, joajupe ha mba'e repy myatype. Pe'ê, brasilero kuéra, pemo ñekarapu'âva heta mba'e ore ndaikatuiva rojapo gueteri, katu romoñakarapu'â ha roguereko ore mba'eteeva ha'eva ore ñe'ê guaraní.

...

Nda areiete, aime kuri Florianópolispe, ha'e umi mbo'e hara kuerape: "Che añe'êta mbo'ehao guasupe che reraharamo ambohupa tavai guaraní Florianópolis ypype oîvape". Aime kuri ñemonguetape tavai guaraníme. Ha'e ichupekuera, mba'eichapa ikatu pe Mbo'ehao guasu neina gueteri omba'apo pe ñe'êporâ mbo'ê ñemongueta ava guaraní oikova Florianópolisypyrupi peteî 15 terâ 20 aravoi.

II

Heta Y rera, tenda, yvyty, ka'aguy, ha yvy ra'anga pe ne mba'eva ha'e iñepyrumby tupí-guaraní, oîramo jepigua, ha'eva hasapyre imba'etee porâva kuéra.

Upeicharamo mba'e ikatu jajapo? Upepe ña ñandú porâ rembiapo, kuaapy ha maymava abatí oñeha'âva oñongatu, ha odefende pe biodiversidad. Nda jajapoiramo mbaeve oikota gueteri problema ñembyaipe upe yvypora ha kuarahy ra'y.

...

1993 guive, agueroguata ombyaiva umi tembiapo tuvicha rupive, represa kakuaava, iñimportanteva umirupi: Brasil, Argentina ha

Paraguaype, ha'eva Itaipú ha Yasyretâ, ñembeti tuvicha kuri oguenohemba umi ava kuérape ha oiko ichugui kuéra yty, oikove yty rupive, yty ndive, ytyrâ ha ytyre.
Che aikuaa, aiko peteî ytyapype umi ava ndive peteî jasy, ha'eva ijohaietéva, ha'eva mba'e pochy Frankenstein.
...
Peva ha'e kuaapy ajapovaekue Yasyretâ regua: "Umi mbya-guaraní nguera reko yty apype Encarnacionpe", 1995.
Pe institución ojerure cheve aha hâgua ha he'i cheve: *"oî problema jejoavy rupi, roikuaase, rojerure ndeve ikaturamo..."*, ha aha kuri ytyapype.
...
Peteî tavai mbya-guaraníme 25 ogayguape, ndahaeveima ytyapy, uperamo, ajapo peteî mba'apo apo, amosarambi bosa yty reguarâ.
Ajerure umi avape ombyaty hâgua ijyty ha rojapo haipe umiva, mboypa opesa pe yty ha upei rokalkula mboypa ojapo tembi'urâ. Roho avei umi kokue rupi roikuaa hâgua mboypa ojapo yty ha hi'upy.
Ojapo hetave hikuai yty hi'upygui. Pe yty ojapo mba'erepyrâ ha hi'upyrâ.
...
Mavapepa ohepy me'ê pe ytyre?
Araka'epa oñepyrû ombyaty pe yty?
Mba'e ho'u? so'o, mbujape?
Mo'opa omombo? Ytype?
Mba'e ojapo ape? ombyaty yty, lata, cartón,vidrio, madera, hi'upy;
Pe tekoha: yty apype. Pe techo plasticogui, ipiso yry reigui, pared cartongui;
Tesaperâ: tataindype;
Mbarete: jehapy, madera;
Y potî: ndaipori. (che ajapo joajuhara ygui ha oreko, y ky'a jei'urâ mymbape guarâ);
Tembipuru ogapype: ndoguerekoi tupa, oreko coninamegua tembipuru añonte;
...
Upeicharamo, oîramo tekove yvypora oikova ytype, avakuera, hasy âva, hasy eterei.
...
Che mokirise heta, aimo'a ha'ekuera ojejavy, ojerure cheve ajapo hâgua âva. Peteîha ha'e kuri pe mbo'eha guasu, Banco Mundial há BID, Washington, upeicha ojerure cheve: *"Ndaikatui ñamoî contratope, ñaimo'a oîha ava ytyapype"*.
"mba'eicha ahaniri? ojejavy hikuái che poravo, ha ha'e pe'eme, jajapota oñondive pe kuaapy ha jahechata mba'epa oipotava hikuái, jahechata mba'e problemapa oguereko hikuái" *"Ahaniri, ehaita peicha, peteî 50 rogue"*.
...
Che aju porâ, pu aty ñembo'epyre, cheve guarâ peteî tembipu, ha'evaerâ agueropensa hâgua, peteî tembipu ape guarâ ha ko ape – akâ ha py'a. Nda ha'eiva ñesê rei, peichante. Hasyetemi.
...
Âva ha'e ñane problema katuinte. Âva ava kuera ojapo Mercosurpe, ndaipori ambue avareko oîva irundy tetâme ñemo atâme, ha'eva mbya-guaraní.

III

Añeporandu kuri ãva: "Mavapa opagata umi cuenta? Mavapa opaga upe cuenta ñembyaipyre? Ndaipori tetâ sambyhyha, ndaipori Banco opagatava ndeve. Mavapa opagata umi ñeñoty jey?".
Upemaramo ro'e ore:
Ajejapyteka heta ñongatupyre, umi hepyme'e rehegua, umi hechaukaha tavaipe ava ha chokokue ndive. Ha aguahê ñemohû'âme, peteîha iñimportante pe mokoî ñemoî mokoîre, ñeme'ême kuéra. Ha peicha: Ame'ê peteî

tuvichava jopoi ndeve ha nda hechai, nda che importai hepykue, añeñandu porâ peicha, ome'ê tembiapo mbarete ame'ê rupi ndeve pe jopoi mayma renondepe ohecha hâgua enteroveva. Mba'eichapa che chemboriahu, haimete ndaguerekoi mba'evete, upeicha avei, ame'ê ndeve jopoi kuri, upeicha avei nde reime hâgua chendive reme'êvo.

...

Roñepyru 1988pe, romba'apo ñemo'â guaraníre pe yvaga rehegua, yvotyty guaraní. Maymava porâreko oguereko ijyvotyty, ohechauka haicha vy'a, ikatuhape, kerayvotyre, tekovere, upevare añepyru añemoarandu avaré, atopapaite entero temikotevê ha ha'e umi okaraygua kuérape: "Âva iporâeterei, ja momba'apota Tetâme, ojapo hagua hembiapo, ndajajeruremo'ai hembiapontengo, ha ñande ñande rembiapo avei, ha'e peteî ñembojuasa jopoi". Peteîha jejapo kuri 1500 ogaygua ndive okaraygua guaraníva, peteî tembiaporâ Ecologia Comunitariape, ñeñoty jey yvyraty tavaipe myemgovia haramo tendyry porâre, peicha rojapo pe sitema de salure avei.

...

Katuinte aime umi okaraygua ndive, avakuera ndive, aiko ha amba'apo hendivekuera, peva ha'e tembiandu jeipuru vaerâ iñepyrumby guive teko ymaveguare porâ reko.

...

Ha'e tekotevê peva pe tembiapo apo tetâ, tavai guive. Pe Tetâ ontende, ha'eha, ome'ê vaerâ, kuave'ê, ohechakuaa umi okarayguape ha avakuerape henda osolucionavo oreko jey peve tenda tekohape. Avei tavai ontende hâgua Tetâ ndaha'ei guataha tenondegua, ha'evaerâ añetete, tavayguaicha, "pe Tetâ ha'e che avei". Ko árape umi problema hetagui,ñembyai, opata yvy porá ha kuarahy ra'y, ndaiporigui tembi'u, chentese kuéra, iñambue kuarahy pytu, pe yvy ha y hepyme'ê raicha(ape y limetape hepyve Francia peguagui).

...

Hasy ha py'a angata pe situ, oî y ojo'ova, ñemongy'a vai ha âva problema ndo mbogueviri ndoipurui umi Itaipugui ouva viru ojerecupera jey hâgua, jeipuru hâgua tecnología pyahu. Rekojevy pe y ha'e hepyveva, upevare noñemongy'ai vaerâ, yro hepyeterei, umi tetâ iviru hetava ikatu ome'ê kate jeipuru hâgua tecnología mbarete, avei umi mba'e ku'i kuérare, ha'e peteî repy ñande ndaikatuiva gueteri.

IV

Che aporandu peteî mbya-guaraníme: "Mba'eiko pira pire peême guará?"

"Peva ndaha'ei ore mba'e, pevape ore rohenoi kuatia hy'âkua vaiva".

Karl Marx he'ivami pe viru ha'e vaekue macumba, umi mbya kuéra ohenoi hendaitepe.

...

Pe mbarete iñinportante, peteî teko asy'ý avei, che nda joavyiete ko âvandi, pe problema ha'e ñemosarambi hepyme'êre, avei mbarete tendyryregua, ape oî peteî problema hasyva tekohape. Peva ha'e ore problema, avei ha'e problema omyacava ha oñemosambyhyva peteî ñe'ême milico reko atâ ndive, Pepe oî ñemonda umi tetâ Brasil, Argentina ha Paraguay, peteî ñemoambue ipypuku etereiva.

...

Pe ára reko atâ Stroessner ndaipori vakue mba'eveichagua marandu pe organización rehegua oguerahava peteî ñemomba tekohare pe yvy ra'anga opytava tuvicha Paraguay yvype. Ojeherova Salto del Guaira ojeguerekova katuinte peteî top secret.

Ha upevare, upepe oî avei ogaygua iviru hetapajepeva Wall Street, ojoajuva Banco Mundial, BID ojapo hâgua jeipuruka leoninos ñande tavaipe, ñande tavape, umi teko atâ rupi. Upevare je'e ha'eva ko'ava tavai rembiandu: *"Pehecha outaha ara paha, agui peteî ary outa ara paha, pesevaerâ ko agui, peho vaerâ pya'e, pesêmake, ha upei, jarekota y ryryi he'ihaicha Bibliape, peteî ñuamba ype ha ndaipori veima Noe yga ñeguenoherâ umi mymba kuéra"*. Avei omoî heta umi secta kuéra, orekova interes tuvichava, enteroveva oîva joajupe pyrague contrapé, omyacâva embajada Norte Americana ha pe CIA, umi mórmones por ejemplo. Ndahai culto religioso ari ha katu, ijeipuru ogueruva apañuai, kyhyje, umi tavaygua kuera ikangyva, imba'e ñanduva, umi tavaygua ava kuéra ha okaraygua. Ohomiva tavaipe, oñe'êrei tembiasakuerehe oheja hagua kyhyjepe, avare noñeñe'ei, che aikuaa umi ava omombe'u cheve. Umiva ha'e técnica kuéra, ha oî ambue tekohape ñemomarandu, tavaygua ndoikuaai vaerâ, peã oiko avei umi kolono brasilero rehe, ha hepykue ndapepe oî, teko asy, jejukakuéra, ñeasesina, ñehundi ha ñemosarambi umi tavai ha ipehenguepe, ipy'aroputava, okañyva oñeconfundiva, ha osêva pe tendagui ha oho mamorei.
Mba'ere ñadefende Itaipú? Mba'e problema ikatu Itaipú aguirire ogueru 200 tera 300 arype? Peva ha'e tembiapo ñande jajapovaerâ tavai ndive, maymave jaikuaa vaerâ. Mba'e problema ikatu oreko pe acuífero?

...

Heta omyakâva ñangarekoha kuéra soja ñenotyha ha mymba rekoha ha'eva brasilero, ha'eva ikatupyryva, oguenohê porâ hembiapo repyre, ha mba'e jara kuéra ha'e tetâ ambue gua oîva Chicago, Wall Streetpe, ndaha'eiva brasilero. Nde'iseiva viru ñongaturâ oespeculava São Paulope no contribuiri ñembyairâ avei, ñecomplica ape milico kuéra, banquero kuéra po karê, ha'eva irû oiko anga peve peicha.

...

Che ha'e comunista 20 ary guive, nda'ei che jehe peteî ñema'êra che jehe avavepe, nda ha'ei ijeroviaporâva, ha'ema haicha, aju porâ hagui, katuinte oîta jeheka ijapopyrâ, cheve guarâ ñaime ambue tekope, jahasa homo sapiens gui homo diabolicuspe, upevare ñamindu'u vaerâ âvare.

...

Emañami, pe Paraguay ndaipori, ape ojejapo gua'ugua, pe añetegua ári, ha iguyrupi avei, Paraguay ndaipori, ha'e peteî inimbo hû, ndo jehechai, noñe ñandui, katu ojepyso, ku ita karuicha, ha'e peteî iñimportanteva uperupi. Ore roguereko peteî problema hasyva, roime América del Sur py'ape ha ha'e ko'anga peteî milico renda, pe tuvicha veva pyenda milico Estados Unidosgua oî Paraguaype, ndo jehechai, peê nda pehecha mo'aî ape milico norte americanogua.

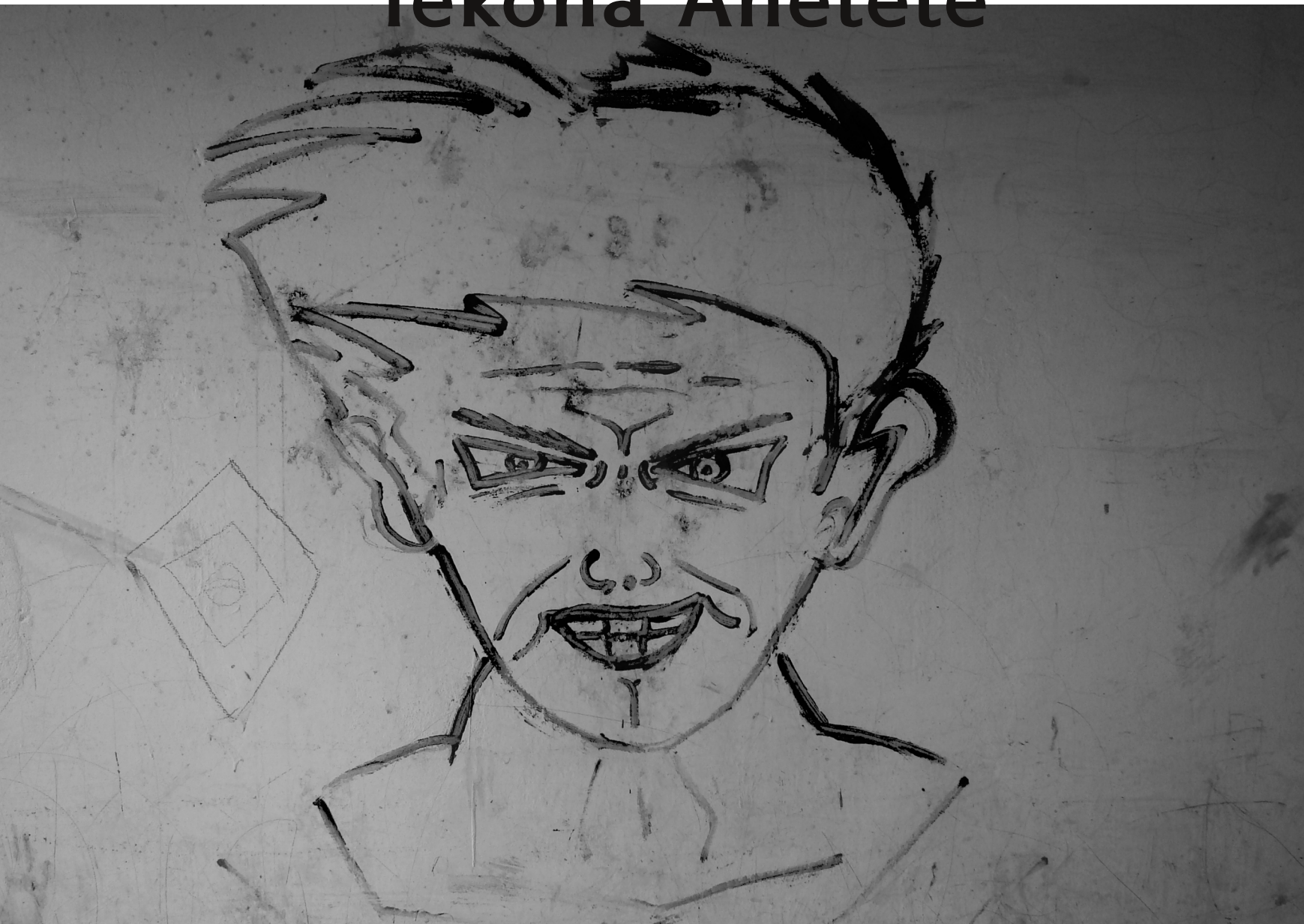
...

Âva mba'e ha'e umi avakuerape ha okarayguape:
"Peê pejapo vaerâ oguývo, pe mba'e porandu umi tapichape, mba'e ikatu ajapo pe nde rehe ikatu hâgua pe vy'a?"
Che aikuaa kuri peteî ñeporandupe ojejapo vaekue Gabope –Gabriel García Márquez. Peteî kuatia haiha oporandu ichupe:
"Nde mba'e reipota?"
"Peteî mba'e añoite, che aipota pe che raihu".

Rohayhu.

Che ajerovia pe guaraní kunu'u avei ikatu oha'â iñembosaraipe.

Tekoha Añetete



AGRADECIMENTOS ÑE'ÊJOAPY AGRADECIMIENTOS :::

Joaquim Rodrigues (Juca), Teresa e filhos, José, Maria, Moa, Vera, Luis, Tekão, Juca, Gealmir, Aguirras e esposa, Medina, Kyara, Sami, Fernanda, Matilde, Francisco Amarilla, Zulmira, Mônica, Carlos, Tião, Fátima, Monique, Sadi, Maria Rosa, Daniel, Marcos, Leilane, Jane, Clarindo, Maria, Sedenei, Maximiliano Geladinho, Zulmira, Chico, Urbano, Rodison Scarpato, Ella, Ivo, Ademir, Betão, Gisela Lunkes, Natan, Sidinei, Gustavo, Sandra, Mário, Cândida, Djane, Marcelo, José, Neli, Elisângela, Leomar, Mário, Julinho Nhemboatevy, Mário, Nésio, Steban, Carlos, Francisco, Gustavo, Sara, Pedro, Victor, João, Lourival, Américo e esposa, Mário, Ademir, Walmor, Nidia, Amancio, Beatriz, Gracinda, Elisabete, Vicentin, Anunciación, Miguel, Asagrapa, Margarida, Ana Menel, Frei Pacífico, Suely, Rubens, Dona Lucila, Bonifácio, Maria, Zilá, Marly, Armínio, Ivani, Sérgio, Hélcio, Aira, Benitez, Édson, Lauro, Júlio, Carlos, Gerardo Alfonso, Marcos, Francisco, Walter, Valdete, Lia, Néia, Adriana, Kayla, Djenifer, Kyria, Chico, Luiz, Demétrio, Lídia, Berenice, Letícia, Carlos, Arsênia, Baiano, Edgar, Tatu, Orlando, Miriam, Francisco, Maria, Andressa, Benita, Edgar, Angélica, Zulma, Mito Sequera, Bruno, Claudino Washington, Tati Wells, Sara Blanco, Elisa Dassoler, Janice Martins Sitya Appel, Felipe Prando, Gustavo Guedes, Érico Massoli, Marco Amarelo Konopacki, Rachel Bragatto, Kuai Tema e Soylocoporti, Marcelo Souza, Fabiana Goa, Alexandre Freire, José Balbino, Tininha Llanos, Ricardo Ruiz, Glerm Soares, Simone Bittencourt, Descentro, Gilberto Manea, Gheysa Marques e amigos do quilombo João Surá, Ana Gonzalez, Ritinha Kuroski, Elisabete Kubaski, Édson Belo Clemente de Souza, Tânia Bloomfield, Flavia Vivacqua, Paulo Reis, Orquestra Organismo, Ana Vasconcelos, Elígio Miranda Ortiz, Maria Rosa da Silva Miranda, Sabrina Lopes, Maikon Kempinski, Gráfica Popular e aos demais que de alguma forma colaboraram na realização desta publicação.

Realização:

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES
funarte
MINISTÉRIO DA CULTURA
SECRETARIA DE CIDADANIA CULTURAL

Apoio:

Kuai Temo
Integração pela Liberdade

soylocoporti

descentro.org

juntaDados

Esta iniciativa integra o Prêmio Interações Estéticas – Residências Artísticas em Pontos de Cultura

ALGUNS DIREITOS RESERVADOS

caderno de viagem kuatiahai guataha cuaderno de viaje

ISBN 978-85-910719-0-6

Distribuição Gratuita